

Ricardo José Martins Correia

Paisagem Cultural de Mateus – Vila Real



Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências e Tecnologia

Faro 2024

Ricardo José Martins Correia

Paisagem Cultural de Mateus – Vila Real

Mestrado em Arquitectura Paisagista

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professor Doutor Desidério Luís Sares Batista
e coorientação de
Arquiteto Paisagista João Gomes da Silva



Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências e Tecnologia

Faro 2024

Versão Final da Dissertação

Paisagem Cultural de Mateus – Vila Real

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

© **Copyright:** (Ricardo José Martina Correia).

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

Agradeço a todas as pessoas e instituições que contribuíram de forma direta ou indireta para a concretização desta dissertação de mestrado, e à paisagem de Mateus por me inspirar e ensinar desde criança.

Resumo

O crescimento urbano da maioria das cidades portuguesas, vem provocando ruturas profundas na matriz e identidade de espaços que outrora mediavam a cidade e o campo. As tapadas de quinta, *casais* e *povoações condensadas* que estabeleciam fortes relações com o centro da cidade, já não são hoje a tipologia de paisagem periurbana dominante, em detrimento da sua complementaridade funcional, sustentabilidade e qualidade urbana.

Por circunstâncias particulares, Mateus em Vila Real, é dos poucos lugares onde este processo de humanização tão identitário português persiste autêntica e legível, embora frágil e pressionada.

A harmonia do mosaico paisagístico sobre a topografia movimentada segundo princípios de aptidão ecológicos, de técnicas de cultura agrária aprimoradas e fruição estética do espaço à maneira de cada época, são fruto de uma arte sábia de ordenar paisagem agregando valor, que facilmente se distingue pelo sublimar dos seus principais atributos seculares.

A interpretação da *Paisagem Cultural de Mateus* tem por base uma leitura holística e sistémica, desde a génese medieval da cidade à contemporaneidade; suportada por cartografia inédita, após levantamento do património construído, mineral e vegetal, popular e erudito, produção e recreio, intramuros e extramuros, identificando padrões, discernindo tipologias, analisando sistemas e suas técnicas.

Palavras-chave:

Evolução urbana

Paisagem periurbana

Mosaico Paisagístico

Quintas

Paisagem Cultural

Património

Abstract

The urban growth of most Portuguese cities has been causing profound ruptures in the matrix and identity of spaces that once mediated the city and the countryside. The farms, *casais* and condensed villages that established strong relationships with the city center are no longer the dominant peri-urban landscape typology, to the detriment of their functional complementarity, sustainability and urban quality.

Due to particular circumstances, Mateus in Vila Real is one of the few places where this process of humanization, which is so integral to Portuguese identity, remains authentic and legible, although fragile and under pressure.

The harmony of the landscape mosaic over the wrinkled topography according to principles of ecological suitability, improved agrarian culture techniques and aesthetic enjoyment of the space in the manner of each era, are the result of a wise art of ordering the landscape, adding value, which is easily distinguished by its sublimation of its main secular attributes.

The interpretation of Mateus' Cultural Landscape is based on a holistic and systemic reading, from the medieval genesis of the city to contemporary times; supported by unprecedented cartography, after surveying the built, mineral and vegetal, popular and erudite, production and recreation, intramural and extramural heritage, identifying patterns, discerning typologies, analyzing systems and their techniques.

Keywords

Urban evolution

Peri-urban landscape

Landscape mosaic

Farm

Cultural Landscape

Heritage

Índice Geral:

1. Introdução	1
1.1. Objetivos	2
1.2. Definição dos conceitos	2
1.3. Metodologia	4
1.4 Estrutura	6
I. PARA LÁ DO MARÃO - Paisagem de Trás-os-Montes e Alto Douro	7
1.1 Enquadramento.....	7
1.2 Caracterização Geográfica e Paisagística	9
1.2.1 Geomorfologia.....	9
1.2.2 Hidrografia.....	10
1.2.3 Solos.....	11
1.2.4 Clima	13
1.2.5 Flora e Fauna.....	15
1.2.6 Unidades de Paisagem	18
II. PARA CÁ DO MARÃO	22
2.1 A humanização da Paisagem	22
2.1.1 As Terras de Panóias	23
2.1.2 O Foral e a Coutada (a <i>Redonda</i>)	25
2.1.3 Fundação da <i>Pobra</i> Medieval.....	29
2.2 A Evolução Urbana.....	32
2.2.1 Cortes de Trás-os-Montes (Casas nobres e brasonadas)	37
2.2.2. Paisagem Periurbana.....	38
III. PAISAGEM DE MATEUS.....	45
3.1 Interpretação Ecológica e Cultural da Paisagem.....	45
3.1.1 Matriz Ecológica.....	47
3.1.2 Matriz de Povoamento	48
3.1.3 Sistema Cultural - Mosaico Paisagístico.....	60
3.1.4 Sistemas Hidráulicos Comunitários	70
3.1.5 Tipologias de Quinta.....	73
3.2 Regimes de Morgadio	75
IV. QUINTAS DE MATEUS	79
4.1 Critérios e parâmetros de seleção	79
4.2 Levantamento e interpretação individual das quintas selecionadas.	84
1. QUINTA DA CASA DE MATEUS.....	85
2. QUINTA DA CASA DE URRUS	107

3. QUINTA DA CASA DAS QUARTAS.....	117
4. QUINTA DO PAÇO.....	125
5. QUINTA DE NOSSA SENHORA DO SOBREIRO	135
6. QUINTA DE SÃO JOÃO.....	145
7. QUINTA DO PINHEIRO	151
V. PAISAGEM CULTURAL DE MATEUS (Ensaio conclusivo).....	157
Tabela 1: Levantamentos das Tapadas de quinta de Mateus.....	160
Bibliografia.....	162
Anexos:	169
Tabela 2: Cronologia dos Jardins da quinta da Casa de Mateus	169
Tabela 3: Objetivo estratégico.....	169
Cartograma: Área de Estudo [escala 1:6500]	169

Índice de cartogramas:

Cartograma 1: TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO.....	8
Cartograma 2: UNIDADES DE PAISAGEM	17
Cartograma 3: VILA REAL SÉC.XIV (Redonda).....	26
Cartograma 4: CENTRO HISTÓRICO DE VILA REAL	33
Cartograma 5: PLANTA DE VILA REAL	41
Cartograma 6: PLANTA DE MATEUS (área de estudo).....	62
Cartograma 7: QUINTA DA CASA DE MATEUS	86
Cartograma 8: NÚCLEO EDIFICADO DA CASA DE MATEUS	87
Cartograma 9: TAPADA DO CONDE	104
Cartograma 10: QUINTA DA CASA DE URROS	108
Cartograma 11: QUINTA DA CASA DAS QUARTAS.....	118
Cartograma 12: QUINTA DO PAÇO.....	125
Cartograma 13: QUINTA DE NOSSA SENHORA DO SOBREIRO.....	134
Cartograma 14: QUINTA DE SÃO JOÃO.....	143
Cartograma 15: QUINTA DO PINHEIRO	149

Índice de Figuras:

Figura II.2 – Escarpas do Corgo, 1850.....	30
Figura II.1 – Vila Velha, 1870	30
Figura II.3 – Cascata da Peneda.....	30
Figura II.4 – Vista aérea de Vila Real, 1928.....	36

Figura III.1 - Vista Nascente de Vila Real.....	46
Figura III.2 – Azinhagas no lugar de Meireles – Urros.....	50
Figura III.3 – Azinhagas no lugar de <i>Navalhos</i>	50
Figura III.4 – Igreja de São Martinho de Mateus.....	54
Figura III.5 – Capela de Sto. António de Arroios.....	54
Figura III. 6 – Panorama.....	56
Figura III.7 – Monte de Santa Sofia.....	56
Figura III.8 – Architecturas, Mateus.....	58
Figura III.9 – Architectura Vernacular.....	58
Figura III.10 – Paisagem Agrária.....	64
Figura III.11 – Paisagem Agrária.....	64
Figura III.12 – Vinhedos e bosquetes.....	66
Figura III.13 – Vale da ribeira de Tourinhas.....	66
Figura III. 14 – Pastos, matos e matas.....	68
Figura III. 15 –Antiga azinhaga serpenteando bosquetes.....	68
Figura IV. 1 – Parque de entrada, solar da quinta da Casa de Mateus.....	90
Figura IV. 2 – Horto de recreio, Jardim Nascente, quinta da Casa de Mateus.....	90
Figura IV. 3 – Latada, quinta da Casa de Mateus.....	94
Figura IV. 4 – Jardim da água, quinta da Casa de Mateus.....	94
Figura IV. 5 – Jardim das coroas, quinta da Casa de Mateus.....	95
Figura IV. 6 – Jardim dos arcos, quinta da Casa de Mateus.....	95
Figura IV. 7 – Bosquete, quinta da Casa de Mateus.....	98
Figura IV. 8 – Bosquete, quinta da Casa de Mateus.....	98
Figura IV. 9 – Mina, <i>Rio Conselho</i> , Tapada do Conde.....	102
Figura IV. 10 – Tanque D.Leonor, quinta da Casa de Mateus.....	102
Figura IV. 11 – <i>Portas do vale</i> , Tapada do Conde.....	105
Figura IV. 12 – Mata de protecção, Tapada do Conde.....	105
Figura IV. 13 – Quinta da Casa de Urros.....	110
Figura IV. 14 – Horto de recreio, quinta da Casa de Urros.....	110
Figura IV. 15 – Núcleo edificado da quinta da Casa de Urros.....	111
Figura IV. 16 – Azenha arruinada, quinta da Casa de Urros.....	111
Figura IV. 17 – Espigueiros, núcleo agrícola da quinta da casa de Urros.....	114
Figura IV. 18 – Tanque de distribuição, quinta da casa de Urros.....	114
Figura IV. 19 – Fonte da Rabela.....	116
Figura IV. 20 – Solar da quinta da Casa das Quartas.....	120
Figura IV. 21 – Horto de Recreio da quinta da Casa das Quartas.....	120
Figura IV. 22 - Horto de Recreio da quinta da Casa das Quartas.....	121
Figura IV. 23 - Horto de Recreio da quinta da Casa das Quartas.....	121
Figura IV. 24 – Núcleo edificado da quinta do Paço.....	130
Figura IV. 25 – Núcleo edificado da quinta do Paço.....	130
Figura IV. 26 – Terraços ajardinados, quinta do Paço.....	131

Figura IV. 27 – Sebe arbórea, quinta do Paço	131
Figura IV. 28 – Pomares na quinta do Paço	133
Figura IV. 29 – Tanque de distribuição, quinta do Paço	133
Figura IV. 30 – Quinta da Nsa. Sra. do Sobreiro	138
Figura IV. 31 – Núcleo edificado da quinta de Nsa. Sra. do Sobreiro	138
Figura IV. 32 – Jardim da quinta de Nsa. Sra. do Sobreiro	139
Figura IV. 33 – Jardim da quinta de Nsa. Sra. do Sobreiro	139
Figura IV. 34 – Antigo moinho, quinta de Nsa. Sra. do Sobreiro	144
Figura IV. 35 – Quinta de São João e Igreja matriz de Arroios	147
Figura IV. 36 – Núcleo edificado da quinta de São João	147
Figura IV. 37 – Solar da quinta do Pinheiro	153
Figura IV. 38 – Levadas de Arroios	153

Índice de Ortofotomapas

Ortofotomapa 1 – Cidade de Vila Real	39
Ortofotomapa 2 – Quinta da Casa das Quartas - 1980.....	127
Ortofotomapa 3 – Quinta do Paço - 1980	127
Ortofotomapa 4 – Quinta de Nossa Senhora do Sobreiro - 1967	127

Lista de Abreviaturas

A.C. - Antes de Cristo
Arq. - Arquitecto
CIGeoE - Centro de Informação Geoespacial do Exército
CMVR – Câmara Municipal de Vila Real
EN - Estrada Nacional
FCM - Fundação Casa de Mateus
NE - Nordeste
PCM - Paisagem Cultural de Mateus
RAN - Reserva Agrícola Nacional
SO - Sudoeste
Séc. – Século
TMAD - Trás-os-Montes e Alto Douro
UP - Unidades de Paisagem
UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

1. Introdução

Embora a *cultura* seja dinâmica, interação e aperfeiçoamento, a rotura moderna com a progressiva sedimentação histórica que vinha construindo a sociedade, tem preconizado um delapidar dos valores e património coletivos, que tem resultado numa perda irreversível das qualidades do habitat humano em consonância com o meio.

Sem justa ponderação, o procedimento contemporâneo vem pulverizando a matriz milenar de complementaridade entre cidade e campo, impondo uma realidade avessa a uma paisagem integralmente ordenada, segundo princípios ecológicos e sustentáveis de pura beleza funcional, dominada por tapadas, casais e incontáveis quintas periurbanas.

Quase num total desconhecimento ou noção da riqueza, potencial e importância do legado em causa, até como referência cultural de um país, a maioria das cidades em Portugal vem simplificando a realidade física, sacrificando a qualidade de vida urbana da população, bem como os recursos abonatórios para sustentabilidade e resiliência urbana perante os desafios presentes e futuros.

Por circunstâncias particulares, Mateus em Vila Real, é um lugar onde esta criação identitária portuguesa persiste autêntica e legível, embora frágil e periclitantemente pressionada.

Em resposta à grande lacuna na inventariação e conhecimento, da génese, tipologias e sistemas do património construído, este estudo inicia a identificação, levantamento e interpretação holística da paisagem cultural de Mateus, imprescindível para a sua valorização.

A partir da síntese cartográfica produzida, preconiza-se objetivamente fornecer as bases necessárias para instigar “uma nova metodologia de interpretação e intervenção na paisagem urbanizada que utiliza a história do lugar para desvelar as marcas, os sinais, os traços que lhe conferem identidade e que¹”, integrando “a complexidade e a diversidade da cidade contemporânea, pretende restabelecer conexões interrompidas numa estratégia de continuidade ecológica e cultural, e (re)descobrir significados aos fragmentos urbanos ou ocorrências naturais ou culturais isoladas²”.

¹ (Batista & Matos, 2014, p. 34)

² (Batista & Matos, 2014, p. 34)

1.1. Objetivos

Os objetivos que se seguem apresentam uma sequência hierárquica:

1.1- Iniciar um inquérito à Paisagem Cultural de Mateus, por meio das seguintes ações:

1.1.1 Identificar a matriz da paisagem, caracterizar os seus elementos estruturantes;

entender a sua génese, contexto, e estado de conservação.

1.1.2 Identificar as tipologias e padrões espaciais dominantes.

1.1.3 Interpretar ecológica e culturalmente a paisagem humanizada.

1.1.4 Contribuir para a valorização do património, ao fornecer novos documentos, que passam da dimensão física para a dimensão prática, desencadeada por ações de levantamento.

1.2- Abrir novas perspetivas de leitura da cidade de Vila Real, ao estudar a evolução urbana e interpretar a contínua sobreposição de elementos, e elencar as suas forças motrizes.

1.3- Contribuir para o estudo da Paisagem Periurbana portuguesa, através de uma interpretação holística da paisagem, aplicado a um caso paradigmático do ato de urbanizar em Portugal.

1.2. Definição dos conceitos

Os conceitos não são formulações estagnadas, evoluem com a sociedade no tempo, e são reflexo dos valores vigentes em cada época e por determinadas sociedades.

Neste sentido, para melhor compreensão dos conteúdos que serão apresentados, é premente enquadrar e definir os conceitos principais sobre os quais este estudo se desenvolve.

Em primeiro lugar convém ter claro que “Os fatores naturais (geomorfologia, geologia, clima, hidrografia, solos e vegetação) constituem apenas um dos eixos conceptuais daquilo que designamos paisagem. A par destes, a ocupação humana e as suas atividades, assim como os recursos culturais (materiais e imateriais), concorrem para incutir nos territórios identidade e unicidade próprias, ou seja, a sua paisagem”³. Distinguir onde acaba o trabalho da natureza e começa o trabalho do homem, é, assim uma tarefa quase impossível, especialmente em territórios com milhares de anos de interação como a Península Ibérica. É desta relação do homem com os sistemas naturais, que nasce uma obra conjunta que se pode definir como um processo de humanização evolutivo, em que o homem transforma paisagens naturais em paisagens culturais.

³ (Castro et al., 2008)

- Paisagem Cultural

Do latim *colere* (cultivar), a palavra cultura aplica-se “ao cultivo da terra (agricultura), e também ao cultivo do espírito e à atividade do homem, cuja inteligência e vontade vêm a atuar concebendo, imaginando, transformando, produzindo⁴”. É ação “mediante a qual o homem se enriquece de conhecimentos, e também de atividade transcendente, atividades essas que o levam a agir sobre a natureza, fazendo coisas úteis (artes mecânicas), expandindo o senso estético (belas-arts), aperfeiçoando ou inovando técnicas de produção⁵”. Os termos cultivo e cultura surgem associados no ato contínuo da história da humanidade, e é sobretudo pelo processo de cultivo que resulta a paisagem humanizada; por outro lado o termo latino *pagus*, que significa campo ou terra cultivada, teve origem a palavra *país*, bem como *paisagem*, independentemente da evolução dos conceitos que lhe estão associados ao longo do tempo.

“A paisagem é assim cultura e espelho da própria cultura⁶”.

O conceito de paisagem cultural nasce da visão holística de paisagem, e evoluiu ao longo do séc. XX pela incorporação de novas perspectivas.

A UNESCO descreve as paisagens culturais como “ilustrativas da evolução da sociedade e dos assentamentos humanos ao longo do tempo, sob a influência de condicionantes e/ou oportunidades físicas apresentadas pelo seu ambiente natural, e de sucessivas forças sociais, económicas e culturais, tanto externas quanto internas⁷”.

Foi perante o acelerar das transformações contemporâneas, que se veio reforçando em vários documentos⁸, o empenho em assegurar a identificação, proteção e conservação da paisagem como um bem patrimonial a ser legado às gerações futuras, com ênfase para o património de relevância internacional. Deste modo foram introduzidas três categorias⁹ de “paisagem cultural¹⁰” como património da humanidade, com a obrigação de um modelo de gestão contínuo definido logo nas candidaturas, segundo os critérios da convenção da UNESCO.

- Unidade de Paisagem

As unidades de paisagem são áreas relativamente homogêneas, com um padrão específico, que apresentam uma certa coerência interna e um carácter próprio, identificável no interior e do exterior, considerando

⁴ (Galvão de Sousa et al., 1998, p. 79)

⁵ (Galvão de Sousa et al., 1998, p. 79)

⁶ *Paisagem enquanto País* (Carapinha, 2011, p. 1)

⁷ (Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention, 2012, p. 14)

⁸ Alguns dos quais: Carta de Atenas; Carta de Veneza; Carta de Florença; Convenção Europeia da Paisagem; etc

⁹ 1-Paisagem claramente definida; 2-Paisagens evoluídas organicamente (Paisagens relíquias/fosseis; Paisagens evolutivas e vivas); 3-Paisagens associativas. (Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage, 2017)

¹⁰ Embora se considere as definições da UNESCO perante a complexidade do tema, já esmiuçado por diversos autores, não se deve deixar de notar a clara redundância do termo Paisagem Cultural, dado que todas as paisagens são culturais.

variáveis como a geomorfologia, litologia, solos, usos do solo, dimensão das explorações agrícolas e padrão de povoamento, entre outros parâmetros mais implícitos¹¹.

Toma-se esta definição de UP dos *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal*, realizado para a escala 1:250000, como ponto de partida para este estudo, que serão devidamente refinadas no momento certo ao longo desta dissertação, atendendo às escalas de análise mais pormenorizadas e à temática urbana em questão.

- Quinta

De tradição multiseccular, as quintas são unidades periurbanas de produção agrícola, geralmente tapadas por muros, que em norma encerram cinco componentes essenciais: o núcleo edificado, o horto de recreio, o pomar, a horta e o bosque, e cujo seu ordenamento reflete por outro lado as características próprias da paisagem em que se integram¹².

“A proximidade das cidades, a dependência em que a produção está em relação ao mercado destas, a função de lugares de recreio em que se passa o verão, o aspeto cuidado, quando não monumental das construções, a construção desinteressada de jardins, tudo imprime à quinta certa feição urbana¹³”.

As quintas de recreio são uma das tipologias de património paisagístico de entre diversas categorias, que, por serem um jardim, nós a partir dela podemos compreender como a cultura portuguesa pensou ou se relacionou ao longo do tempo, com os outros sistemas naturais¹⁴.

1.3. Metodologia

Apesar de ter passado mais de meio século entre os paradigmático *Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal*, boa parte da sequência metodológica aplicada neste estudo não diverge da essência deste¹⁵, não obstante, do objeto desta investigação seja mais amplo (paisagem) e o campo bem mais restrito (área de estudo).

“Actualmente parece não existir nenhum método unanimemente reconhecido para estudar, identificar e descrever a paisagem ou para a intervenção sobre a sua complexa e dinâmica realidade, sendo que para as paisagens não se podem definir categorias de interpretação e metodologias de intervenção unívocas, definitivas e universalmente válidas, devendo antes adoptar-se um procedimento *in progress*¹⁶”. Esse

¹¹ (Cancela de Abreu et al., 2004)

¹² (Araújo, 1974, pp. 8–9)

¹³ (O. Ribeiro, 1994, pp. 718–719)

¹⁴ (Carapinha, 2021)

¹⁵ “Começavam sempre com a análise do local, a paisagem dominante e o enquadramento da povoação no terreno. Passava-se às características deste, e aos tipos de cultivo. A seguir, à estrutura da aldeia e às habitações, mais ao equipamento disponível. Tudo isto nos transmitia bastas ideias sobre o viver das pessoas e as suas eventuais características comunitárias. No fim – e apenas no fim – referíamos os materiais de construção das casas.” Memórias de Trás-os-Montes e Alto-Douro nos 55anos do Inquérito, Pag.37

¹⁶ (Batista, 2012)

processo deve permitir “actualizações e a incorporação permanente de informação útil no processo de interpretação e intervenção na paisagem contemporânea¹⁷”.

Foi segundo os pressupostos metodológicos desenvolvidos por pela escola de Arquitetura Paisagista em Portugal¹⁸, em que é preconizada “uma combinação das distintas vertentes de uma mesma realidade paisagística, e adoptando uma abordagem abrangente e integradora das suas dimensões ecológica, cultural, socioeconómica e sensorial¹⁹”, que este estudo se alinhou, com o objetivo de compreender o processo de construção e transformação da paisagem, que constitui uma base sólida para pensar o futuro. Partindo de um conhecimento prévio da área de estudo pelo autor, da sua história e evolução urbana (edificada), foi possível desde logo, aprofundar a pesquisa das fontes escritas e documentais, em paralelo com produção cartográfica como síntese interpretativa. Os dois planos são sempre complementares, vão-se informando e orientando mutuamente.

O desenho foi ferramenta e método fulcral²⁰ para construção, leitura e comunicação da forma urbana, feita da sobreposição sucessiva e sistemática, tanto de cartografia histórica²¹, bem como de fotografias aéreas datadas²², e de época²³, confirmada por levantamentos no terreno, de modo a obter um decalque da matriz

¹⁷ (Batista, 2012)

¹⁸ Caldeira Cabral, F. (1993) - *Fundamentos da Arquitectura Paisagista*. Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza;

Ribeiro Telles, G. (1994). Paisagem Global, um conceito para o futuro. In *Revista Iniciativa para o Desenvolvimento, a Energia e o Ambiente*, número especial. Lisboa, pp. 28-33;

Saraiva, Maria da Graça (1999) *Gestão de Corredores Fluviais no quadro do Ordenamento do Território*; Lisboa, F.C.Gulbenkian;

Raposo Magalhães (2001), M. *A Arquitectura Paisagista morfologia e complexidade*. Lisboa, Editorial Estampa;

Ribeiro Telles, G. (2003) *A Cidade e a Paisagem Global do Século XXI*. In Caetano, J. O. (coord.) *A Utopia e os Pés na Terra. Gonçalo Ribeiro Telles*. Lisboa: Instituto Português de Museus, pp. 332-340;

Cancela de Abreu, A. (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização Da Paisagem em Portugal*. Vol. II. In DGOTDU (Ed.), *Universidade de Évora* (1st ed., Vol. 2);

Batista D. (2009) *Paisagem, Cidade e Património. O Sistema Urbano Olhão-Faro-Loulé*. Dissertação de Doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem. Évora: Universidade de Évora;

Simões, P. (2016) *Guardiões da Paisagem - os Montes Alentejanos. Lugares de Memória*. Dissertação de Doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem. Évora: Universidade de Évora;

Cardoso, A. S. (2016) *Planeamento Agroalimentar e Agro-urbanismo nas regiões metropolitanas*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa;

Araújo, I. (2022) *Arquitetura Paisagista ou «A Organização do Espaço» Nas Paisagens - Vol. I Problemas de Economia, Arquitectura e Gestão das Paisagens Humanizadas: Vol. I*. Lisboa, Edições Afrontamento;

Silva, João Gomes, (2023) *The Order of Landscape*; Lisboa, Monade.

¹⁹ (Batista, 2012)

²⁰ Tendo como base uma planta vetorial cad, um universo de cartografia temática pode ser produzido para uma ampla gama de escalas.

²¹ Cartas militares, Serie (s/n); Edição (s/d) – 1948; Serie M888: Edição 2-S.C.E. – 1987; Edição 3-IGE – 1997; Edição 4-IGE – 2012. O Mapa de Arquitectura de Vila Real (2004), e diversa cartografia histórica dos vários arquivos públicos e particulares como: FCM (Arquivo da Fundação da Casa de Mateus); AMVR (Arquivo Municipal de Vila Real); CMVR (Câmara Municipal de Vila Real); ADVR (Arquivo Distrital de Vila Real); SVR (Seminário de Vila Real); DIE (Direção de Infraestruturas do Exército); IGEQE (Centro Documentação Geográfica Militar do Instituto Geográfico do Exército); AHM (Arquivo Histórico Militar); DGT (Direção Geral do Território); DGPC (Direção Geral do Património Cultural); MEC (Serviços de Documentação e de Arquivo do Ministério da Educação e Ciência).

²² Fotografias aéreas cronológicas do CIGeoE, especificamente: Voo 1947 (RAF); Voo 1958 (USAF); Voo 1968 (USAF) e Voo 1980 (CENSO).

²³ Fotografias de época de diversas fontes e proveniências, com destaque para as diversas publicações do MSI (Museu do Som e da Imagem) de Vila Real

cadastral e sua forma, que permita compreender a cronologia da evolução urbana²⁴, e sua relação com circunstâncias socioeconômicas e culturais.

Para identificação da paisagem cultural de Mateus, o detalhe da análise e do objeto torna-se necessariamente mais fino²⁵, avança sobre essa mesma matriz, definido o conjunto de padrões e valores mais significativos que determinam o caráter e identidade dessa paisagem particular²⁶; fixando informação relativa ao património, seus sistemas e espaços mais importantes, em grande medida integrados ou afetos às unidades das quintas e suas cercas.

De igual forma todo o processo é substanciado por informação histórica bibliográfica, cartográfica, fotográfica e iconográfica provenientes da pesquisa em arquivos públicos e privados, além de campanhas de levantamento no local, complementado por informação oral, de forma a construir uma base sólida para a interpretação ecológica e cultural da paisagem e sua clara comunicação²⁷.

1.4 Estrutura

Esta investigação está estruturada em cinco capítulos ou níveis, partindo da escala regional, mais ampla e fazendo uma aproximação progressiva à escala urbana até alcançar a particularidade local, devidamente ancorada a bibliografias específicas que vão enquadrando e informando cada tópico:

I. O primeiro nível faz a introdução à génese da paisagem, pondo em evidencia a sua diferenciação regional, por meio da caracterização das vertentes biótica, abiótica e cultural e suas unidades.

II. O segundo nível interpreta o processo de humanização da paisagem, ao rastrear no tempo e no espaço, o contexto histórico que encetou o processo de fundação de uma cidade (Vila Real), e forças motrizes que desencadearam a evolução urbana de uma determinada forma.

III. O terceiro nível aprofunda e sistematiza padrões e variantes tipológicas de uma área de estudo concreta, a localidade de Mateus.

IV. Finalmente é abordada individualmente e de forma criteriosa, um conjunto de quintas selecionadas, dando conta do seu património, técnicas construtivas e valores culturais.

V. O último capítulo faz uma síntese interpretativa da paisagem cultural de Mateus, numa narrativa que responde aos principais objetivos estabelecidos, colocando igualmente em perspectiva o potencial multidimensional desta tipologia urbana na contemporaneidade.

²⁴ Tornando claro as principais vias de acesso, padrões de ocupação do território, principais edifícios e espaços, embora inevitavelmente sujeito a escassez de informação anterior ao séc.XX, e à inexistência de um cadastro geométrico predial.

²⁵ Em relação às UP de referência à escala 1:25000 referidas no tópico 1.2

²⁶ Convém referir que foi o foco de estudo foi a paisagem, os espaços construídos e suas componentes, e não tanto a história particular e biográfica das várias famílias que detiveram, detêm ou administram esse património.

²⁷ Neste estudo apenas são apresentados os elementos essenciais de uma investigação mais vasta, do qual um vasto acervo ficará por mostrar.

I. PARA LÁ DO MARÃO²⁸ - Paisagem de Trás-os-Montes e Alto Douro

1.1 Enquadramento

A velha expressão “«Para cá do Marão», desde logo, contém de forma implícita a percepção de uma fronteira, e confirmada noção de território e da diferença”²⁹, igualmente contida na denominação Trás-os-Montes. Agregada à região do Alto Douro do qual se distingue, decerto que o maior vinco comum se faz pela dureza; dureza de “um nunca acabar da terra grossa firma fragosa, bravia, que tanto se levanta a pino num ímpeto de subir ao céu, como se afunda nuns abismos de angústia, não se sabe por que telúrica contração. Terra-Quente e Terra-Fria. Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras pondo montanhas paralelas a montanhas. Nos intervalos, apertados entre lapedos, rios de água cristalina, cantantes, a matar a sede de tanta aridez. E de quando em quando, oásis de inquietação que fez tais rugas geológicas, um vale imenso dum húmus puro, onde a vista descansa da agressão das penedias”³⁰. Neste *Reino Maravilhoso* de Miguel Torga, “coube ao homem uma ação decisiva sobre a realidade pré-existente, afastando assim a noção de um fatalismo determinista que alguns ousam admitir”³¹.

Entre os forasteiros é constante o relato da singularidade desta vasta região das demais portuguesas, afastada dos fluxos litorais, pequenas aldeias de pedra diluem-se na paisagem, onde o regime rural comunalista foi a resposta humana durante séculos à condição agreste e da escassez. Resguardadas da adversidade do clima do planalto austero, os principais centros urbanos (Vila Real, Chaves, Bragança, Mirandela, Macedo de Cavaleiros, etc), situam-se em depressões de origem tectónica, tirando partido da fertilidade desses solos a razão da sua proeminência³², “e lhe dão um aspecto talvez dos melhores que a natureza oferece em nosso Portugal”³³.

Mas enquanto os contrastes se esbatem pela modernidade, convém notar que a aparente unidade interna não significa uniformidade. “Cada região é um ser único, e resultante de combinações complexas que se não se repetem integralmente noutra lugar. Certos traços de relevo, certa tonalidade de clima, certa fisionomia da vegetação, aproximam lugares distantes, fazem lembrar a paisagens já vistas; mas a evolução humana tudo alterou, outras pontes, estruturas agrárias e estilos de povoamento para outros ambientes

²⁸ Para nomear os dois primeiros capítulos é empregue o duplo sentido da expressão popular, *para lá/cá do Marão mandam os lá/cá estão*, no sentido em que - *Para lá do Marão*, remete para uma visão de quem está de fora, portanto mais ampla e genérica quanto ao contexto; enquanto a dita expressão - *Para cá do Marão* depreende uma posição a partir de dentro, e da qual resulta ou possibilita uma leitura mais refinada da realidade concreta.

²⁹ (Mattoso et al., 2011, p. 143)

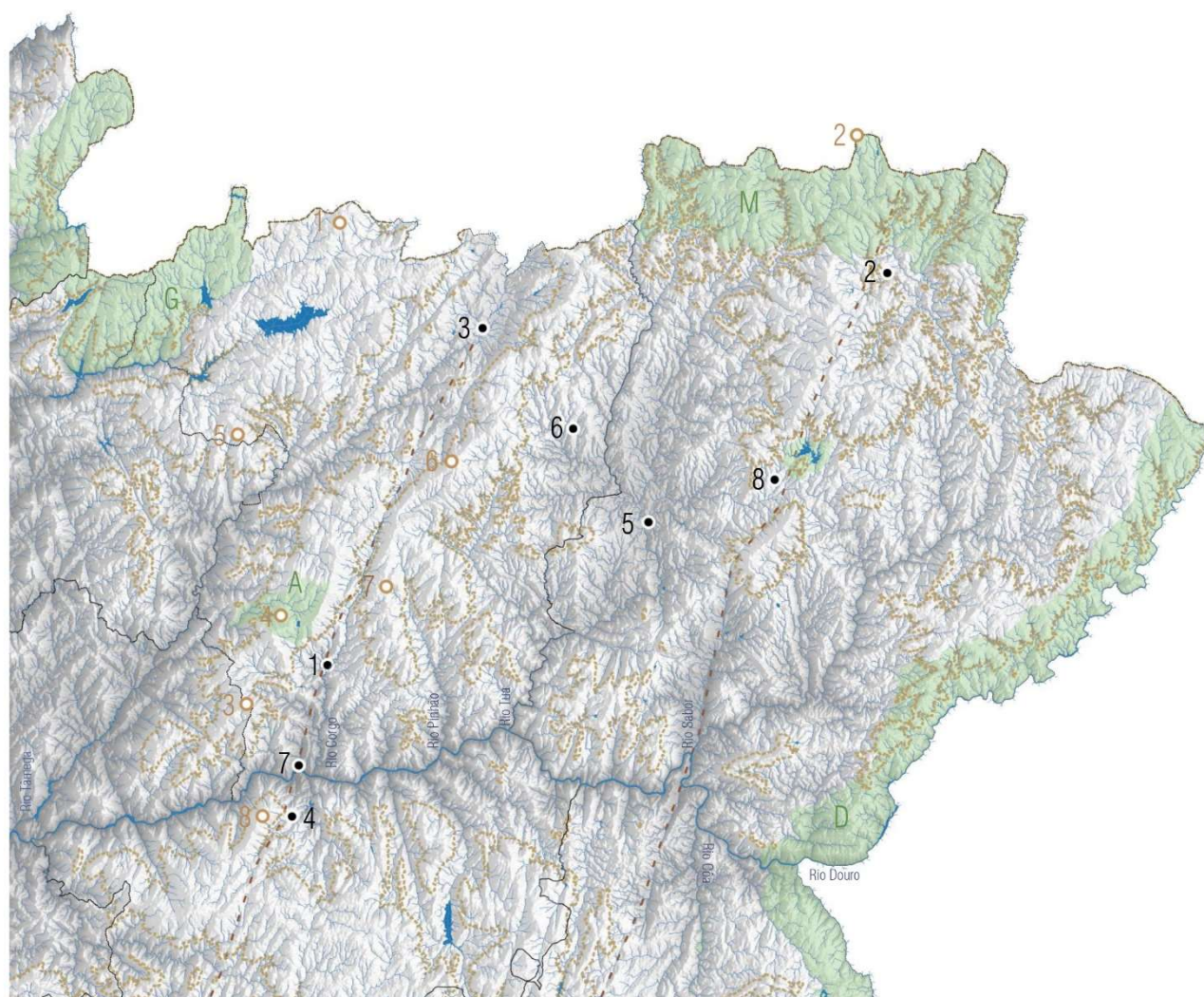
³⁰ (FCG, 1995, p. 10)

³¹ (Mendes, 1980, p. 7)

³² (O. Ribeiro, 1972, p. 60)

³³ (Andrade, 1878, p. 197)

físicos (às vezes semelhantes, nunca porém idênticos) ou acrescentando a estas analogias naturais uma expressão que este desfigura. Só uma investigação aprofundada e sistemática poderia tentar reduzir a infinidade aparente das «regiões» a certo número de tipos, de «famílias», onde, como no parentesco, as pessoas se parecem sem deixarem de ser diferentes³⁴. Ora foi tomando este mote a que Orlando Ribeiro alude, que esta investigação partiu para o estudo de uma paisagem concreta, visando aprofundar o seu conhecimento à medida que se vai identificando e descodificando de forma sistematizada as suas subtilidades e particularidades.



Cartograma 1: TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

CIDADES:

1. VILA REAL (49 610 hab.)
2. BRAGANÇA (34 977 hab.)
3. CHAVES (37 306 hab.)
4. LAMEGO (24 133 hab.)
5. MIRANDELA (21 296 hab.)
6. VALPAÇOS (14 423 hab.)
7. PESO DA RÉGUA (14 401 hab.)
8. MACEDO DE CAVALEIROS (14 150 hab.)

SERRAS:

1. LAROUCO (1525m)
2. MONTESINHO (1438m)
3. MARÃO (1414m)
4. ALVÃO (1329m)
5. BARROSO (1279m)
6. PADRELA (1146m)
7. FALPERRA (1134m)
8. MEADAS (1122m)

PARQUE NACIONAL/NATURAL:

- A. ALVÃO (7 239 ha)
- D. DOURO INTERNACIONAL (86 835 ha)
- G. PENEDA-GERÉS (69 594 ha)
- M. MONTESINHO (74 225 ha)



³⁴ (O. Ribeiro, 1987)

1.2 Caracterização Geográfica e Paisagística

1.2.1 Geomorfologia

A Geomorfologia é determinante para entender a gênese da paisagem de Trás-os-Montes e Alto Douro, uma região de vastas áreas de planalto que integram a meseta ibérica, geralmente a altitudes compreendidas entre os 700 a 1000 m. Desde logo, porque é atravessado por vários acidentes tectónicos da Era Mesozoica no sentido NE/SO, que deram origem a altas montanhas, grandes depressões que condicionaram a instalação da rede hidrográfica atual, que vem modelando as conhecidas paisagens do interior norte português, num processo erosivo iniciado no período Pérmico³⁵. Temos assim três grandes unidades geomorfológicas: as das montanhas, das superfícies planálticas, e dos vales.

As falhas geológicas tanto definem barreiras físicas ao seu atravessamento transversal como corredores no sentido longitudinal, sendo as mais importantes da região a falha Bragança-Macedo de Cavaleiros-Vila Nova de Foz Côa-Manteigas, que arraia a Noroeste com o país vizinho pela Serra de Montesinho (1438m), e a falha Verin-Vila Real-Penacova, mais a ocidente, que aprofunda a fronteira com o litoral, já bem vincada pela sequência de altas montanhas, (Larouco (1525m) - Barroso (1279m) e Alvão (1329m) - Marão (1414m)), que se estende para sul da região, a partir da serra das Meadas (1122m), (ver cart.1, p.8).

Por outro lado, o vale do rio Douro margina a região a leste e sul, encaixado por entre escarpas abruptas de granito, num alinhamento paralelo às falhas geológicas no seu percurso internacional, até encontrar o xisto e infletir o seu curso em direção ao litoral, abrindo-se ligeiramente por entre socalcos e vinhedos, até suplantar os contrafortes das serras por ele (o rio) rompidas, e seguir mais sereno até foz. Neste contexto, a modelação da crista culminante de quartzitos silúricos da serra do Marão surge imponente. Toda a sua vertente oriental é talhada em xistos e grauvaques, enquanto os granitos dominam a vertente ocidental; situação que curiosamente se inverte na adjacente serra do Alvão que “inclui predominantemente xistos do lado ocidental e granitos no oriental, separados por uma barreira de quartzitos que origina um brusco degrau onde se localizam as quedas de água das Fiskas do Ermelo³⁶”.

“A erosão, exercendo-se sobre formações muito diversas (...) multiplicou os contrastes topográficos. Em resumo, os planaltos testemunham a obra dum antigo ciclo de erosão; as montanhas representam um ciclo de erosão anterior ainda. Restam os vales dos rios, obra de ciclo atual³⁷”.

Das grandes depressões associadas às falhas, se originaram duas das mais férteis veigas de Trás-os-Montes, da Vilariça e de Chaves; e desta última, segue um vale a três cotas que se estende até ao Douro e “num ponto apenas, no vale do Corgo, o limite geográfico é sensivelmente geológico: Vila Real, na fronteira

³⁵ (FCG, 1995, p. 26)

³⁶ (Cancela de Abreu et al., 2004, p. 107)

³⁷ (FCG, 1995, p. 27)

entre os xistos pré-câmbrios e as rochas eruptivas, representa aqui o extremo setentrional da região duriense³⁸.

Esta situação, faz com que em redor da cidade de Vila Real as transições momentâneas entre os xistos, granitos e quartzitos seja frequentemente, pois as suas áreas ramificam e sobrepõem-se, por vezes em bolsas de dimensão variável e de difícil percepção até para os mais atentos.

“Outra consequência da evolução geodinâmica são as inúmeras nascentes de água mineral natural com propriedades sulfúreas, gasocarbónica ou bicarbonadas sódicas, ligadas a mineralizações em grande profundidade ao longo das falhas³⁹”, e explorada desde a antiguidade, tal como os seus recursos minerais de onde se extraía ouro, chumbo, zinco, crómio e arsénio, e neste momento discute-se o lítio.

De facto, a geomorfologia é quase o fator absoluto que tudo afeta e define, do quadro físico ao cultural, nem o regime meteorológico se aparta da singularidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

1.2.2 Hidrografia

O vale sinuoso do rio Douro é sem dúvida um dos elementos mais estruturantes de toda a região norte de Portugal. Do seu percurso de 927km desde a serra espanhola de Urbion até desaguar no Oceano Atlântico, apenas 20% da maior bacia hidrográfica da Península Ibérica está em território nacional⁴⁰, da qual se inclui toda a região de Trás-os-Montes, sulcada por uma série de vales profundos geralmente no sentido Nordeste-Sudoeste, que partem das zonas montanhosas drenando em direção ao grande vale. Afluindo no rio Douro pela sua margem direita, os principais cursos de água transmontanos são o rio Sabor, Tua, Pinhão, Corgo e Tâmega, e apenas o último flui num vale mais aberto, além do Marão, dividindo a região das terras Minhotas.

De entre as condições morfológicas⁴¹ semelhantes, interessa para este estudo aprofundar a caracterização do rio Corgo, bem como do rio Cabril seu afluente⁴² precisamente no ponto onde se veio a fundar a cidade de Vila Real na Idade Média.

“O Corgo desliza de nascente, em Vila Pouca, num vale largo, em corredor, coberto de depósitos aluviais, através do qual a sua débil corrente mal se nota. De Tourencinho para jusante, a mutação é completa: o vale torna-se profundo e atormentado interceptado por quedas bruscas. O declive vai aumentando para a

³⁸ (FCG, 1995, p. 17)

³⁹ (Balsa & Teixeira, 2018, p. 1)

⁴⁰ (Agência Portuguesa do Ambiente, 2016)

⁴¹ É devido, sobretudo às condições morfológicas que, atualmente, os distritos de Vila Real e Bragança representem quase metade da energia hidroelétrica produzida no país nas suas barragens.

⁴² O rio Corgo tem ainda outros afluentes como o rio de Soutelo, o rio Felgueiras, rio Pequeno, rio Sordo, rio Aguilhão e rio Tanha, além de muitas outras ribeiras.

confluência⁴³ e os grandes desníveis foram potenciados pelo homem, por meio de açudes e levadas para servir os inúmeros moinhos de pedra que povoam as suas margens apertadas do granito ao xisto; “o rio atravessa rochas antigas, geralmente duras, a regularização do perfil longitudinal está mais adiantada que a do perfil transversal; a energia foi principalmente empregada a escavar o leito para manter a passagem⁴⁴”. No atravessamento pela cidade de Vila Real pelas denominadas escarpas do Corgo, afluem a partir de Mateus a ribeira das Levadeiras e Tourinhas, a última das quais, se despenha do alto da grande trincheira sobre a margem esquerda do Corgo, formando uma catarata imponente, que já moveu mais de 40 rodas de moinhos em simultâneo, os denominados *Moinhos da Peneda*, suspensos na íngreme encosta⁴⁵, como bem descrito em 1882 por Pinho Leal e registado em antigos postais da época⁴⁶; (ver fig.II.3, p.30). Porém, antes do fundo dos vales, é na montanha que boa parte da água se intercepta, e o homem gere as suas necessidades hídricas para abastecer as povoações no sopé. Na encosta nascente da serra do Alvão, onde a influência continental se faz sentir pela maior precipitação e frequência de nevadas, contam-se várias albufeiras e lagos artificiais a cotas altas, tais como a barragem do rio Sordo, a albufeira grande e pequena da Barragem Cimeira do Alvão, em Lamas de Olo, a barragem do rio Pinhão, perto da Barrela de Jales, a barragem de Gouvães do rio Torno, referindo apenas as que se situam nas imediações de Vila Real. No que se refere a águas subterrâneas, a região regista uma riqueza ímpar a nível nacional, tendo inúmeras ocorrências de águas minerais de natureza diversificada, que se podem integrar em 22 polos hidrominerais principais⁴⁷, em que “os sistemas aquíferos dominantes são de tipo fissural e dependem, naturalmente, da fracturação e alteração dos afloramentos⁴⁸. As grandes estruturas tectónicas, nomeadamente as zonas de falha, bem como as grandes estruturas de carreamento, são determinantes para a localização dos diferentes polos hidrominerais e das suas emergências, resultantes “da conjugação de fatores geomorfológicos, litológicos, estruturais e geotectónicos, de que se destacam as zonas geomorfológicamente depressionadas, os vales de fraturas extensas⁴⁹”.

1.2.3 Solos

Constituído por cinco elementos, matéria mineral e orgânica, água, ar e organismos vivos, o desenvolvimento dos solos está relacionado com a tipologia de clima, disponibilidade hídrica, da rocha mãe, topografia e tempo. A percentagem de cada elemento construtivo, seja do granito ou dos diversos

⁴³ (FCG, 1995, p. 31)

⁴⁴ (FCG, 1995, p. 30)

⁴⁵ (Pinho Leal, 1873)

⁴⁶ Infelizmente, deste património edificado e hidráulico ancorado nos penedos vertiginosos, restam hoje apenas ruínas.

⁴⁷ (Oliveira et al., 2023)

⁴⁸ (G. J. P & F.A.L, 2010, p. 67)

⁴⁹ (Oliveira et al., 2023)

xistos, proporciona aptidões ou inaptações para determinadas culturas, e a conservação do solo depende muito da erosão e dos fatores humanos e suas atividades na paisagem.

“Os gneisses e os xistos quartzíferos mais ou menos resistentes encontram-se espalhados de modo a criar contrastes agrológicos, terras moles ao lado de terras duras, terras facilmente desagregáveis, vizinhas de terras muito resistentes⁵⁰”. Nos xistos pré-câmbrios onde se enraízam os belos vinhedos das quintas que produzem os magníficos vinhos do Porto, por exemplo, são zona onde os cereais dificilmente se adaptam, excetuando o centeio⁵¹. A modelação em terraços além de resgatar terrenos íngremes para agricultura, atenua a erosão dos solos esqueléticos, acumulando nas chamadas *nateiras* os detritos provenientes dos escorrimentos superficiais, e dá origem a um solo insipiente mas produtivo, feita da mistura de areia, limo e muitas pequenas pedras quebradas.

Nas cumeadas das serras do Marão e do Alvão praticamente não há solo, exposta aos agentes erosivos, conjugada com práticas de pastoreio que impediram o desenvolvimento de um coberto vegetal protetor, a rocha mãe surge nua à superfície, e a disseminação de incêndios nos matos vem alastrando os processos de lixiviação.

“Os materiais desagregados são arrastados para os vales e constituem solos de transporte mais ou menos complexos. As culturas acumulam-se portanto nas altitudes inferiores e não se observam na parte mais montanhosa⁵²”. Encaixados entre planaltos e vales, os terraços fluviais e aluviões são os solos mais férteis e constituem as principais veigas de Trás-os-Montes. Os lameiros verdejantes dão pasto fresco importantíssimo para o gado, que por sua vez fertiliza as terras para a agricultura, mas é cada vez mais difícil observar estas práticas ecológicas que remontam a um tempo, em que o gado era o maior fator de riqueza.

Segue-se uma *Síntese de características, subdivisões e área das Unidades Pedológicas Principais do Nordeste de Portugal (sistema FAO/UNESCO)*⁵³, para a envolvente da cidade de VR:

1. *Antrossolos áricos terrácicos distrícos⁵⁴ de granitos com Cambissolos distrícos ortícos de granitos⁵⁵ e com Leptossolos distrícos ortícos de granitos⁵⁶* - corresponde a maior percentagem de solos na envolvente da cidade de Vila Real, sobretudo nas franjas da Veiga do rio Cabril, muito ramificada ao longo das margens

⁵⁰ (FCG, 1995, p. 4)

⁵¹ (FCG, 1995, p. 4)

⁵² (FCG, 1995, p. 5)

⁵³ (Rosa de Figueiredo, 2013)

⁵⁴ Antrossolos áricos terrácicos - resultantes de intervenção sobre Cambissolos e Regossolos, para construção de terraços, em que é raro o desmantelamento da rocha. Pedregosidade baixa, espessos, de utilização antiga, predominantes em áreas graníticas (Perfil: Ap C)

⁵⁵ Cambissolos - Solos pouco evoluídos, com Horizonte B cámbico, não limitados por rocha dura < 50cm de profundidade

⁵⁶ Leptossolos - Solos incipientes, delgados e de elevada pedregosidade (limitados por rocha dura < 50cm de profundidade)

das ribeiras afluentes, e estendendo-se também para nascente ao longo dele ribeira das Lavadeiras até Mateus.

2. *Fluvisolos distrícos ortícos de aluviões*⁵⁷ - associados às manchas dos solos anteriormente descritos, correspondem aos melhores solos aráveis, o cerne das veigas que envolvem e integram a cidade de Vila Real, sobretudo no Cabril, mas também a veiga de Vilalva, a nascente; (ver cart.3, p.26) e classificados como RAN (Reserva Agrícola Nacional).

3. *Antrossolos áricos surribícos distrícos de xistos*⁵⁸ com *Cambissolos distrícos cromícos de xistos e com Regossolos distrícos de colúvioes em xistos*⁵⁹ - corresponde a grande parte das áreas agricultadas a nascente de Vila Real, anteriormente dominado por quintas de produção, embora substancialmente urbanizadas no último século. Estes solos abrangem quase a totalidade da área entre Mateus e o rio Corgo, de Folhadela e Vila Nova, e Constantim. As áreas agricultáveis de menor declive integram igualmente a RAN.

4. *Antrossolos áricos*⁶⁰ *surribícos distrícos de xistos* - a sul da cidade, como uma grande unidade moldada em socalcos que atenuam o seu elevado risco de erosão, e que se estendem do vale do Douro subindo o vale do rio Corgo até Vila Real, o ponto exato de transições entre as várias unidades.

1.2.4 Clima

É sabido que a variação anual do ângulo do eixo da Terra proporciona diferenciais na exposição solar entre hemisférios, originando trocas sistemáticas de massas de ar, pelo deslocamento dos centros barométricos em latitude. Assim, no verão do hemisfério norte, altas e baixas pressões sobem para posições mais setentrionais, permitindo a entrada de ar quente e húmido proveniente das regiões equatorial e subtropical, enquanto impede que o ar frio e seco proveniente da região ártica se expanda para sul; situação que se inverte no Inverno.

Do confronto entre as duas massas de ar nesta *frente polar*, resultam chuvas, frio e vento de intensidade variável. Desta atividade macroclimática, é, sobretudo a posição relativa do anticiclone dos Açores que determina o clima do Atlântico Norte, e das suas oscilações resultam muito dos padrões meteorológicos da Península Ibérica e Portugal, no entanto, para que possam ser entendidas as especificidades regionais, deverá ser tida em consideração as particularidades resultantes da interioridade, da orografia e orientação do relevo.

⁵⁷ Fluvisolos - Outros solos incipientes, espessos, desenvolvidos sobre os depósitos das planuras aluviais. (Perfil A C ou A C Cg)

⁵⁸ Antrossolos áricos - (Solos em que actividades humanas têm provocado profundas modificações nas características originais) resultantes da acção de mobilizações profundas ou deslocamentos materiais a partir de cortes ou enchimentos, com alteração profunda dos horizontes originais, dos quais podem ainda encontrar-se porções remanescentes

⁵⁹ Regossolos-Solos desenvolvidos sobre depósitos coluvionares, com espessura (>1m Perfil: A C ou A C 2R).

⁶⁰ Antrossolos áricos surribícos - resultantes de mistura de Leptosolos originais com o produto do desmantelamento da rocha. Pedregosidade muito elevada, horizonte A, em geral incipiente devido à relativamente recente intervenção, predominantes em xistos.

“O facto de ser uma zona planáltica e montanhosa escavada por vales profundos, multiplica os contrastes climáticos. O prolóquio: nove meses de inverno e três de inferno, comum a Castela e uma parte Trás-os-Montes traduz a redução do jogo das estações alternativa de um longo inverno e de um verão curto e ardente⁶¹.” Em determinadas épocas, a amplitude térmica ao longo de um só dia, é também assinalável, fator que influencia entre muitos aspetos, a taxa de meteorização das rochas, a espessura do solo, a sua pedregosidade⁶², ou em suma, o suporte das culturas.

A linha de serras a ocidente, (Gerês e Cabreira) Marão e Alvão funcionam como um condensador poderoso, que determina que a influencia Atlântico se dissipe face ao pendor Continental. As massas de ar quente e húmido vindo desde o oceano embatem na cadeia montanhosa, o ar sobe e arrefece e expande pela menor pressão atmosférica, condensa e precipita. Ao atravessar os picos desnudados para sotavento, o ar desce, volta a aquecer mais seco, tal e qual efeito de Föhn, e por isso é mais densa a vegetação na vertente a barlavento, voltada ao Minho.

Esta cadeia montanhosa mergulha e deixa passar o Douro, para voltar a emergir na outra margem, para sul, precisamente na zona onde o vale é mais largo. Isso faz com que os ventos oceânicos penetrem pelo vale do Douro sem turbulência, originando um clima mais suave e com pouca chuva, de excelentes condições de cultivo para muitas culturas mediterrânicas, ao abrigo da profundidade de um grande vale e seus afluentes.

Por estas razões, a antiga província é frequentemente caracterizada pela divisão climática regional -Terra fria (Trás-os-Montes) e Terra quente (Alto Douro) - a primeira mais associada à altitude das serras e planaltos⁶³ e pequenas veigas, com maior humidade, invernos frios e longos; a segunda mais ligada à profundidade dos vales encaixados, também frios e secos, mas menos geadas, e com verões mais perlongados e escaldantes, condições ótimas para culturas como a vinha e olival.

Vila Real situa-se na confluência destas unidades climáticas de grandes contrastes, que, combinada com a irregular topografia vai criando microclimas, denunciados pela diversidade vegetal envolvente.

“Em Vila Real, o verão é curto, morno, seco e de céu quase sem nuvens; o inverno é fresco, com precipitação e de céu parcialmente encoberto. Ao longo do ano, em geral a temperatura varia de 3 °C a 29 °C e raramente é inferior a -1 °C ou superior a 35 °C⁶⁴”.

⁶¹ (FCG, 1995, p. 33)

⁶² (Rosa de Figueiredo, 2013, p. 21)

⁶³ O planalto tem maior extensão nas zonas de Bragança e de Miranda (Valério, 1986, pp. 11 e 12).

⁶⁴ (Clima e condições meteorológicas médias em Vila Real no ano todo, n.d.)

Analisando os dados climatológicos para a Vila Real, verificámos que no período compreendido entre 1981-2010 a pluviosidade média é de 1018mm, sendo o período de outubro a janeiro o mais chuvoso, embora seja abril seja o mês com mais dias de chuva.

Dezanove dias com temperaturas negativas, e as geadas mais frequentes nos dois primeiros meses do ano. Neste sentido, o período de cultivo dura durante 9,7 meses, em que as temperaturas não são congelantes. No Alvão e Marão, são frequentes as nevadas por vezes persistindo por muito tempo, ajudando a infiltração de água no subsolo.

As alterações climáticas também se fazem sentir como em toda a península ibérica, com mais dias com temperaturas acima do normal, frequentes ondas de calor, menos chuva e seca prolongadas que provocam sérias perturbações à produtividade das culturas.

1.2.5 Flora e Fauna

A vegetação das montanhas é constituída essencialmente por manchas florestais de carvalhos de folha caduca (*Quercus pyrenaica*, *Quercus robur*), que se associam o castanheiro (*Castanea sativa*) o pinheiro (*Pinus pinaster*) e videeiro (*Betula pubescens*) nas terras mais altas e húmidas, dominadas por extensas áreas de matos e pastagens, a que se associam certas plantas arbustivas, como azevinho (*Ilex aquifolium*) remetendo ainda para o domínio Atlântico, e o abrunheiro bravo (*Prunus spinosa*). Na terra fria dos vastos planaltos, estas manchas florestais autóctones alternam com pastagens, lameiros (prados de composição florística variada) e, frequentemente, comunidades de herbáceas vivazes associadas aos campos agrícolas, com sebes arbóreas de carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), além do outro tipo de arborização mais característica dos vales e linhas de água, como o ulmeiro (*Ulmus glabra*), o amieiro (*Alnus glutinosa*), o salgueiro (*Salix atrocinerea*), e choupo (*Populus nigra*) principalmente.

A vegetação da terra quente, de carácter mais mediterrânico está representada, pelas várias espécies de carvalhos (*Quercus spp*), de entre os quais se destaca o sobreiro (*Quercus suber*) e a azinheira (*Quercus rotundifolia*), mas também a cornalheira (*Pistacea terebinthus*) nas encostas sinuosas do Douro e todos os vales afluentes, onde pode também surgir o zimbro (*Juniperus oxicedrus*) nas zonas mais baixas e apertadas dos vales afluentes, a que se juntam o salgueiro-branco (*Salix alba*), o choupo branco (*Populus alba*), o freixo (*Fraxinus spp.*), às já descritas para as galerias ripícolas.

Estas manchas de matos mediterrânicos recortadas entre os vinhedos, constituem importantes bancos de sementes, que também se diferenciam dos matos de vegetação lenhosa nos montes interiores, que corresponde a diversos estágios de degradação da floresta primitiva. “Dele fazem parte plantas que pertencem à Europa Atlântica e a região mediterrânica. Entre as primeiras citaremos, além dos carvalhos,

que constituem frequentemente moitas de carvalheiras, os tojos (*Ulex europaeus*, *U. nanus*), a giesta das vassouras (*Sarothamnus scoparius*) e urzes diversas (*Calluna vulgaris*, *Erica cinérea*, *E. tetralix*)⁶⁵. O Padrão de culturas da terra quente, tira o maior partido das potencialidades produtivas presentes; as amendoeiras (*Prunus dulcis*) em solos cimeiros, mais delegados e secos, a vinha (*Vitis vinífera*) em situações intermédias, e a oliveira (*Olea europaea*) nos solos mais fundos e frescos, pois o seu ciclo longo requer mais água e nutrientes durante todo o verão até novembro. No entanto, num mosaico por vezes de minifúndio, estas culturas podem estar misturadas, e sendo frequente alinhamentos de oliveiras ao longo dos caminhos por entre a vinha, ou hortas entre espaldares de vinha, por exemplo.

A frequente formação de geadas é entrave para algumas espécies mediterrânicas como a alfarrobeira.

“«A vegetação chega a ser luxuriante», sobre tudo onde se estabelece o contato entre os xistos e os granitos, produzindo se então uma terra argilo-ferruginosa muito funda e de grande fertilidade. Em outros locais, porém, observa-se uma nudez vegetal desoladora. A desarborização das serras e nenhuma proteção do solo são os principais fatores, além de outros (...)»⁶⁶”.

Destacando a particularidade do Parque Natural do Alvão, “o sítio engloba uma grande diversidade de habitats naturais, onde predominam os carvalhais de carvalho-roble e carvalho-negral (9230) e os matos baixos de ericáceas e/ou tojos sobre substratos duros (4030), tipo de vegetação que em Portugal apresenta uma relação máxima à escala mundial entre a diversidade fitocenótica e a área ocupada.

São de destacar as turfeiras (7140), que se caracterizam pela sua singularidade e que a nível nacional somente ocorrem de forma pontual, e ainda o habitat prioritário constituído por urzais-tojais húmidos de *Erica ciliaris* e *Erica tetralix* e/ou *Ulex minor* ⁶⁷.

Em termos de flora é de sublinhar a ocorrência do extremamente ameaçado trevo-de-quatro-folhas (*Marsilea quadrifolia*), no seu último local de ocorrência em Portugal, e da precária *Veronica micrantha*. A região montanhosa de grande importância para o lobo (*Canis lupus*), sendo a densidade de alcateias nesta zona das maiores do nosso país, juntamente com as que se verificam nas regiões fronteiriças dos sítios Montesinho /Nogueira e Serras da Peneda e Gerês. Igualmente relevante para a conservação da fauna aquática e ribeirinha, sendo de destacar a sua importância para a toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*), a lontra (*Lutra lutra*) e a panjorca (*Rutilus arcasii*).

Ocorrem várias espécies de morcegos ameaçadas, sendo de salientar uma colónia de hibernação de morcego-ratopequeno (*Myotis blythii*) e de morcego-de-ferradura-grande (*Rhinolophus ferrumequinum*). Relativamente à herpetofauna, salienta-se a presença do lagarto-de-água (*Lacerta schreiberi*) e da

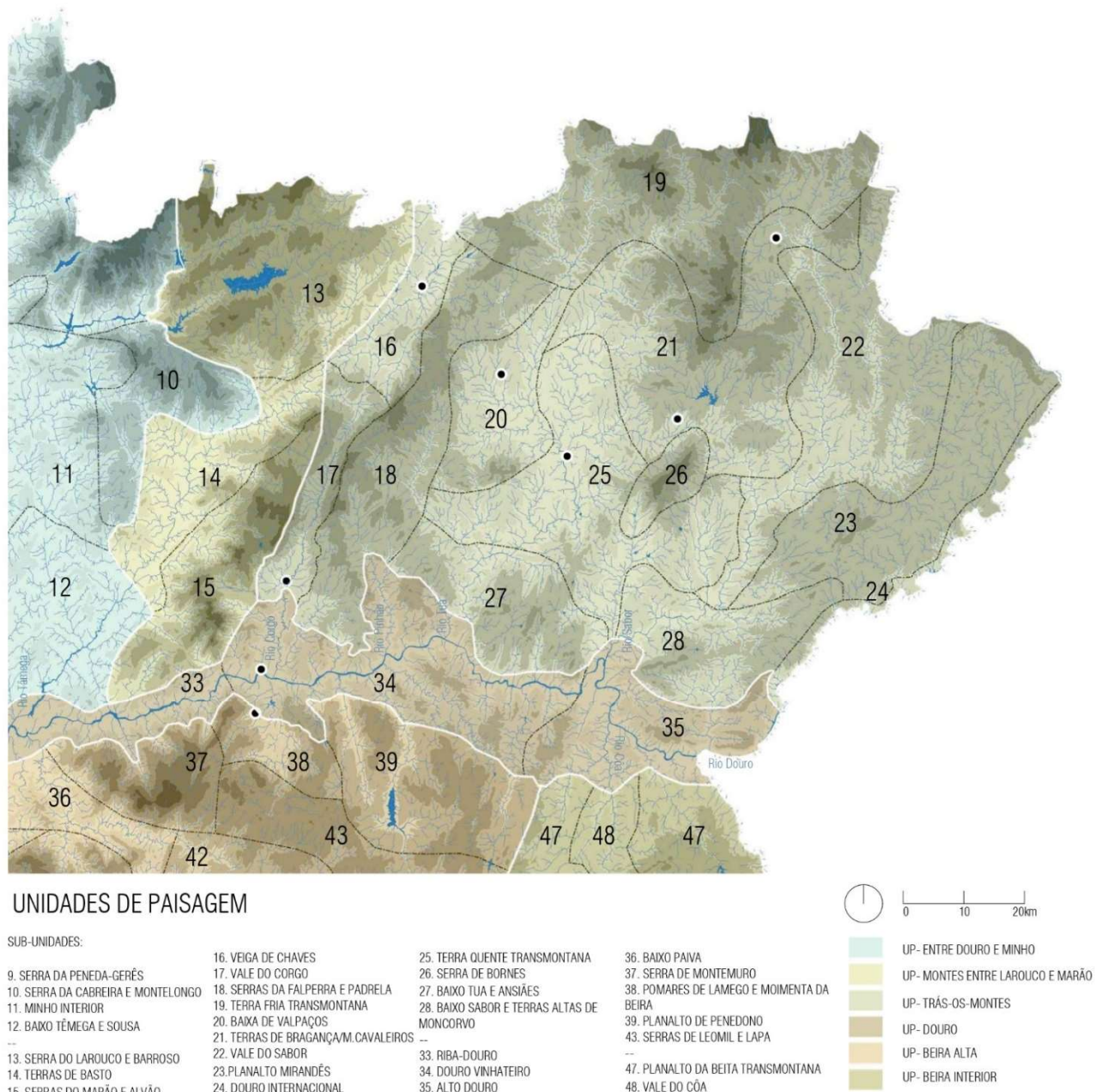
⁶⁵ (FCG, 1995, p. 41)

⁶⁶ (FCG, 1995, p. 6)

⁶⁷ Habitat 4020 da Rede Natura 2000

salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*), espécies endémicas da Península Ibérica. De referir ainda a presença de invertebrados, como a borboleta *Euphydryas aurinia* e o coleóptero *Lucanus cervus*, sendo um dos poucos Sítios de ocorrência conhecida da libélula *Oxygastra curtisii*⁶⁸.

Importa referir também espécies piscícolas, como a truta, a enguia ou o barbo no rio Corgo, que o tornam um excelente palco para a pesca desportiva⁶⁹.



⁶⁸ (Tipos de Habitat Naturais e Semi-Naturais, 1997)

⁶⁹ (GTMDOURO, 2014, p. 39)

1.2.6 Unidades de Paisagem

Dado que a escala de análise é fundamental para determinação das Unidades de Paisagem, partiremos das unidades e subunidades identificadas para Portugal à escala 1:250000⁷⁰ (ver cart.2, p.17), como enquadramento regional para a identificação de certas formas e aspetos locais essenciais à interpretação da área de estudo que será analisada a escalas mais aproximadas nos próximos capítulos.

Localizada a noroeste da Península Ibérica, Vila Real situa-se na charneira entre o clima mediterrâneo da terra quente xistosa do vale do Douro, e Atlântico, entre as terras de montanha e planalto transmontano denominada civilização do granito⁷¹, portanto, na confluência de três unidades de paisagem distintas, os *montes entre Larouco e Marão, Trás-os-Montes, e Douro*, que determinam tipologias bióticas, abióticas e culturais diversas. Dessas UP, genericamente já caracterizadas, serão agora destacadas de forma mais refinada as subunidades confinantes com a área de estudo.

A unidade do *Douro*, que apresenta uma estrutura morfológica complexa, fruto de uma brutal erosão contínua milenar pelas águas revoltosas do rio Douro e seus afluentes, serenadas pelo homem por intermedio da construção de barragens após ter adaptado boa parte da morfologia montanhosa ao cultivo em socalcos no *Douro Vinhateiro* - a maior das quatro subunidades identificadas no vale.

O processo de humanização que resultou numa notável uniformidade da paisagem duriense, está inequivocamente ligada à gestão da escassez de recursos, sobretudo da água e solo, potenciadas em por culturas milenares como a produção vinícola desde o período romano e desenvolvida por práticas e técnicas monasteriais na idade média, ao grande impulso despontado pelo comércio e exportação a partir do séc. XVII, período no qual o caráter isolado e de rara beleza da paisagem foi romantizada por autores estrangeiros “a partir de meados do séc. XVIII, num corpo que ficou conhecido por “literatura de viagem⁷²”.

No entanto, “a monocultura da vinha é um fenómeno recente, pois até meados do século XX o isolamento

Cartograma 2: UNIDADES DE PAISAGEM

da maioria das quintas obrigava ao desenvolvimento de outros cultivos e actividades, que garantiam a subsistência de quem lá habitava e trabalhava⁷³”.

A vinha, olivais e amendoais que serpenteiam com os socalcos são o padrão que homogeneiza a paisagem, de onde sobressai o maior casario caiado de branco das diversas quintas e aldeias alcandoradas, mas também outras culturas crescem em parcelas armadas junto aos rios, como laranjais murados, pomares

⁷⁰ Contributos para Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal (Cancela de Abreu et al., 2004)

⁷¹ (O. Ribeiro, 1961)

⁷² (Matos, 2012, p. 59)

⁷³ (Fauvrelle, Natália - CITCEM, 2014, p. 38)

mistos e horticultura dos mais diversos primores. Nos cabeços, nas brechas, e espaços intersticiais entre as vinhas, os matos e matas de carácter mediterrânico mantêm a espontaneidade.

“Com um nível de fragmentação bastante característico do Baixo Corgo, a paisagem, dominada pela cultura da vinha, é fortemente marcada pela armação em socalcos pré e pós-filoxera, com quase 50% da área ocupada com este tipo de sistematização, facto que só se verifica nesta paisagem de referência⁷⁴”, bastante compartimentada, entre soutos, pomares, cortinas de oliveiras de bordadura, resultado de dinâmicas sobre uma matriz de pequena propriedade. “Aqui, entre Vila Real e peso da Régua, a arte do socalco atinge a suma perfeição, e é um trabalho que nunca está concluído, é preciso escorar, dar atenção à terra que aluiu, à laje que deslizou, à raiz que fez de alavanca e ameaça precipitar o muro no fundo do vale⁷⁵”.

A subunidade do *Vale do Corgo* corresponde à parte intermédia de um longo corredor tripartido, formado por uma bacia de abatimento derivada à falha já descrita no tópico geológico. A cota mais alta do vale, a norte da subunidade, faz a subtil divisória de águas quase contínua, pelo rio Avelames que corre de Sul para Norte, e o rio Corgo que corre para Sul num vale aplanado de rocha granítica até Vila Real, e se aprofunda para jusante pela mudança litológica (xisto) até desaguar no rio Douro, bem no epicentro da região demarcada vinhateira, definida pelas sub-regiões do *Baixo Corgo* e *Cima Corgo*.

Portanto, o que define a paisagem deste troço intermédio de vale estreito e aplanado são os contrastes entre a morfologia montanhosa das suas vertentes (cada uma formada pelas subunidades que iremos abordar a seguir) rochosas e florestadas (que descem até leito do rio no troço mais apertado) versus a planura da veiga verdejante no fundo de vale “dominado por um mosaico agrícola de pastagens e cereais, voltado para a produção pecuária⁷⁶”, compartimentado por alinhamentos de sebes arbóreas e galeria ripícola.

A forma de povoamento de aldeias mais antigas e compactas envolta em terraços agrícolas nas vertentes também contrasta com o povoamento mais disperso pelo vale. Próximo da cidade de Vila Real intensificam-se os usos agrícolas e a maior compartimentação da paisagem, embora cada vez mais desordenada, sobrepondo e fragmentando a estrutura tradicional de quintas periurbanas.

É também assinalável o património hidráulico ao longo das margens e afluentes do rio, constituído por pontes, poldras, represas, açudes, levadas, moinhos, e estruturas hidráulicas mais contemporâneas.

A Linha férrea do Corgo (Régua-Vila Real-Chaves) com 71,4km, atualmente desativada e degradada, é também um dos elementos patrimoniais marcantes deste vale, pela linearidade suave do seu traçado serpenteante numa topografia adversa e heterogeneidade das belas paisagens que atravessa.

⁷⁴ (GTMDOURO, 2014, p. 39)

⁷⁵ (Saramago, 1998, p. 29)

⁷⁶ (Cancela de Abreu et al., 2004, p. 123)

Ao longo da margem direita a subunidade das *Serras do Marão e Alvão*, contíguas, dominam com imponência o horizonte de toda a vasta região envolvente. “Este relevo conduz a uma sensação de pequenez e de fragilidade dos seres humanos cuja atividade se teve que adaptar às fortes condicionantes físicas presentes: as aldeias encontram-se sobretudo nas faldas das serras ou nas áreas planálticas (planalto granítico na parte este do Alvão), e as terras agrícolas localizam-se no fundo dos vales mais ou menos largos⁷⁷” A atividade agrária não vai além das plataformas em socacos em redor das aldeias e pequenos aluviões no fundo de alguns vales. “Estabelece um contraste muito forte com as encostas escarpadas ou cobertas de mato rasteiro e matas. Assim, apesar das áreas agrícolas serem reduzidas, constituem um elemento fundamental das paisagens, conferindo-lhes um forte carácter de humanização e de diversificação⁷⁸.”

Grande parte desta unidade de paisagem está classificada como sítio da rede Natura 2000 (Alvão/Marão), de onde foram inventariados 29 habitats naturais, dos quais 8 são prioritários, boa parte integrando o Parque Natural do Alvão.

As múltiplas subunidades de paisagem que constituem *Trás-os-Montes* (região de contrastes, altimétricos, de relevo e clima) comprova sua diversidade, e que a nível administrativo abrange boa parte das unidades descritas anteriormente. De entre as serras de vales e planaltos, “as terras mais baixas apresentam-se como essencialmente agrícolas, nas zonas intermédias dominam os cereais e pastagens, a que se sucede em matos e matas, e, nas zonas de maior altitude, essencialmente afloramentos rochosos e matos⁷⁹.”

Podem ser distinguidos genericamente dois tipos de povoações aglomeradas transmontanas: compactas, normalmente nas zonas mais altas ou isoladas das casas que se juntam, às vezes sem encostar⁸⁰; e a aldeia alongada mais associada aos principais caminhos ou cursos de água, ou limitada por questões topográficas como em vários casos nas encostas da região do Douro. A cada variedade local de pedra, correspondem também diferentes sistemas construtivos de alvenaria, que conjugados com as tradicionais coberturas, desde as mais antigas em ardósia ou em colmo, à telha de canudo de fabrico regional, personalizam e caracterizam a paisagem humanizada das aldeias.

⁷⁷ (Cancela de Abreu et al., 2004, pp. 107 e 108)

⁷⁸ (Cancela de Abreu et al., 2004, pp. 107, 108)

⁷⁹ (Cancela de Abreu et al., 2004, p. 113)

⁸⁰ (SNA, 1961)

A subunidade das *Serras da Falperra e Padrela*, no alinhamento quase paralelo a Marão-Alvão, tendo o vale do rio Corgo como separação, fazem a transição entre as paisagens mais montanhosas e frias, a norte, e as paisagens agrícolas da *terra quente*, nas áreas mais baixas e férteis.

Em grande parte desta área é notório o abandono extensivo da paisagem, onde a agricultura, silvicultura e pecuária se desenvolvia, estando agora muito confinada a pequenas parcelas junto de algumas aldeias. Os matos de giestas e urzes que surgem nestes terrenos, ardem frequentemente, revelando todo o traçado orgânico e geométrico dos antigos muros de pedra seca, por vezes megalíticos, consoante as suas funções originais. Nos aglomerados, praticamente todo o património da civilização do granito se encontra em ruína, as casas, dependências agrícolas, espigueiros, eiras, tanques, derrotados pelo êxodo rural, e preteridos face aos materiais estandardizados, sendo facilmente identificável as construções mais recentes, pelo contraste e falta de referências, más implantações e dispersão. Para o carácter de abandono desta paisagem, contribui também o alastramento das espécies invasoras após os incêndios sucessivos e consequente erosão do solo, com pesados impactos futuros pois é certo que “o país que abandona o solo, cultiva a sua pobreza⁸¹.”

A posição da cidade de Vila Real coincide assim como um ponto de charneira entre todas estas subunidades de paisagem, de transições bruscas e onde, a curta distância, podemos penetrar a nordeste no Planalto transmontano, áspero e agreste, subir as encostas montanhosas das serras do Alvão e Marão, dominando o horizonte a poente, ou entrar nos vales profundos a sul, com os seus vinhedos e olivais em socalcos. Esta diversidade de paisagem foi curiosamente notada por José Saramago no seu maravilhoso roteiro *Viagem a Portugal escrevendo que* “Vila Real não é cidade afortunada (...) que se há-de dizer de uma terra que tem, a nascente, Mateus, a sul, o Vale do Corgo e o outro, paralelo, por onde não corre rio de água mas onde escorre a doçura das vinhas? Viajante que por aqui se encontre, há-de por força andar distraído, a pensar no que lhe está tão perto⁸²”.

Outros elementos que substanciam a identificação e caracterização destas unidades de paisagem, são desenvolvidos sistematicamente nos capítulos seguintes.

⁸¹ (Delgado, 1930, p. 5) Santos, Delgado; *A cultura da Vinha*, Livraria Ferin, Lisboa, 1930, p.5

⁸² (Saramago, 1998, p. 26)

II. PARA CÁ DO MARÃO

2.1 A humanização da Paisagem

Numa Europa construída por vários povos e civilizações que ao longo de milénios foram desbravando, moldando e trabalhando a paisagem consoante as suas necessidades e contextos, técnicos, económicos e sociais, entender os processos de humanização, é essencial para que se possa desenvolver uma leitura holística e fundamentada da mesma. Neste estudo, interessa descodificar a matriz que estrutura este território particular, perceber a sua génese e compreender a evolução, para enfim poder interpretar substancialmente a sua paisagem atual.

Orlando Ribeiro notou sabiamente que em Trás-os-Montes “a utilização dos planaltos pastoris, uma vez derrotados os bosques, tenha precedido a das veigas, provavelmente alagadiças e cobertas de uma vegetação inextricável e mais difícil de arrotear⁸³”. O autor nota sabiamente que “a posição das aldeias no sopé dos relevos marginais das depressões, ao passo que as vilas, centros administrativos posteriores, se situam ao interior delas, parece indicar a sua posição tardia⁸⁴”. Feito o arroteamento ao longo dos séculos, seguindo práticas comunitárias, as populações foram-se desenvolvendo naturalmente, sobretudo ao longo das áreas de melhores solos com aglomerados proporcionais a cada área para cultivo, que dificilmente ultrapassa as suas necessidades.

O mesmo geógrafo cita Virgílio Taborde e elogia a sua esquematização relativa aos traços gerais da paisagem agrária transmontana, notando que as culturas eram distribuídas em função dos seguintes aspetos: “junto das casas, os quintais, cortinhas e hortas; à beira de água, os linhares; as vinhas, nas colinas e encostas viradas ao sol; estendendo-se mais longe, as searas; e, por fim, trepando às encostas, manchado de verde sombrio os planaltos, a mata de castanheiros. Tudo o mais era o descampado, a imensa extensão das terras bravias e incultas⁸⁵”.

O sábio ordenamento segundo as aptidões do terreno, foi fruto de uma evolução lenta e sustentada da gestão de recursos escassos para incremento da produtividade, num processo inevitavelmente enquadrado nos direitos administrativos vigentes e da propriedade, que em muito irão influenciar a lenta construção da paisagem. Só acontecimentos excecionais de várias ordens podem originar grandes transformações, e se preconizadas por humanos com esse objetivo determinado, têm de ser fortes na ação e persistentes no tempo para que tenham sucesso. Desde que o Homem obtém total liberdade no ajuste ao ambiente onde está inserido, “a sistematização dos factos (...) tem de fazer-se, não a partir das influências naturais, mas

⁸³ (O. Ribeiro, 1961)

⁸⁴ (O. Ribeiro, 1961)

⁸⁵ (O. Ribeiro, 1972, p. 49)

a partir dos estilos de ocupação, géneros de vida, níveis de civilização, ou outra qualquer modalidade, na origem, e na essência, de natureza humana⁸⁶.”

É nesta ordem de ideias, e após feita uma revisão cronológica, que se aponta o momento da fundação da cidade de Vila Real na Idade Média, como um acontecimento crucial que alavancou um determinado processo de transformação desta paisagem, e como tal será o ponto de partida para a este estudo.

2.1.1 As Terras de Panóias

Desde tempos muito antigos que a região compreendida entre o rio Tua e a serra do Marão, as serras de Vila Pouca de Aguiar e o rio Douro, era designada de terras de *Panoyas*⁸⁷, cujo topónimo, apesar de posterior, nos remete para o antigo santuário romano dedicado à deusa Serápis e Ísis, rudemente talhado num afloramento rochoso de granito a 7km para Nascente da cidade de Vila Real, e perto da qual passava uma estrada romana vida do interior transmontano, ligando as importantes zonas mineiras de Jales e Tresminas com o sul do rio Douro. Seguindo o mesmo rumo quase paralelo a ocidente o rio Corgo, outra estrada romana em direção a Bracara Augusta bifurcava pela Serra do Marão e Alvão⁸⁸. A divisão territorial romana englobou Portugal ao norte do Douro no *conventus* Bracarense⁸⁹, dentro do qual o território de Panoias constituía uma circunscrição já individualizada desde o período suevo-visigodo⁹⁰. Depois da queda do império e a disseminação da população pelas áreas rurais; das invasões bárbaras, dos Suevos, dos Muçulmanos, do qual não muito se sabe até à reconquista, talvez o mais evidente sejam os vários castelos roqueiros para controlo das vias de comunicação mais importantes, embora toda esta vasta área fosse constituída por pequenos povoados mais ou menos autónomos, de tradições de usos comunitários, que praticavam uma agricultura de subsistência. A erosão das principais vias romanas ao longo deste período não abonava a favor da comunicação e das trocas comerciais, e boa parte dos vizinhos cultivava terras que pertenciam, sobretudo a senhorios feudais e eclesiásticos que se foram instalando a partir da Idade Média, e estabeleceram as suas coutadas, cobravam as suas rendas, aplicando a sua justiça sem um efetivo controlo; frequentemente “usurpando reguengos às escondidas, alterando marcos e limites, favorecendo a expansão indevida dos seus núcleos patrimoniais ou ocultando propriedades à acção fiscal⁹¹”, criando igualmente obstáculos à organização e autonomia das comunidades.

Embora o burgo de Constantim, a meia distância entre o santuário de Panóias e a atual Vila Real, tenha obtido um foral pelo conde D.Henrique em 1096 e ser lugar de uma importante feira, não dispunha das

⁸⁶ (O. Ribeiro, 1987)

⁸⁷ (J. Azevedo, 1899, p. 9)

⁸⁸ (Dinis et al., 2021)

⁸⁹ (O. Ribeiro, 1972, p. 58)

⁹⁰ (Baptista et al., 2008, p. 9)

⁹¹ (Nogueira, 2022, p. 14)

condições ideais para integrar o novo modelo de organização territorial apoiado em vilas urbanas fortificadas, promovidas pelos nossos monarcas, que, a partir do séc. XIII, “vão orientar os seus esforços no sentido de lançarem os fundamentos de uma *pobra* que servisse de capital à extensa terra de Panóias⁹²”, face ao clima de tensão que se fazia sentir, quer social como pela posse da terra, entre os chamados vizinhos e os senhorios das classes dominantes. Esta prática de povoamento e fomento da agricultura⁹³ tornara-se sistemática um pouco por todo o país depois da passagem fugaz dos exércitos para a reconquista; “as hostes de cavaleiros e peões davam lugar aos “pobradores”, equipados com arados e enxadas⁹⁴”, no entanto, nem sempre todas as questões prévias eram facilmente ultrapassadas, e também não se impôs suficientemente o estabelecimento de uma população reguenga como resposta pelo rei D.Sancho II, no lugar de Ponte, nas franjas do que é hoje a cidade.

Em 1272, D.Afonso III outorga mais uma carta de foral para fundação de uma Vila Real de Panóias, mas parece que a contribuição anual coletiva não se mostrou aliciante, nem com a cedência de todos os direitos das terras aos moradores, bem como compromisso de um alcaide e dois juízes eleitos pelo concelho para administração da justiça⁹⁵. Por isso, alguns anos depois, em 1289, o seu filho D.Dinis elabora outro foral mais concreto, em que dimensiona à partida o objetivo real, a fundação de um burgo amuralhado perspectivado para cerca de 1000 povoadores, cada um com direito às respetivas courelas agrícolas; dotado de uma feira anual e importantes competências administrativas para ser a cabeça da região, aplicar a lei e a justiça, tendo os impostos e direitos devidamente estabelecidos e repartidos entre o concelho e a coroa. Talvez por ter sido demasiado ambiciosa quanto ao número de povoadores, ou não se mostrar vantajosa pelo tamanho do quinhão de terra a que cada um teria direito, que em 1293 D.Dinis se viu obrigado a ajustar a sua proposta inicial, reduzindo para metade o número de povoadores previstos, adquirindo mais terras a repartir por menos gente, obtendo direito à sua perpetuação⁹⁶, facto esse que desencadeou, de uma vez por todas, o desejado processo de povoamento e reestruturação deste território que se vem desenvolvendo até aos dias de hoje.

⁹² (Sousa, 1989, p. 272)

⁹³ D.Dinis “recolhia e educava órfãs de lavradores, casando-as depois com lavradores também, e distribuindo terras a estas famílias formadas debaixo dos seus auspícios. Preparava assim verdadeiras colónias agrícolas, com que povoava as terras do seu apanágio”(J. Azevedo, 1899, p. 46).

⁹⁴ (Trindade, 2009, p. 8)

⁹⁵ (Nogueira, 2022, p. 17)

⁹⁶ “as courellas seriam divididas entre si como melhor pudessem e tivessem por bem, e podiam passar para sempre aos seus sucessores, disposição que se não continha no primeiro foral de D. Diniz” (J. Azevedo, 1899, p. 66).

“Na freguesia de Vila Nova as principais propriedades eram do abbade dos templários, dos conventos de Pombeiro e Tarouca e da família de João Gomes do Vinhal; a Timpeira e Mantezellos pertenciam quasi inteiramente ao convento de Caramos; as melhores propriedades de Matheus e Avamores (Abambres) eram da família de Martim Gil de Aróis, etc. Era pois na vizinhança e entre estes poderosos senhores que o município tinha que procurar terrenos”(J. Azevedo, 1899, p. 40).

2.1.2 O Foral e a Coutada (a *Redonda*)

Dos forais, objetivamente, interessa aqui explorar a sua dimensão física ou concretização material relativa ao processo de humanização da paisagem, tendo subjacente todas outras dimensões que a urbe comporta como meio ou o vetor de excelência para a implementação de um dado programa político, jurídico, económico, social e cultural, que se refletia, sobretudo, “pela uniformidade das leis e da escrita, da linguagem e dos símbolos, dos usos e costumes⁹⁷”, que por sua vez sedimentava progressivamente a noção de identidade e de pertença a uma estrutura mais vasta, um reino, e um único poder.

Para entendermos todo este processo deliberado de transformação da paisagem, do seu planeamento e da forma de a fazer, é necessário apurar como seria, à época, esta área concreta nesse momento histórico chave, desafio para o qual o último foral nos fornece algumas pistas que podemos interpretar e tentar espacializar.

Aponta-se, enfim, para o número de 500 povoadores, que podiam ou não se estabelecer dentro do burgo amuralhado, tendo eles direito à sua courela de terra numa coutada denominada *redonda*, demarcada por *padrões devisados* ou marcos, dos quais se sabe hoje a localização de dois⁹⁸, bem como o nome das povoações existentes que integrariam a chamada *redonda*; são elas Sesmires, Parada de Cunhos, Veiga do Cabril, Montezelos, Vila Seca⁹⁹, Timpeira, Vilalva, Vila Nova, num hipotético arco recortado de perto de meia légua (2,5km aproximadamente) a partir de Sesmires¹⁰⁰, que foi sobreposta pela nova Vila Real (ver cartograma 3, p.26). A Veiga do Cabril continha à época outras povoações um pouco mais distantes, como Borbela, Couto, Adoufe e Lordelo, pequenos povoamentos compactos, que muito provavelmente apresentavam os sistemas construtivos mais arcaicos da arquitetura popular transmontana, de casas em alvenaria de pedra local com suas coberturas em colmo, ardósia ou telha de canudo, envolvidas por campos em terraços, numa mancha discreta que se fundia na cor dominante da paisagem, onde se evidenciavam as capelas e ermidas caídas em lugares destaque. É curioso que quase todas as povoações nas imediações da cidade são anteriores à sua fundação, tal como Mateus, em que a sua primeira referência conhecida data de 1011¹⁰¹, portanto, anterior à própria nacionalidade.

⁹⁷ (Trindade, 2009, p. 10)

⁹⁸ Dois dos padrões/marcos estão atualmente expostos no museu da Vila Velha.

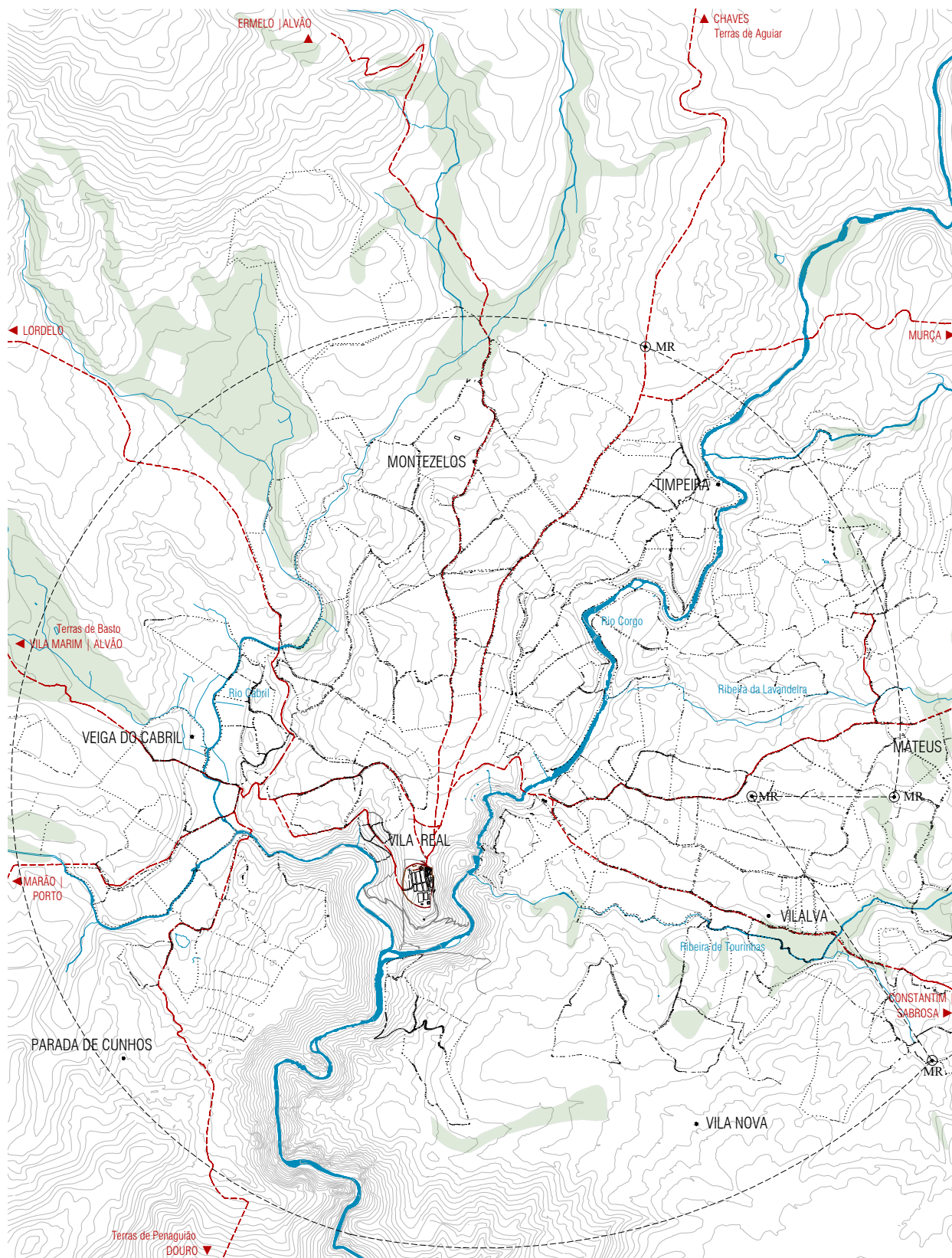
“(…) estão na circunferência desta villa pouco menos de hum quarto de legoa, (…) em cujo o âmbito do limite se acham ainda levantados quatro marcos com escudo, e espada em cada hum, chamados marcos da redonda.(Sousa, 1987, p. 196) ”

Foram inseridos na cartografia que se apresenta, a localização aproximada de quatro 4 marcos ainda existentes em 1721, segundo as descrições contidas neste mesmo inquérito.

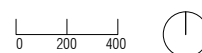
⁹⁹ A povoação de Vila Seca e Vila Nova foram acrescentadas no foral de 1293, estando a primeira mais afastada no núcleo original da cidade.

¹⁰⁰ Segundo as inquirições de 1258 e por comparação entre as rendas e a população de certos villares de Panoyas, haveria quando muito vinte fogos em todo o terreno de Séémires”(J. Azevedo, 1899, p. 48).

¹⁰¹ (Conde, 2021b)



VILA REAL - SEC.XIV



- - - PRINCIPAIS CAMINHOS MEDIEVAIS
- LINHA DE AGUA
- VEIGAS (RAN)
- CADASTRO (rastreadável)
- REDONDA (área conjetural simplificada)
- ⊙ MR MARCOS DA REDONDA (Localização aproximada)

O local escolhido para implantação da povoação ou burgo situa-se na cabeça de um esporão em V, na confluência abrupta de dois vales, formando a Leste, Sul e Oeste ladeiras inexpugnáveis que certamente transmitiam segurança, mas ao mesmo tempo, extramuros, se constituiu uma condicionante fortíssima para a decretada repartição proporcional de 500 courelas de terra, o que obrigou a grande trabalho e engenho humano para desbravar e armar terreno útil nestas encostas íngremes, a que se soma à necessidade de transposição de dois rios para o acesso quotidiano a muitas dessas terras, certamente feito por alguns caminhos já preexistentes.

Já depois do ato de fundação, a chancelaria de D.Dinis reforça numa carta de procuração do concelho de Vila Real, que “*Essas quinhentas courelas não deve mais seer partidas ne demarcadas senõ secundo foro partidas e demarcadas per mha carta e per meu pobrador*”¹⁰², em resposta a um pedido de pagamento somente dois *maravidis* por morador, devendo pagar quatro ou seis, os moradores que possuíssem duas ou três courelas. Este facto é confirmado mais tarde em 1515 no foral de D.Manuel I quando refere que, “*declaramos que aquelas terras foram repartidas as quinhentas courelas por foral conthiudas não se possam doar de sesmarias nem por maninhos posto que estejam desaproveitadas, porem se delas paga foro em cada um ano, serão requeridas, que as aproveitem e segundo as Leis das Sisjemárias*”¹⁰³, fazendo também referência aos foros a pagar “*á Coroa Real os moinhos que estão do redor da Vila segundo antiguamente são concertados e aforados com os oficiais dos ditos Direitos Reais*”¹⁰⁴. Se é certo que a empreitada de parcelamento se realizou como planeado, levanta-se a questão no respeito à sua forma; e se feito de novo, ou reaproveitando estruturas preexistentes¹⁰⁵, dado que muitos dos terrenos adquiridos pela coroa pertenciam a conventos e boas famílias¹⁰⁶, e do qual se existem várias cartas de escambo.

O termo courela já não aparece no foral de 1293, referindo-se apenas à divisão da área da coutada pelos moradores, como melhor pudessem e tivessem por bem, portanto, o termo courela remetendo para uma unidade de medida precisa¹⁰⁷ não se aplica.

O direito a uma courela de horta e vinha referido no foral, também alude quanto ao sistema e padrões de cultivo e, talvez, uma noção quanto à dimensão de cada unidade, pois se ambas requerem aptidões do solo

¹⁰² Reprodução da carta (J. Azevedo, 1899, p. 70)

É muito curiosa a proximidade literal do topónimo Sesmires com a Leis das Sesmarias.

¹⁰³ Transcrição (J. Azevedo, 1899, p. IX)

¹⁰⁴ (J. Azevedo, 1899, p. VIII)

Muitos desses moinhos ainda hoje existem arruinados, com destaque para o notável conjunto da Cascata da Peneda, na foz da ribeira de Tourinhas, onde se contam às dezenas, alcandorados nos rochedos por entre o matagal.

¹⁰⁵ “(...) com todos seus termos e com todos seus dereytos e ssas pertéeças que aiades hy senhas coyrelas pera vinhas e senhas Almuynhas camanhas como melhor poderes auer. E com estas coyrelas E com estas almuyas auer cada homen hua casaria dentro no castelo quantos hy poderdes caber, e os outros no Arraualdy” - Foral de Vila Real de 1289 (J. Azevedo, 1899, pp. 49 e 50)

¹⁰⁶ Todo o processo prévio à fundação da cidade está muito bem documentado, conhecendo-se boa parte das cartas de aquisição e escambo, com e sem sucesso.

¹⁰⁷ Antiga medida agrária de 100 braças de comprimento (183m) por 10 de largura (18m), configurando um total de 3300m² ou 0,33ha. Conjeturalmente, multiplicando por 500 corresponderia a um total de 165ha de terra útil ou arável.

diferentes, seriam precisas unidades de área relativamente consideráveis? Muito provavelmente, os bens cultivados por boa parte dos moradores seriam não apenas para subsistência, mas para comerciar nas feiras semanais e anuais que se passaram a realizar intramuros.

Não existindo muito mais informação documental que nos elucide acerca da estruturação extramuros do lugar, torna-se inevitável e fundamental a leitura dos seus elementos mais perenes.

As vias de comunicação que confluíam dos vários pontos das terras de Panóias, e se cruzavam às portas do nova pobra, para onde foi deslocada a portagem¹⁰⁸, são um desses elementos. Foi sobre essa matriz viária que a cidade se desenvolveu e expandiu durante séculos, e da qual ainda existem vários fragmentos patrimoniais que se podem conectar. Com a ajuda das investigações de Vítor Nogueira foi possível cartografar¹⁰⁹ essa rede, e interpretar que à época, Sesmires, seria como uma plataforma de encaminhamento de viajantes para os seus vários destinos, principalmente no sentido Norte-Sul (Chaves-Viseu) e interior-litoral (Bragança-Porto), bem como ponto chave de atravessamento dos rios, Corgo e Cabril, essencial também para o acesso quotidiano dos moradores aos seus prédios.

Outro elemento de maior persistência na paisagem que a rede viária é, sem dúvida, o cadastro predial. O estudo do parcelário e da sua evolução é uma ferramenta importantíssima para estudos da evolução da paisagem, e auxiliar tão ou mais informativo que muitos documentos históricos, assemelhando-se como que a um código genético urbano; porém, não existindo qualquer cadastro predial geométrico disponível até ao momento, e dado o grau de transformação, será muito improvável esboçar uma possível regressão de encontro à matriz original¹¹⁰.

Ainda assim, através do cruzamento de todo o tipo de informação ao dispor, com destaque para as fotografias aéreas e diversa cartografia antiga, procurando permanências, alinhamentos e destacando unidades, este estudo tenta avançar nessa árdua descodificação.

Desta forma, e abrindo uma janela sobre o que será exposto ao longo deste estudo, desconfio com as devidas cautelas que é bem provável que as dezenas de unidades de quinta periurbanas que se constituíram ao longo dos séculos posteriores, em certa medida, possa conter algo dessa matriz prévia, sendo relevante a informação de que o encerramento dos prédios em tapadas foi uma tendência que só surgiu nos séculos posteriores à Idade Média¹¹¹.

¹⁰⁸ “*E a portagen en esta guysa conuen a saber a da passagen que se tire na vila assy com sse tirou ata aqui en Mondrões e auela el Rey toda*” – Foral de Vila Real de 1989 (J. Azevedo, 1899)

¹⁰⁹ Tomamos por referência esta demarcação de caminhos, não obstante de existirem alguns equívocos na demarcação de alguns troços de via, nomeadamente na área de Mateus.

¹¹⁰ Recorde-se que apenas no reinado de D. Dinis, que durou 46 anos, foram fundadas dezenas povoações, sendo paradigmático o caso de Vila Real pela informação conhecida relativamente a esse processo.

¹¹¹ (Carapinha, 1995, p. 52)

A partir da leitura direta da paisagem, da qual nem sempre é fácil datar certos elementos construídos, questiono se não serão, boa parte dos inúmeros socalcos que moldam o dorso morfológico sobre o qual a cidade se desenvolveu, vestígios persistentes da grande empreitada de ordenamento dos primeiros momentos da fundação medieval? (ver fig.II. 1 e 2, p.30).

2.1.3 Fundação da *Pobra* Medieval

Desde o primeiro momento, a cidade de fundação respondia a três funções elementares: a defesa de corpos e bens, pelas estruturas militares (castelo e/ou cerca); o apoio espiritual, na e pela igreja; e as estruturas de suporte ao povoamento concentrado, por um conjunto de parcelas (urbanas e rurais). A “relação formal pode estabelecer-se entre a forma como a mancha do tecido residencial se desenvolve e a configuração do perímetro da muralha: formando manchas compactas de quarteirões paralelos quando o circuito é circular ou ovalado (...)”¹¹². A nova Vila Real comungava de todas estas características, de muralhas empoleiradas nas fragas graníticas tirando partido da posição topográfica, obrigando a um maior aparato defensivo apenas o lado norte, pelo sistema de fosso, barbacã, muralha, alcáçova (provavelmente adossada e saliente à muralha), torres e torreões defensivos, tudo revelado parcialmente após campanhas de escavação arqueológica. As duas (ou três¹¹³) portas flanqueadas por torres, além da função militar, apelavam à simbologia do poder régio, quer no plano judicial, pela localização da morada do alcaide sobre a porta principal da Vila, como de fronteira fiscal, por exemplo pela denominada *Porta Franca* que isentava o pagamento de direitos sobre as mercadorias que por ela transitassem¹¹⁴. “O impressionante movimento de obras que se detecta nos castelos portugueses a partir de 1288 seria realizado por arquitectos ou mestres construtores especializados¹¹⁵”. O castelo gótico segue e obedece” a um saber arquitectónico elaborado, a regras bem definidas pela lógica da poliorcética¹¹⁶.”

Este rigor programático e construtivo foi bem notado em 1758, pelo pároco de S.Dinis descrevendo a cisterna, conhecida por Poço do Alcácer, como uma“(…) mostra na sua antiguidade, e manufatura, ser obra de Mão Real, e do mesmo Senhor Rei que erigiu a Vila; porque é toda a sua fábrica, sem se lhe

¹¹² (Trindade, 2009, p. 139)

¹¹³ São conhecidas a localização de duas portas; a Porta Norte da Vila e a Porta Franca. Não se conhece a localização da terceira porta mais a Sul e demolida em 1868 (Baptista et al., 2008, p. 27), provavelmente a nascente, por aí existir o único caminho que a justifique.

¹¹⁴ (Sousa, 1987, p. 137)

¹¹⁵ (Trindade, 2009, p. 139)

¹¹⁶ (Barroca, 1998, p. 809 a 819)



Figura II. 1 – Vila Velha, 1870
Parte poente da pobra medieval muralhada de Vila Real
Foto: António Narciso Alves Correia
Fonte: Museu do Som e Imagem



Figura II. 2 – Escarpas do Corgo, 1850
Foto: Manuel Costa Monteiro
Fonte: Museu do Som e Imagem

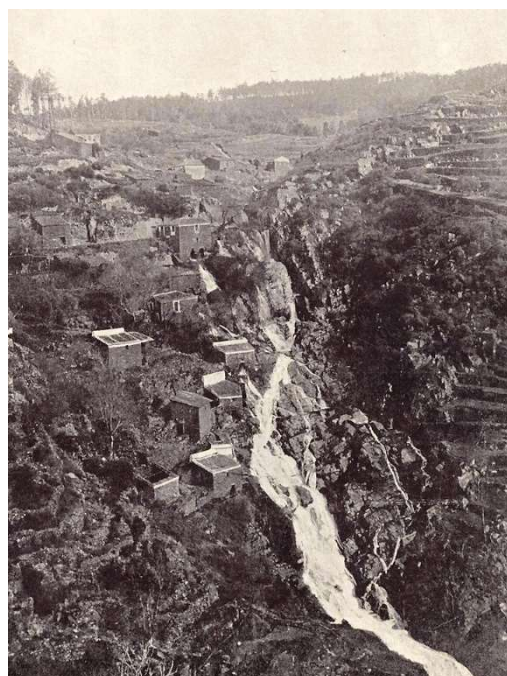


Figura II. 2 – Cascata da Peneda Moinhos da ribeira de Tourinhas
Fonte:

distinguirem alicerces, fundamentada, e continuada toda em quadrante de cantaria, sem se perceber betume ou argamasso nas juntas¹¹⁷”.

Embora não saibamos hoje a localização e formalização de muitas destas estruturas monumentais, a consulta dos levantamentos efetuados por Duarte de Armas entre 1509-1510, compilado no seu famoso *Livro das Fortalezas*¹¹⁸, e da interpretação comparada com estruturas congêneres existentes e já estudadas, mostra-se elucidativa enquanto novas campanhas arqueológicas não se realizam.

Antecedendo a construção das muralhas medievais, e sobreposta a um acumular de preexistências que remontam pelo menos ao primeiro milénio A.C.¹¹⁹, a nova *pobra* foi fundada numa matriz geométrica ortogonal adaptada a uma topografia irregular, em que as ruas longitudinais no sentido N-S, seguem ao longo e paralelas à linha de fecho cruzada por ruas transversais. Esta racionalidade denuncia um modelo teórico comum à maioria das cidades europeias de fundação, sendo que o padrão português denuncia uma ausência de diretivas formais rígidas, assente num conjunto de premissas e procedimentos práticos rotinados, que se ajustam quase exclusivamente à especificidade do suporte físico e natural e eventuais pré-existências, das quais resultava a cidade¹²⁰.

Tendo em conta até as grandes demolições já no presente século, sabemos que quarteirões residenciais de dois pisos alinhavam-se bem compactos no sentido longitudinal, como uma espinha dorsal, variando em densidade para nas suas franjas, apresentando uma série de logradouros para nascente e hortas em socacos para poente, numa bem ajustada adaptação ao terreno, boa exposição solar do edificado, escoamento natural de águas pluviais, e resguardo dos ventos predominantes da serra a Oeste, congelantes no Inverno; características que confirmam o domínio das questões urbanas e uma estruturação bem planificada, não obstante de nunca saberemos qual a proporção do espaço intramuros efetivamente edificada¹²¹, nem qual a real dimensão dos lotes atribuídos a cada morador. Sabemos apenas, que por várias razões denunciadas em descrições e inquirições ao longo dos séculos que nunca foi densamente povoada. O espaço público¹²² onde se realizaram as primeiras feiras, seria muito provavelmente um terreiro ou adro em frente à pequena e original igreja de invocação a S. Dinis, que o próprio rei se comprometeu a fundar, e envolvente à capela funerária de S. Brás, Monumento Nacional, precisamente no enfiamento da

¹¹⁷ (Nogueira, 2001, p. 11)

¹¹⁸ (Castelo Branco, 1997)

¹¹⁹ (Baptista, 2006)

¹²⁰ (Trindade, 2009, pp. 141 e 142)

¹²¹ O desfasamento por defeito entre contingente previsto e efetivamente concretizado era também frequente por toda a Europa. (Boerfing, 2000, p. 56)

¹²² Na Idade Média as “praças” não são recintos independentes das ruas, são alargamentos muito relacionados com elas. As praças como conceito espacial, surgiram depois da idade média (Benevolo, 1982, p. 48).

rua direita à porta principal. Mas praticamente tudo foi e vem sendo arrasado, sobreposto e desvirtuado¹²³, com grande perda do legado patrimonial da cidade, o que dificulta uma reconstituição morfológica do núcleo edificado original, só restando no subsolo a possibilidade de mais esclarecimentos.

De qualquer forma, é evidente o caráter pitoresco e campesino comum à maioria das cidades medievais portuguesas “que as distanciava das congêneres europeias, propiciado pelo tecido verde presente no espaço urbano, elemento de ligação entre a urbe e a paisagem circundante, apesar do pano da muralha que as divide¹²⁴”, numa relação simultaneamente dicotômica e de complementaridade.

Neste curto tópico, apenas se enquadra alguns aspetos basilares do núcleo edificado integrante de um grande plano de transformação de uma região, e conseqüente da sua paisagem. Mas é imenso o que fica por desenvolver, por este não ser o tema deste estudo. Ainda assim, a cartografia que se apresenta compila a informação conhecida (nem toda publicada nem desenhada), adicionando também a interpretação aerofotográfica, representando assim contributo para conhecimento vigente, que dificilmente avançará sem que futuras escavações arqueológicas sejam realizadas.

2.2 A Evolução Urbana

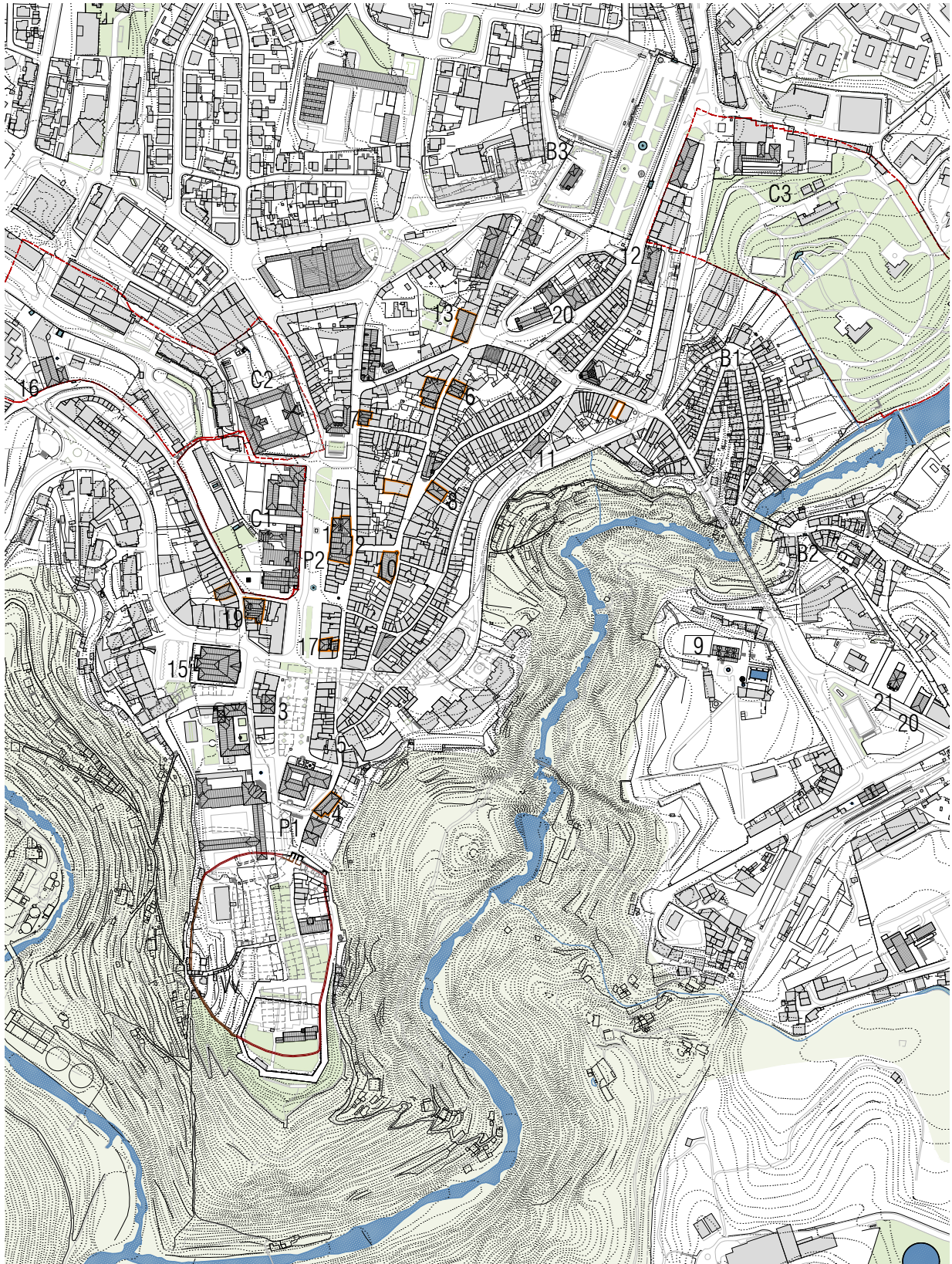
A matriz sobre qual a cidade se desenvolve, corresponde, portanto, a uma estruturação prévia da paisagem segundo programa e critérios de várias ordens, tais como: militar, beneficiando da topografia para fácil defesa; viária, dado ser um importante nó de estradas; produtiva, pela fertilidade de várias veigas circundantes; hidrográficas, pela abundância de água em vários rios e ribeiros, e hidráulica, pela facilidade da sua conversão em força motriz para engenhos; administrativa, pela posição central nas terras de Panoias, vantajosa para aplicação da justiça; económicas, para cobrança de impostos e fomento de novas atividades urbanas; e de povoamento, para agregação de habitações dispersas em aglomerado; discriminando apenas as mais importantes.

Embora respondendo às premissas medievais e de contexto, este modelo base contém muitos paralelos com o bem conhecido e estudado pragmatismo romano na fundação de cidades¹²⁵, sobretudo quanto à organização espacial da paisagem.

¹²³ como bem nota Luisa Trindade na sua magnífica tese *Urbanismo na Composição de Portugal*: “o caso de Vila Real (...) é neste aspecto, paradigmático. Conhecemos a cronologia, o promotor, o contingente populacional previsto, as medidas tomadas no decorrer das várias tentativas de fazer vingar o povoamento. Só não conhecemos a vila. O espaço de implantação inicial foi profundamente alterado no decorrer dos séculos seguintes (...)” (Trindade, 2009, pp. 126, 130 e 139).”

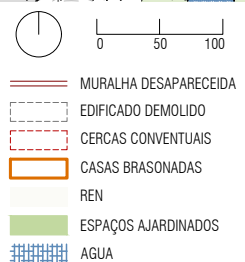
¹²⁴ (Carapinha, 1995, p. 30)

¹²⁵ Salvaguardando as grandes diferenças ao nível de implantação, morfologia e espaço público, entre cidades de fundação romanas e medievais.



Cartograma 4 - CENTRO HISTÓRICO DE VILA REAL

- | | | |
|--|-----------------------------------|--|
| 1. CASA DOS MARQUESSES DE VILA REAL | 9. CASA DOS TAVEIRA DA MOTA | 18. CASA DOS TEIXEIRAS DE MAGALHÃES E VILA VELHA |
| 2. CASA DOS PEREIRAS PINTO | 10. CASA DOS NÓBREGAS PIZARROS | LACERDA |
| 3. CASA DE DIÓGO CÃO | 11. CASA DOS FEYOS DE FIGUEIREDO | 19. PALACETE TORRE |
| 4. CASA DOS TEIXEIRAS LOBO E TAVARES DE SÃO PAYO | 12. CASA DOS VILAÇAS | 20. PALACETE DAS VIRTUDES |
| 5. CASA DOS BROCAS | 13. CASA DOS BOTELHOS MACHADOS | 21. CHALLET |
| 6. CASA DOS ALVARO MOURÕES | 14. CASA DOS ESPÍRITO SANTO | |
| 7. CASA DOS CORREIA MESQUITA | 15. PALÁCIO DO CONDE DE AMARANTE | |
| 8. CASA DOS MORGADOS DE S.BRÁS | 16. PALACETE DOS CLAROS | |
| | 17. CASA DOS MAGALHÃES MOSQUEIRAS | |
| | | P1. PRAÇA VELHA |
| | | P2. CAMPO DO TABOLADO |
| | | B1. BAIRRO DO FERREIROS |
| | | B2. BAIRRO DA GUIA |
| | | B3. ANTIGO BAIRRO DE SANTO ANTONIO |
| | | C1. ANTIGA CERCA DE SÃO DOMINGOS |
| | | C2. ANTIGA CERCA DE SANTA CLARA |
| | | C3. ANTIGA CERCA DE SÃO FRANCISCO |



Vejamos, temos uma área ordenada intra e extramuros, formal e/ou informalmente; uma *urbe* bem definida, planificada segundo um padrão geométrico e hierárquico de ruas, e bem ajustado às condicionantes fisiográficas e de habitabilidade; um sistema defensivo constituído por várias estruturas; uma infraestrutura de abastecimento de água (aqueduto subterrâneo), etc; a área denominada *redonda*, bem demarcada, de contínuos campos de cultivo, corresponde claramente ao chamado *ager* romano; estruturado também por estradas/caminhos, embora de forma não geométrica e projetada como o denominado sistema de *centurição*¹²⁶, mas que abastecia igualmente a urbe dos primores necessários. Deste modo, estes dois espaços eram complementares e formavam uma unidade interdependente de fluxos quotidianos e rotineiros de pessoas e bens.

De forma mais orgânica e extensiva seguia-se o *saltus*, áreas maioritárias de pasto, e a *silva* que correspondente ao espaço mais selvagem de matas e bosques.

Embora corrompido pelo crescimento da cidade, o essencial deste padrão espacial manteve-se inscrito na paisagem até meados do século XX (ver fig.II. 4, p.36), e é de relativamente fácil leitura a partir da análise dos ortofotomapas disponíveis, e mantém-se relativamente perceptível a nascente, na área de Mateus e freguesias adjacentes.

Retomando as particularidades analisadas que levaram à fundação de Vila Real no séc.XIII, elas estão também enquadradas no processo de migração rural e abandono da servidão nos feudos rumo às vilas e cidades que se verificara por toda a Europa, impulsionando ofícios diversificados nos aglomerados. Com o rápido aumento da população e do sentimento de segurança, desde cedo as gentes se fixaram extramuros, onde o acesso à água estava facilitado, e mais próximo do importante cruzamento de estradas e comércio, fator que contribuiu fortemente para um crescimento urbano sustentado, obtendo num curto espaço de quatro anos, quase metade do rendimento da importante cidade de Évora¹²⁷! A paisagem ampla e aberta administrada de intramuros, não foge à tendência evolutiva urbana, e rapidamente o terreiro quadrado diante da porta principal da vila passa a ser o chão preferencial para a realização do mercado e feira, e edificação da casa da câmara sobre uma arcada e demais edifícios que formalizavam a primeira praça (Praça Velha), ponto de onde derivavam as principais ruas que tipicamente tomavam topónimos indicativos. A evolução urbana regrada matriz intramuros em orgânica ou aditiva para norte, em lotes sequenciais de casas com logradouro ao longo das vias serpenteando a topografia. Como todo o urbanismo medieval europeu, novos bairros periféricos se foram constituindo como novos centros secundários em torno de

¹²⁶ (Macaulay, 1982)

¹²⁷ D.Dinis doa a vila à sua mulher Rainha Santa Izabel logo após a fundação em 1293, mas em 1297 foi dada à infanta D.Beatriz de Castella como dote para casar com o infante D.Afonso. Nessa carta de doação consta os rendimentos de 1350 libras (J. Azevedo, 1899, p. 68).

conventos¹²⁸, largos, ruas e Rossio¹²⁹, para onde são novamente transferidos os mercados e as feiras, registando-se uma notável transformação urbana ao longo do séc. XVI. Desta forma se vai consolidando a nova centralidade da vida económica e social, distante do núcleo original amuralhado que se ia despovoando, apesar da quase duplicação da população da vila entre 1530 e 1721¹³⁰. A cidade afirma-se como autêntico centro urbano multifuncional de considerável área de influência, e inigualável hegemonia transmontana, em que a burguesia comercial instalada se especializa no fornecimento de matérias-primas, bens de consumo manufaturados e produtos diferentes dos produzidos pela atividade agrícola de origem local. Muitas freguesias se especializavam no fornecimento de certos bens conforme a sua aptidão ou recursos naturais, tais como a fruta vinda de Mateus, lacticínios de Borbela ou loiça (barros) de Bisalhães, de entre muitas outras detalhadas nas memórias paroquiais de 1721¹³¹.

Do ponto de vista espacial e morfológico, a cidade vai crescer até ao século XX, como um burgo compacto e contínuo formado por ruas, largos e praças de contornos precisos, estratificada entre bairros centrais e mais periféricos. Os bairros mais pobres estavam implantados sobre uma topografia mais difícil, encaixada como os bairros ribeirinhos encaixados de Santa Margarida (dos Ferreiros ou Judiaria) e da Guia na margem oposta, ou no alto do *Pioledo* e do monte escarpado do Calvário coroado pelos seus templos como uma acrópole, junto do desaparecido bairro de Santo António¹³². Os bairros mais ricos e comerciais expandiram-se tirando partido do estreito dorso de festo à cota intermédia e menos íngreme, numa massa de casario enobrecido e pontuado de capelas, igrejas e suas torres, que se vai desmultiplicando pelas encostas em incontáveis terraços, cravados entre escarpas graníticas outrora cultivados que nem jardins suspensos, levando visitantes a exclamar que “dentre as pequenas cidades portuguesas de maior altitude nenhuma outra oferece uma tão aprazível impressão de casario alcandorado, gracioso e levitante¹³³”.

No que respeita à estruturação predial, verifica-se a dicotomia entre a repartição das parcelas originais em pequenos e estreitos lotes para edificado urbano, no que hoje corresponde ao centro histórico, por oposição a uma clara agregação das courelas em grandes tapadas de quintas nos arrabaldes, detidas sobretudo por

¹²⁸ Convento de São Domingos (1424), Convento de São Francisco (1572-1956), Convento de Santa Clara (1602-1926). O mercado foi novamente transferido para o arrabalde diante o convento de S.Domingos (chamado Campo do Tabolado)

¹²⁹ (Sousa, 1987, pp. 113 e 114)

¹³⁰ Em 1721, 909 moradores integram as freguesias urbanas de S.Dinis e S.Pedro (Sousa, 1987, p. 85).

Não obstante, destes e doutros números, é curioso que nenhuma inquirição, recenseamento ou estudo, tenha aferido em momento algum, qual o número efetivo de moradores correspondente ao perímetro da *Redonda*, não se podendo assim avaliar o ritmo e o sucesso da missão de povoamento preconizada nos forais. Repare-se que os forais referem, *haver cada homem uma casa dentro no castello, quantos ahi poderem caber, e os outros no arrabalde*, e não somente intramuros ou nas freguesias ditas urbanas. A contabilidade por freguesias neste especto é erronia, pois os seus limites administrativos, nunca foram coincidentes com o perímetro da redonda; o que parece um erro, mesmo em questões de planeamento urbano contemporâneo.

¹³¹ (Sousa, 1987, pp. 111 e 115)

¹³² Deste conjunto foi demolido todo o Bairro de St.Antonio (1970s); a capela de S.Sebastião (1528-1866); Capela de Santo António 1535-1956), persistindo apenas a Capela do Bom Jesus do Calvário (1666).

¹³³ (FCG, 1995, p. 152)

pequenos nobres e ordens conventuais nas áreas de transição periurbana, num processo evolutivo muito difícil de rastrear, sendo muito provável que a lei das Sesmarias¹³⁴ tenha sido aproveitada por muitos nobres instalados aumentarem os seus prédios, quer dentro como no perímetro da *Redonda*, facto que levou D.Manuel a clarificar as regras para cada uma dessas áreas no foral atribuído em 1515.



Figura II. 4 – Vista aérea de Vila Real, 1928
Fonte: Museu do Som e Imagem

¹³⁴ A lei das Sesmarias, trata da legal anexação de terras não cultivadas mediante requerimento, com o objetivo de estimular a produção agrícola e diminuir o despovoamento, durante a longa depressão de meados do séc. XIV, vigorando mais de um século.

2.2.1 Cortes de Trás-os-Montes (Casas nobres e brasonadas)

“Embora os forais dionisiacos estabelecessem que os ricos-homens não podiam instalar-se na vila e seu termo, a verdade é que, desde o século XVI, na sequência, por ventura, da nomeação do primeiro alcaide, «pessoas grandes e poderosas», receberam diplomas régios para se acolherem com suas gentes a Vila Real¹³⁵”, tal como os Meneses, descendentes de D. Pedro o heróico primeiro governador de Ceuta e elevado a Conde de Vila Real, que atraiu ao burgo outras famílias nobres, ou posteriormente enobrecidas, vindas de outras partes, mesmo de Ceuta, e que deram origem às casas senhoriais existentes, no século XVIII, neste município transmontano¹³⁶. Aquando da extinção da Casa dos Vila Real por degolação dos seus marqueses e duques¹³⁷, “o burgo, denominado «corte transmontana», (...) podia ser considerado um dos mais ordenados do Reino em «nobrezas», uma vez que, no número de famílias, nenhum o excedia ou igualava, para já não falar das casas nobres, de antigas famílias existentes no seu termo (...) desde os escudeiros e cavaleiros, fidalgos de cota de armas e fidalgos de solar, até aos titulares ou grandes do Reino¹³⁸.” Assim, “Vila Real, que desde as suas origens sentiu a influência de famílias poderosas, e que, no século XV se transformou num domínio senhorial, refletia bem, por 1721, ao nível da organização político-administrativa, uma poderosa matriz aristocrática¹³⁹.”

Está claro que desde cedo que houve uma subversão dos propósitos originais da pobra real, pois também as prometidas courelas para acolhimento e defesa das gentes oprimidas pelos senhorios da terra, rapidamente foi tomada pelo poder e influência destes dentro da própria coutada, sua suposta fronteira protetora. À parte disso, serão de facto estas famílias (muitas de origem humilde ou de uma nobreza regional provinciana) que irão edificar dezenas de casas urbanas ostentando os seus brasões, algumas das quais também detentoras de quintas periurbanas (e no vale do Douro), que dominaram durante séculos a paisagem da cidade. Com o desenvolvimento da cultura da vinha e do comércio do vinho do Porto, sobretudo a partir do século XVIII, é registada um grande impulso construtivo e de reforma patrimonial, criação de irmandades, vinculação de capelas e doação de bens com grande vitalidade¹⁴⁰, deixando um grande legado construído até hoje bem vincado.

As suas moradas urbanas, em regra são casas espaçosas de dois pisos, paredes robustas de contaria; no piso térreo arrecadações e serventias, no piso nobre salões amplos e aposentos, de soalho e tetos de

¹³⁵ (Sousa, 1989, p. 276)

¹³⁶ (FCG, 1995, p. 106), (Sousa, 1987, p. 127)

¹³⁷ “Casa imponente dos marqueses de Vila Real, encerrada e extinta logo após a restauração em consequência da conjura do Marquês e de alguns parentes, logo descoberta e implacavelmente jugulada, em 1641 (FCG, 1995, p. 64)”.

¹³⁸ (Sousa, 1987, p. 124)

¹³⁹ (Sousa, 1987, p. 128)

¹⁴⁰ (Sousa, 1989, p. 276)

masseira¹⁴¹. Os grandes vãos recortados do andar nobre dão ritmo às fachadas, em regra “emolduradas em pedras lavradas, e servidas, uma a uma, por balcões de granito cingidos por graciosos gradeamentos de ferro. As aberturas no andar térreo, mais modestas, são quase sempre defendidas por grelhas corridas ou de barriga¹⁴²”.

Infelizmente, o que resta de boa parte das dezenas de casas brasonadas que outrora enobreciam as ruas da cidade, são fotografias. No jardim público da Carreira, construído no séc. XIX junto ao convento de S. Francisco, dezenas de pedras de armas amputadas e expostas em fileira como lápides de um património demolido, encostadas a um robusto muro de granito, cujas pedras também foram retiradas das antigas muralhas da Vila Velha. Embora essa obsessão destrutiva, ainda sobrevivem mais de uma dezena destas casas, se bem que desvirtuadas, esventradas e decadentes, mas do qual deveria ser feito o estudo do seu conjunto histórico e sua diferenciação tipológica, de modo a avaliar o seu interesse arquitetónico, histórico e patrimonial. Como ponto de partida para esse estudo, apresenta-se o respetivo cartograma do centro histórico da cidade, com a identificação destas casas outrora pertenceram à apelidada *corte de Trás-os-Montes*, bem como dos edifícios mais importantes posteriores, marcados pelo detalhe do como síntese para futuras reflexões (ver cartograma 4, p.33).

2.2.2. Paisagem Periurbana

Os *hortus conclusus* das cercas conventuais constituíam a fronteira entre o aglomerado urbano da *polis*, formada por ruas e praças de edificação compacta e intrincada de pequenas hortas e jardins, e o *ager*, mosaico de policultura periurbana dominada por quintas, casais, granjas (ver fig.II. 4, p.36). As tapadas de quinta apresentam padrões geométricos de culturas variadas, estruturadas por uma rede de carreiros lineares, derivados a partir dos seus núcleos edificados¹⁴³, em regra adjacente à rua. Estas unidades de produção identificadas (desaparecidas e existentes), variam entre casais e quintas de produção com casas de modestas dimensões, a tapadas com solares mais eruditos com capela e jardins de recreio. As maiores quintas estão localizadas nas áreas adjacentes à *Redonda*, muitas vezes formadas e administradas a partir de vínculos de morgadio instituído por nobres famílias, dos quais a área de Mateus e Arroios é sem dúvida o exemplo mais representativo (ver ortofotomapa 1, p.39 e 40).

Consolidado este processo de formação de quintas pela agregação de prédios em unidades maiores, provavelmente até ao séc.XVIII, o processo inverso iniciou-se a partir do século XIX, talvez, com a expulsão das ordens religiosas (1834) e invasões francesas, que provocaram o abandono e dissolução das cercas

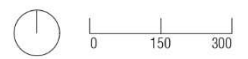
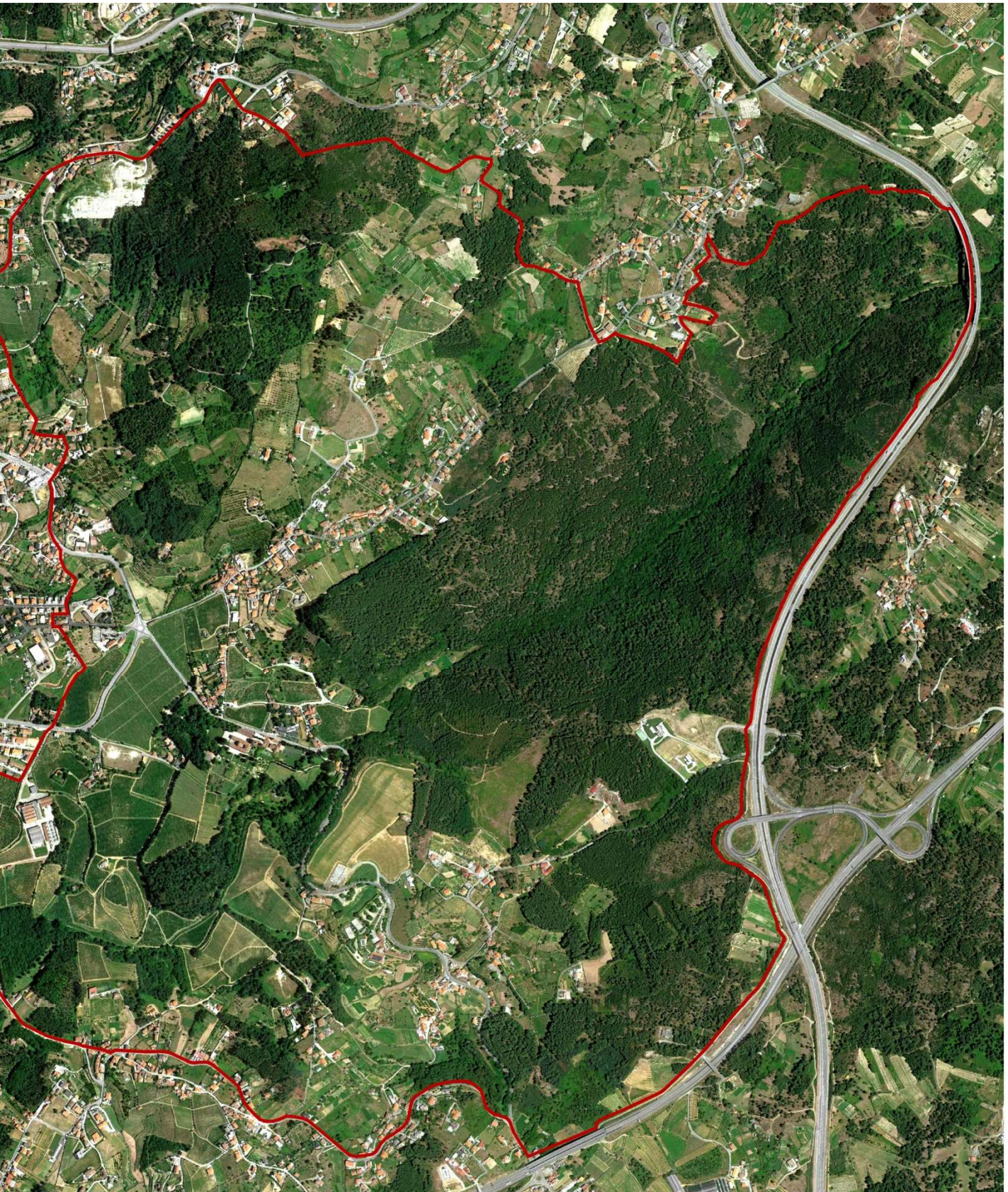
¹⁴¹ (FCG, 1995, p. 62)

¹⁴² (FCG, 1995, p. 62)

¹⁴³ A identificação desta estruturação básica, foi fundamental para a sua identificação e delimitação nos cartogramas apresentados.



Ortofotomapa. 1 – CIDADE DE VILA REAL



--- LIMITE DA ÁREA DE ESTUDO



Cartograma 5 - PLANTA DE VILA REAL (Tapadas de Quinta)

- | | |
|---------------------------------|----------------------|
| 1. VILA VELHA | 10. RIO CABRIL |
| 2. CENTRO HISTÓRICO | 11. PARQUE FLORESTAL |
| 3. CAMPO DO CALVÁRIO | 12. PARQUE CORGO |
| 4. ESTAÇÃO DE CAMINHOS DE FERRO | |
| 5. MONTE DA FORÇA | |
| 6. UTAD | |
| 7. MATEUS | |
| 8. QUARTEL MILITAR | |
| 9. RIO CORGO | |

conventuais e muitas quintas, e pela infraestruturação do país iniciado pelo fontismo (1868-1889), em que as novas vias de comunicação (estradas reais e caminho de ferro) na aproximação à cidade, abriram caminho largo através das unidades de quinta, provocando uma manta de retalhos predial¹⁴⁴.

Ainda assim, foram substanciais as melhorias viárias nacionais, regionais e até urbanas, as que têm a ver com os novos conceitos higienistas de fruição do espaço público, do qual Vila Real beneficiou¹⁴⁵, de qual se destacam novos jardins públicos e avenidas arborizadas, e a construção de uma ponte metálica que permitiu a ligação entre margens a uma cota alta¹⁴⁶, facilitando a expansão urbana para nascente. Contudo, não se pode dizer que tenha acontecido uma drástica rotura da morfologia urbana tradicional, pois o novo casario seguia em relativa conformidade¹⁴⁷ marginado as estradas (frequentemente sem logradouro), formalizando novos arruamentos através das quintas, que em regra mantinham o sistema de policultura intensiva em atividade no interior dos quarteirões. Desta maneira a cidade expandia-se sob um compromisso equilibrado, sem comprometer nem a forma urbana nem os níveis de autossustentabilidade básica inerente a uma sociedade urbana. No entanto, esse modelo não se pôde consolidar, por culpa dos novos impulsos reformistas e expansionistas a partir das primeiras décadas do séc. XX (quer pelo Estado Novo como pela democracia contemporânea), munidas de conceitos disruptivos e revolucionários modernistas, que até hoje vêm arrasando sem nenhum tipo de ponderação toda a sedimentação cultural e ecológica que construiu a paisagem periurbana da maioria das cidades portuguesas.

O que sucede é que a maioria das cidades que estão implantadas onde os solos são mais férteis, e prosperaram precisamente porque esse solo era absoluto produtor de riqueza para as populações, têm-se expandido sobre esse recurso, edificando para populações afetadas a outros fatores de riqueza, aniquilando irremediavelmente um fator de riqueza imprescindível à sua existência natural no local.

Este processo que se alastra casuística e informalmente na órbita dos centros históricos (e mesmo no seu interior), é promovido por uma complexidade de forças motrizes públicas e privadas, que embora com finalidades distintas e diversas, comunga da mesma visão de curto prazo, consumista e predatória de recursos e do espaço. É sobre este paradigma que se vêm multiplicando estruturas, viárias, comerciais, parques industriais, educacionais e habitacionais, ocupando sem reserva e sobretudo, vastas áreas de

¹⁴⁴ Estrada real n.7(Viseu-Vila Real); 1860-Estrada real n.33 (Porto-Vila Real); Estrada Real n.39; 1862 (Vila Real-Mirandela); 1864- Estrada Real n.6 (Vila Real-Chaves) (Fernandes, 2005, pp. 79 e 80); (Neves & Pires Cabral, 2023, p. 345)

¹⁴⁵ Independentemente dos benefícios urbanos para os espaços periféricos da cidade de Vila Real, as reformas do século XIX provocaram perdas irreparáveis do património arquitetónico, com a demolições de inúmeros edifícios e até de inteiros quarteirões no centro histórico da cidade, facto que também se verificou ainda em maior escala ao longo do séc. XX. (Neves, 2003)

¹⁴⁶ A ponte metálica foi fundamental para acesso à nova estação de caminhos de ferro inaugurada em 1906, localizada na margem nascente. A totalidade da linha do Corgo ligando o Peso da Régua a Chaves seria concluída em 1921. (Neves & Pires Cabral, 2023, p. 384)

¹⁴⁷ Existem algumas exceções, nomeadamente com as chamadas casas de brasileiro, por norma, ligeiramente afastadas da rua envoltas de um espaço ajardinado. O alçado definidor da rua passa a ser um muro e gradeamento, combinados ou não, e um portão. Esta nova tipologia padronizou-se e ainda hoje é dominante para a construção de moradias.

quintas incorporando os seus topónimos¹⁴⁸ (ver cartograma 5, p.41 e 42), mas sem tirar qualquer partido do valor, ecológico, patrimonial, identitário e potencial inerentes aos espaços ocupados, dando lugar a vastas áreas urbanizadas, desconexas e informes, como um subúrbio anónimo e desqualificado, de espaço público de servidão automóvel, e insustentabilidade urbana.

A oriente do rio Corgo, para onde se deu grande parte da expansão urbana deste século, o impulso tem estado contido pelo facto de algumas famílias perpetuarem a posse e gestão de uma vasta área, mantendo o carácter produtivo de uma paisagem dominada por estas quintas, com os seus padrões de hortas, pomares, bosquetes, olivais e vinhedos, que se estendem em contínuo desde o vale do Douro vinhateiro, até às portas da cidade de Vila Real. O Palácio de Mateus, cuja sua imagem faz o rótulo do vinho português mais conhecido e vendido pelo mundo, é sem dúvida joia e âncora desta paisagem cultural e identitária da cidade, identificada como área de estudo. Esta unidade de paisagem periurbana é como um baluarte representativo de um tempo e prática de projetar com a natureza, ameaçada de destruição pelo paradigma contemporâneo de urbanizar “sobre a natureza”, de maneira desenraizada da coerência e poética que construiu o lugar, e se manifesta como expressão, não de um mas de todos os tempos; “variados tempos que actuando com o sítio e a matéria definem espacialidades. O tempo “cronológico” e a sua conjuntura determinam marcas, formalizações, signos identitários, que o tempo biológico, pela ordem natural que comporta, molda numa construção evolutiva. Topus e locus fundem-se, são uma e a mesma coisa. O topus integra-se no locus¹⁴⁹”.

O património mais evidente da PCM está inscrito na sua paisagem diferenciada, e é formalizada pelo conjunto das suas quintas, reside nas arquiteturas, eruditas ou vernaculares, das casas, capelas, centros de vinificação, mas também pelos socialcos, caminhos e azinhagas, infraestruturas hidráulicas, bem como pelos seus padrões de cultivo, jardins, bosquetes, certas estruturas e espacialidades construídas. É necessário identificar e conhecer a combinação das distintas vertentes legadas de uma mesma realidade paisagística, porque só por meio de “uma abordagem abrangente e integradora das suas dimensões ecológica, cultural, socioeconómica, e sensorial, estaremos em condições de compreender o processo de construção e transformação da paisagem, e conseqüentemente, apresentar propostas de intervenção que considerem o carácter e a identidade de cada paisagem¹⁵⁰”, e lhe possam somar valor de forma sustentada.

¹⁴⁸ Quinta da Araucária / Bairro da Araucária; Quinta do Seixo / Urbanização da Quinta do Seixo; Quinta da Carreira Longa / Urbanização Carreira Longa; Quinta da Veiga; Quinta dos Prados - é a morada do campus da UTAD

¹⁴⁹ (Carapinha, 2015)

¹⁵⁰ (Batista & Matos, 2014, p. 29)

III. PAISAGEM DE MATEUS

3.1 Interpretação Ecológica e Cultural da Paisagem

Passada a ponte de Santa Margarida vindo da Vila Real, “se seguem duas estradas que sobem por hum monte, por onde continuamente está passando grande concurso de gente com o que, e com vista de rio e hortas, pomares, prados, campos, e vinhas, que está á margem d'elle e muitas terras, vinhas, soutos, e arvoredos mais distantes, se faz este passeio deleitável á vista, de hum dos bons divertimentos desta villa¹⁵¹”. Segundo esta descrição, parece que já nos inícios do séc. XVIII a beleza da paisagem da antiga freguesia de *São Martinho de Matheus*¹⁵² motivava as gentes á sua fruição recreativa. Mas esta riqueza e abundância do mosaico paisagístico tão aprazível à contemplação até como revelação do sagrado, assenta numa obra física (ver fig.II.6, p.56), porque o homem constrói para pertencer a um lugar, e quando esse processo de transformação é profundo, torna-se necessário “ascender a um passado mais ou menos remoto para interpretar o que se vê¹⁵³”.

Desde a Idade Média¹⁵⁴ que são conhecidas referências aos lugares de Mateus e Arroios, cujos alguns dos seus terrenos agrícolas foram negociados para fundação na cidade de Vila Real e incluídos no seu termo, e depois pertença dos Marqueses de Vila Real, até à sua execução sob acusação de conjura contra D. João IV em 1641, passando em 1654, “a integrar o património da recém-criada Sereníssima Casa do Infantado, situação que se manteve até à extinção desta, aquando das reformas do Liberalismo¹⁵⁵”. Por sua vez, até ao séc. XVI, a freguesia de Mateus era já sede da comarca eclesiástica nestas terras e podia considerar-se como um dos centros geográfico da arquidiocese de Braga, entre os seus vastos domínios. Possuía aqui uma quinta, um aljube dos presos desta jurisdição, e uma câmara eclesiástica, junto ao lugar assento da igreja¹⁵⁶, provavelmente na casa da quinta de São Martinho, onde os arcebispos passavam algum tempo por ano, quando vinham fazer as suas visitas e cobrar as suas rendas relativas à freguesia e à região¹⁵⁷.

“De entre as muitas propriedades incluía-se nesta câmara um vasto domínio agrícola,” onde, entre outras terras, havia 16 soutos com 566 castanheiros e 27 vinhas.

¹⁵¹ (Sousa, 1987, p. 280)

¹⁵² Os limites antigos da antiga freguesia de São Martinho de Mateus estendiam-se até à margem do rio Corgo.

¹⁵³ (O. Ribeiro, 1987, pp. 31 e 32)

¹⁵⁴ A mais antiga referência escrita a Mateus surge em 1208, no foral que D. Sancho II concedeu a Roalde. (Mateus (Vila Real) – Wikipédia, a Enciclopédia Livre, n.d.)

Arroios recebeu foral de D. Afonso III em 1258 (Arroios (Vila Real) – Wikipédia, a enciclopédia livre, consultado em 17-05-2023)

¹⁵⁵ (Mateus (Vila Real) – Wikipédia, a enciclopédia livre, consultado em 17-05-2023))

¹⁵⁶ (Noé, 2008a)

¹⁵⁷ (Conde, 2020b, p. 11)

Todo o histórico destas duas freguesias meiras de Mateus e Arroios remete para uma paisagem produtiva de latifúndio, essencialmente grandes quintas¹⁵⁸. Em torno dos aglomerados urbanos, o cultivo era” um complemento alimentar indispensável à subsistência, traduzindo-se também num factor económico da urbe, uma vez que estas unidades de policultura intensiva eram responsáveis pela produção de primores, que a população citadina consumia¹⁵⁹”. No entanto, o regime de exploração (direta ou indireta) e escala da propriedade, fazia toda a diferença por estas bandas, pois as maiores propriedades produzem em maior escala conseguindo importantes trocas comerciais também com o estrangeiro, especialmente de azeite e vinho generoso, escoado via fluvial pelo rio Douro (até construção dos caminhos-de-ferro) e exportado via marítima¹⁶⁰. A referência por Columbano Ribeiro à existência de 293 marinheiros rabelos¹⁶¹ na comarca de Vila Real em 1796, demonstra a importância do fluxo de mercadorias, quando comparada com as restantes profissões.



Figura III.1 - Vista Nascente de Vila Real (data provável entre 1920-1940)

Fonte: http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais5/VilaReal/051_VilaReal.jpg (consultado em 05-07-2023)

¹⁵⁸ “Arroios- faziam parte dela, no séc. XVIII, as quintas do Alto, Barreiros, Braz, Cabana de Baixo, Ferruge, Granja, Grande, Magalhães, Paço, Preguiça, Redonda, Ribeira da Cherita, Senhora da Guia, Sobreiro, Torrinhãs. As quintas Morgado do Botelho, Rio, Veneno e Vilalva, pertenciam às duas freguesias: Mateus e Arroios (A. Ribeiro, 2007, p. 147) ”.

¹⁵⁹ (Carapinha, 1995, p. 36)

¹⁶⁰ Os limites da freguesia de São Martinho de Mateus foram alterados em 1960 por Decreto-Lei.

A área de estudo não se refere a nenhum limite administrativo, parte da identificação de uma unidade de paisagem.

¹⁶¹ “(todos na freguesia, então vila e concelho de Barqueiros)”, citado em (Pinho Leal, 1873, p. 929)

3.1.1 Matriz Ecológica

Aproximando a escala de análise face à caracterização geográfica regional anterior, destaca-se de seguida os aspetos locais mais importantes:

i. Situada a nascente do centro da cidade, a área de estudo caracteriza-se por ser mais alta, ensolarada e relativamente aplanada¹⁶², tendo em conta a orografia dramática de Vila Real. Periodicamente avista-se um bonito cenário, constituído por um lago de densos nevoeiros que se podem estender por dias, ao longo da depressão do vale do rio Corgo. A morfologia ondulada de Mateus é determinada por três pequenos vales de curso de água permanente, que correm de nascente para Poente em direção ao rio Corgo, a pouco mais de dois km de distância; são eles o vale granítico da ribeira das Levandeira¹⁶³, o vale xistoso da ribeira de Tourinhas¹⁶⁴ e vale da Gregosa em Arroios, que logo afluí no anterior, e onde a água e a sua manipulação por sistemas associados são os principais ordenadores da matriz produtiva, moldada pelo homem em terraços, com o objetivo de otimizar para si este recurso, e por isso é vasto o património hidráulico composto por pequenos açudes, levadas, tanques e moinhos ao longo destes cursos de água. A cotas mais altas e arborizadas, as matas e bosques protegem o solo da erosão e promovem a infiltração pluvial, cujas águas subterrâneas são intercetadas por minas que abastecem os sistemas de regadio das culturas que se dispõem consoante as suas aptidões, técnicas e necessidades.

ii. A geologia comunga xistos e granitos, dando origem a três categorias de solos, que, segundo a carta dos *Solos de Elevado e Muito Elevado Valor Ecológico do Solo de Portugal Continental*, representam solos que apresentam considerável espessura efectiva e os maiores índices de fertilidade, bem como solos associados a ecossistemas específicos com interesse de preservação ou associados a sistemas agrícolas ou florestais tradicionais.

1. Antrossolos aricos surribicos districos de xistos com Cambissolos districos cromicos de xistos e com Regossolos districos de coluvioes em xistos - abrange a maior parte da área de estudo, desde toda a envolvente à quinta da casa de Mateus para Poente, mais densamente urbanizado.

2. Antrossolos aricos terracicos districos de granitos com Cambissolos districos orticos de granitos e com Leptossolos districos orticos de granitos - Ao longo da ribeira da Levandeira, a montante da casa de Urros.

3. Fluvisolos districos orticos de aluvioes - Veiga de Vilalva (ribeira de Tourinhas)

iii. No que respeita à flora e vegetação, o processo de humanização secular do território em estudo torna difícil encontrar as séries potenciais de *Physospermo cornubiensis* – *Quercus suberis* S. e *Genisto falcatae*

¹⁶² O diferencial altimétrico da área de estudo é de 210m; entre a Ponte de Nossa Senhora do Sobreiro à cota 430, e a Ermida de Santa Bárbara (marco Geodésico) a 640m de altitude.

¹⁶³ Nasce a 638 metros da altitude perto da igreja de Mouçós, muito próxima do interior do perímetro da área de estudo (Conde, 2023, p. 7).

¹⁶⁴ Nasce na Serra do Rebordo Longo, perto de Magarelos, a 850 metros de altitude (Conde, 2023, p. 9).

– *Quercus pyrenaica* S. nas cotas superiores, solto da dominância das plantações artificiais. No entanto, após o abandono das explorações, este conjunto de espécies rapidamente reivindica o seu lugar entre os pinhais, pomares e campos outrora de cultivo. Da Vegetação Natural e Semi-natural com Valor de Conservação, a Tapada do Conde é a única área identificada de muito elevado valor de conservação, sobretudo para a preservação da biodiversidade vegetal (espécies) e a manutenção da integridade das fitocenoses (habitats) e dos mosaicos de vegetação (complexos de habitats)¹⁶⁵.

3.1.2 Matriz de Povoamento

“As condições naturais sugerem culturas, que, por sua vez, determinam formas de trabalho a que convém certa organização social e económica; o que tudo tem na expressão complexa que é o *modo de vida* o seu reflexo. A casa e a povoação amoldam-se às necessidades do homem e também às suas tendências, hábitos e tradições”¹⁶⁶.

Embora os contextos sejam perpetuamente dinâmicos, pelo facto desta paisagem ser dominada por latifúndios desde tempos remotos, nunca foi densamente povoada, contando-se 119 fogos e 400 pessoas, nas inquirições de 1758¹⁶⁷, constituída, na sua maioria, por trabalhadores jornaleiros, que na sua maioria vivia nas casas que formam algumas ruas. Mesmo atualmente, a freguesia de Mateus tem uma densidade de 821,3 hab./km², e inclui os lugares de Abambres, Bairro do Marrão, Boque, Mateus (sede) e Raia, totalizando 3400 habitantes¹⁶⁸ (boa parte concentrados em bairros urbanos contemporâneos não integrantes da área de estudo), enquanto a freguesia de Arroios tem uma densidade populacional de 386,5 hab./km² e inclui os lugares de Alto, Arroios, Cabana, Couto, Ribaboa, Torneiros (sede) e Vilalva¹⁶⁹, totalizando 1059 habitantes.

As edificações populares foram ocupando os poucos espaços marginais disponíveis ou disponibilizados pelos senhorios¹⁷⁰, entre as tapadas das quintas e ao longo das principais caminhos e ruas, e por essa razão, é pertinente a análise previa às vias de circulação antigas e atuais.

¹⁶⁵ Mesquita, S., 2013. Vegetação Natural e Semi-natural com Valor de Conservação em Portugal Continental. LEAF/ISA/ULisboa. Disponível em: <http://epic-webgis-portugal.isa.utl.pt/>

¹⁶⁶ (O. Ribeiro, 1994, p. 711)

¹⁶⁷ (Capela, 2006)

¹⁶⁸ Boa parte da população está concentrada em alguns bairros urbanos relativamente recentes.

¹⁶⁹ (Arroios (Vila Real) – Wikipédia, a enciclopédia livre, consultado em 17-05-2023)

¹⁷⁰ São frequentes os relatos populares da dificuldade de obtenção de casa ou possibilidade de compra de terrenos para nova construção, obrigando os elementos mais novos das famílias a migrarem para outras freguesias da cidade, ou mesmo a recorrerem à emigração. Facto que contrasta com a realidade atual, de degradação das antigas habitações, e proliferação aleatória de novas vivendas desqualificadas.

- Vias de circulação

A circulação de pessoas e bens era feita por uma rede de antigos **caminhos e azinhagas**, em terra batida e calçada de granito¹⁷¹ ainda existentes quase na totalidade (ver fig.III.2, p.52). Os topónimos que atravessam, tais como *quinta*, *meireles*, *granja*, *eira*, *veiga*, *lameirão*, *regada*, *mata*, ou situações topográficas tais como *fundegas*, *poça*, *navalhos*¹⁷², *valinhas*, *portela*, *raia*, *rechã*, *lombada*, *alto*, entre outros ligados ao património edificado e vegetal, sem dúvida caracteriza e reflete a riqueza espacial desta paisagem, concentrada em menos de 5km² delimitados como área de estudo.

Tendo por base a análise de cartogramas antigos e fotografias aéreas desde meados do séc. XX, denota-se que os caminhos principais seguem um curso mais linear e adaptado às condições topográficas, enquanto a rede de caminhos secundários transversais a estes, esteve sempre subjugada ao perímetro das tapadas das quintas, que os suprimiu ou integrou com alguma frequência, em determinado momento de ampliação dos seus domínios, resultando assim, numa rede mais sinuosa e por vezes intermitente, com graus variáveis de conservação.

Esta rede viária de domínio pedonal, de materialidade pétreia e escala humana, distingue-se totalmente da posterior de rede de estradas reais que a intercetou, hoje dedicada à circulação automóvel, modificando de igual modo a antiga apreensão sensitiva e sensorial do espaço/paisagem, tendo em conta que o acesso às localidades já não se faz a pé.

O contacto direto com o dinamismo dos campos, o vivenciar do trabalho da terra ao longo dos ciclos anuais, a sequência de atmosferas contrastantes, mais edificadas ou naturalizados, ora intimistas ou de vistas desafogadas, de luz plena e colorida ou sombras recortadas, conjugada com toda a musicalidade singela da fauna que canta, da flora pela brisa, e da água que corre nas ribeiras e levadas, faz dos antigos caminhos, azinhagas e trilhos um dos mais belos e secretos¹⁷³ patrimónios da paisagem cultural de Mateus, totalmente construída pela mão do homem nas camadas do tempo (ver fig.IV.3, p.52).

As **estradas** largas do período da Regeneração (1851-1870), reestruturaram toda a paisagem com o rompimento de boa parte das quintas existentes, motivando nova construção. “Muitos terrenos da casa de Urros foram resgados por novas estradas ou deram lugar a novas urbanizações. Outros houve que ficaram

¹⁷¹ As tipologias dominantes de pavimento de granito identificadas, variam desde as mais antigas grandes lajetas, a calçada irregular, até ao mais recente cubo de granito 11x11.

¹⁷² (M. Azevedo, 2005, pp. 307 e 308)

¹⁷³ O termo secreto é empregue pelo desconhecimento desta rede de caminhos pelos moradores; A falta de conectividade atual, origina abandono de alguns troços que se tornam intransitáveis (talvez os mais belos), e dilui o carácter de rede diferenciada ao caminhar literalmente pela estrada (sem passeios). A leitura fragmentada da rede de caminhos degradada e abandonada, impede, em grande medida, a leitura integrada da paisagem e usufruto da sua qualidade pela população.



Figura III. 3 – Azinhagas no lugar de Meireles – Urros
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura III. 2 – Azinhagas no lugar de *Navalhos*
Fonte: Ricardo Correia, 2023

semiabandonados, marcando negativamente a paisagem e o imaginário das gentes da terra, cujas gerações mais velhas ainda conheceram os terrenos da freguesia devidamente tratados, mais parecendo jardins¹⁷⁴. De igual modo, certas propriedades da casa de Mateus ficaram divididas pela Estrada Real nº9 (EN 322), bem como várias quintas ao longo da subida do vale da Gregosa em Arroios, em direção a Constantim, redefinindo todas as acessibilidades.

O facto de em boa parte dos troços que atravessam a área de estudo, se manterem ainda minimamente limpos da parafernália de estruturas e construções que normalmente vão sendo agregadas às EN, é um aspeto positivo salientar¹⁷⁵.

Cabe ainda referir neste tópico, que Mateus tem uma estação de caminhos-de-ferro no lugar de Abambres Gare, que integrava a desativada *Linha do Corgo*. Esta linha de via estreita, do início do séc. XX, teve, e tem, cada vez mais, um grande potencial turístico pela magnificência das paisagens que atravessa, ligando a *Linha do Douro* ao alto trasmontano (Régua-VR-Chaves) tendo Vila Real como ponto de charneira entre o troço de vale (encerrado em 2009), e de montanha (encerrado em 1990), com passagem pela importante zona termal de Vidago e Pedras Salgadas.

- Padrão de povoamento

Na área de estudo verifica-se claramente um povoamento disperso com lugares de casas juntas¹⁷⁶. Os topónimos existentes de quinta, casal e granja¹⁷⁷ designam casas ou grupos de casas associadas a unidades agrárias. Esse padrão, somado às igrejas com residência do pároco isoladas, tem bastante mais em comum com a região Duriense ou mesmo o Minho (relação que também pode ser estabelecida por Mateus ter sido sede da comarca eclesiástica da arquidiocese de Braga), do que com as típicas povoações aglomeradas e arruadas trasmontanas de casario em torno da igreja.

“O século XVIII, designadamente a partir do seu 3.º quartel, é um período de grande construção (...) quer a nível da arquitetura civil, quer a nível do património religioso (...) responsável pela edificação de inúmeros solares e renovação de igrejas e suas torres sineiras¹⁷⁸”, na freguesia de Mateus como em toda a região duriense, relacionado com a riqueza proveniente do vinho. “O surto de desenvolvimento e renovação arquitectónica atingiu o seu expoente após a instituição, em pleno reinado josefino, da companhia Geral

¹⁷⁴ (Conde, 2017, p. 29)

¹⁷⁵ Esta degradação da qualidade da paisagem avança a partir do centro da cidade, principalmente por Abambres (um lugar da freguesia de Mateus), em grande parte já irreversivelmente descaracterizado por construções comerciais, bombas de gasolina, edificação totalmente desproporcionadas, e proliferação de sinalética e painéis publicitários, etc.

¹⁷⁶ Facto verificado facilmente verificável após análise da evolução urbana cronológica da cidade de Vila Real

¹⁷⁷ “No Norte usa-se *granja* (...) para designar edifícios que servem de centro a explorações de importância, que na origem pertenceram geralmente a conventos” (O. Ribeiro, 1994, p. 704)

¹⁷⁸ (Conde, 2021, p. 19)

das Vinhas do Alto Douro e da região demarcada do Douro, através de alvará régio, de 10 de setembro de 1756¹⁷⁹. ”

A matriz consolidada de quintas periurbanas determinou ou condicionou, portanto o padrão de povoamento económico-social e físico, definindo arruamentos por casas mais robustas e/ou eruditas das quintas, intercalados de muros e edifícios vernáculos habitados por gente ou mesmo famílias inteiras que dependiam do trabalho como jornaleiro ou assalariado nas quintas¹⁸⁰.

Apesar do contraste material do edificado (ultrapassado ou atenuado), e da formação de alguns becos, são raras as casas desprovidas de um logradouro ou quinteiro, resultando numa atmosfera esteticamente harmoniosa e culturalmente interessante.

Nunca houve praças ou espaços centrais, apenas largos terreiros diante dos portões das principais casas, onde as gentes se concentravam bem cedo pela manhã¹⁸¹, na expectativa de serem selecionados para a jorna de trabalho de cada dia. Os principais largos são diante da casa de Urros e de Mateus, em extremos opostos da rua das Flores, a mais consolidada. No cruzamento com a rua do Sobrado¹⁸² forma-se o largo dos Morgados de Mateus, que ganha proeminência como espaço de estar e comércio, após a construção de um pequeno jardim/praçã¹⁸³, que se anima pelo fluxo constante de visitantes que afluem ao palácio¹⁸⁴. É constituída por uma plataforma circular pontuada por um padrão aos *Centenários de Mateus*, e bancos de pedra em seu perímetro, envolvidos por canteiros arborizados¹⁸⁵ em redor, e um chafariz público (inscrito com a data de 1949), e é um excelente exemplar de um singelo projeto de espaço público da sua época¹⁸⁶. Diante da capela de Arroios, existe um terceiro largo em excelente estado de conservação, formado pelo robusto edificado de outra antiga quinta, e onde mensalmente se realiza um mercado¹⁸⁷ (ver fig.III.11, p.58).

¹⁷⁹ (Conde, 2021, p. 19)

¹⁸⁰ “O início dos anos 70 marcou um tempo de mudança na freguesia de Mateus, uma freguesia habituada ao pesado jugo secular das grandes casas senhoriais de quem (quase) todos dependiam, fosse em termos de casa para habitar (às vezes autênticos cardenhos), fosse para ganhar o dia-a-dia à jorna, fosse para conseguir a lenha para aquecer as casas ou para cozinhar, fosse para ter um canto de terreno para plantar uma horta, onde colher as couves e as batatas. A Igreja local, tal como a nível nacional, fazia a “mediação” entre os possuidores da riqueza e a população pobre e trabalhadora, apelando à caridade dos ricos e à resignação dos pobres, classe onde reinava o maior analfabetismo (Conde, 2022, p. 13).”

¹⁸¹ Os intervenientes (entre os quais alguns familiares do autor), referem que esta prática durou até meados do séc. XX.

¹⁸² Um troço da rua do Sobrado foi parcialmente demolido e integrado na cerca da quinta de Mateus.

¹⁸³ Em contraste, o informal “largo do Chuço” em frente à casa de Urros, não beneficiou de qualquer projeto de espaço público polarizador, nem a casa e os seus jardins são abertos ao público, apesar de alguma vitalidade resultante da concentração de habitações e um espaço comercial. Mas o potencial continua a existir.

¹⁸⁴ Apesar do termo *palácio* ser utilizado correntemente, ele não é o mais correto. No entanto, o uso deste termo será mantido ao longo deste estudo, dado o grande contraste da exuberância e erudição da sua arquitetura, relativamente às demais casas enobrecidas de Mateus.

¹⁸⁵ Infelizmente estes canteiros foram recentemente pavimentados com calçada, desvirtuando o conceito original do espaço, como de clareira (certamente motivado pela ausência de limites físicos). No entanto, o efeito negativo é relativamente minimizado, pela manutenção das grandes árvores (*Liquidambar styraciflua*), (*Pseudotsuga menziesii*), (*Quercus rubra*).

¹⁸⁶ Nesta reformulação do largo, o lavadouro público (peça arquitetonicamente interessante), foi transferido para a rua do Ribeiro, a escassos metros de distância.

¹⁸⁷ “A capela de Arroios, tem sido dinamizada uma vez por mês, desde 17-9-2016, através do projecto Capella (...) A festa decorre em dois momentos: no 1º com o espectáculo ou performance que conta com a participação da população local; e um 2º momento, com um mercado de produtos de pequenos agricultores da terra, ao qual se junta artesanato, vinho do Douro, doçaria e projetos criativos (Menezes, 2018, p. 13)”.

Apesar do carácter da paisagem prevalecer, a transformação tomou conta de outros lugares como o povoamento do lugar da *Raia* (dentro da área de estudo). A construção despontou aqui em força só a partir de meados do século passado, disseminando edificações desqualificadas em pequenas quintas, desvirtuando o perfil destas pequenas aglomerações lineares entre campos cultivados, devendo ser urgentemente contida. Não se trata apenas de questões estéticas, são razões, arquitetónicas, identitárias, ecológicas e de sustentabilidade, que afeta a qualidade e potencial da paisagem, e inerentemente qualidade de vida da população que nela habita.

- Igrejas e capelas (não privadas)

Os locais de culto religioso têm a característica de se localizarem afastados dos povoamentos, ocupando lugares cimeiros de destaque na paisagem. O lugar de Mateus fica a meia distância entre as respetivas igrejas matrizes “pelo que os moradores do dito lugar iam, alternadamente, assistir às missas conventuais, num domingo, a São Martinho, e noutro a Arroios; os defuntos eram sepultados em qualquer uma das igrejas¹⁸⁸ das duas freguesias se deixassem expresso em testamento, caso contrário eram sempre sepultados na Igreja de São Martinho¹⁸⁹”. Embora esta prática já não aconteça, é reveladora da íntima relação entre estas duas freguesias.

Vindo do centro da cidade pelo antigo caminho principal, ou pelas estradas contemporâneas, a **igreja de São Martinho de Mateus** no alto do lugar do Assento da Igreja, é o edifício que mais se destaca por entre os vastos vinhedos, antecipando a área mais residencial (ver fig.III.4, p.58).

Em volta da igreja, o adro pavimentado como uma plataforma nivelada por muros, dispõem-se cruzeiros em pedra da *Via Sacra*, duas capelas autónomas e o cemitério murado por onde se entra por um grande portão de ferro, fronteiro a um pequeno espaço ajardinado que integra um cruzeiro e um busto do Monsenhor Jerónimo do Amaral sobre um plinto, articula as várias cotas por meio de muros e escadarias, após uma reforma dos anos 50 do século passado, que também incluiu a igreja, de planta longitudinal com a fachada de frontão triangular voltada para NE. Os volumes da sacristia, da torre sineira, capela-mor e um anexo, adoçam-se escalonados à nave da igreja de duas águas, toda ela, rebocada e pintada de branco, com embasamento, cunhais apilastrados, terminadas em friso e cornija, coroadas por pináculos, tudo em cantaria de granito¹⁹⁰, denunciando a sua traça maneirista e barroca. No interior, destaca-se o silhar de azulejos, o tecto de caixotões pintados, e o retábulo-mor em talha dourada.

¹⁸⁸ Cada uma das igrejas (São Martinho de Mateus e São João Baptista de Arroios) tem o seu Cemitério.

¹⁸⁹ (Noé, 2008b)

¹⁹⁰ As escrituras mais importantes de arrematações da obra de pedraria e carpintaria fixam-se entre 1714 e 1715, mas há datas anteriores inscritas como na pia batismal de 1711 (Noé, 2008a).



Figura III. 4 – Igreja de São Martinho de Mateus
Vista a partir do horto de recreio da quinta da Casa de Urros, entre os pomares e as serras.
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura III. 5 – Capela de Sto. António de Arroios
Fonte: Ricardo Correia, 2023

A **igreja matriz de Arroios** do orago S. João Baptista foi padroado do convento de Santo Eloy da cidade do Porto, e está implantada numa encosta íngreme sobre uma plataforma alongada construída por grandes muros, onde o corpo caiado da igreja de duas águas e torre sineira, se impõe num cenário de vinhedos e bosquetes aberto a sul (ver fig.IV. 34, 144). O interior da igreja, desprovida de decoração, contrasta com os altares em talha dourada. Em frente ao adro da igreja as ruínas de duas casas senhoriais contíguas da Quinta de S. João, lançam as suas escadarias de pedra diretamente para a rua íngreme.

O cemitério murado na parte alta da colina, integra todo este conjunto edificado, ligado por uma escadaria de granito aberta no talude rochoso, não obstante da estrada novecentista que a afundou topograficamente o núcleo edificado perturbando a relação. Contudo, terreiro arborizado que informalmente se abriu para festas e feiras é um espaço agradável, de boas vistas e imenso potencial, pela articulação de todos os elementos referidos numa paisagem sinuosa e de beleza particular, e por essas razões foi moda durante muitos anos realizar aqui os casamentos de pessoas residentes em Vila Real.

A **capela de Arroios** surpreende pela sua enorme e exuberante frontaria voltada a sul, acima dos telhados de um pequeno largo triangular no meio do Vale da Gregosa. Mandada edificar em 1731 ao orago de Ns^a. Sr^a. Das Dores, só foi terminada em 1776¹⁹¹ e embora de origem privativa, não está adogada a nenhum solar como os demais exemplos da área de estudo, e está classificada como imóvel de interesse público. Apresenta evidentes características do estilo Rocóco na sua frontaria bem verticalizada, pelas linhas retas e curvilíneas trabalhadas de forma robusta e profusa, exibindo o brasão de armas da família no tímpano do frontão, coroada por plintos e pináculos sobre pilastras e cunhais (ver fig.III.5, p.58).

No seu interior possui um coro alto e um púlpito, e é enriquecido por de talha barroca policromada no altar-mor em tons branco e dourado.

“A capela apresenta semelhanças com a capela do Palácio de Mateus e com a Igreja de São Paulo ou Capela Nova, ambas de meados do século XVIII e atribuídas a Figueiredo Seixas¹⁹²”.

Ainda no âmbito do património religioso destacam-se a quilómetros de distância duas **ermidas**, que são dos melhores miradouros “das cercanias desafogadas de Mateus, ricas em vinhedos e pomares, a cidade oferece uma bela perspectiva alongada, tendo como fundo a solenidade brônzea das serras do Marão e Alvão¹⁹³” (ver fig.IV.6, p.59).

O caminho de acesso é sacralizado com cruzeiros, calvários e alminhas¹⁹⁴, cumprindo funções simbólicas como o purgatório pela caminhada fatigante ascensional, resultado de uma construção multidimensional.

¹⁹¹ (Menezes, 2018)

¹⁹² (Sereno et al., 2011)

¹⁹³ (FCG, 1995, p. 153)

¹⁹⁴ (Conde, 2020a)



Figura III. 6 – Panorama de Mateus – Vila Real
Vista a partir do Monte de Santa Sofia
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura III. 7 – Monte de Santa Sofia
Capela de Sta. Eufémia, vista a partir dos jardins da quinta da casa de Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023

No alto do monte de St^a. Sofia, a capela St^a Eufémia está alinhada com o eixo que estrutura todo o solar de Mateus, e assume-se como um “eyecatcher¹⁹⁵” vista dos seus jardins (ver fig.III.7, p.59).

Embora o antigo caminho de acesso ter cedido lugar a uma vinha, é crível que a prática de colocar velas e flores no afloramento de granito e quartzo que lhe fica dianteiro remonte a práticas ancestrais pagãs. Não muito distante para nascente, subindo por trilhos entre matas e pinhais, a capela de Santa Bárbara ergue-se a poucos dezenas de metros de um marco geodésico à cota de 640m com uma vista panorâmica de 360° (embora obstruída por um pinhal), e daqui se reconhece claramente a sequência morfológica das três UP descritas no capítulo 1.2.6., ou seja, as serras, o vale depressionário e o planalto.

- Casas e solares

Como já enunciado, parte do edificado das poucas ruas da povoação do núcleo de Mateus, são concretizações típicas da arquitetura vernacular, entre casas mais enobrecidas ou eruditas (ver fig.III.8, p.58). Apesar do seu potencial, a sua maioria estão desvirtuadas ou devolutas, sem sinais de inversão¹⁹⁶. Somente da análise das respetivas implantações se diferenciam os padrões tradicionais de ocupação, normalmente adjacentes aos caminhos formando ruas e libertando os logradouros para os diversos fins, das desregradas implantações de vivendas contemporâneas que vêm comprometendo irreversivelmente o uso do solo, refletindo a perda de valores e do saber tradicional da gestão da paisagem.

Da **arquitetura vernacular**, a tipologia tradicional dominante são os sobrados de dois pisos com escadaria exterior em blocos de granito de acesso ao patamar de entrada da habitação ou alpendre (ver fig.III.9, p.61). No interior destas pequenas habitações relativamente herméticas, os espaços eram divididos por finas paredes, tendo a divisão do fogo/lareira como espaço principal.

Os alpendres exteriores em madeira ou pedra, ensolarados no inverno, funcionavam como um compartimento importante da habitação, onde se repousava largas horas em cadeirões de vime ou bancos compridos de madeira.

No piso térreo localizam-se as *lojas*, espaço multifuncionais de armazém ou curral, e mais frequentemente o lagar e pipas do vinho.

Os principais materiais e sistemas construtivos, variam entre o uso misto de alvenaria de xisto e cantarias de granito para as casas mais humildes, ou o predominante uso exclusivo do granito da região, aparente ou toscamente rebocados e caiados.

Todo o miolo do edificado era domínio da madeira. Desde a estrutura das coberturas e seus forros (quando existentes); os vigamentos que suportam os soalhos; as paredes divisórias em tabique ou num simples

¹⁹⁵ Termo inglês, como designação de um elemento que se constitui como um ponto focal na paisagem, que capta atenção do olhar, frequentemente construído por razões estéticas em jardins e parques.

¹⁹⁶ Na cartografia apresentada foram assinaladas de forma preliminar as edificações arruinadas.



Figura III. 8 – Arquiteturas, Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura III. 9 – Arquitectura Vernacular
Fonte: Ricardo Correia, 2023

tabuado pintado; portas, janelas, bem como o mobiliário¹⁹⁷.

Os telhados cerâmicos de telhas de canudo foram substituindo o colmo, que ainda nos finais do séc. XX se avistava em algumas edificações agrícolas e construções efémeras. Também o típico espaço murado e multifuncional no exterior adjacente a muitas habitações, aqui designado de forma genérica como *quinteiro*, para trabalho, ócio e confraternização, quase sempre á sombra de uma latada de vinha, começa a rarear, tal como o florido colorido em vasos nas poleias das janelas, nas escadas e em cima dos muros que embelezam e humanizam as ruas.

Muitas histórias curiosas se podem contar do processo de sedimentação histórico, tais como as marcas litófilas cruciformes em cantarias de humildes casas, que provavelmente remontam ao tempo da inquisição e à presença de cristãos-novos¹⁹⁸, mas além do âmbito deste estudo.

A **arquitetura erudita** civil, no essencial, está representada pelos antigos solares quase todos brasonados que auxiliam a formalização das ruas. A grandiosidade da construção era tida como um enaltecer da nobreza da família, e as pedras de armas representavam um património secular construído por sucessivas gerações. Estas elites locais, não raras vezes com elementos de parentesco ligados ao clero, interagem com arquitectos, mestres pedreiros, carpinteiros e trabalhadores locais, através de contratos de adjudicação muitas vezes conhecidos; “a verdade é que a casa nobre mais característica não é forçosamente o grande palácio, mas sim a casa despreziosa da província, a casa simples e castiça, que até no seu caráter mais rude melhor revela as possibilidades e limitações dos nossos construtores e também melhor define um estilo de vida português¹⁹⁹”.

Em regra local, são construções de dois pisos que articulam núcleos edificados de quinta, e à parte do palácio de Mateus, não seguem tratadistas arquitetónicas de época, contendo apenas certos apontamentos que remetem a certos cânones arquitetónicos que possibilitam a sua datação, a maioria entre o séc. XVIII e inícios do séc. XX, e são resultado da replicação de soluções por parte dos mestres construtores.

Esses apontamentos, muitas vezes, não vão além da multiplicação dos vãos, o uso de um frontão, e a colocação da pedra de armas que timidamente contrapõe simplicidade da composição.

No essencial, são edificações robustas e sóbrias em granito, com escadarias exteriores, embasamentos, moldura de vãos, cunhais e pilastras ligeiramente salientes à parede rebocada e caiada. Acima dos beirados também em pedra e com pináculos, os telhados de quatro águas são estruturados em madeira, e cobertos por telhas cerâmicas em canudo.

¹⁹⁷ A partir do séc. XIX prolifera o mobiliário em ferro (camas, lavatórios, fogões a lenha, etc).

¹⁹⁸ (Conde, 2020b, p. 15 a 18)

¹⁹⁹ (C. de Azevedo, 1988, pp. 9 e 10)

O piso superior é sempre o andar nobre, não obstante da sua grande simplicidade, dominado por salões de pé direito generoso dado pelos tectos maceira, e são normalmente bem iluminados pela sequência de janelas maiores, em relação ao piso inferior.

O espaço doméstico interior também é frequentemente sacralizado por pequenos nichos e oratórios, além das capelas que lhe estão adoçadas, e com as quais comunicam ao nível dos púlpitos.

O programa do piso térreo depende da forma como se complementa com edifícios anexos, porém são quase sempre para arrecadações ou adegas/azenhas e celeiros ou mesmo a cozinha.

Embora se descrevam algumas características genéricas, padronizadas e integradas no carácter regional, existe relativa variabilidade na área de estudo, dependendo da sua época de construção, embora nalguns casos, pouco mais resta do que as suas ruínas pétreas, e as razões desta decadência são mais profundas que apenas a extinção do regime senhorial.

Espaços Ajardinados

A formalidade dos jardins de recreio das maiores das quintas que irá ser analisada num capítulo seguinte, contrasta com informalidade dos jardins das quintas mais pequenas, compostos por árvores ornamentais balizando um terreiro ou empedrado junto à casa, com canteiros e bordaduras de flores e em vasos; ramadas de vinha também comuns, bem como tanques utilitários e bancos para usufruto nos dias de sol e de sombra, e onde se armam mesas nos dias de vindima e festa.

3.1.3 Sistema Cultural - Mosaico Paisagístico

Os limites da paisagem de produção que este estudo definiu é inequivocamente dominada pelo latifúndio, e composta por um mosaico de policultura diverso que se estende além da área desse perímetro, e penetra na cidade mais consolidada ao longo de um tridente de bacias de escoamento, o vale da ribeira da Lavandeira (genericamente domínio da Casa de Urrus até ao séc.XX), o vale da ribeira de Tourinhas (vale superior, domínio da Casa de Mateus), e ao longo dos arroios do vale da Gregosa que nele afluem. Genericamente, é de fácil reconhecimento o padrão de culturas em gradiente relacionado com a topografia, desde os cabeços arborizados, passando pelas vinhas nas vertentes ou terrenos bem drenados, até ao reticulado de patamares com pomares nas franjas das veigas generosas, no interior das quais dominam os campos de milho (hoje escassos) e hortas que se transformam em lameiros até ao rio Corgo, não obstante das intrusões pelo crescimento do edificado urbano (Ver fig.III.11, p.66; fig. IV. 28 p.132 e 34, p.144).

Embora menos expressivos, o pasto verdejante nas veigas também integra este rico mosaico de agrodiversidade, por vezes até coabitando com pomares. Podem ser avistados pequenos rebanhos de ovelhas, e alguns cavalos e burros dispersos, que são apenas reminiscências de atividades pastorícias mais

intensas, dos quais as cavalariças, estábulos e vacarias das grandes quintas dão conta, sendo hoje primordiais para correta gestão da paisagem (ver fig. III. 10, p.66).

- Hortas

A maior transformação do padrão produtivo desde o séc. XVIII, deve-se, talvez, à cessação da cultura do cereal, outrora muito importante pela auto insuficiência da região²⁰⁰, e comprovada pelo vasto património construído, desde o cultivo em patamares relacionados a um complexo sistema de regadio por gravidade; e às estruturas associadas como eiras – próprias para debulhar, trilhar, secar e limpar cereais, espigueiros ou *canastros* para o armazenamento, presentes em grandes e pequenas quintas; e o vasto património dos moinhos de água para moagem do cereal, a maioria localizado fora das quintas, onde as condições topográficas eram mais favoráveis à rentabilidade dos mecanismos hidráulicos, como a já referida *Cascata da Peneda*²⁰¹, na foz da ribeira de Tourinhas (ver fig. II. 3, p.30).

O cultivo do cereal está hoje reduzido a pontuais plantações de milho, que em nada se assemelham às grandes extensões ainda existentes em finais do séc. XX (ver fig.II. 11, p.66).

Além do cereal, é também notória a recente redução, da densidade de talhões cultivados com primores, especialmente em courelas arrendadas às grandes quintas, talvez proporcional à diminuição da população que se dedica ainda à atividade agrícola²⁰².

Contudo, percorrendo os estreitos e pacatos caminhos do vale da Gregosa da Raia e todo o vale da Levandeira, normalmente associados aos muros, bem como à água corrente das levadas e tanques em intrincada articulação, não se vai deixar de se regozijar com a enorme variedade de espécies da policultura tradicional em sistema rotativo, desde os tubérculos que crescem dentro do solo, como batata e o nabo; ou em raízes tuberosas como as cenouras, beterraba, rabanete; os bolbos mais superficiais, como a cebola, o alho, alho francês, o cebolinho; todos eles regados por gravidade ao longo dos regos e sulcos abertos em terra fofa, alinhados em fileiras geometricamente traçadas. Seguem-se as leguminosas como o feijão (verde, louro, branco...), ervilha, tremoço e fava, estas duas últimas, tipicamente cultivadas até em regime de pousio como fixadores de azoto.

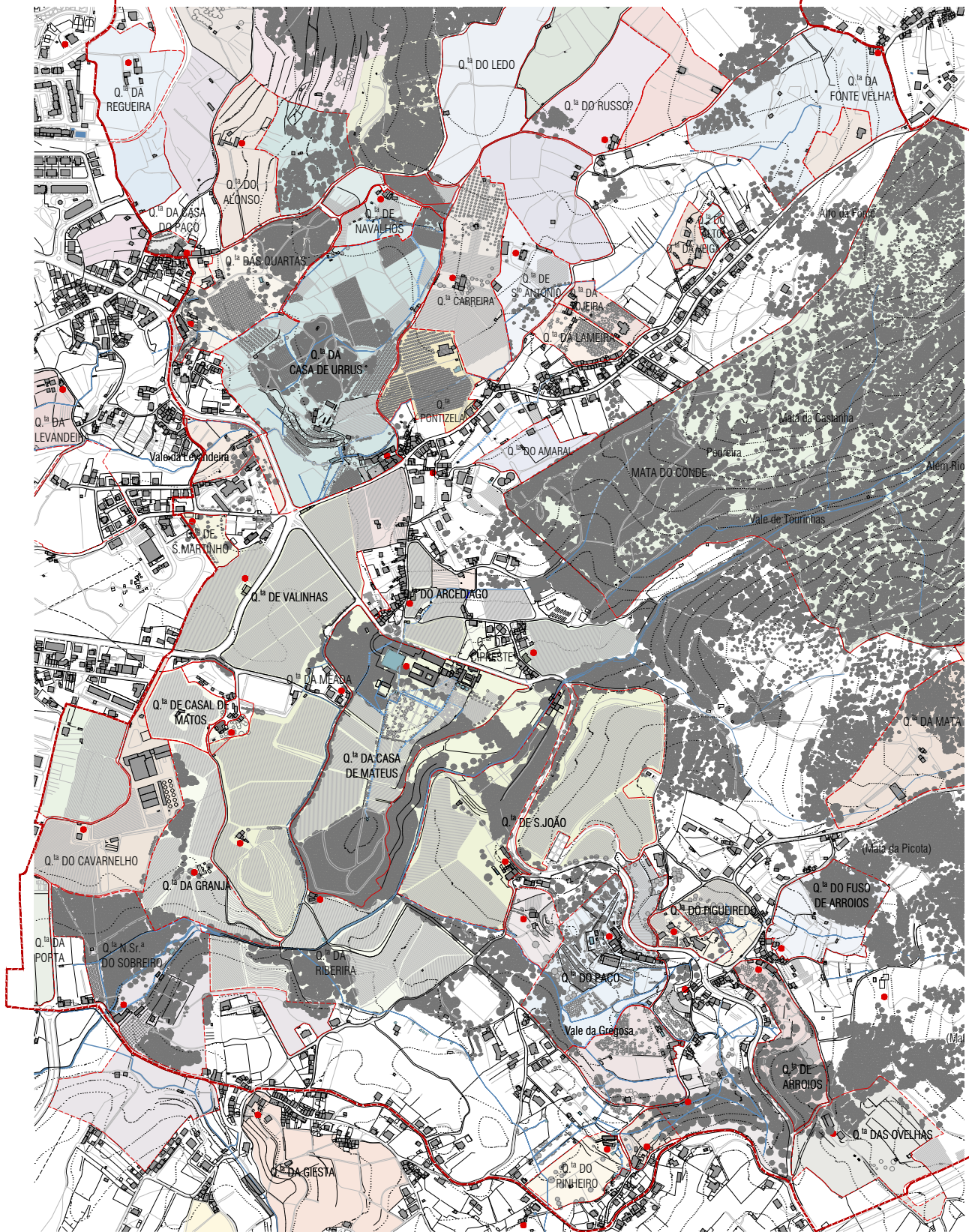
Típicas de inverno, as verduras abundantes das hortaliças, tais como as couves nas suas variedades (troncha, lombarda, bacalã, galega, couve-nabiça), os grelos, as nabiças, alfaces, salsa, agrião, espinafre, bem como as hortaliças de inflorescência, como brócolos, repolho e couve-flor.

As trepadeiras rastejantes, consumidoras de mais água, como as abóboras (menina, laranja, manteiga), chilas, meloas, pimentos, pepinos, curgetes e morangos.

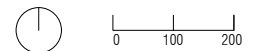
²⁰⁰(Capela, 2006, p. 51)

²⁰¹ Capítulo 1.2.2

²⁰² Comparação feita através da leitura de fotografias aéreas, informação oral, e conhecimento da área de estudo pelo autor.



Cartograma 6 - PLANTA DE MATEUS



- NÚCLEO EDIFICADO
- ARVOREDO
- TAPADA DE QUINTA
- LINHA DE ÁGUA / LEVADA
- LEVADA OCCULTA
- LEVADA DESAPARECIDA
- ÁGUA / TANQUE
- VINHA / LATADA

Formalizando um plano vertical, a vinha em bardos, tipicamente usada como separador de talhões de horta ou bordaduras de parcelas; e os já referidos legumes. Técnicas de tutoramento podem ser observadas para o cultivo dos tomates (redondo, coração-de-boi, cereja), ou mesmo o maracujá, embora este último, mais associado às suas qualidades ornamentais para os jardins, trepando e cobrindo as vedações. Do plano vertical para o horizontal, as latadas/ramadas, as espécies mais comuns são a vinha, e o kiwi.

Sobretudo dentro da quinta da casa de Mateus, o cultivo dos denominados frutos silvestres, como a amora e framboesa, já de longa tradição.

Também o girassol é pontualmente cultivado para produção de semente, dado como alimento para aves domésticas.

Em síntese, o sistema de policultura permanece ativo, segundo modos de produção biológicos; o composto incorporado é produzido no local, domina a rega por gravidade e o sistema de pousio mais frequente é feito pelo cultivo alternado dos talhões ou parcelas. Boa parte desta produção ainda abastece o mercado e pequenos estabelecimentos comerciais da cidade²⁰³.

As práticas de agricultura tradicional fomentam a biodiversidade, do qual se destacam elevado número de microrganismos, insetos e aves, cada um com o seu nicho ecológico. Importa destacar fundamentalmente as aves, não só pela sua importância ecológica, beleza, e simbologia, mas também no elo que estabelecem com os humanos ao nível da paisagem sonora.

- Pomares

Os pomares são uma componente muito importante da paisagem de Mateus, e tal como na região Duriense, ganharam maior preponderância como alternativa às pragas que dizimaram grande parte da vinha por toda a Europa, desde meados do século XIX²⁰⁴ até ao início do séc. XX. As espécies do pomar mediterrânico foram preferência até retoma da vinha, nomeadamente o olival e amendoal. Já nos anos 60 do séc. XX, aconteceu um novo grande incremento da área de pomar em Mateus, substituindo muitos patamares destinados ao cultivo do milho que iniciava a sua regressão, bem evidente pela análise das fotografias aéreas, e referida oralmente pelos moradores mais velhos.

Tradicionalmente na região, o pomar pode configurar-se de três formas: em alinhamentos que intermedeiam os talhões de cultivo, ou seja, associado à horta²⁰⁵; ao longo das bordaduras dos caminhos,

²⁰³ Tendo em vista valorização dos pequenos produtores de hortícolas nas terras de Arroios, a excelente iniciativa *Hortas da Bila* visa ajudar a fomentar o negócio, em mostras e pontos locais de venda e no mercado municipal de Vila Real; in *Jornal A Voz de Trás-os-Montes*, 21 de fevereiro de 2023

²⁰⁴ "(...) surgiram várias doenças e pragas que afetaram as videiras, como o oídio (1852), a filoxera (1863) e o míldio (1893), provocando danos graves na produção (Pereira 1991: 189)" como citado em (Frutuoso, 2018, p. 29).

²⁰⁵ Esta promiscuidade do espaço produtivo (no solo, e aéreo - na árvore) idealmente, tem como requisito quase obrigatório, que as épocas de colheita se sucedam, e não coincidam, de forma a evitar conflito no uso do espaço, e até mesmo dos recursos que as plantas necessitam a cada momento da sua evolução.



Figura III. 12 – Mosaico agrícola do vale da Gregosa
Vale da Gregosa, Arroios
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura III. 11 – Mosaico agrícola da ribeira da Levandeira
Quinta de Urros, Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023

No entanto, em situações de arrendamento de terras aos grandes senhores, que por norma não incluíam as árvores de fruto (ou seja, misturava a forma de administração direta e indireta) criava muitos descontentamentos relatados pelos moradores arrendatários, derivado do pisoteio da horta, aquando da colheita dos frutos das árvores.

tendo assim um padrão linear, reto e/ou serpenteante (também formalizado por bardos de vinha); ou então, o pomar propriamente dito, num determinado perímetro ou mancha dedicada, implantada segundo uma métrica que relaciona a técnica de exploração com a especificidade da espécie, e que frequentemente se reparte por patamares face à topografia irregular. A tipologia que associa pomar e pasto, embora residual, ainda persiste; no entanto, de maneira geral, os pomares estão em progressivo abandono.

As duas principais espécies são a supracitada oliveira (*Olea europaea*), e inequivocamente a macieira (*Malus domestica*), nas suas diversas variedades (maçã-bravo-de-esmolfe; malápio; golden; reineta; royal gala; fuji; starking Smith...). Na produção de frutos secos as espécies de maior expressão, são o castanheiro (*Castanea sativa*), também muito presente em topónimos e descrições históricas; a amendoeira (*Prunus dulcis*), noqueira (*Juglans regia*) e aveleira (*Corylus avellana*).

De entre a variedade de espécies no pomar são frequentes a cerejeira (*Prunus avium*), o pessegueiro (*Prunus persica*) (peludo; maracotão; nectarina...), pereira (*Pyrus communis*) (rocha, Smith...), ameixeira ou abrunhos (*Prunus domestica*) (rainha cláudia - vermelha, amarela e verde; mirabelle; sungold...), além de outras árvores de fruto mais banais, dispersas e pontuais, como a figueira (*Ficus carica*) (pingo de mel; lampos, rei; vindimo; abêbera...), que normalmente surgem junto aos tanques, o diospireiro (*Diospyros kaki*) (Coroa de Rei; Kaki tipo; Roxo brilhante), o marmeleiro (*Cydonia oblonga*), nespereira (*Eriobotrya japonica*), romãzeira (*Punica granatum*), e os citrinos como o limoeiro (*Citrus limon*), laranjeira (*Citrus sinensis*), tangerineira (*Citrus reticulata*) e clementina (*Citrus x clementina*), etc. A lista de espécies referidas foi realizada pela observação direta durante as visitas ao local e campanhas de levantamento.

- Vinha

Organizados pelos princípios produtivos, formalmente geométricos e compartimentados, a horizontalidade dos vinhedos contraposta à verticalidade e aparente espontaneidade do arvoredado dos pequenos bosquetes, são o que mais caracteriza a paisagem de Mateus (ver fig.III. 12, p.69).

Nas encostas e áreas mais aplanadas, além dos tradicionais bardos ancorados por esteios de xisto, a vinha surge também em latadas ou ramadas nos espaços de estar dos quinteiros das casas, e ao longo dos percursos das quintas, que podem constituir autênticos sistemas de belo efeito.

Fazendo uma regressão cronológica até 1980²⁰⁶, torna-se evidente que a nova vinha plantada veio substituir a maior parte das áreas ainda ocupadas por pomares, principalmente a sul, junto à ribeira de Tourinhas (ver fig. III. 13, p.69).

Os vinhedos estão em toda a área de estudo, ao longo dos caminhos públicos separados por muros de pedra de granito ou xisto, embora, a prosperidade da sua produção nem sempre tenha sido linear. “Os

²⁰⁶ Pela análise de fotografias aéreas do IGEOE



Figura III. 14 – Vinhedos e bosquetes
Antiga quinta de Valinhas
Fonte: Ricardo Correia, 2023

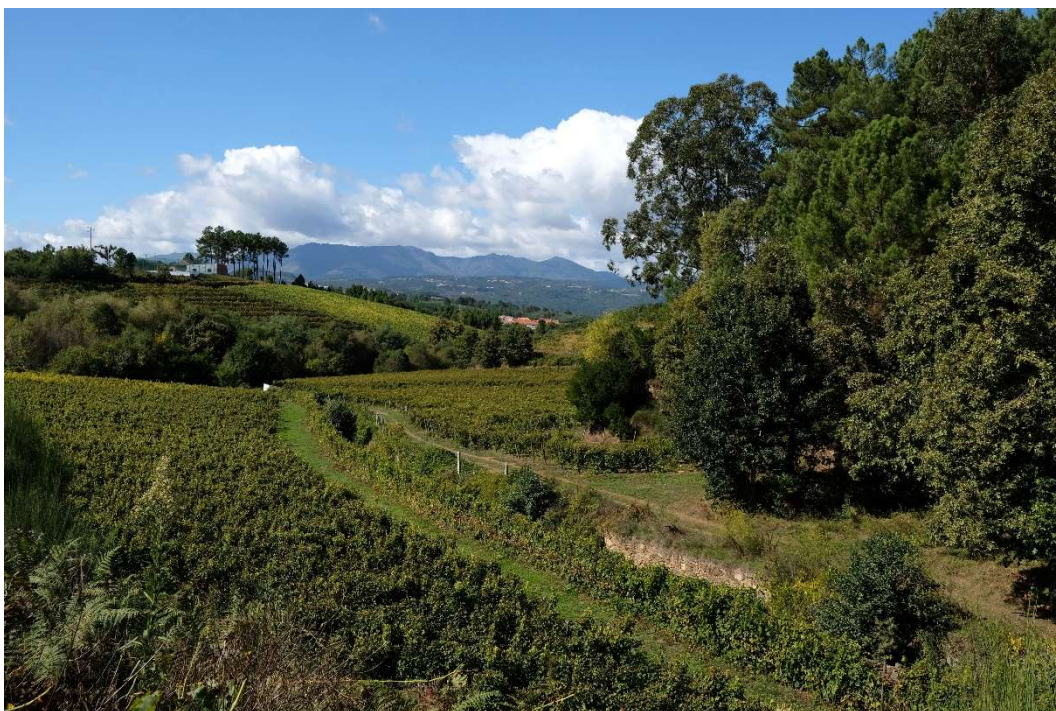


Figura III. 13 – Vale da ribeira de Tourinhas
Vinhedos e bosquetes na antiga quinta da Ribeira, Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023

tempos da filoxera trouxeram graves dificuldades para toda a região do Douro as quais foram minoradas com autorização régia para o cultivo do tabaco. No início do século XX, com a reordenação do plantio da videira com plantas resistentes àquela praga, a retoma da produção vinícola e o alargamento da demarcação da Região Demarcada do Douro à freguesia de Mateus, no consulado franquista²⁰⁷, permitiu às grandes quintas receber o chamado *benefício* sobre as melhores produções destinadas a vinho do Porto, e assim as grandes quintas voltaram a recuperar o esplendor de outros tempos. Além dos tintos generosos, a componente de altitude, propicia ótimas condições para a produção de vinhos brancos, bem como do rosé. Existe considerável número de pequenos produtores, mas boa parte dos vinhedos pertence à Casa de Mateus, e quinta do Cavernelho (Sogrape) onde se produz o mundialmente famoso *Mateus Rosé*, a partir da casta alvarelhão.

Embora seja positiva a rentabilidade e boa forma da vinha, e aparente expansão, há muitas pequenas vinhas abandonadas na última década.

- Mata

Em meados do séc. XX, a maioria das matas da área de estudo assemelhavam-se a um montado com algumas manchas de mato, que ocupavam sobretudo, festos, cabeços rochosos e vertentes íngremes, e abrangiam uma maioria de terrenos privados e alguns poucos baldios²⁰⁸, numa cintura que, nos termos da unidade territorial romana, correspondia ao *saltus* com alguns locais já de transição para a *silva*.

A progressiva cessação da prática silvopastoril, o abandono de terrenos cultivados e arborizados, somado ao desuso das *bouças/reserva* de incultos e de práticas quotidianas como o corte de lenha para aquecimento, recolha de caruma para cama dos animais, ou fabricação de composto para as terras indispensável ao regime de exploração agrário²⁰⁹, desencadeia uma sucessão ecológica que evolui de densos silvados para matos insipientes, e se estende junto com a crescente mancha florestal de origem antrópica que deixou de ser ativamente gerida. Apenas esporádicas atividades cinegéticas informais, e apicultura nas orlas de certas matas subsistem discretamente. O escasso pastoreio que ainda se avista, já não integra estas áreas, fica confinada dentro de algumas parcelas das quintas.

Toda a mancha florestal que se vem alastrando representa mais de metade da área de estudo, e desempenha importantes serviços de ecossistema dos quais se destacam a formação de solo e proteção da erosão, captação e manutenção da humidade, promoção da infiltração da água/recarga de aquíferos, que, no seu conjunto, muito contribuem para a boa performance produtiva dos campos a cotas inferiores, e explica a razão de muitos pontos de capação dos sistemas hidráulicos partam destas matas, para as quintas a jusante.

²⁰⁷ (Conde, 2017, p. 8)

²⁰⁸ A informação relativamente à existência de baldios foi obtida a partir testemunho oral.

²⁰⁹ (O. Ribeiro, 1998, p. 162)



Figura III. 15 – Pastos, matos e matas
Vista para a tapada do Conde, Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura III. 15 – Antiga azinhaga serpenteando bosquetes
Arroios
Fonte: Ricardo Correia, 2023

Cessada a dinâmica supramencionada nestas matas e terrenos maninhos, e atingida a maturidade (mata da Navalha, mata da Picota) pela falta de outro tipo de gestão, verifica-se uma certa tendência para a estabilização e simplificação, que por sua vez inibe o desenvolvimento do todo o seu múltiplo potencial²¹⁰. Genericamente, a maioria da extensão das matas é dominada por pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*), combinada com espécies melíferas como o medronheiro (*Arbutus unedo*) e a urze (*Erica umbellata*, *Erica scoparia*), o tojo (*Ulex europaeus*); a carqueja (*Baccharis trimeris*); e o abundante feto (*Pteridium aquilinum*) que dá um tom vivo ao sub coberto sombreado. Em orlas e clareiras e matos adjacentes, domina a giesta (*Spartium junceum*); e pontualmente a esteva (*Cystus multiflorus*). A mimosa (*Acácia dealbata*), é a espécie invasora mais comum. Não obstante da preponderância descrita, outras espécies coabitam em certas áreas (mata do Tapado, mata da Lage; mata dos Tocos) como castanheiro (*Castanea sativa*), a cerejeira (*Prunus avium*), e sobreiro (*Quercus suber*), além do carvalho (*Quercus pyrenaica*, *Quercus robur*) que abunda e domina certas áreas menores, dando conta da tendência evolutiva de substituição do pinhal por bosques de quercíneas, povoado por espécies com maiores exigências e um sub-bosque mais abundante²¹¹. Existem manchas pontuais arborizadas com outras espécies, como uma encosta densamente povoada por cedros (*Cupressus lusitânica*); ou da bem conservada galeria ripícola da ribeira de Tourinhas por espécies folhosas hidrófilas, como os salgueiros (*Salix atrocinerea*), o choupo branco (*Populus alba*), amieiros (*Alnus glutinosa*), freixo (*Fraxinus angustifolia*), entre outras.

Todas as matas referidas integram em continuidade um mosaico florestal mais vasto e biodiverso²¹² do qual fazem parte os vários bosquetes e a grande tapada da casa de Mateus (que se configura quase como uma área de reserva), e serão tratados individualmente no capítulo seguinte, como uma componente específica das respetivas quintas.

As matas são uma componente vital para a boa condição da paisagem de Mateus, do qual também faz parte a vertente estética de enquadramento ao património. A questão identitária, não apenas relativa à paisagem (mas é dela que se trata agora), acontece como um todo, portanto, para o seu fortalecimento é necessário que haja um maior conhecimento e integração ativa por parte da população. Os seus trilhos muito pouco frequentados (ver fig.III.15, pag.68), podem conter redes de percursos onde atividades recreativas e de lazer como a contemplação (visual e auditiva) e o desporto podem ter lugar, promovendo o bem-estar físico, psíquico, espiritual e social das pessoas (visitantes e moradores), afim da sua maior valorização²¹³.

²¹⁰ Na redução do potencial da floresta pela maturidade atingida, inclui-se a taxa de fixação de carbono, que ocorre maioritariamente durante a fase de crescimento das espécies vegetais. (C. Cabral & Ribeiro Telles, 1960, p. 28)

²¹¹ (Liga para a Protecção da Natureza, 2007, pp. 25 e 26)

²¹² Os níveis de biodiversidade referidos, dizem respeito apenas às espécies vegetais (flora) do qual foi feito um levantamento não exaustivo, e à aparente diversidade da avifauna, avistada durante as campanhas de levantamento no terreno.

²¹³ A falta de valorização é notória pelo abandono, e o uso da mata como vazadouros de todo o tipo de lixo.

3.1.4 Sistemas Hidráulicos Comunitários

O regadio tradicional localiza-se sobretudo nas zonas de montanha e dos vales submontanos, tendo no distrito de Vila Real, um comprimento do canal médio de 1,8 km, segundo os estudos de José Portela²¹⁴. Serve de proteção, não só regando no Verão evitando a secura, mas também no Inverno, minimizando o risco de congelamento das plantas por geadas, tendo igualmente uma função de fertilização transportando resíduos orgânicos²¹⁵. As terras para rega, encontram-se normalmente armadas em patamares, o que minimiza os riscos de erosão em declives acentuados²¹⁶.

“A água não é canalizada para um espaço e uma cultura “especializada” e de “rendimento”, mas para uma multiplicidade de locais, produções e actividades: abeberamento do gado, moenda de grão e lavagem de roupa, inclusive. Cria-se, assim, uma interdependência funcional (...) a pose e o uso da água e das estruturas físicas de rega podem tomar um carácter individual, grupo ou coletivo, ou mesmo misto²¹⁷.”

A nascente da cidade de Vila Real, esta magnífica obra de engenharia hidráulica multifuncional, atinge um elevado nível de complexidade, tomando dimensões que extravasam completamente a área de estudo. A irrigação das culturas alimentares é primordial e exige trabalho partilhado e intensivo, na manutenção do sistema e gestão eficiente de caudais de rega, não obstante de alguns proprietários tenham hoje outras fontes próprias complementares como poços e furos. O fluxo constante de água por gravidade, nas principais levadas, mergulha em tanques que se sucedem dentro e fora das quintas, onde o carácter recreativo e utilitário se fundem, tal como os sons do escorrimento e gotejar da água com a brisa cruzando os ramos e folhagens, transbordando tranquilidade pelos campos produtivos.

As campanhas de levantamento permitiram mapear vários quilómetros de extensão de sistemas hidráulicos, integrando os subsistemas de captação, transporte, armazenamento e distribuição, sobretudo afetos a usos mistos com dominância do regadio, mas também dos antigos engenhos artesanais como moinhos e azenhas. Embora quase sempre limitado ao que está mais aparente e facilmente acessível, só o contributo da comunidade residente, utilizadora e conhecedora desta infraestrutura, permitiu obter uma leitura geral e relativamente segura perante a elevada complexidade dos traçados²¹⁸.

Ao longo das bacias hidrográficas, da ribeira de Tourinhas e da Lavandeira, foram identificadas duas ordens de captação: as nascentes - minas que intercetam as águas subterrâneas a cotas elevadas, sendo conduzidas para poças e tanques, e/ou diretamente utilizadas para vários fins, até em última instância

²¹⁴ (Portela, 1996, p. 371 a 384)

²¹⁵ Nos estábulos e pocilgas da casa de Mateus existiam canais que drenavam os resíduos da lavagem para a chamada nitreira, donde eram carregados para fertilizar os campos, sendo esta uma prática comum até à poucas décadas atrás.

²¹⁶ (Portela, 1996, p. 372 a 374)

²¹⁷ (Portela, 1996, p. 374)

²¹⁸ Em nenhuma cartografia ou documento consultado consta qualquer traçado do sistema hidráulico que vá além da representação dos maiores tanques.

confluírem para as respetivas ribeiras; e as que derivam das próprias ribeiras, a *fio de água*, escoando a partir de pequenos açudes que elevam o nível da água, ou derivando por simples nós com comportas dispostas ao longo do seu traçado, e nem sempre aparentes.

As grandes quintas (Casa de Mateus, Casa de Urrus) têm sistemas de captação próprios que complementam o abastecimento com água de águas de partilha a partir das ribeiras. Tal como em toda a região, muitos destes sistemas devem ter tido um grande desenvolvimento ou ampliação a partir do séc.XIX com a introdução das culturas de regadio como o milho e a batata, que vieram alterar as dietas alimentares e substituir as culturas tradicionalmente de sequeiro, como o centeio, vinha e a castanha²¹⁹.

É também muito provável que, alguns destes sistemas de regadio partilhados, possam ter origem pela desintegração de algumas das grandes quintas, como a quinta do Pinheiro, por exemplo.

A título elucidativo, de seguida serão sinteticamente descritos três sistemas partilhados em áreas e cotas distintas, cujos traçados estão representados na diversa cartografia apresentada.

No lugar da Raia, uma levada proveniente do lugar do *Alto da Fonte*, nas franjas da cerca da *tapada do Conde*, reaparece na *rua da Poça*, a partir de uma mina com a inscrição de 1838 que desemboca num tanque público (antiga poça – transformada em lavadouro²²⁰), de onde derivava, pelo menos em três direções: o troço da cota mais elevada, foi desativada e cortada (pelas sucessivas repavimentações da estrada)²²¹. Essa levada seguia ao longo de courelas de horta tendo como destino os tanques do núcleo edificado da antiga *quinta de Paula Vaz*. O troço à cota intermédia, seguia possivelmente subterrâneo, até reaparecer mais abaixo, num grande tanque público na *rua da Raia*, que foi aterrado e transformado num pequeno largo com um chafariz estilo *art déco*, também desativado²²². Em resoluções deste tipo é perdido não só o património material, mas também o imaterial, associado à sociabilidade que envolve lavadouros e fontanários, que, embora ténue ainda existe.

O terceiro troço de derivação, corre ainda ao longo de propriedades particulares, enchendo tanques e regando hortas, até por fim afluir à ribeira da Levandeira.

No centro de Mateus, uma levada designada *rio conselho*, que tem origem numa mina na *tapada do Conde*, cruza a cerca junto às *portas do vale* e mergulha numa cisterna, servindo múltiplos fins. Desde logo a quinta do arcediago onde outrora regava courelas de horta, e derivava em direção à quinta de Mateus, abastecendo

²¹⁹ (Conde, 2023, p. 24); (O. Ribeiro, 1998, p. 156)

²²⁰ Lavadouro de meados do séc.XX, segundo os moradores.

²²¹ A partir dos relatos de vários moradores, fica a ideia de que muitas antigas levadas foram cortadas e desativadas por obras contemporâneas de instalação de rede de águas da companhia e de saneamento. Facto que não devia ser legal, dado tratar-se de um bem público, que não é domínio ou monopólio do Estado. Foram relatadas manifestações por parte da população dando conta do seu desagrado em resposta a tal situação.

²²² Os diversos fontanários (a maioria em estilo art déco), foram construídas pela CMVR, nas décadas de 40 do séc. XX (Conde, 2023, p. 2). Recentemente foi instalada uma pequena capelinha ao centro desse pequeno largo embasado no antigo tanque.

nesse trajeto o lavadouro público, hoje localizado na rua do Ribeiro (topónimo relativo a esta levada), e o chafariz do largo Morgado de Mateus datado de 1949. Na outra direção, seguia em vários troços subterrâneos, ultrapassando vários quinteiros particulares em direção ao lugar e quinta das *meadas*, reaparecendo do interior de um muro, seguindo no seu topo (de forma corriqueira após reformulações profundas nos anos 60 do séc.XX), até à quinta da Ribeira onde afluía no Tourinhas.

Á cota mais alta, a freguesia de Arroios, que “he lugar de muitas águas²²³”, o seu som corrente nas levadas que desmultiplicam pelas vertentes em terraços povoado por uma infinidade de tanques, é uma característica muito agradável de uma paisagem bucólica de hortas, pomares e prados ainda pastados por rebanhos de ovelhas e cavalos. Boa parte da rede de levadas de caráter misto, funciona plenamente e de forma partilhada, tendo várias proveniências, como refletem os topónimos de Ribaboa e Torneiros que integram a freguesia. Com tantas águas que se ramificam e juntam, tornam inapropriada uma descrição mais concreta de algum troço em particular, sendo mais elucidativa a leitura dos vários cartogramas produzidos.

A nível construtivo, os canais de transporte tradicional da água tomam várias soluções que normalmente variam ao longo do seu percurso. O mais comum é serem escavados em terra ou em terreno mais ou menos rochoso, com exceção para os pontos cruciais, de derivação, mudança de nível, atravessamentos e bocas de rega, que são construídos em blocos de pedra e canaletes maciços, que funcionam em regime de autogestão pela comunidade. No interior das quintas, as soluções construtivas são mais enobrecidas, normalmente por peças em cantaria de granito, como será visto de forma mais detalhada no capítulo seguinte.

Embora, esta obra de arte se apresente transversal e contínua, servindo os vários espaços da comunidade, quer públicos como privados, é provável que os seus proprietários das quintas possam ter sido os promotores. Seja como for, só uma objetiva e profunda investigação poderia rastrear na íntegra cada sistema, considerando os seus aspetos históricos, culturais, etnográficos e paisagísticos.

“Os regadios tradicionais são muito mais do que uma unidade hidrológica, uma obra hidráulica ou uma realidade agronómica. São tudo isso, mas também um conjunto de instituições e estruturas sociais (...) um recurso endógeno, mas o seu desenvolvimento total pressupõe que sejam conhecidos e compreendidos nas suas múltiplas dimensões²²⁴”.

²²³ (Carvalho da Costa, 1706, p. 519)

²²⁴ (Portela, 1996, p. 380)

3.1.5 Tipologias de Quinta

Boa parte dos elementos e sistemas constituintes da paisagem, discriminados e analisados nos capítulos anteriores, estão agregados em tapadas de quinta, que se constituem como unidade de produção e recreio no interface periurbano entre o domínio urbano e o rural, como é apanágio da maioria das cidades portuguesas, fruto de uma evolução cultural secular.

“A quintana (que evoluiu, foneticamente, para quintã e, a partir do século XV, para quinta) teria resultado da desagregação da villa, unidade de domínio e exploração agrária da época romana e visigótica, que se manteve, com esse significado, a par de outros (aldeia e vila), até bem tarde²²⁵”. Durante a agitação deste período e com a implantação da ordem feudal embrionário da formação do país, “a quinta teria assumido um crescente estatuto de domínio senhorial, integrando a residência ou paço (*a pars urbana da villa romana*), por vezes com carácter defensivo e de protecção das populações vizinhas, a par de outras instalações de apoio à exploração agrária (*a pars rustica e a pars fructuaria romanas*) e das terras de cultivo circundantes²²⁶”. No entanto, estudos vêm demonstrando uma evolução heterogénea entre “outras sub-unidades das *villae*, em especial os casais (...). Esse carácter senhorial das quintas terá sido o principal factor de distinção relativamente a outras formas de propriedade rural, como o casal, associado a estratos sociais mais baixos²²⁷”.

Após essa complexa conjuntura económica, social e cultural, do florescente ambiente cultural da Península Ibérica que foi o período medieval, as unidades agrícolas de produção de hortícolas, frutícolas e vinha, foram integrando em espaços dedicados ao recreio com regras próprias de concepção e construção, autonomizando-se a partir dos finais do séc. XV e inícios do XVI, impulsionado pelo ambiente favorável das descobertas em que a construção de quintas, além de prestigiante, era tido como um investimento seguro face à grande demanda dos produtos tradicionalmente cultivados no mercado interno, mas sobretudo para exportação via marítima nos séculos posteriores²²⁸, do qual a cultura da vinha no Douro é um exemplo.

Após a renovação cultural gerada por princípios humanistas depois da reconquista, num contexto em que as quintas estavam na posse de quem não trabalhava a terra, ou seja, “o proprietário desta nova unidade agrícola não é já, o lavrador, o camponês, mas o cidadão que habita, apenas, temporariamente e cujos requisitos de conforto determinavam novas linguagens arquitectónicas no edifício e cujo, sentido de vilegiatura, que o leva à quinta, implica, também, transformações na propriedade rural e no próprio sistema produtivo”²²⁹.

²²⁵ (Pereira Gaspar, CITCEM, 2014, p. 11)

²²⁶ (Pereira Gaspar, CITCEM, 2014, p. 11)

²²⁷ (Pereira Gaspar, CITCEM, 2014, p. 11)

²²⁸ (Carapinha, 1995, pp. 195, 196)

²²⁹ (Carapinha, 1995, p. 198)

O carácter que muitas quintas passam a apresentar, muitas vezes refletem aspirações pessoais dos seus proprietários, sendo importante perceber que “em qualquer tempo a casa de campo - quinta de recreio - é ideológica, social e economicamente um símbolo de urbanidade e, como tal, está intimamente ligada à cidade²³⁰”. Muitas quintas rústicas, que normalmente apresentam uma estrutura mais simples determinada pela produção, vão sofrer modificações integrando novas linguagens influenciadas pela tratadística renascentista italiana e suas *villas*, cujos princípios essenciais estão na génese da quinta de recreio em Portugal, e vão permanecer até ao séc. XVIII adaptados à realidade nacional, não obstante das mudanças conjunturais²³¹, e do qual os vários casos de estudo seleccionados são um exemplo.

Aurora Carapinha na sua tese de doutoramento intitulada como uma aproximação da especificidade e *Da Essência do Jardim Português*, demonstra que “a quinta de recreio é o espaço mais característico da arte de jardinar em Portugal e conseqüentemente onde melhor se expressa o conceito de jardim na cultura lusitana²³²”. Sistematiza a versatilidade das suas componentes “como um todo organizado: mata, edifícios, horto de recreio, pomar/horta (...) onde o recreio e a produção compartilham o mesmo espaço, invadindo se mutuamente, estabelecendo relações formais e funcionais²³³”.

Este conjunto de 5 elementos fundamentais que constituem a unidade da quinta, foi, portanto, o ponto de partida e parâmetro para a identificação das quintas na área de estudo de Mateus.

A partir da observação de uma sequência cronológica de fotografias aéreas, foi feito o rastreamento preliminar destas componentes, cartografando criteriosamente a estrutura base desta temática e património, conseguiu-se obter uma síntese do seu mosaico paisagístico, do qual será feita a interpretação sistemática, redefinindo para sete, os parâmetros utilizados para a identificação e levantamento das quintas de Mateus: 1. Núcleo edificado; 2. Horto de recreio; 3. Pomar; 4. Horta; 5. Bosquete; 6. Vinha (por ser predominante na área de estudo) e Sistemas Hidráulicos.

Se por um lado as tapadas e cercas, são símbolo de divisão, posse e encerramento à continuidade e participação no espaço público, ao mesmo tempo, são elemento que dá sentido unitário à quinta, especialmente quando contíguas como em Mateus, onde as cercas se diluem no mosaico compartimentado que prevalece, demonstrando versatilidade pelas relações de complementaridade que estabelecem, e refletindo bem as íntimas relações entre os conceitos de jardim, quinta e paisagem. O património que materializa essas mesmas relações espaciais construídas, além da sua dimensão, e arranjo em formas e

²³⁰ (Carapinha, 1995, p. 198)

²³¹ (Carapinha, 1995, pp. 203 e 204)

²³² (Carapinha, 1995, p. 23)

²³³ (Carapinha, 1995, p. 23)

funções variadas que dão o caráter singular a cada quinta, vão constituir-se como critério de seleção, desenvolvido no capítulo que se segue.

No último capítulo deste estudo, é apresentada uma tabela síntese que compila a grande maioria das quintas identificadas na área de estudo, segundo os parâmetros estabelecidos²³⁴, notando a agregação ao princípio ordenador da quinta como unidade de produção e também recreio, nem sempre de clara classificação. Ilídio Araújo na sua breve introdução ao estudo desta temática²³⁵, aborda o facto de muitas quintas classificadas tipologicamente de recreio, nem sequer aspiravam a essa categoria, notando que os elementos recreativos nem sempre se dispersavam por toda a quinta, e que em muitos casos “a zona recreativa se circunscreve àquilo que se pode chamar o quintal, isto é, a zona murada que junta a casa delimitava a horta e pomares²³⁶”, como é possível observar também em Mateus.

“O ordenamento destes hortos ou quintinhas obedece aos mesmos princípios das grandes quintas, com diferença de que nelas tudo surge mais concentrado. Em diferentes terraços, ou ocupando um só plano, elas compreendem em geral o tabuleiro do jardim, os talhos da horta, os quarteirões do pomar com as suas diferentes espécies frutícolas, as fontes e tanques, os caminhos cobertos ou não com latadas e ladeado frequentemente por bancos de pedra encaixados em alegretes floridos²³⁷”.

Em Trás-os-Montes e Alto Douro, a dominância nítida da produção muito raramente exclui aspetos de recreio para usufruto dos proprietários, que se revela pela vegetação ornamental no tratamento dos seus canteiros floridos e/ou envasados, no uso estético da água, das latadas e bancos, em subespaços definidos por muros, sebes de vegetação e/ou grandes árvores ornamentais que pontuam e compõem morfologicamente o espaço, embora frequentemente sob uma configuração discreta e informal, em torno de um terreiro ou empedrado (ver fig. III.15 p.78).

3.2 Regimes de Morgadio

Uma das razões para a existência destas antigas grandes quintas nesta zona nascente da cidade de Vila Real, para além das condições biofísicas favoráveis, está relacionada com a prática que se tornou corrente a partir de seiscentos, de instituição de morgadios por elementos das famílias nobres aqui residentes. “Até então, seria comum que vários dos seus membros possuíssem terras próximas ou até contíguas umas das outras, onde se implantariam as residências dos diversos núcleos familiares²³⁸”. Em Mateus muitas famílias detentoras das quintas eram aparentadas de diferentes graus. “A gestão deste património familiar era assim

²³⁴ incluem-se na lista as quintas que possuem a maioria destes requisitos, não obstante de se poderem encontrar hoje arruinadas.

²³⁵ (Araújo, 1974)

²³⁶ (Araújo, 1974, p. 15)

²³⁷ (Araújo, 1974, p. 15)

²³⁸ (Mota Veiga & Aguiar, 2013, p. 3)

mais atomizada e da responsabilidade do senhor ou senhora de cada uma das casas, na qualidade de herdeiro de sangue ou comprador. (...) é a partir do século XVII que se dá a mudança na gestão deste património, convergindo desde então todo o esforço para a sua acumulação e concentração num único e eleito administrador: o morgado²³⁹”.

Os bens vinculados afetos a uma obra pia, eram sobretudo domínios fundiários unidos indissolúvelmente a uma família ilustre, com determinadas obrigações religiosas²⁴⁰, promovendo a posse de terras e sua rendibilidade, geralmente, obrigando a cada administrador acrescentar a terça²⁴¹ em terrenos adjacentes, não podendo ser vendidos ou alienados sem expressa autorização régia.

O caso de Mateus ilustra bem este processo, depois da Mitra bracarense que era a grande proprietária dos terrenos na Idade Média, o cadastro predial foi-se tornando mais complexo com a formação de inúmeras quintas e casais, algumas pertencendo a pequenos nobres e membros do clero, até se voltar a simplificar, com a integração de certas propriedades no património de grandes casas senhoriais (frequentemente também proprietárias de moradias urbanas e outras quintas na região).

Sem dúvida que seria interessante poder rastrear a evolução cronológica dos vínculos dos morgadios, das propriedades e seus bens imóveis, para assim investigar como a posse da terra influenciou a forma de humanização desta paisagem. Perante a inexistência de qualquer cadastro predial geométrico disponível, ou estudos nesse âmbito²⁴², apresenta-se de seguida uma sintética nota para compreensão dos ditos vínculos a que varias quintas estiveram afetadas, que determinaram, em parte, a evolução da PCM:

i. Os documentos mais antigos do arquivo da casa de Mateus datam de 1488 mas foi em 1641 que a freguesia conheceu factos relevantes e determinantes para a sua história e identidade, com a instituição do primeiro vínculo de morgadio por António Álvares Coelho²⁴³, alavancando o que veio a ser a casa senhorial de Mateus, hoje com mais de quatro séculos de história, titulada pela mesma família, e que, por junções hereditárias e aquisições ao longo do tempo, foi juntando grandes áreas, “na qual se destacam o monte de Santa Sofia, a Quinta de S. João, a Mata do Conde, o bairro de Casal de Matos e a antiga aldeia de Mateus e como a ligação histórica destes territórios à Casa de Mateus permitiu manter, até hoje, uma vocação antiga de proteção da envolvente paisagística²⁴⁴”.

²³⁹ (Mota Veiga & Aguiar, 2013, p. 3)

²⁴⁰ (Sousa, 1987, p. 126)

²⁴¹ “A *legítima* é a porção legítima dos bens do pai dada aos filhos ou, ainda, a porção mínima de bens que a lei assegura a todos os herdeiros; ela não pode ser utilizada para constituir ou aumentar um morgadio; e representa dois terços do capital dos pais. O terço restante, a *terça*, é a única parte a partir da qual o pai de família pode instituir um morgadio; pode utilizar, também, a herança da esposa ou, ainda, os bens adquiridos pelo casal, juntando assim os bens e as terças de duas famílias para fundar um morgadio.” (Wateau, 2000, Capítulo III)

²⁴² As limitações na obtenção de tal informação, não permite ir muito mais além dos nomes e datas assinaláveis na vida dos seus administradores e herdeiros, que para o âmbito deste trabalho pouco acrescenta.

²⁴³ (Conde, 2020b, p. 12)

²⁴⁴ (FCM, sem data)

Em 1691, D. Maria Coelho Mourão, viúva do desembargador Matias Álvares Mourão, vinculou ao Morgado bens de raiz e ainda toda as peças de prata; determinou ainda que todos os administradores do Morgado nos primeiros quatro anos da respetiva administração, vinculassem anualmente boa fazenda que fossem "o mais vizinho que pudesse ser "da Casa de Mateus, a cabeça do Morgado, e não havendo bens para comprar, cada administrador poria o dinheiro a juro de 5% até se efetuar a compra²⁴⁵.

O título de Conde de Vila Real é concedido em 1823 a D. José Luís de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos, título pela qual passariam a ser chamados os seus descendentes²⁴⁶.

“A acumulação de terras demorará algumas gerações e mais do que na compra, será baseada em alianças matrimoniais entre parentes próximos, potenciando a acumulação e evitando a dispersão patrimonial por diferentes famílias²⁴⁷”. Mediante os vários contextos económicos, várias propriedades foram agregadas e desagregadas à casa, sendo hoje a Fundação da Casa de Mateus, como que a herdeira/ administradora daquele que é o património mais vasto e importante da freguesia.

ii. O Morgado de Arroios vinculado na igreja S. João Baptista de Arroios esteve, desde a sua fundação, na família Álvares Coelho (1690-1797), passando então para os Cardosos Pereira Pinto de Menezes (1797-1806), Rebelo de Matos e Rocha (1806-1911), Cardoso de Menezes dos Conde de Margaride (1911-1998), terminando em doação à Junta de freguesia de Arroios por vários membros da família Margaride (em 1998)²⁴⁸. Nesta sequência cronológica convém referir que no séc. XVIII, em sucessão a seu tio paterno, o 4º Morgado de Mateus D. Luís António de Souza Botelho Mourão (1722-1798) acabou por ser o 6º administrador do vínculo de Arroios, tomando apenas posse de alguns bens, e ainda 3º Senhor da Capela de S.to António de Arroios em Vila Real, Senhor da Casa de Vale Nogueiras e da Casa do Paço de Abambres em Vila Real.

O 9º Senhor do Morgado de Arroios, Moço Fidalgo da Casa Real por sucessão, Manuel Cardoso Pereira Pinto de Menezes (1740-1811), desfez-se de os bens vinculares que possuía em Arroios, a sua quinta, casa, capela, terras, foros e prazos, o que abriu várias contendas jurídicas com a Casa de Mateus, sobre a posse e propriedade deste morgadio, pois entendia que deveria ser anexado ao morgadio de Mateus²⁴⁹.

iii. A escritura do vínculo da capela da Casa das Quartas realizado em 1766, refere a propriedade onde se erigiu a casa senhorial sita no rio Pequeno no limite de Abambres, descrevendo que na época “consta de Terra de pão e algumas Parreiras levantadas com sua agoa de rega e algum souto com seu monte que tudo he livre e dízimo a Deos sem pagar foro ou pensam alguma como obrigassam de que dos rendimentos da

²⁴⁵ (Sereno & Noé, 2006)

²⁴⁶ (Sereno & Noé, 2006)

²⁴⁷ (Mota Veiga & Aguiar, 2013)

²⁴⁸ (Menezes, 2018, p. 5)

²⁴⁹ (Menezes, 2018, p. 24 a 26)

ditta propriedade sera reedificada com a da ditta Capella em primeiro Lugar e os sobeijos serem para o administrador que para o futuro soceder nella²⁵⁰.” Em meados do século XIX, uma aliança matrimonial liga a “Casa das Quartas com a Casa de Vale de Nogueiras, por sua vez aparentada com a Casa do Paço e a Casa de Mateus, introduzindo o actual apelido Coelho Mourão na família dos Senhores da Casa das Quartas²⁵¹”.

Temos assim os vínculos de morgadio, a da Casa de Mateus, Arroios, Quartas, entre os demais nobilíssimos edifícios, com suas famílias de muito antigas nobrezas²⁵².

Em grande medida, a paisagem de Mateus é fruto de um modelo de gestão senhorial, de várias famílias de interesses nem sempre convergentes, mas inevitavelmente vinculadas no espaço e no tempo aos mesmos modelos, tipologias, técnicas e conceitos produtivos e estéticos, seus ciclos e vicissitudes, que resultam numa paisagem diferenciada pela sua qualidade, padronizada por quintas e suas orlas de mata das atuais freguesias meeiras de Mateus e Arroios, não obstante do processo de desestruturação em curso.

Das magníficas descrições das freguesias de São Martinho de Mateus e de São João Bautista de Arroyos nas inquirições de 1721, podemos depreender a vivência e belíssimas atmosferas criadas pelo homem, e das quais ainda se podem deslumbrar remanescências:

“Está esta freguezia distante desta villa menos de um quarto de legoa, para a parte do nascente, toda bem assentada, tem frutíferas terras com muitas agoas de rega, qua a fazem fertil de pam, vinho e azeite, castanha, legumes, hortas, e pomares de frutos para todo o tempo do anno, toda copada de arvoredos, com rendozas quintas e bosques frescos. Os lavradores se tratão limpos e aseados, por ser gente que habita entre tanta nobreza, como tem esta freguezia, sendo a maior parte dos fidalgos da Caza Real, que vivem com o lustre conducente á nobreza que de seus progenitores herdarão, os quais uzam dos appellidos de Teixeiras, Coelhos, e Silvas da Caza do morgado de Sam Bras, desta villa. E assim mais, Botelhos, Mesquitas, Azevedos, e Cabrais da mesma, e Alvares, Coelhos e Mouroens da Caza do Morgado de Matheus²⁵³”. Relativamente à freguesia de Arroios, do lado nascente, “tem muitas quintas amenas e rendozas, tem muitas agoas, verdes prados, olivais, soutos, pomares de excellentes frutas de todo o tempo do anno (...) em abundância; tem muitas cazas de familias nobres, e se conservão com riqueza e respeito de suas antigas qualidades. Os lavradores sam praticos, e aseados, como nascidos e habitantes entre tam boas familias, as quais uzão dos appellidos Teixeira, Miranda, Cão, Gouvea, Alvares, Coelho²⁵⁴”.

²⁵⁰ Excerto da escritura do vínculo da Capela da casa das Quartas (Conde, 2021, p. 21)

²⁵¹ (Conde, 2021, p. 30)

²⁵² (Sousa, 1987, p. 492)

²⁵³ (Sousa, 1987, p. 492)

²⁵⁴ (Sousa, 1987, p. 498)

IV. QUINTAS DE MATEUS

4.1 Critérios e parâmetros de seleção

As quintas de recreio são uma tipologia de património paisagístico de entre diversas categorias, que, por no seu conjunto corresponderem a um espaço multifuncional (produção, proteção, recreio) identitário da paisagem, torna possível ensaiar a sua interpretação, e compreender como a cultura portuguesa pensou ou se relacionou com o meio ao longo do tempo²⁵⁵. Dado que cada quinta é um caso particular, possuidor de características próprias resultante de relações complexas e irrepetíveis, a análise sistemática de um caso de estudo concreto, permite revelar cambiantes regionais subtis ou divisões fundamentais.

Em primeiro lugar foi necessário identificar as componentes, características e funções gerais na unidade da quinta, avaliando o interesse e qualidade dessa manifestação, para em segundo, fazer um levantamento objetivo no terreno, baseado nestes critérios previamente estabelecidos:

I. Núcleo Edificado – A quinta pode ter um ou vários núcleos edificados, que por sua vez se podem localizar dentro e fora da sua cerca, mas existe sempre o seu núcleo principal, constituído, pela casa, frequentemente com capela privativa²⁵⁶, a qual se pode juntar o horto de recreio em íntima relação. São estes os principais elementos construídos que refletem quase sempre traços de uma arquitetura erudita; o restante edificado anexo afeto à produção, geralmente apresenta características inteiramente funcionais, mas participa na definição espacial de todo o núcleo, que pode conter programas, dimensões, e configurações bastante variáveis, frequentemente evolutivos, e que nos dizem muito sobre a história e caráter de cada quinta. Por vezes, da aparente simplicidade da articulação espacial do seu programa e edificado consecutivamente ampliado e reformado, só atendendo aos conceitos e técnicas particulares de cada época facilitam a sua identificação e enquadramento.

É no século XVIII, momento de grande fulgor de construção, que se dá o grande incremento de uma arquitetura mais erudita no norte de Portugal, alicerçada finalmente a princípios tratadísticos que se concretizaram no apelidado estilo barroco nortenho, do qual o arquiteto italiano Nicolau Nasoni é a figura mais paradigmática pelo legado e escola que deixou, porém, o estilo conservador português manteve a dominância de formas arcaizantes e sóbrias.

Regra geral, as casas e solares transmontanos têm uma volumetria horizontal e apresentam elementos decorativos apenas na fachada, existindo grande disparidade com o interior austero. O piso térreo funciona quase sempre para arrecadações, adegas, celeiros e/ou eventualmente a cozinha, e o andar nobre, superior,

²⁵⁵ (Carapinha, 2021)

²⁵⁶ Nas quintas de recreio no sul de Portugal, a capela surge frequentemente autónoma ou justaposta ao corpo habitacional (Gil Pires, 2017, p. 191).

é ritmado por janelas de maiores dimensões que acompanham a composição da fachada por pilastras, cornijas e o brasão da família. A escadaria exterior, é normalmente um elemento de maior exuberância, tal como a capela quase sempre adoçada num dos topos.

Há uma tentativa evidente de relacionar a casa com o horto de recreio, normalmente subordinando a natureza às mesmas regras arquitetónicas²⁵⁷.

O núcleo edificado é o epicentro de toda a quinta, de onde partem os caminhos estruturantes e geralmente se concentram os principais tanques com funções ambivalentes e que abastecem as áreas produtivas.

II. Horto de recreio – embora o conceito de jardim abranja o conjunto da quinta, o horto/jardim é o espaço que mais determina o seu carácter de vilegiatura. O poder económico e carácter dos proprietários, normalmente é sinónimo de investimentos e multiplicação de subespaços de recreio ao longo das épocas, e em cada empreitada o reflexo do seu tempo²⁵⁸.

Geralmente na proximidade do núcleo construído da casa, ajustado às suas formas que lhe define a geometria e a relação interior/exterior, o jardim articula a transição entre as áreas domésticas e recreativas, filtra a permeabilidade com as áreas de produção e seus níveis topográficos. A delimitação é feita através de arbustos ou muros estabelecendo relações visuais com espaços de produção e a paisagem envolvente. Os espaços do jardim apresentam maior formalismo na construção de espaços limitados de maior intimidade, e tem claro sentido sensitivo, quer pela diversidade e léxico da vegetação empregue, dominada por sebes vegetais de vários estratos, bordaduras vivazes e/ou de buxo topiado com canteiros floridos no interior, constituído por plantas aromáticas, medicinais, alimentares e ornamentais, bem como a utilização recreativa do elemento água ligada em sistema. Tomando a forma de tanques e taças com água e/ou fontes que polarizam o espaço, outros elementos construídos como bancos, alegretes, muros e pérgulas que se adoçam, revelam a promiscuidade espacial com a vertente produtiva, em ambiências contrastantes de luz, cores, texturas e aromas de carácter mediterrânico.

No séc. XIX, a instalação da vegetação exótica mais solta, contrapõe o tom e a geometrização do espaço dada pelos passeios, canteiros e muros; pôr outro lado, também reforça essa mesma geometria ao longo da estrutura da quinta com os frequentes alinhamentos arbóreos nas bordaduras dos caminhos.

III. Pomar – A fruta é um alimento essencial na dieta mediterrânica, e o seu tradicional cultivo teve origem em hortos familiares conjuntamente com espécies ornamentais, ou em campos, por entre hortas e vinhedos²⁵⁹. A fruticultura, como arte de cultivar racionalmente as plantas frutíferas atendendo às suas

²⁵⁷ (C. de Azevedo, 1988, p. 70 a 75)

²⁵⁸ As referências da quinta portuguesa vão desde as remanescências do jardim da villa romana, o carácter agrícola, utilitário e sensitivo do horto mourisco que perdura até ao séc.XVII, aos princípios ordenadores humanistas que vão prevalecer até ao séc.XVIII para se desvirtuarem no séc.XIX, quando lhe imposto um desenho orgânico do léxico romântico desconstruindo a formalidade vigente (Carapinha, 1995, p. 265).

²⁵⁹ (Escobar, 1988, p. 13)

exigências culturais especializadas é uma prática milenar, como demonstram tratados agrícolas romanos como Columela ou Catão, por exemplo.

Após o séc. XVI, em Portugal, a substituição da laranja amarga utilizada desde os romanos e nos jardins islâmicos pela laranja doce, teve tal repercussão, que se torna uma das espécies mais emblemáticas das quintas de recreio portuguesas, de sul para norte do país, e produto secular de exportação²⁶⁰. O controlo dos fatores limitantes à produção obrigou à manipulação física do espaço por consequente conformação dos subespaços das quintas.

O Pomar é por norma um recinto produtivo com boa exposição solar onde a massa arbórea surge compacta pela repetição e compasso geométrico bem definido, quase sempre fechados por sebes de vegetação ou muros que condicionam dos fatores climáticos adversos.

A necessidade de rega do pomar no sul de Portugal, que determina que lhe esteja associado um sistema de tanques e levadas e caminhos, não é tão frequente no Norte, mas a sua frequente implantação a meia encosta agregada a muros de socacos e escadas, origina igualmente um conjunto de gramáticas espaciais e vivenciais semelhantes por onde se pode deambular ou caminhar. Correntemente o pomar surge integrado ou como extensão direta do horto de recreio, partilhando de toda a sua poética espacial, cromática, aromática, da textura, das folhas, das flores e dos frutos que balançam ao vento, que caem e se renovam segundo o ciclo da vida.

A norte do Douro vinhateiro, são frequentes o pomar de maçã, o olival, o amendoal, o cerejal, e o pomar misto, porém, em muitas quintas as árvores de fruto estão restritas à bordadura dos caminhos, e/ou intercalando talhões de horta, ou somente surgem associadas ao horto/jardim.

IV. Horta – A dimensão geralmente desafogada de uma quinta dá a possibilidade ao proprietário de eleger a melhor localização da horta, tendo em conta as maiores exigências da horticultura. Desde logo os melhores solos, situação e exposição solar favorável, pendente subtil, conformação regular, disponibilidade de água e de acesso fácil, pois necessita de trabalhos frequentes. Através de práticas racionais é possível potenciar a fertilidade, modificar a temperatura do solo, minimizar a ação negativa dos ventos, e salvaguardar das plantas extremas, criando microclimas²⁶¹ mais propícios ao bom desenvolvimento das culturas.

Desta maneira, os espaços das hortas normalmente localizam-se nos terrenos mais baixos das quintas, encaixados ou compartimentados por sebes, ordenados em talhões geométricos segundo os princípios cultivares específicos, estruturados por uma grelha de caminhos efêmeros de serviço entre parcelas, e

²⁶⁰ (Carapinha, 1995)

²⁶¹ (Grau, 1976)

servidores, integrados na rede hierarquizada de caminhos que conecta todos os subespaços da quinta. Tradicionalmente as árvores de fruto de folha caduca podem estar inseridas na horta separando as parcelas, e bordejam ritmadamente os caminhos, por vezes até misturados com árvores ornamentais. O contraste morfológico entre os espaços da horta e pomar, normalmente adjacentes e a atmosfera de policultura vibrante, colorida, texturada e dinâmica da horta, resultado de trabalhos mais minuciosos que qualquer horto, torna-os dignos de contemplação como subespaço do grande jardim produtivo da quinta, e por isso árvores, latadas e flores acompanham estes percursos.

A escala da produção hortícola parte do abastecimento familiar, e pode ou não estar orientada para a produção de excedentes para colocar no mercado. No jardim, que é toda a quinta, a horta representa o local térreo onde o milagre de reprodução da vida acontece de forma mais intensa.

V. **Bosquete** - é a das componentes mais ecológicas da quinta de recreio portuguesa, apresentando uma estrutura complexa, multiestratificada por flora diversificada, tendo como função prioritária a proteção das zonas mais expostas por meio da vegetação na sua forma naturalizada. Este espaço dinâmico de associações vegetais silvestres, frondoso e vertical, protege a quinta face aos ventos indesejados, promove a amenidade térmica e a biodiversidade da qual as culturas beneficiam; ao mesmo tempo que protege o solo da erosão, aumenta a infiltração e contribui para fertilidade, oferecendo assim importantes serviços de ecossistema e matérias-primas para a sustentabilidade e autossuficiência da quinta. Ocupa as zonas mais declivosas e cabeceiras da quinta, normalmente coincidentes com as captações de água.

Além da sua funcionalidade inerente, o bosque como subespaço do grande jardim/quinta, simboliza a natureza virginal, primitiva, indomada e selvagem, de forças desordenadas, por oposição ao horto, uma obra da técnica, e do espaço organizado, e racionalizado, de espécies selecionadas. É também um espaço intimista e misterioso, de agradável frescura e sombra nos períodos quentes, sendo por essa razão, não raras vezes colonizado por estruturas de recreio, como mesas, bancos e tanques discretos e informais ao longo dos caminhos deambulantes, complementando, também por contraste, os restantes espaços da quinta.

As quercíneas são a vegetação predominante, mas também diversas espécies de *pinus*, e vegetação exótica, introduzida principalmente no século XIX, numa tendência subversiva que veio reforçar o caráter contemplativo e ornamental deste subespaço.

Faz parte deste tópico uma outra tipologia de espaço florestal, externo ou adjacente à cerca da quinta que é a mata/tapada, reserva cinegética e de práticas agro-silvo-pastoris em maior extensão, tipologia normalmente associada aos maiores palácios da realeza, mosteiros e conventos, mas também pela elite da alta nobreza. Cumpre as mesmas funções de proteção para uma área mais extensa, ao qual crescem as

funções ecológicas de habitat que permitiam a sustentabilidade da caça de animais selvagens num recinto fechado.

VI. **Vinha** - é adicionada às componentes essenciais que constituem a quinta de recreio, por ter aqui uma larga expressão, ser secularmente dominante na área de estudo, e sem dúvida o maior produto de riqueza das quintas. Acresce o facto de a vinha ser uma imagem de marca desta paisagem particular rotulada e mundialmente conhecida como património da Humanidade, como demonstra o famoso Mateus Rosé, o vinho português mais vendido mundialmente, bem como a sua integração nas vinhas de benefício da Região Demarcada do Douro.

“A vinha (. . .), é, ao mesmo tempo, o *atelier* e o banqueiro dos viticultores e dos vinhateiros; ela necessita e subvenciona, em seu redor é produção do pão e da carne, ela paga um largo tributo ao Estado, ela exporta para longe os seus produtos e encontra, ainda assim, o meio de remunerar largamente o seu proprietário, se este é, de facto, um consciente e verdadeiro viticultor²⁶²”.

A cultura da vinha está adaptada a uma topografia moderadamente ondulada, ocupando preferencialmente os terrenos a meia encosta voltada genericamente a sul, armados em suaves socalcos ao longo das curvas de nível, suportados por muros de pedra seca de xisto ou granito.

Os vinhedos mais recentemente são instalados sob novas técnicas de modelação do terreno em patamares ao longo das curvas de nível, ou na perpendicular, ao alto, seguindo erroneamente a maior inclinação. Em algumas áreas de suave pendente que dispensam a modelação, começa a ser rara a tipologia mista de horta cultivada entre o compasso alargado dos espaldares de vinha, e mesmo a clássica associação de vinha e olival ao longo da bordadura dos caminhos, e mais raro ainda a coabitação dos três estratos vegetativos, horta, vinha e árvores de fruto em complementaridade ecológica produtiva, numa estrutura mais dinâmica e aparentemente menos formal.

Além da vertente produtiva, a vinha é associada às tradicionais ramadas ou latadas, que podem ocorrer ao longo dos principais caminhos, edifícios e estruturas hidráulicas e/ou de recreio.

Apesar da prosperidade e expansão das vinhas na área de estudo, as técnicas mais recentes de cultivo têm contribuído para uma simplificação e vulnerabilidade da paisagem.

VII. **Sistemas hidráulicos:**

Num clima como o mediterrânico, a necessidade de água afeta praticamente todas as necessidades básicas da vida quotidiana, tanto doméstica como ligadas à produção. Pela vitalidade que representa para uma quinta, a racionalidade na gestão deste recurso conta com princípios e técnicas hidráulicas e construtivas seculares, desde a captação, condução, armazenamento para os períodos de carência, e distribuição para

²⁶² (Delgado, 1930, p. 34)

desempenho das suas várias funções. A dimensão e complexidade do sistema hidráulico muitas vezes extravasa o espaço intramuros da quinta, e é muito determinada pelas necessidades de rega.

Ao longo do seu percurso otimizado através do controlo da pressão gravítica²⁶³, a água pode desempenhar vários fins, desde comunitárias e/ou privadas, e funções utilitárias e/ou de recreio, obrigando a uma sequência de estruturas de interface especialmente no interior das quintas, onde a água é o principal elemento ordenador e unificador da multiplicidade espacial, estando os elementos construídos a ela associados dispersos por toda a quinta, por vezes de certo valor artístico, cumprindo uma função amenizadora dos espaços que convidam e estimulam a sua fruição recreativa / sensitiva.

Trata-se de levadas, tanques, fontes, taças, canaletes, quase sempre em pedra de granito, que frequentemente estruturam os caminhos e definem o parcelamento; muitas vezes aglutinadores ou definidores do desenho do próprio espaço, aos quais se podem associar bancos, latadas ou casas de fresco por exemplo. O jardim de recreio é o lugar ideal para a fruição das qualidades estéticas e sensoriais da água, da reflexão, do som, do relaxamento e a sua representatividade e significado vai muito além das suas qualidades intrínsecas.

4.2 Levantamento e interpretação individual das quintas seleccionadas.

Da análise prévia das mais de quatro dezenas de quintas da área de estudo (delimitadas nos cartogramas da pag.41-42 e 62) foram avaliadas as suas dimensões, componentes espaciais, atividade e estado de conservação (sintetizadas na tabela final), de entre as quais foram seleccionadas sete quintas pelo seu interesse e diversidade entre o vasto conjunto.

O levantamento das quintas escolhidas está formatado em fichas individuais de caracterização, que combinam a vertente escrita/teórica, desenhada e fotográfica.

É apresentado uma planta geral para cada quinta, com a identificação dos seus limites atuais, componentes, e património arquitetónico, edificado, mineral e vegetal, dando conta das respetivas técnicas construtivas. Sempre que possível é feito um breve enquadramento histórico dos promotores ou proprietários, a cronologia das intervenções construídas, seu estado de conservação, alterações ou eventual desaparecimento de espaços ou estruturas importantes.

²⁶³ A mecanização contemporânea do sistema de rega vem substituindo o funcionamento tradicional sistema hidráulico tradicional passivo, por carência e gravidade.

1. QUINTA DA CASA DE MATEUS

O vasto património da casa de Mateus estende-se muito além do espaço intramuros da quinta; inclui outros terrenos, tapadas e quintas adjacentes entre outras já alienadas e urbanizadas no séc. XX como a quinta de Valinhas, a quinta de São João; a quinta da Granja; a quinta do Arcediago; quinta do Casal de Matos, quinta da Ribeira, etc., referindo apenas o património inscrito na área de estudo).

A partir de vários enfiamentos visuais de quilómetros de distância, a quinta assume-se pelo grande casario branco e seus pináculos por entre o volumoso arbóreo envolta por vinhedos e copados de árvores de grande porte, materializando um cenário idílico e pitoresco.

A unidade da quinta é estruturada por dois eixos que se cruzam na frente do núcleo edificado, demonstrando a preocupação setecentista quer da inserção paisagista como na procura de simetria na implantação do jardim em relação ao eixo do solar²⁶⁴ (ver cart.7, p.86).

A quinta da casa de Mateus atinge uma certa monumentalização, pelo eixo nascente-poente que atravessa o solar alinhado entre a capela de Santa Eufémia, no alto do monte de Santa Sofia, a nascente; e a poente pela da quinta de Valinhas²⁶⁵ (hoje em ruína), e o lugar do assento da Igreja matriz de Mateus. Perpendicular a este, o eixo transversal está no seguimento da rua das Flores²⁶⁶ que segue para sul e estrutura geometricamente todos os caminhos secundários intramuros, rematado num bosque, derivando por caminhos deambulantes de sombra, por entre os socalcos do pequeno promontório rodeado de vinhas, onde outrora houve pomares.

Por esta dualidade propositiva, imponência e vastos domínios, a histórica quinta da casa de Mateus assume a centralidade do lugar.

❖ Núcleo Edificado

A popular denominação de palácio, relativo ao núcleo edificado da quinta da Casa de Mateus, ou Casa Grande, para os moradores mais velhos, embora excessiva, poderá continuar a ser empregue ao longo deste estudo, como forma de distinção dos demais núcleos edificados da área de estudo, pela monumentalidade ímpar²⁶⁷ e uma soberba erudição relativamente aos demais casos de estudo, que a tornam um dos exemplares mais esplêndidos do barroco europeu²⁶⁸.

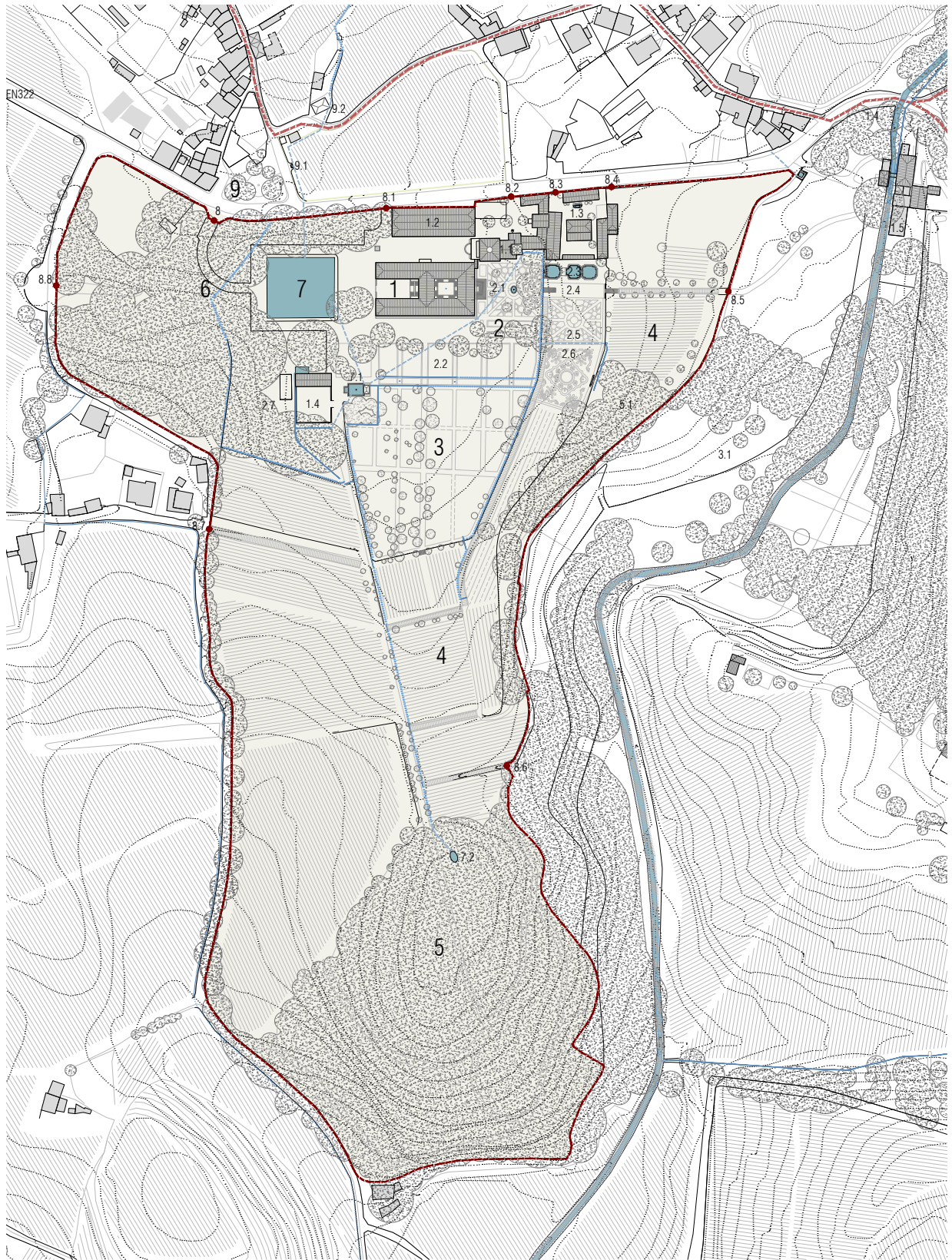
²⁶⁴ (Araújo, 1974, p. 12)

²⁶⁵ No século XIX, a quinta de Valinhas ficou dividida pela abertura da nova estrada (hoje circuito automóvel), que passa mesmo em frente ao seu núcleo construído, hoje em ruína. O eixo estruturante atravessava o seu núcleo construído para ambos os lados, sendo bem visível em fotografias aéreas antigas.

²⁶⁶ Antes da construção da EN 322, a rua do sobrado tinha sequência ao longo do que é hoje o espaço intramuros da casa de Mateus, e a rua das Flores culminava num antigo portão principal suprimido nas reformas dos anos 60 do séc. XX.

²⁶⁷ Classificado como Monumento Nacional desde 1910.

²⁶⁸ (Kluckert, 2000, p. 272)



Cartograma 7 - QUINTA DA CASA DE MATEUS - Intramurus

- 1. SOLAR
- 1.1 CAPELA
- 1.2 ADEGA
- 1.3 PÁTIO DOS BICHOS
- 1.4 EIRA / BARRÃO DE CEREAIS
- 1.5 AZENHA (RESIDÊNCIA ARTÍSTICA)
- 2. HORTO DE RECREIO
- 2.1 JARDIM NASCENTE
- 2.2 JARDIM DOS ARCOS

- 2.3 JARDIM DA ÁGUA
- 2.4 TÚNEL DE CEDROS
- 2.5 JARDIM DAS FLORES
- 2.6 JARDIM DAS COROAS
- 2.7 JARDIM DE FRESCO
- 3. POMAR/HORTA DE RECREIO
- 3.1 HORTA
- 4. VINHA
- 5. BOSQUETE

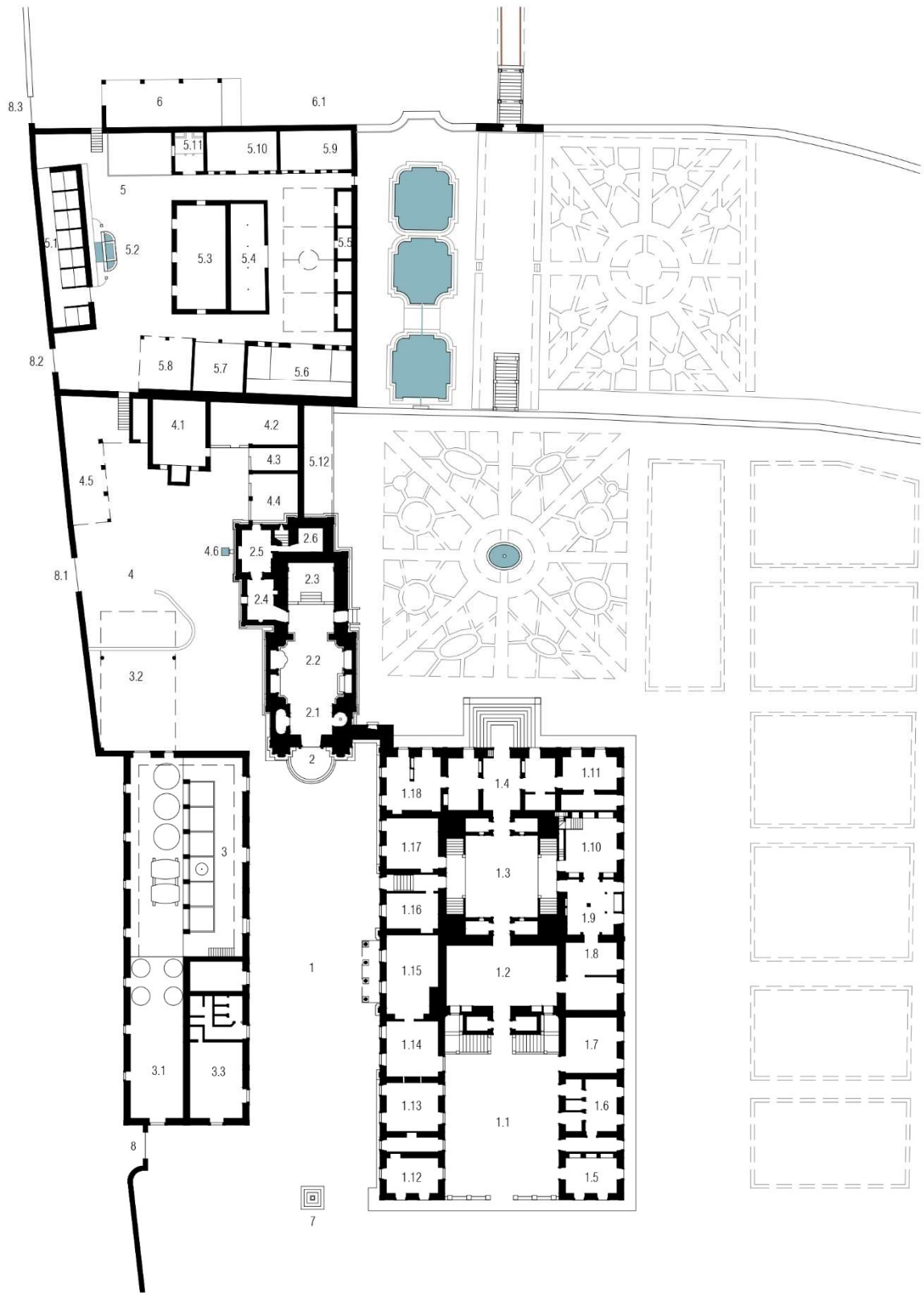
- 5.1 BOSQUETE
- 6. PARQUE DE ENTRADA
- 7. ESPELHO DE ÁGUA
- 7.1 TANQUE DE DISTRIBUIÇÃO
- 7.2 LAGO DO PINHAL
- 8. PORTÃO DE ENTRADA
- 8.1 PORTÃO DO TERREIRO GRANDE
- 8.2 PORTÃO DA COZINHA VELHA
- 8.3 PORTÃO DA RECARIA

- 8.4 PORTÃO DAS HORTAS
- 8.5 PORTÃO DA AZENHA
- 8.6 PORTÃO DO PINHAL
- 8.7 PORTÃO DAS MEADAS
- 8.8 PORTÃO DA ESTRADA NOVA
- 9. LARGO DO MORGADO DE MATEUS
- 9.1 CHAFARIZ
- 9.2 TANQUE PÚBLICO



0 20 40

- TAPADA DE QUINTA [14 ha]
- LINHA DE ÁGUA / LEVADA
- LEVADA OCULTA
- LEVADA DESAPARECIDA
- ÁGUA / TANQUE
- VINHA / LATADA
- + ARVOREDO



Cartograma 8: NÚCLEO EDIFICADO DA CASA DE MATEUS

- | | | | | | |
|---------------------|----------------------|------------------------|--------------------------------|-------------------------------|------------------------------|
| 1. TERREIRO GRANDE | 1.10 COPA | 2.1 SUBCÔRO | 4. PÁTIO DA COZINHA VELHA | 5.3 ESTÁBULO VELHO | 6. NITREIRA |
| 1.1 PÁTIO DE HONRA | 1.11 "PING PONG" | 2.2 NAVE | 4.1 COZINHA VELHA | 5.4 ARMAZÉM (ATELIER) | 6.1 REDIL |
| 1.2 CAVALARIÇA | 1.12 RECEÇÃO/LOJA | 2.3 CAPELA-MOR | 4.2 CARPINTARIA | 5.5 GALINHEIROS | 7. CRUZEIRO |
| 1.3 PÁTIO INTERIOR | 1.13 CAFETERIA/LOJA | 2.4 VESTÍBULO | 4.3 SERRALHARIA | 5.6 ARMAZÉM | 8. PORTÃO DO TERREIRO GRANDE |
| 1.4 VESTÍBULO | 1.14 FRASQUEIRA | 2.5 SACRISTIA | 4.4 FABLAB | 5.7 ARRECADADAÇÃO DE CARROÇAS | 8.1 PORTÃO DA COZINHA VELHA |
| 1.5 LOJA DO VINHO | 1.15 DISTILARIA | 2.6 TORRE | 4.5 TELHEIRO DAS ALFAIAS | 5.8 TELHEIRO DA LENHA | 8.2 PORTÃO DA RECARIA |
| 1.6 SALA DE PROVAS | 1.16 LAVANDARIA | 3. ADEGA | 4.6 FONTENÁRIO | 5.9 DROGARIA | 8.3 PORTÃO DAS HORTAS |
| 1.7 "GARAGEM" | 1.17 QUARTS PRIVADOS | 3.1 VASILHAME | 5. PATIO DOS BICHOS | 5.10 GARAGEM DOS TRACTORES | |
| 1.8 COZINHA MODERNA | 1.18 ARQUIVO | 3.2 ALPENDRE | 5.1 RECARIA (POCILGA) | 5.11 ESTÁBULO | |
| 1.9 COZINHA ANTIGA | 2. CAPELA | 3.3 ESCRITÓRIOS DA FCM | 5.2 TANQUE (LAVAGEM DE SUÍNOS) | 5.12 GAIOLAS | |

O complexo edificado resultada de sucessivas construções de princípios arquitetônicos gerados sobretudo no séc. XVII, como a conformação em U, que se desmultiplica por meio de um sofisticado desenho de construções perspéticas, explorando a profundidade, mais em linha com a linguagem barroca internacional²⁶⁹, do que com a visão planimétrica frontal que caracteriza o barroco nortenho.

De entre a sequência de espaços hierarquizados, o terreiro grande, (provavelmente espaço central original), incorpora essa visão dinâmica num perímetro multifuncional em U, que articula espaços e programas mais diversos do que o edificado que o forma, entre os quais, de cariz doméstico (solar), religioso (capela), produtivo (pátio das oficinas e adega), recreativo (jardim), público (ligação direta com a rua), e até administrativo (escritórios da FCM²⁷⁰), (ver cart.8, p.87).

Do lado oposto ao solar, a sul, em relação direta como o horto geometricamente regrado, um grande muro de suporte também em U, (que parte junto ao topo da capela e é rematado no pequeno núcleo constituído pelo tanque, eira e barrão de cereais) conforma um grande pódio sobre o entorno “natural”. Os demais espaços estão subordinados a este núcleo nobre, e é prolongado por terraços ajardinados ajustados á topografia, ou pátios que seguem lógicas funcionais relacionadas com as atividades produtivas da quinta (pátio das oficinas, pátio dos bichos).

Solar

Atribuído ao arq. italiano Nicolau Nasoni, o famoso palácio de Mateus concluído em 1744²⁷¹, foi mandado erigir pelo 3º morgado, António José Botelho Mourão, no lugar da antiga casa da família²⁷².

O corpo edificado do solar desenvolve-se em U, e tem dois pátios, separados por uma ala transversal. A chegada é feita pelo pátio social, aberto na dianteira e enquadrando a fachada central, recuada, com escadaria balaustrada de dois laces simétricos de acesso ao piso nobre superior, rematada em friso e cornija recortada, coroado por pináculos, e um grande frontão com o brasão da família.

O pátio interior, mais despojado, funciona como um núcleo distributivo, rodeado de portas e escadarias para as mais necessárias dependências.

As fachadas, caiadas sobre reboco, são ritmadas pelos vãos de sacada referentes à sequência de salões nobres do piso superior, tendo cunhais apilastrados em granito que dão uma verticalidade vibrante ao conjunto ao culminarem em pináculos ondulantes e chaminés, acima do friso e da cornija.

²⁶⁹ (C. de Azevedo, 1988, p. 70)

²⁷⁰ 1992 - Inauguração dos alpendres fechados das antigas coelheiras e galinheiros e início da instalação dos atuais escritórios (Sereno & Noé, 2006)

²⁷¹ 1670 / 1720 - provável reforma do palácio, com construção do atual por António Álvares Coelho.

²⁷² 1739 / 1743 - período a que geralmente se atribui a intervenção do arquiteto Nicolau Nasoni nas obras do palácio (Sereno & Noé, 2006)

²⁷² (FCM, sem data)

Ao nível térreo, o edifício é totalmente permeável ao atravessamento axial dos pátios, segundo o eixo estruturante que se estende ao exterior pelo jardim nascente, numa sucessão de escadarias e patamares e construções espaciais que se estendem às áreas produtivas.

“Muitas residências régias ou principescas poderiam ter ciúmes em presença deste originalíssimo e belo edifício, pelas proporções e pelo harmonioso recorte dos alçados, verdadeira obra-prima da arquitetura e heráldica setecentista (...) por qualquer lado que se contemple o edifício, ao mesmo tempo faustoso e discreto, não se colhem senão impressões de ritmo e harmonia²⁷³.”

Capela

Do lado norte do solar, a capela privativa de Nsa. Sra. dos Prazeres, recuada relativamente à fachada principal do solar, fecha no topo do terreiro grande em U. De nave com cúpula e lanternim, capela-mor e torre sineira adossada em sequência longitudinal (ver fig.IV. 2, p.90), contrapõem com verticalidade volumétrica toda a composição, enfatizada na imponente fachada frontal, composta por duplas colunas suportando um arco de volta perfeita e um grande frontão trabalhado à maneira barroca, desenhada pelo mestre José Álvares do Rego e concluída em 1750 com o novo palácio, substituindo assim a antiga capela datada de 1641²⁷⁴.

Adega

As fundações do corpo da casa das adegas remonta ao século XVI, tinha um pátio interior com uma árvore de grande porte no meio. Foi adquirida pela família em 1655, antes da construção do palácio atual, e alongada para ambos os lados na segunda metade do séc. XIX, pelo 3º Conde de Vila Real²⁷⁵. Construído em granito, o alçado longitudinal para o exterior, é seco e discreto, contrastando com os voltados ao interior, rebocados e caiados entre cunhais, molduras e cornijas em cantaria de pedra. No interior hipostilo que suporta asnas de madeira, e com uma galeria no mesmo material suspensa a todo o perímetro, os antigos lagares de pedra com prensas ao centro, dispõem-se em série tal como pipas e cubas para armazenamento do vinho.

A atividade é continua à seculos, hoje funcionando simultaneamente como museu onde todo processo de transformação e técnicas tradicionais podem ser observadas *in loco*, desde o cultivo, colheita, transformação (onde as uvas ainda são pisadas com os pés) e armazenamento na adega, até às provas das várias gamas de vinhos.

Uma pequena parte do edifício alberga também escritórios da administração da FCM.

²⁷³ (FCG, 1995, p. 64)

²⁷⁴ o Arcebispo de Braga concedeu autorização a António José para transferir e fazer de novo a capela, aproveitando os materiais da antiga e, no local dela se devia erguer uma cruz para perpetuar que aquele local foi sagrado; na sacristia aproveitou-se o tecto e o retábulo da antiga capela (Serenó & Noé, 2006);

²⁷⁵ (Serenó & Noé, 2006)



Figura IV. 1– Parque de entrada, solar da quinta da Casa de Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 2– Horto de recreio, Jardim Nascente, quinta da Casa de Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023

❖ Horto de Recreio

“O Jardim, quer o concebamos como formalização de uma paisagem primordial, imaginária, quer como reação emotiva, espiritual, valoração estética dos elementos naturais - e, como tal, expressão artística e poética do Homem, perante a natureza – desenha-se e constrói-se como depuração da paisagem, sublimação dos elementos naturais, celebração de uma ideia de paisagem num momento e espaço precisos, revelação das qualidades estéticas imanentes da paisagem²⁷⁶.” Estas palavras de Aurora Carapinha acerca da representatividade conceptual do jardim, são uma bela introdução à interpretação dos múltiplos espaços do jardim de recreio da Casa de Mateus, um património vivo acumulado e mantido por várias gerações, e é também indicador da nobreza dos seus proprietários.

Finalizada a empreitada do Palácio em 1743, foi construído um jardim em L invertido adoçado à fachada Sul e Nascente, estruturado por muros em terraços, escadarias e caleiras de pedra no chão²⁷⁷, sobre o qual Diogo Álvares Botelho Mourão plantou a vegetação que reforçou a axialidade que se estende por terrenos de cultivo, vinhas, pomares e hortas (ver fig.22, p.94.).

A maioria dos jardins atuais, datados séc. XX sobretudo pela iniciativa reformista de D. Francisco, 3º conde de Mangualde, veio substituir e engrandecer os antigos espaços ajardinados dos finais do século XVIII, mantendo as características essenciais do jardim de recreio nortenho, especialmente mais aberto, fluído e multidimensional (em relação aos jardins do sul de Portugal), apresentando uma linguagem revivalista neobarroca formalizada sobretudo por canteiros de buxos talhados com formas geométricas, articulados numa sucessão de parterres de influência formal francesa, mas “los elementos que componen el jardín y sus combinaciones son únicos e inconfundibles, especificamente portugueses²⁷⁸”.

Os espaços de recreio estendem-se pelas áreas produtivas de pomar e vinha, dialogando com a efemeridade e versatilidade do ciclo natural das culturas, ao longo de um sistema de muros, latadas e caleiras de rega, rematadas num pequeno lago no interior do frondoso bosque a sul, com árvores centenárias e caminhos deambulantes e frescos.

A ampliação dos jardins a poente, pela construção do parque de entrada fronteiro à fachada principal, e em extrema articulação com a casa e a quinta, veio enriquecer o léxico multiespacial de todo o conjunto, obtendo uma grandiosidade que o torna num dos expoentes máximos da arquitetura paisagista em Portugal.

²⁷⁶ (Carapinha, 1995, p. 15)

²⁷⁷ o tanque com um obelisco que abastece as caleiras de pedra, foi construído em 1760 (Simões et al., 2007), portanto as levadas que estruturam o jardim devem pertencer à mesma empreitada.

²⁷⁸ (Kluckert, 2000, p. 272)

Parque da entrada

A entrada atual, resulta de um extraordinário projeto de arquitetura paisagista entre 1960–1965 do séc. XX, e reflete a plena compreensão do espírito do lugar, que fundamenta os princípios da arquitetura paisagista portuguesa, dos quais o arquiteto autor Gonçalo Ribeiro Telles foi um dos maiores precursores.

Fez-se um novo grande portão de acesso à quinta, a umas escassas dezenas de metros à direita da localização anterior, de forma a poder conceber uma sequência espacial de entrada totalmente encenada. Construído em cantaria de granito com um arco de volta perfeita, encimado por um brasão central²⁷⁹ flanqueado por pilares e muros com balaustrada sobreposta²⁸⁰, o portal assume o protagonismo no largo do Morgado de Mateus, espaço público reformulado na mesma época.

Do lado de fora, apenas se vê um bosquete cerrado, e um túnel que desce ligeiramente em curva pela penumbra do arvoredo e “culmina inesperadamente no palácio, precedido por grande terreiro, em cascalho, com espelho de água rectangular de ângulos recortados, reflectindo a sua fachada²⁸¹”. Esta clareira que se abre no bosquete é uma magnífica antecâmara de entrada na quinta, que atinge a monumentalidade barroca pelo efeito surpresa e dramatismo que causa ao visitante, à medida que o espaço vai sendo descoberto, e múltiplas perspectivas duplicadas pela reflexão na água, do palácio e das belas árvores centenárias novecentistas do anterior parque de entrada (*Cedrus Deodora* e *Chamaecypris Lawsoniana*), integradas na nova cenografia que veio enaltecer e ampliar o tom romântico da composição. A presença do grande espelho de água em frente à fachada do palácio, parece refletir tudo exceto o tempo, por dar a ideia de sempre ali ter estado, e se fundir completamente nos princípios canónicos dos jardins barrocos, mas que na verdade, é bem recente.

A escultura em mármore da mulher deitada sobre a água, da autoria de José Cutileiro em 1981²⁸², surge para que a poética do sublime se cumpra de forma inequívoca!

Latadas

As latadas ou ramadas, como também se designam localmente, são um dos elementos arquitetónicos mais abundantes nos jardins portugueses, e na quinta da casa de Mateus os seus vestígios patrimoniais remontam aos inícios do séc. XVIII. O eixo longitudinal conferido pelo palácio, prolonga-se para nascente através de uma alameda de ciprestes e uma latada, assente em esteios tipo obeliscos esculpidos em granito

²⁷⁹ O brasão de cantaria exibido no portão da quinta da casa de Mateus, é proveniente da antiga morada urbana da família no centro da cidade de Vila Real, em frente à igreja do antigo convento de São Domingos (Simões et al., 2007).

²⁸⁰ O portão executado, é muito assemelhado com um estudo realizado em 1960 por Paulo Bensliman, embora mais simplificado e sóbrio.

²⁸¹ (Simões et al., 2007)

²⁸² (Serenó & Noé, 2006)

alternadamente assentes em plintos galbados, que possivelmente, são dos elementos mais antigos do primitivo jardim, desenhados por Diogo Álvares Botelho Mourão²⁸³ (ver fig.III, p.94).

Embora menos exuberante, mas talvez tão antiga como a anterior latada, uma outra parte adoçada ao muro de suporte do jardim nascente, e conduz até aos *terroir* (passando por hortas e plantações de framboesa), compartimentado transversalmente por outros segmentos de latada nos acessos aos portões da cerca.

Destaca-se uma outra comprida latada (degradada) com quase 1 km sobre o troço emparedado da ribeira de Tourinhas, que se estende entre a antiga azenha e a quinta da Ribeira, já no exterior da cerca de Mateus.

Jardim Nascente

Embora subespaço do grande horto de recreio, desde o séc. XVIII que o jardim nascente é o espaço exterior predileto pela relação direta que estabelece com a casa, assemelhando-se morfológicamente a um pátio, para o qual se acede por uma escadaria ladeada por duas esculturas representando a sabedoria e a justiça²⁸⁴ (ver fig.IV, p.94).

A Nascente um maciço de japoneiras (*Camellia japónica*) (integrada na reforma dos jardins no séc. XX, da autoria do Arq. Gomes de Amorim) desconstrói a formalidade geométrica do *parterre*. Ao centro existe uma taça de água elíptica com um repuxo e peixes coloridos. Os animais fazem parte do jardim paradisíaco ideal, e também aqui existem as gaiolas para os animais que vagueavam pelo jardim, entre os quais os vistosos faisões e pavões.

“Apesar dos jardins se inspirarem numa determinada tipologia tradicional, eles reinterpretem algumas sugestões do barroco, mas com este revivalismo coexistem efeitos de carácter romântico e intimistas, como o da zona de fresco criada pelo maciço de japoneiras antes do túnel de cedro²⁸⁵”.

Túnel de cedros

Foi em 1948 que o jardineiro Joaquim Taveira plantou um dos elementos mais emblemáticos de todo o jardim, o túnel de cedros, formado por 80 cedros mexicanos (*Taxodium mucronatum*) topiados em arco de volta perfeita, configurando um espaço de fresco e penumbra, de troncos retorcidos assemelhados a colunas de suporte de uma autêntica nave vegetal²⁸⁶ de 37 metros, tendo um portal de arco de volta perfeita encimado por ameias e um nicho ao Santo António.

Localizado num terraço intermédio ladeado pelo jardim da água e os *parterres* neobarrocos, o acesso ao túnel vegetal é feito por escadarias de pedra em ambos os topos que marcam o eixo monumental que estrutura a paisagem construída da quinta.

²⁸³ (Serenó & Noé, 2006)

²⁸⁴ (FCM, sem data)

²⁸⁵ (Simões et al., 2007)

²⁸⁶ (Serenó & Noé, 2006)



Figura IV. 3– Latada, quinta da Casa de Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023

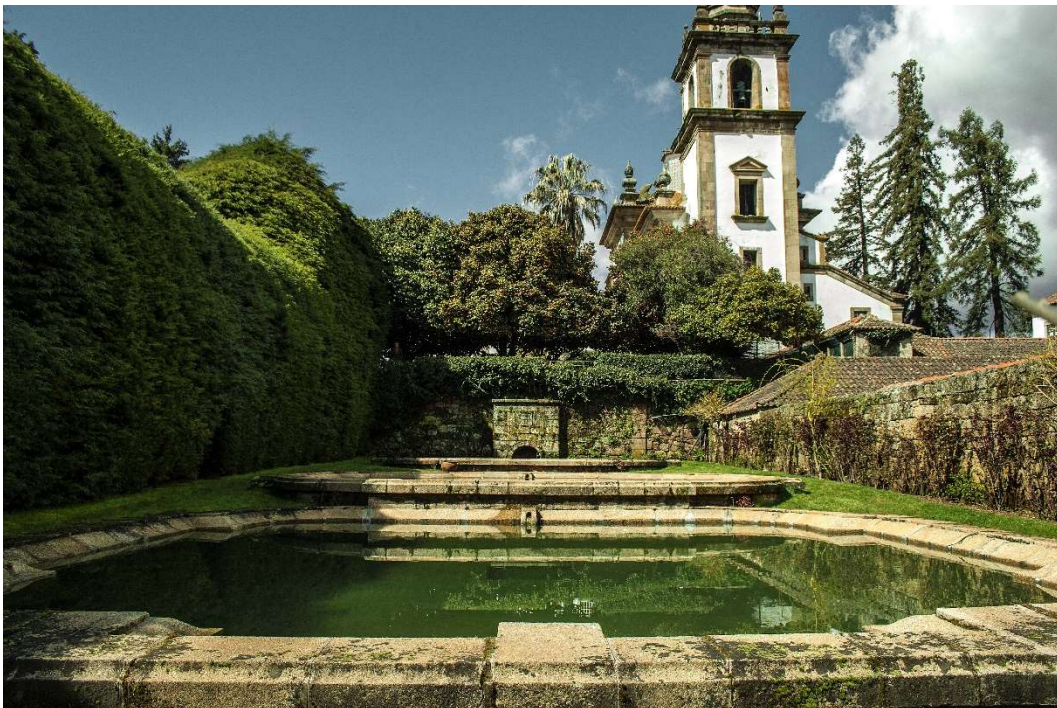


Figura IV. 4 – Jardim da água, quinta da Casa de Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 5 – Jardim das coroas, quinta da Casa de Mateus
Perspetiva para o vale da ribeira de Tourinhas / Tapada de caça da Casa de Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 6– Jardim dos arcos, quinta da Casa de Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023

Jardim da água

O moderno jardim da água confina-se como um pátio aberto para nascente (ver fig.IV.4, p.94), com vista para a ribeira de Tourinhas. O espaço é polarizado por uma mina/”nascente” que de um topo abastece uma sequência de três tanques de granito desnivelados que transbordam por gravidade por um canaleta, tudo num desenho elegante e recortado da autoria de António Lino em 1948²⁸⁷.

Jardim das flores

O jardim de buxo foi mandado plantar nos anos 40 do séc. XX, segundo o desenho do arq. paisagista Gomes de Amorim. O jardim de buxo tem um desenho requintado tipo *parterre de broderie* neobarroco com caminhos em forma de estrela e algumas árvores de pequeno porte, e oferece-se à contemplação privilegiada quando vista do varandim superior do jardim nascente. Encostado ao muro, desenvolve-se uma latada já referida, que percorre estes *parterres* divididos por uma espessa sebe aparada em curvas e contra-curvas, no lugar de um antigo canaleta.

Jardim das coroas

Ao lado do jardim das Flores (fig.IV.5, p.95), o último dos *parterres* assume igualmente uma composição neobarroca datada de 1961, e é composta por arabescos de buxo aparado rente ao chão sobre um saibro mais claro, enquadrada por quatro grandes florões simétricos e um amplo medalhão central de sugestão heráldica, pontuado por cipreste hinoki (*Chamaecyparis obtusa*) da autoria de Paulo Bensliman.

Um antigo frontão com a pedra de armas da família trasladado de um dos pátios do solar, foi colocado num dos topos do *parterre*, por trás do qual se escondem dois lanços simétricos de escadas que dão acesso a outro pequeno bosque.

Jardim dos arcos

Ao longo do embasamento da fachada mais solarenga do palácio, corre um canteiro comprido e estreito, com Begônias (*Bergenia crassiflora*) e maciços de gerânios (*Pelagornium zonale*), em frente do qual segue um largo caminho em saibro, marginado pelo arvoredado de tílias (*Tilia tomentosa*) e um *parterre* reformulado nos anos 40/50 do séc.XX, com retângulos relvados preenchidos com coloridas roseiras, e um reticulado de sebes buxo (*Buxus sempervirens*) topiado que lançam arcos e formam caminhos geometrizados, de um sistema espacial de estilo barroco, estruturado pela matriz preexistente de caleiras no pavimento, hoje desativadas²⁸⁸ (ver fig.IV 6, p.95).

²⁸⁷ (Simões et al., 2007)

²⁸⁸ (Simões et al., 2007)

❖ Pomar de recreio

O pomar é uma componente fundamental na composição do jardim histórico português, embora frequentemente perdida na sua forma original, por ter um horizonte temporal biologicamente limitado.

Na Casa de Mateus a clara integração do pomar em espaços de recreio é decerto notável, e advém, muito provavelmente, da ideia do jardim original setecentista. Localiza-se num terraço aberto à paisagem, voltado a sul, formado por um muro de contenção em U, estruturado por uma série de talhões geométricos ancorados a um primitivo sistema de caleiras, do quais restam alguns troços. A partir do levantamento realizado foi possível interpretar a sua matriz, que se estendia muito além deste espaço. Da rede de caminhos ortogonais que persiste, destaca-se a alameda de cerejeiras ao longo do eixo central, que termina numa escadaria de pedra ladeada de dois grandes ciprestes e algum arvoredado esparso entre hortas.

Da relativa informalidade atual, pode interpretar-se um muito provável frondoso pomar, ritmicamente plantado e produtivo, alimentado pela água que corria nas caleiras, que resultaria num deslumbrante tapete sazonal florido visto das varandas sul do Palácio.

Ao nível térreo, seria como uma vasta colunata viva de troncos rugosos, definindo múltiplas perspetivas entre o baixo copado. Fica a dúvida se o interior do reticulado era preenchido também por árvores ou hortícolas. De qualquer modo, a recriação do pomar de recreio com todo o seu potencial estético/espacial, recreativo e produtivo, aportaria grande valor ao conjunto histórico que constrói o palácio.

❖ Horta

Tradicionalmente em Portugal, o horto e pomar podem estar associados, e como referido, é possível que pudessem coexistir hortas no interior do reticulado do pomar de recreio original da Casa de Mateus. Esta associação remonta a uma tipologia de jardim produtivo bem retratado no período medieval, persistindo no tempo, em parte pelo espírito conservador português.

Além da denominada horta-jardim instalada recentemente em algumas parcelas do antigo pomar, as hortas intramuros de acesso mais direto, localizam-se nos terraços baixos mantendo-se ainda a designação de *portão das hortas* num dos seus acessos (ver do cartograma). No entanto, a maior extensão de hortas ocupava todos os terrenos de aluvião marginais à ribeira de Tourinhas desde o interior da tapada de caça, sempre com árvores de fruto nas bordaduras e entre os talhões granjeados, que eram arrendados aos vizinhos.

❖ Bosquete

A pequena elevação no topo sul da quinta assemelha-se a uma ilha arborizada num mar ondulante de vinhedos. Provavelmente plantado no séc. XIX, o bosquete sul com pouco mais de 4ha no jardim da Casa

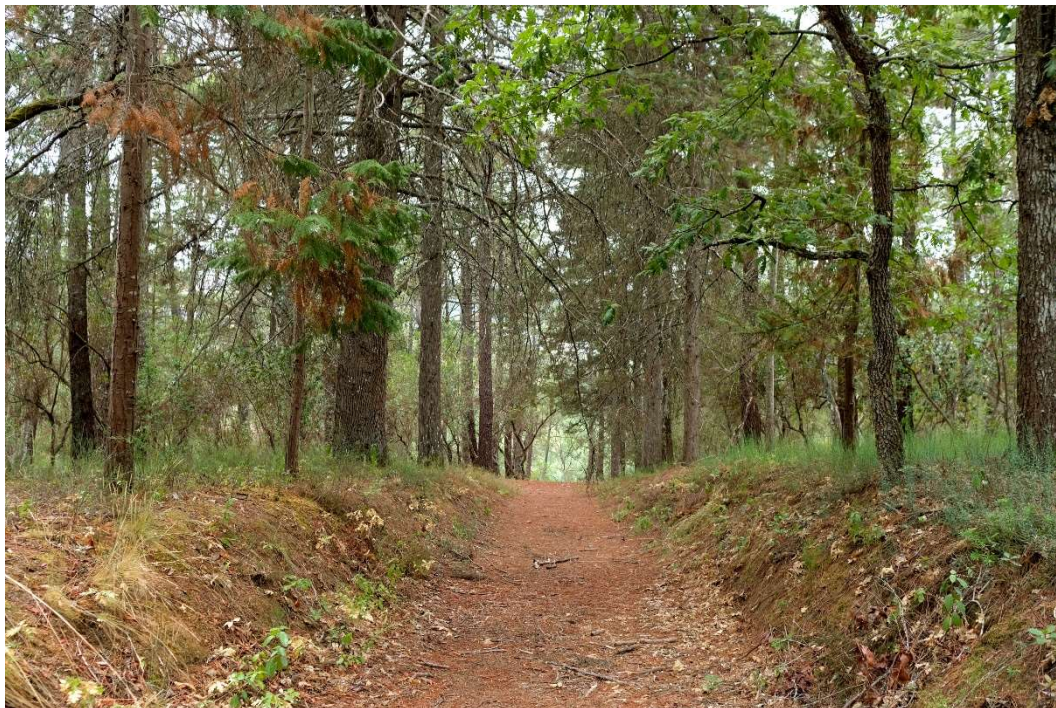


Figura IV. 7– Bosquete, quinta da Casa de Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 8– Bosquete, quinta da Casa de Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023

de Mateus, assume-se como um espaço naturalizado e fresco para retiro e passeio. O eixo retilíneo que estrutura a quinta na transversal, penetra no volume arbóreo (ver fig.IV. 7, p.98) e logo se solta em caminhos e trilhos deambulantes, que se moldam à topografia cobertos por um tapete de caruma e folhas secas que caem das majestosas árvores, das quais algumas se destacam pela sua morfologia (*Chamaecyparis lawsoniana*) e ativa fragrância (*Eucalyptus globulus*). Elementos pontuais como mesas e bancos de pedra (ver fig.IV.8, p.98), e mesmo um pequeno lago construído em terra compacta, reflete literalmente esta visão romântica pela atmosfera virginal, de vegetação dispersa formada por cedros, carvalhos (*Quercus pyrenaica*, *Quercus suber*) e pinheiros (*Pinus pinea*, *Pinus pinaster*); nas orlas castanheiros (*Castanea sativa*), cerejeiras (*Prunus avium*) e plátano-bastardo (*Acer pseudoplatanus*), bem como medronheiros (*Arbutus unedo*) e folhados (*Viburnum tinus*) nas penumbras do sub-bosque. A total espontaneidade surge pelas espécies caméfitas ordinárias, como a cássia branca (*Osyris alba*), codesso (*Adenocarpus complicatus*), torga (*Calluna vulgaris*), tojos (*Ulex minor*), e os sempre verdejantes fetos (*Pteridium aquilinum*), descrevendo apenas as espécies aparentemente dominantes entre os vários estratos.

❖ Vinha

A grande maioria dos vinhedos da área de estudo pertence à Casa de Mateus, e os seus padrões ordenados são o elemento que mais se distingue nesta paisagem periurbana, não obstante de ser a imagem do solar que figura no rótulo do vinho português mais vendido no mundo.

As vinhas mais antigas estão localizadas intramuros, e o *terroir*, voltado a sul, é parte integrante do jardim, entre o pomar e o bosquete, envolvidas por sebes arbóreas, que compartimentam a paisagem e lhe definem os limites espaciais, enquanto protegem as videiras de adversidades climatéricas. As parcelas são estruturadas geometricamente pela rede de percursos que se estendem desde o horto de recreio, com macieiras nas bordaduras dos caminhos, bem como muros e latadas independentes ou em associação. Todo o espaço é hoje um museu vivo e produtivo, com pelo menos, 23 castas identificadas²⁸⁹ e roteiros de explicativos da particular produção do seu néctar, fruto de saberes acumulados por sucessivas gerações na conjugação e manipulação dos diversos fatores intervenientes, desde a adaptação às determinantes climatéricas, topografia particular, preparação do solo, trabalhar das castas, técnicas de enxertia, poda e transformação pós colheita, transformação até às condições e suportes para armazenamento, sempre com objetivo de obter os melhores perfis de vinho, que fazem dele um autêntico património da humanidade.

²⁸⁹ As castas são as seguintes: Alvarelhão; Sousão; Touriga Nacional; Touriga Francesa; Alicante; Touriga Fêmea; Barroca; Touriga Roriz; Folgasão; Malvasia Rei; Malvasia Corada; Malvasia Fina; Cercial; Arinta do Douro; Moscatel Galego Roxo; Moscatel Galego; Fernão Pires; Còdega do Larinho; Còdega; Gouveio; Rabigato; Boal; Viosinho;

○ Sistema Hidráulico

A beleza, riqueza e importância que os elementos de água aportam à construção espacial e das atmosferas do palácio de Mateus, e a sua grande participação para a monumentalidade arquitetónica. O carácter simbólico que a água representa no jardim, e o seu contributo para a amenidade e conforto deste, é sem dúvida um tema importante e prazeroso, mas como narrativa diz respeito a uma solução pronta. Nesse sentido, interessa aqui explorar um assunto multidisciplinar nunca rastreado na sua integralidade, que trata do seu sistema operativo hidráulico.

Foram feitas várias campanhas de levantamento para mapear as suas componentes, de forma a permitir esboçar uma interpretação acerca do funcionamento de todo o sistema hidráulico da quinta.

A captação da água ocorre na *Tapada do Conde* por meio de várias técnicas. A cotas superiores, uma mina com várias dezenas de metros e vários respiradouros, intercepta águas subterrâneas e abastece uma levada denominada *Rio Conselho*, já referida (ver fig.IV.9, p.102).

Da ribeira de Tourinhas parte uma segunda levada que faz boa parte do seu traçado de várias centenas de metros²⁹⁰ a meia encosta, e finaliza o seu percurso no Jardim da água, num troço subterrâneo.

A jusante da tapada, uma terceira levada abastecida por denominada mina das fundegas, sob o monte de Santa Sofia, abastecendo as cotas mais baixas da quinta, e suas hortas. Outros canais de uso misto partem da ribeira, para regadio das hortas, e direccionadas ao mecanismo da azenha, a nascente.

Feito o transporte até à quinta, por meio de estruturas escavadas e pontualmente construídas em pedra (nós, passagens, troços - em terreno íngreme ou subterrâneo), intramuros, o armazenamento da água é feito por vários tanques de granito. Dentre a sua variedade formal e temporal que será analisada, uma peça se distingue dos demais; o belíssimo e multivalente tanque D.Leonor de refinado desenho setecentista²⁹¹. Simultaneamente reservatório de água, peculiar lavadouro doméstico, tanque de distribuição para rega, além de explicitamente recreativo como artefacto. Possui um obelisco central coroado em pináculo de onde quatro bicas jorram água no tanque central retangular, e deste para outro mais pequeno, amplificando a sonoridade relaxante do elemento água na atmosfera do jardim (ver fig.IV.10, p.102). De forma subtil, nele se inscreve um espaço de fresco, como um agradável pátio de verdura²⁹², delimitado pelos canaletes de pedra onde a água corre em todo o perímetro.

A partir deste ponto nevrálgico, a água é multidireccionada por canaletes de granito, para os espaços do horto de recreio, pomar, restantes áreas produtivas, e outros tanques a cotas inferiores, numa rede

²⁹⁰ Precedem o arranque dessa estrutura, um moinho (provavelmente servido por outra levada) e a referência oral a tanques de decantação ainda não identificados entre a vegetação densa.

²⁹¹ Erigido na década de 1760 (Serenó & Noé, 2006), e reformado na década de 60 do séc.XX.

²⁹² Este espaço de fresco encontra-se descaracterizado. Tem a forma de um pátio formado por altas sebes de buxo e sombreado por grandes árvores. Existem os esteios em granito de uma latada anterior, mas não original.

intrincada que abrange uma boa parte da quinta; alguns troços estão ocultos, muitos foram amputados²⁹³, porque está obsoleta, substituída por novas técnicas de rega automática²⁹⁴. No entanto, este magnífico exemplar, erigido na década de 1760, atesta bem “elaborados princípios de composição paisagística, numa profunda racionalização do espaço e num profundo conhecimento de engenharia hidráulica, fazendo funcionar toda a gestão da água através do controlo da pressão gravítica, conseguindo-se além da irrigação um sistema lúdico de jogos de água extraordinário²⁹⁵”.

Desta maneira era conseguido o abastecimento do pequeno lago elíptico associado a um espaço de repouso no interior do bosque a sul²⁹⁶. Apesar de inundado de caruma e folhas secas, imaginar a reflexão luminosa do enorme copado envolvente naquele espaço de penumbra, resulta numa imagem verdadeiramente poética, que seria interessante recuperar.

Já no séc.XX, outras importantes estruturas hidráulicas de maior pendor recreativo, foram somadas ao antigo sistema. O já referido e descrito jardim aquático em 1948, da autoria de António Lino, e o espelho de água construído em 1963 da autoria de Gonçalo Ribeiro Telles, “num gesto de reinterpretação contemporânea da harmonia barroca”²⁹⁷.

Ademais, existem outros elementos estritamente utilitários, mais discretos, como uma robusta bica no pátio da cozinha velha (com uma taça monolítica de recolha da água) e um interessante tanque/bebedouro no pátio dos bichos, que passo a descrever: tem um espaldar que divide duas faces: na anterior, uma bica central verte para um tanque alto, para animais de maior porte beberem (cavalos, burros, etc.), que por sua vez verte para dois tanques laterais inferiores, para os animais mais pequenos (porcos, cabras, etc.) saciarem a sua sede. Na face posterior, um quarto tanque, abaixo do nível térreo serve de lavadouro para os porcos, que o atravessam descendo e subindo por uma pequena rampa nos topos, saindo menos sujos pelo outro. Toda a peça é feita de granito e data de 1943. Ainda no pátio dos bichos, em frente às gaiolas, existe um outro tanque (soterrado por uma pavimentação da mesma época), para usufruto das aves outrora aí existentes.

Todas as lavagens de estábulos e pocilgas, eram recolhidos e convergiam para uma *nitreira* (depósito), no patamar inferior ao pátio, junto aos terrenos de cultivo onde era aplicado como fertilizante.

²⁹³ Muitas peças monolíticas pertencentes ao sistema de distribuição, estão amontoadas nas imediações da eira.

²⁹⁴ Também foi aberto um novo poço intramuros em 1993

²⁹⁵ Luíza Estadão em (Gil Pires, 2017, p. 201)

²⁹⁶ Presume-se que o abastecimento deste tanque era feito pelo canaleta que acompanhava o eixo transversal e estruturante da quinta, subindo em velocidade ou pressão até a sua cota.

²⁹⁷ (FCM, sem data)



Figura IV. 9– Mina, *Rio Conselho*, Tapada do Conde
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV.10– Tanque D. Leonor, quinta da Casa de Mateus
Fonte: Ricardo Correia, 2023

Tapada/Mata do Conde

As *tapadas* de caça são reservas cinegéticas quase sempre de grande extensão, que podem ou não estar a usos recreativos. Esta tipologia espacial integra não só as propriedades reais e dos nobres mais abastados por toda a Europa, mas também de grandes mosteiros e conventos.

A caça como atividade de lazer e diversão é uma prática não só das famílias reais, mas também da aristocracia, “mimetizando, em certa medida, a arte da guerra, pelo uso das armas e no confronto físico, neste caso com os animais²⁹⁸”.

Em Portugal, estes grandes espaços estavam frequentemente associados a usos múltiplos, no qual se inclui a proteção, bem como a exploração agro-silvo-pastoril ou agroflorestal extensiva.

Pela sua enorme dimensão, associada às características biofísicas e morfológicas, normalmente estes espaços destacavam-se da sua envolvente, impondo muitas vezes um grande cunho transformador e estruturante no mosaico paisagístico, que em muito valoriza o seu contexto²⁹⁹.

A *Tapada do Conde* ou *Mata do Conde*, como é vulgarmente denominada, foi formalizada no séc. XVII a montante da quinta da Casa de Mateus, e abrange um troço substancial da topografia acidentada do vale da ribeira de Tourinhas, desde as linhas de festo rochosas de ambas as margens, até à galeria ripícola, possuindo vários topónimos indicadores da sua diversidade espacial e contexto biofísico, contido dentro da sua cerca de altos muros em alvenaria seca e irregular de granito (em média de 2,5m de altura), no qual se abrem 7 portões³⁰⁰, totalizando um área que ronda os 100ha³⁰¹, mas que se estende além da cerca por mais propriedades (ver cart.9, p.104).

O património edificado, denuncia as suas múltiplas valências, como uma vacaria, um moinho (em ruínas), terraços para hortas ribeirinhas, minas de captação de água e levadas já descritas.

Tal como referido no capítulo anterior, a cessação das práticas agro-silvo-pastoris fez a paisagem evoluir para uma densa área florestal (ver fig.IV .11 e 12 p.105), que contrasta com a gestão até ao ultimo quarto do séc.XX, quando a escassez obrigava ao fracionamento da recolha de biomassa e condicionada a dias específicos da semana por cada morador.

“Somente a floresta em consequência das suas características biológicas está apta a produzir enquanto conserva e a conservar enquanto produz³⁰²”, mas neste momento a *tapada* assemelha-se quase a uma área

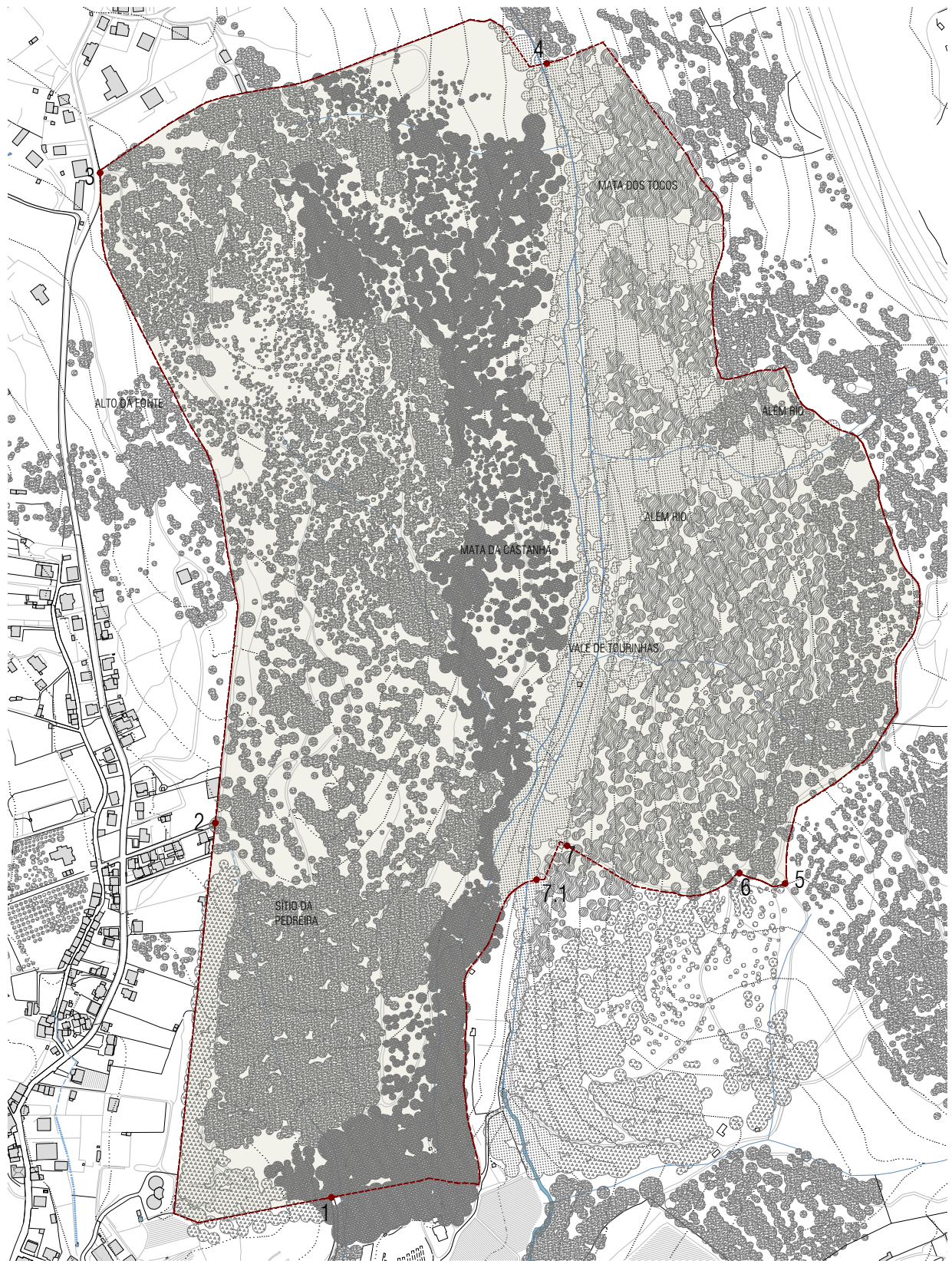
²⁹⁸ (Urbano, 2020, p. 132)

²⁹⁹ (Lima, 2016)

³⁰⁰ A localização e nomenclatura dos portões da tapada foi fixada nos cartogramas apresentados, após levantamento e entrevista aos moradores mais antigos da freguesia de Mateus.






³⁰¹ Deverá ter-se em conta que a fixação dos limites da sua cerca com recurso às fotografias aéreas antigas, tem sempre uma margem de erro que pode ser relevante. A determinação da sua área pela sua projeção horizontal, eleva ainda mais o nível de imprecisão, pelo facto de a topografia do vale ser bastante acentuada. Portanto, em termos planimétricos, a área total medida corresponde a 86ha. 100ha foi a extensão referida numa visita guiada à tapada, pela FCM.










³⁰² C.A.R. Bhadrán, Director-Geral da Food and Agriculture Organization (FAO)



Cartograma 9 - TAPADA DO CONDE

1. PORTÕES DO VALE
2. PORTÕES DA RAIA*
3. PORTÕES DA LAGE*
4. PORTÕES DO FUNDO DO VALE*
5. PORTÕES DO ALTO*
6. PORTÕES DO SOL*
7. PORTÕES DA RIBEIRA*
- 7.1 PORTÕES DA RIBEIRA*
8. MOINHO

-  POVOAMENTO MISTO (vertente Sul)
-  POVOAMENTO MISTO (vertente Norte)
-  PINHAL
-  POVOAMENTO DE CEDRUS
-  GALERIA RIPÍCULA

- 
- 
-  TAPADA DE CAÇA [≈86ha]
-  LINHA DE ÁGUA / LEVADA
-  LEVADA OCULTA
-  LEVADA DESAPARECIDA
-  ÁGUA / TANQUE
-  VINHA / LATADA
-  ARVOREDO

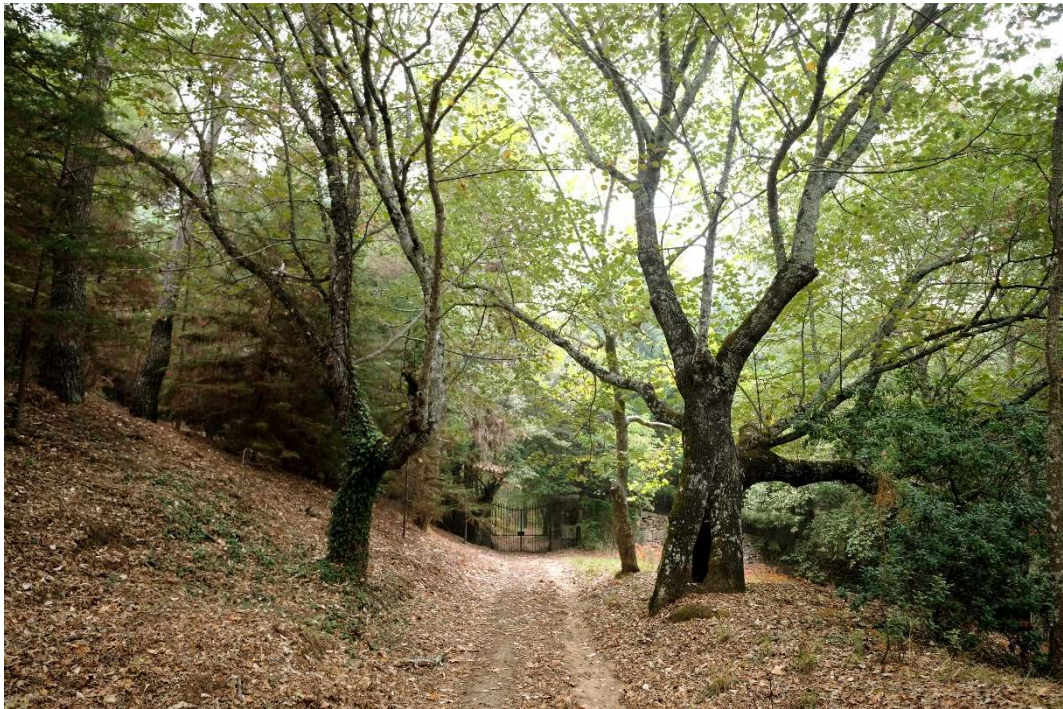


Figura IV. 11– *Portas do vale*, Tapada do Conde
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 12– *Mata de proteção*, Tapada do Conde
Fonte: Ricardo Correia, 2023

de reserva florestal, detentora de uma diversidade biótica assinalável onde constam espécies arbóreas exóticas, além de todas as já descritas relativamente às matas e matos adjacentes.

O seu sistema de percursos, foi também cartografado e identificado de forma preliminar os povoamentos arbóreos dominantes.

Destacando apenas as espécies que não se encontram nas matas extramuros, é de assinalar na envolvente às *Portas do Vale*, um conjunto significativo de resinosas como abetos (*Picea abies*), cedros (*Cedrus deodora*), pinheiros (*Pinus silvestres*), pseudotsugas (*Pseudotsuga sps.*), bem como plátanos (*Platanus sp*) e tílias (*Tilia tomentosa*).

Ao longo da galeria ripícola, povoando também parcelas que outrora foram hortas, além das espécies hidrófilas já referidas, crescem bordos (*Acer opalus*), faias (*Fagus silvatica*), eucaliptos (*Eucaliptus globulus*), sabugueiros (*Sambucus nigra*), etc.

O contínuo florestal estende-se para montante *além do rio*, ao longo da *mata dos tocos* até ao santuário barroco de Nossa Senhora da Pena, a quatro quilómetros do centro de Mateus. Relativamente à fauna, só uma investigação específica poderia dar conta da sua representatividade, ficando apenas a perceção da abundância de aves, e a inexistência de animais de pasto com capacidade de manter as poucas clareiras muito residuais.

A belíssima *tapada do Conde*, é muito mais que uma área florestal, a sua atmosfera secreta, além de encantadora vista dos seus 7 portões, apresenta-se envolta em mistério e da qual muitas histórias se contam, relacionadas com figuras, com fauna e a flora, entre o real e o imaginário popular de quem ali cresceu. É parte integrante da identidade de Mateus, e embora desconhecida constitui-se como uma parte muito valiosa do património da cidade, encerrando em si valores que só o conhecimento poderá potenciar.

2. QUINTA DA CASA DE URRUS

A casa de Urros é pertença de uma família nobre cujas origens remontam ao séc. XVII, e aos apelidos Álvares Lopes e Álvares Pereira, seguindo-se de posteriores alianças matrimoniais até ao séc. XIX, de onde sobressaíram figuras ilustres a nível local e regional ligadas ao múnus religioso, militar, jurídico, às artes, à vinicultura, ao ensino e à de benemerência, que consolidaram esta casa senhorial, grande produtora de azeite, vinhos e pão (milho), que atingiu o seu auge nos tempos da pré-filoxera. Neste processo sucessório, o herdeiro e quarto administrador da Casa de Mateus, Mathias Álvares Mourão (1669 – 1730) vendeu a casa de Urros, restando o antigo núcleo principal cultivado parcialmente por arrendatários³⁰³. Até a algumas décadas atrás, “as melhores propriedades desta casa senhorial, espriavam-se ao longo das margens da citada ribeira (Levandeira), desde a Fonte da Rabela até à sua foz, no rio Corgo, contigua à Quinta das Regadas, numa extensão de mais de dois quilómetros. Acresciam matas nos lugares de Outeiro de Lobos, Navalhos, Redonda, Preguiça, e Pé de Cavalo, e férteis vinhas nos lugares de Redonda, Arame, Regueiras, Pousada, Trás dos Soutos, Pé de Cavalo e Boque³⁰⁴”. O património fundiário periurbano da casa de Urros, no séc.XIX e até meados do século XX, muito provavelmente, chegou a ser o maior da cidade de Vila Real, integrando várias quintas (ver cart.5, p.41).

A atual tapada da quinta é, portanto, o último bastião dos vastos domínios da Casa de Urros em Vila Real, e ainda, assim, permanece uma das maiores e mais belas quintas, expectantes quanto ao futuro (ver cart.10, p.108).

❖ Núcleo Edificado

“Para quem parte da igreja matriz de São Martinho de Mateus, para nascente, nas imediações do Largo da Droa ou Doroa, encontra do lado esquerdo, junto ao nicho de Nossa Senhora dos Caminhos, os primeiros terrenos agrícolas desta casa que se prolongam até ao solar o qual é precedido de algumas sebes, outrora de belo efeito, que escondem velhos pomares e jardins³⁰⁵.”

A parte mais antiga da casa e capela de N. S^a. do Carmo e de S. José, foram mandadas edificar pelo padre José Álvares Pereira, Fidalgo de Cotas de Armas, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Presbítero secular e Abade de Mateus, vinculando em 1797 à capela e certas propriedades³⁰⁶.

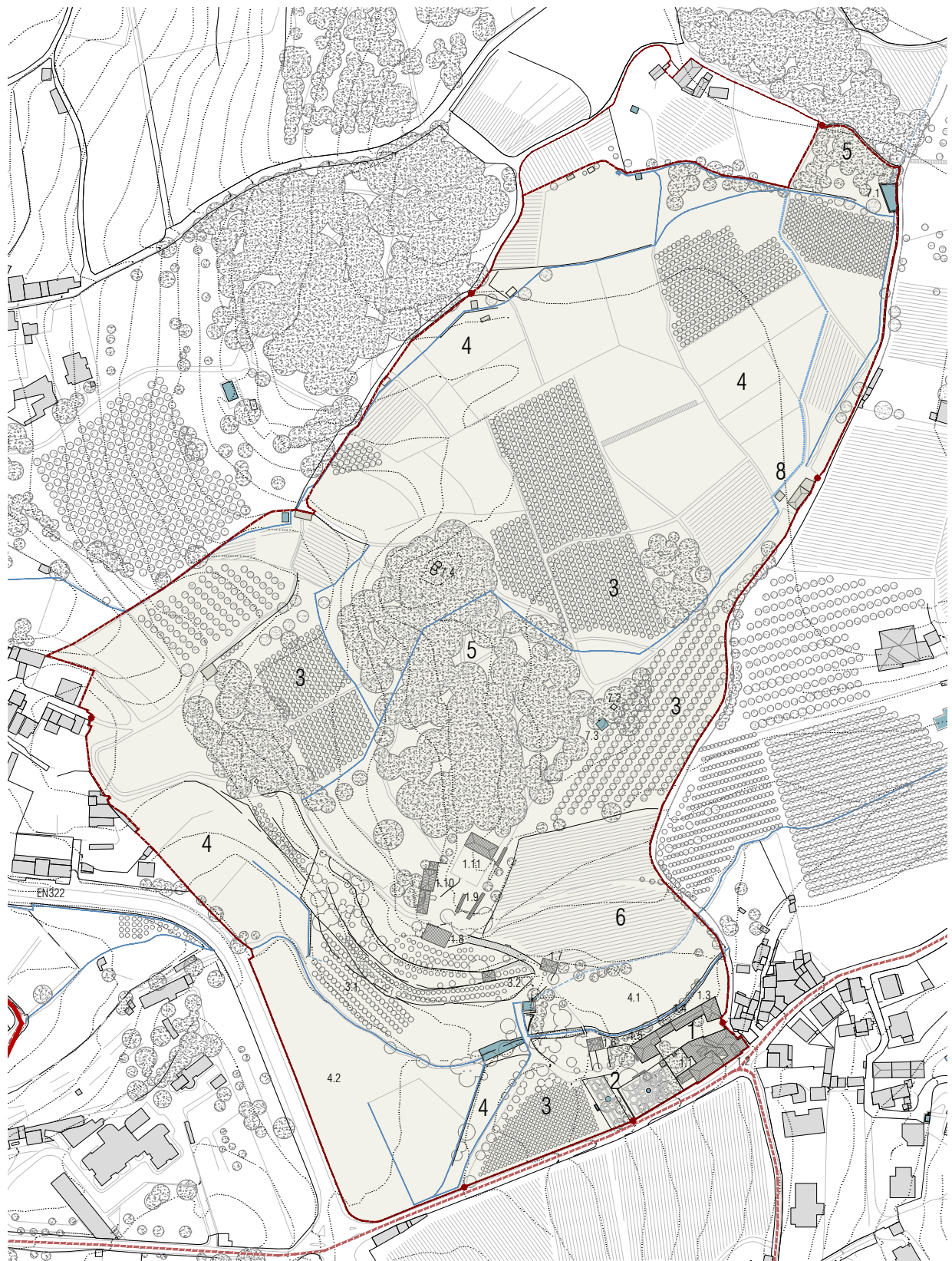
A casa com capela contígua, tem uma volumetria composta por sucessivas construções que se foram somando em comprimento e altura a uma construção original de dois pisos do final de setecentos, um

³⁰³ (Conde, 2017, p. 8 a 10)

³⁰⁴ (Conde, 2017, p. 9)

³⁰⁵ (Conde, 2017, p. 8)

³⁰⁶ (Conde, 2017, p. 11) cita SOUSA, 1943 em “Fidalgos de Vila Real e seu termo”, Vol. I, pag. 170-173



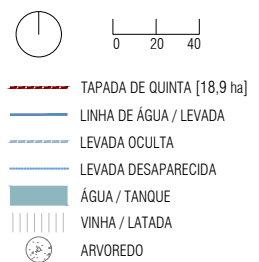
Cartograma 10 - QUINTA DA CASA DE URRUS

- 1. NÚCLEO EDIFICADO
- 1.1 SOLAR
- 1.2 CAPELA
- 1.3 CASA DOS CRIADOS
- 1.4 AMAZÉNS
- 1.5 CAVALARIÇAS
- 1.6
- 1.7 NÚCLEO AGRÍCOLA BAIXO
- 1.8 AZENHA

- 1.9 ESPIGUEIROS (CANASTROS)
- 1.10 NÚCLEO AGRÍCOLA ALTO
- 1.11 EIRA / BARRÃO DE CEREAIS
- 1.12 ESPIGUEIROS
- 2. HORTO DE RECREIO
- 3. POMAR
- 3.1 OLIVAL
- 3.2 POMAR DE RECREIO (CITRINUS)
- 4. HORTA

- 4.1 LAMEIRO
- 4.2 CAMPO DE MILHO
- 5. BOSQUETE
- 5.1 CARVALHAL
- 6. VINHA
- 7. TANQUES DE DISTRIBUIÇÃO
- 7.1 RESERVATÓRIO (*Fonte da Ravela*)
- 7.2 DEPÓSITO DE ÁGUA
- 7.3 TANQUE DO OBLUSICO

- 7.4 DEPÓSITO PÚBLICO DE ÁGUA
- 8. (MEIRELES)



terceiro piso foi acrescentado nos inícios do séc. XX, ostentando o brasão da família e com uma varanda corrida sobranceira à rua e aos vinhedos envolventes. Uma dessas construções, é referente ao horto de recreio oitocentista ao nível do primeiro piso, recortada por vasos sobre plintos em granito que prolongam a leitura longitudinal da fachada, talvez o seu elemento de distinção (ver fig. IV, p.110).

Situado junto da povoação, o núcleo principal da quinta está localizado num vértice da propriedade, e desenvolve-se em torno de um pátio longitudinal, formado por uma série de várias construções utilitárias a norte (cavaliária, casa da lenha, casa dos empregados, etc), que serviam a habitação na ala oposta, tudo cerrado por altos muros e portões nos topos.

As edificações e dependências ligadas à produção estavam fora deste espaço, algumas adjacentes, mas principalmente, noutros núcleos edificados com várias localizações dentro dos vastos terrenos da quinta, onde habitavam outros caseiros e usados por outros arrendatários fundiários (ver cart.10, p.108).

A noroeste da casa, no alto de um pequeno e belo cabeço, por onde se sobe ao longo de uma longa latada de vinha, um extraordinário conjunto de espigueiros com dezenas de metros de comprimento. Este segundo núcleo, desde há muito se tornara marcante da paisagem de Mateus pelo seu elevado efeito cénico, até ter sido engolido pelo crescimento desmesurado da vegetação que obstruiu a perspetiva das elegantes peças edificadas, como autênticos templos utilitários em memória da quase extinta paisagem agrária cerealífera (ver fig. IV.17, p.114). Dispostos em torno de uma enorme eira, com outros edifícios afetos exclusivamente à produção, dos quais faz parte uma azenha (ver fig.IV.16, P.111) com todos os seus engenhos tradicionais íntegros e totalmente perceptíveis³⁰⁷.

Entremeando o caminho entre estes dois núcleos edificados, um terceiro e pequeno núcleo edificado, articula em diferentes níveis, edifícios, muros, latadas, e um grande tanque/lavadouro.

Outros núcleos existem mais arruinados, no lugar de Meireles, e Navalhos, que só os relatos saudosos de quem os vivenciou, faz emergir impressões das suas atmosferas originais³⁰⁸.

❖ Horto de Recreio

Vários metros acima da rua, no topo Poente da casa senhorial, uma porta com a inscrição de 1849 na padieira, dá acesso a um grande terraço³⁰⁹, parcialmente murado e de base maciça, com vista privilegiada a partir dos varandins, sobre os vinhedos e pomares tendo lugar ermo do assento da igreja de Mateus (*eye-catcher*), com a serra do Marão e Alvão que lhe definem toda a linha do horizonte (ver fig.IV,4, p.58).

³⁰⁷ Embora todos os engenhos estejam totalmente expostos à degradação desde que o telhado da azenha ruiu.

³⁰⁸ A maior parte das pessoas que ainda granjeia os terrenos desta quinta, cresceram em famílias numerosas nestas casas, cujos alguns relatos foram escutados durante trabalho de campo.

³⁰⁹ Uma construção foi acrescentada ocupando parte do terraço, e desvirtua o conjunto arquitetónico da casa de Urros, tal como as pendentes desordenadas das águas dos telhados.



Figura IV. 13– Quinta da Casa de Urros
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 14– Horto de recreio, quinta da Casa de Urros
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 15 – Núcleo edificado da quinta da Casa de Urros
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 16 – Lagar de varas arruinado, quinta da Casa de Urros
Fonte: Ricardo Correia, 2023

Todo este espaço se formaliza como um salão exterior, de tecto vegetal pelo enorme copado (*Quercus rubra* e *Aesculus hippocastanum*) (ver. Fig.IV.15, p.151) que pende do exterior dos muros, com nichos nas paredes, conversadeiras, além da curiosa necessidade de chave de alguma das suas duas portas para o acesso, contribuem para o sincretismo deste espaço intimista³¹⁰, o qual se acede por uma escadaria simétrica lateral, a partir dos *parterres* a cotas inferiores.

No interior dos canteiros de sebes de buxo topiadas ao estilo barroco tardio, ainda crescem roseiras (*Rosa spp.*), lírios (*Lilium spp.*) e hortências (*Hydrangea macrophylla*), mas o destaque recai todo nas enormes camélias (*Camellia japónica*), tão típicas do jardim nortenho. Quebrando a regra das formas geométricas, onde não poderiam faltar as fontes de repuxo ao centro, quase ao nível do chão como é próprio da época, algumas espécies exóticas de maior porte surgem dispersas pontuando verticalmente o espaço, como a yuca (*Yucca elephantipes*), a palmeira (*Washingtonia spp.*) no tabuleiro superior, e no inferior a Araucária (*Araucaria heterophylla*), cupressus (*Chamaecyparis lawsoniana*) e a magnolia (*Magnolia soulangeana*), além do espique sobrance de uma frondosa palmeira das canárias (*Phoenix canariensis*) também dizimada pela praga do escaravelho.

A nota e erudita, que normalmente aparece nalgum apontamento das fachadas dos solares nortenhos, aqui surge claramente na construção deste belo horto de recreio, por meio da manipulação topográfica, morfológica, tectónica e vegetal, espaço e atmosfera simultaneamente íntimo e desafogado.

Ao longo da rede de caminhos por toda a quinta, é frequente a promiscuidade entre espécies produtivas e ornamentais, estruturas de produção, recreio, e núcleos edificados, que espelham de forma clara a tradição portuguesa de fruição espacial por entre todas as componentes da quinta como um grande jardim produtivo.

❖ Pomar

Sem dúvida que os vastos pomares de fruta abundante e colorida, são um fator de vulto das atmosferas da quinta da casa de Urros.

Em terrenos aplanados, tanto a cotas altas como mais baixas, os pomares geométricos, sobretudo de variedades de maçã (*Malus domestica*) são abastecidos por várias levadas para rega, e dominam a produção da quinta, juntamente com o olival tradicional (*Olea europaea*) nas encostas em socalcos, mas também ligeiramente encaixados, entre a heterogeneidade morfológica da quinta.

Além destas espécies, existem muitas outras que se sucedem em sequência variada ao longo das bordaduras dos caminhos, como pereiras (*Pyrus communis*), marmeleiros (*Cydonia oblonga*), nespereiras (*Eriobotrya japónica*), outras mais localizadas como castanheiros (*Castanea sativa*), e cerejeiras (*Prunus*

³¹⁰ apesar da degradação patente, que fez com que a anarquia tomasse conta do que resta do formalismo vegetal.

avium), e ainda figueiras (*Ficus carica*) e noqueiras (*Juglans regia*) pontuando espaços junto a tanques e passagens de água.

Os citrinos, mais aromáticos, e como é tradicional, estão também aqui associados a espaços de fresco e permanência.

Destacam-se os pomares de maçã envoltos em sebes arbóreas e arbustivas topiadas em continuidade com horto de recreio, como autênticas salas microclimáticas frutíferas e aprazíveis.

❖ Horta

As hortas estão localizadas nos solos mais planos e profundos, na sua maioria ao longo da ribeira da Levandeira que corre ao longo da propriedade e rega os lameiros, campos de milho e talhões geométricos sachados e bem mondados. O mosaico sazonalmente dinâmico é definidor da vitalidade cultural que as hortas periurbanas ainda apresentam em Mateus, e mantém ativa a pequena economia circular de bens de consumo. Hortaliças como legumes, leguminosas e vegetais para saladas, partilham talhões de cultivo produtivo com flores ornamentais como Dálias (*Dahlia pinnata*), Lírios (*Iris sp.*), Girassóis (*Helianthus annuus*), etc, e pintam de cores vibrantes e impressionistas os percursos restritos da quinta. No entanto, a edilidade completa só é alcançada quando ignorado o trabalho árduo, e desconhecidos os rostos de quem trabalha diariamente a terra.

❖ Bosquete

No alto, envolvendo o já referido núcleo agrícola com seu conjunto de espigueiros, o bosquete, de mais de 2ha desenvolve-se ao longo de uma crista de afloramentos de granito, almofadados por grossas camadas de musgo. O denso coberto arbóreo de proteção foi um formoso local de vilegiatura relatado por vários moradores que a denominavam por *carvalhada*, no entanto os seus carvalhos deram lugar a um eucaliptal nos finais do séc.XX, do qual as gigantes árvores foram derrubadas já no presente século, seguindo-se o abandono pela invasão de acácias (*Acacia melanoxylon* e *Acacia dealbata*) onde até as toiças dos eucaliptos têm dificuldade em se impor. Ainda assim permanecem apontamentos da atmosfera referida, desde logo as vistas de um belo miradouro, um tanque com um grande obelisco de onde a água jorrava (e entre as silvas, talvez os bancos e mesas de pedra relatados), e alguns dos percursos, misteriosos, em túnel, tal densidade de troncos.

Como memória vegetal, sobrevivem de forma frágil alguns indivíduos como o bordo (*Acer pseudoplatanus*), o loureiro (*Laurus nobilis*), o lódão (*Celtis australis*) e sequoias (*Sequoia sempervirens*), enquanto carvalhos (*Quercus robur*) tomam conta dos espaços adjacentes de pomar.



Figura IV. 17– Espigueiros, núcleo agrícola da quinta da casa de Urros
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 18– Tanque de distribuição, quinta da casa de Urros
Fonte: Ricardo Correia, 2023

❖ Vinha

Dentro da tapada da quinta apenas se localiza uma vinha a meia encosta, e outra na quinta de Navalhos que lhe é adjacente. Os grandes e férteis vinhedos da casa localizavam-se fora da atual cerca, “nos lugares de Redonda, Arame, Regueiras, Pousada, Trás dos Soutos, Pé de Cavalo e Boque, em terrenos pertencentes à Região Demarcada do Douro e algumas delas de vinho generoso. Na Redonda situava-se o armazém onde o vinho era produzido, construído no início do século XX, paralelo à linha de caminho do ferro do Vale do Corgo, ao Km 27, aí localizado no propósito de fazer cargas e descargas pela via-férrea³¹¹”.

Sistema hidráulico

O intrincado sistema hidráulico da quinta da casa de Urros é, uma obra de extraordinário engenho do homem na manipulação da água, e contribui significativamente para a riqueza do património cultural da área de estudo e da cidade, incrementando produtividade aos terrenos, e assim maior valor económico.

Identificaram-se pelo menos duas ordens de sistema: o primeiro à cota alta, com origem na da fonte da Rabela no lugar de Navalhos, e o segundo, diz respeito a uma série de regadios (por levadas aparentes, subterrâneas, bocas de rega, etc.) a partir da ribeira da Levandeira. Esse sistema (parcialmente ativo) atingia dimensões colossais ao longo dos quase dois quilómetros de extensão, a partir do núcleo edificado da quinta até à margem do rio Corgo, quando praticamente todo o vale era propriedade da Casa de Urrus (até ao último quartel do séc. XX), como foi explicado por vários moradores.

Dentro da atual cerca, os circuitos da água servem sobretudo finalidades produtivas, mas também recreativas, no horto de recreio em fontes ornamentais de repuxo (sobre uma provável cisterna), e apontamentos noutros locais como o obelisco no tanque do bosque e o banco corrido do tanque de distribuição/lavadoiro.

A denominada fonte da Rabela à cota de 530m, na realidade é um tanque/reservatório semienterrado, abastecido por águas subterrâneas, e superficiais, pela drenagem dos caminhos rebaixados a montante, em condutas ocultas (ver fig.IV19, p.115). Não é fácil a datação desta engenhosa e robusta construção em alvenaria de granito, provavelmente do séc. XVIII³¹², sobre uma fundação bem mais antiga, facto reforçado por uma lenda pagã a ela associada e eventuais achados numismáticos³¹³.

³¹¹ (Conde, 2017, p. 9)

³¹² Data de boa parte das estruturas da quinta. Moradores comentaram que vários técnicos, incluindo arqueólogos, confirmam a raridade desta estrutura de difícil datação.

No entanto, o estado de degradação desta magnífica peça hidráulica é confrangedora.

³¹³ A lenda “tem associado o relato da existência de uma moura encantada que vivia aprisionada no próprio tanque ou na mina, onde guardaria o tesouro. Um dia, por descuido, ao ser descoberta por alguém que foi à fonte, o feitiço ter-se-á quebrado e a moura transformou-se numa cobra que depressa ameaçou quem se abeirava da fonte. Desta forma a existência de tesouro continuaria a ser um tabu, um segredo bem guardado (Conde, 2023, p12)”.

O fluxo de água é contínuo por meio de levadas que partem em diferentes direções, desde rega dos pomares do lugar de Meireles até abastecer tanques e reservatórios da antiga Carvalhada, que por sua vez derivam novamente para outros destinos e finalidades na quinta, e além dela.

A uma cota mais baixa, um antigo tanque e lavadouro com ameias, é servido por uma mina, de onde derivam mais levadas que cruzam a ribeira num pequeno aqueduto, para irrigação dos campos (ver fig.IV.18, p.114). Por baixo desse mesmo aqueduto, uma represa foi construída no leito da ribeira, elevando a cota da água, de onde partem outras levadas para irrigar hortas e campos de milho. Ao longo do leito da ribeira emparedada, várias bocas de rega com pequenas comportas de madeira encaminham as águas para os campos de milho conforme as necessidades. Por outro lado, nos paredões da ribeira que sustentam vinhas e olivais desembocam outras condutas subterrâneas.

Não obstante da dificuldade de acesso a todas as vertentes do sistema hidráulico da casa de Urros, decerto que esta quinta representa um magnífico exemplar da arte tradicional portuguesa de gestão da água por gravidade, desde a vertente doméstica, recreativa, industrial/artesanal e produtiva. O facto de a quinta se encontrar numa situação degradada e expectante, não abona muito a favor da sua integridade, face à expansão urbana.



Figura IV. 19– Fonte da Rabela
Reservatório de água, quinta da Casa de Urros
Fonte: Ricardo Correia, 2023

3. QUINTA DA CASA DAS QUARTAS

A cerca da quinta da casa das Quartas foi substancialmente reduzida ao longo dos seus três séculos de existência na posse da mesma família, que teve “vários casais dispersos, em Abambres, quer junto ao Largo da Baralha, quer nos lugares do Cano, Troviscal, Pousada e Cascabilhal³¹⁴” em terrenos de cultivo, olivais, vinhedos e pomares, até ao Rio Corgo, fruto da prosperidade do século XVIII em que a casa se desenvolveu adquirindo “novos foros de grandeza, com a instituição da sua capela e vínculo de Morgado, pelo 1.º Senhor, Manuel Teixeira de Carvalho e sua esposa³¹⁵”.

Com o alargamento do antigo caminho fronteiro à casa na segunda metade do século XIX, e posterior alienação dos terrenos mais férteis de hortas e pomares que estavam além dessa nova estrada fontista, para a urbanização, infelizmente totalmente descontextualizada e desqualificada, a quinta constitui-se hoje como uma autêntica fronteira entre a periferia urbana e beleza atemporal de uma obra simbiótica do Homem com a Natureza do qual faz parte, malgrado da iminência de ser engolida pela torrente de betão.

A cerca atual da quinta abrange uma encosta suavemente ondulada na traseira do núcleo edificado, com uma ligeira concavidade que drena em direção à ribeira da Levandeira (ver cartograma 11 p.118).

O uso do espaço está de acordo com as aptidões do terreno, portanto, a área arborizada no cabeço de encosta, o pomar a meia encosta, e as hortas nas áreas mais baixas e de menor declive, numa série de socalcos ajardinados rematados pelo solar na frente de rua.

❖ Núcleo Edificado

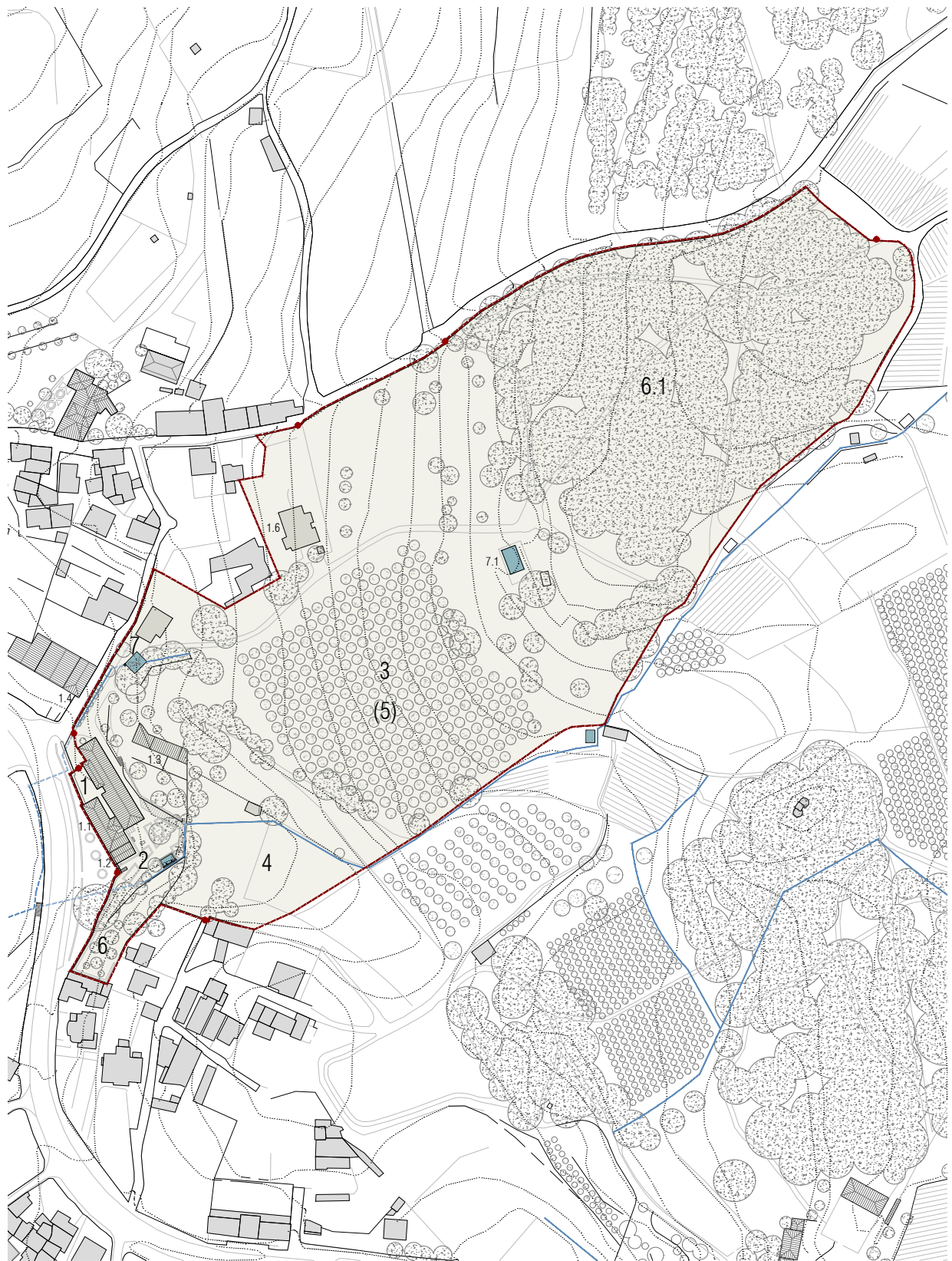
A casa e capela de invocação a N. S^a. da Conceição, está classificada como imóvel de interesse municipal desde 1977. Tem duas alas longitudinais desalinhas em forma de U voltados a SO, ligadas transversalmente, formando um pátio fechado por um portão, por onde se fazia o antigo acesso principal à casa. A ala mais antiga da casa, voltada à rua, data do séc. XVII, ao qual foi adossada a capela no século XIX, no extremo sul (ver fig.IV.20, p.120.). A ala posterior surge de uma ampliação em L encaixada no terreno, apresentando apenas um piso do lado posterior onde se conforma um horto de recreio como um pátio entre a casa e os muros dos socalcos.

O solar tem a sobriedade dos solares transmontanos, de fachada voltada à rua composta por uma série de janelas com poleias de granito para vasos no andar superior, e óculos em forma de elipse no piso térreo; a capela integrada na fachada, seguido de um muro rebocado e caiado, que exhibe um grande brasão pétreo da família, aqui recolocado, enquanto outras peças foram separadas para ornamentar o interior da casa³¹⁶.

³¹⁴ (Conde, 2021, p. 15)

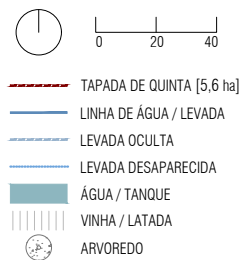
³¹⁵ (Conde, 2021, p. 19)

³¹⁶ (Conde, 2021, p. 43) Essas peças heráldicas eram provenientes de outra quinta da mesma família, parcialmente demolida.



Cartograma 11 - QUINTA DA CASA DAS QUARTAS

- | | |
|-----------------------------|------------------------------|
| 1. NÚCLEO EDIFICADO | 4. HORTA |
| 1.1 SOLAR | 5. (ANTIGA VINHA) |
| 1.2 CAPELA | 6. BOSQUETE |
| 1.3 ARMAZENS | 6.1 MATA |
| 1.5 ANTIGA AZENHA | 7. TANQUE / ESPAÇO DE FRESCO |
| 1.6 HABITAÇÃO CONTEMPORÂNEA | 7.1 TANQUE / PISCINA |
| 2. HORTO DE RECREIO | |
| 3. POMAR (CEREJAL) | |
| 3.1 OLIVAL | |



Do lado oposto ao estreito caminho público por onde se acede à casa, existe um grande edifício de cantaria de granito (afeto à atividade comercial) que correspondia à antiga azenha da quinta em funcionamento até 1974, altura em que um grande incêndio destruiu todo o recheio da casa, então reconstruída, servindo ainda de residência à família³¹⁷.

❖ Horto de Recreio

O horto de recreio reparte-se em socalcos por três níveis interligados, cada um com um carácter distinto. O primeiro nível tem a função de enquadramento à fachada do solar no exterior da cerca, que é o local para onde se abre a capela. Desenvolve-se num espaço triangular esguio³¹⁸ com areão no pavimento, e é composto por um simples ajardinamento de buxo em canteiros circulares floridos de tagetes e bordaduras de hortências (*Hydrangea macrophylla*), além das glicínias (*Wisteria sp*) que trepam os muros e troncos das enormes árvores que se projetam do jardim superior. A verticalidade e sombra destas frondosas árvores, das quais se destaca um carvalho (*Quercus pyrenaica*) e uma noqueira preta (*Juglans nigra*), contrapõe a horizontalidade e luminosidade do solar caiado de branco.

Ao nível intermédio de relação direta com o piso superior da casa, o pequeno jardim formal assemelha-se a um salão exterior, com uma mesa central de pedra, bancos e muitas flores, tudo balizado por muros de suporte formando um “campo de tensão entre jardim e arquitectura, tipicamente português³¹⁹” (ver fig.IV.21, p.120).

Ao eixo do pátio, um tanque de espaldar com duas bicas e o brasão da família, assume todo o protagonismo do espaço intimista reforçado pelas pérgulas, e onde a profusão do elenco vegetal revela um claro cunho pessoal dos proprietários. De entre essa diversidade, a morfológica bizarra do largo tronco retorcido e coberto de musgo de um velho bordo (*Acer negundo*) com as suas sementes aladas e douradas pendentes, polariza o espaço como uma autêntica escultura viva no meio da topiária geométrica que ordena todo o espaço (ver fig.IV.22, p.121).

Um elemento curioso tem a ver com o facto de uma levada cruzar o horto de recreio, na base de um dos muros, em vez das típicas caleiras, levando água de socalco em socalco, de tanque em tanque, de propriedade em propriedade.

Deste espaço confinado e formal se transita gradualmente para uma outra atmosfera totalmente informal no patamar superior, em que a topografia se vai tornando mais irregular, e frondosas árvores e arbustos

³¹⁷ (Serenó, 1994). A casa foi uma das primeiras unidades de turismo de entre as quintas de Mateus iniciada em 1989. Essa atividade foi abandonada e hoje a casa está parcialmente arrendada.

³¹⁸ Em terrenos permutados aquando do alargamento da estrada/circuito automóvel.

³¹⁹ (Kluckert, 2000, p. 275)



Figura IV. 20 – Solar da quinta da Casa das Quartas
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 21 – Horto de Recreio da quinta da Casa das Quartas
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 22- Horto de Recreio da quinta da Casa das Quartas
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 23- Horto de Recreio da quinta da Casa das Quartas
Fonte: Ricardo Correia, 2023

ornamentais criam a ambiência de um bosquete, onde mesas e bancos de pedra se dispõem livremente. Nesse caminho ascensional, o campo visual abre-se à profundidade da paisagem contrastante entre da silhueta urbana da cidade luminosa com negritude das serras delineando o horizonte.

Entre as espécies que mais se destacam são os Abetos de Douglas (*Pseudotsuga mensiesii*), os Cedros vermelho (*Juniperos verginiana*), Nogueira-preta (*Juglans nigra*) e um enorme carvalho (*Quercus pyrenaica*).

Embora nada pretensioso, de facto é notável a diversidade espacial conseguida neste horto de recreio compactado em escassos metros quadrados. Surgem ainda outros pequenos espaços de fresco e recreio em outros pontos da quinta junto aos tanques.

❖ Pomar

O maior espaço intramuros é ocupado por um grande cerejal a meia encosta, que veio substituir a antiga vinha que abrangia áreas ainda maiores hoje desafetas à quinta. Outros pomares e olivais existiram na dinâmica cultural da quinta, em terrenos alienados fronteiros à casa e parcialmente urbanizados. Contudo, neste momento, a quinta já não tem atividade produtiva sendo feita apenas a manutenção vegetal.

Há também árvores de fruto na bordadura dos caminhos, entre as quais oliveiras (*Olea europaea*), macieiras (*Malus domestica*), marmeleiros (*Cydonia oblonga*).

❖ Horta

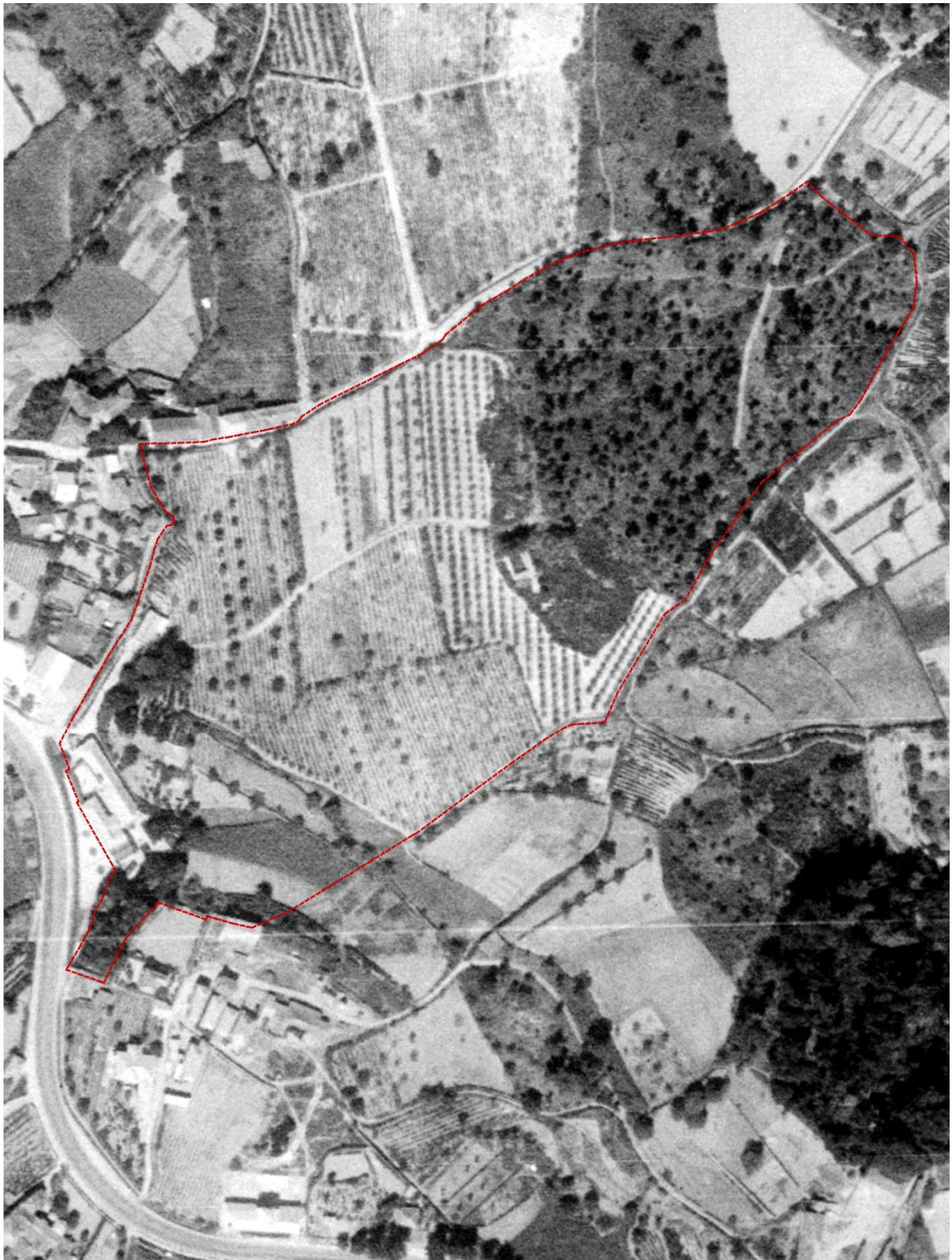
As hortas localizavam-se nos terrenos baixos da tapada, quer traseiros como fronteiros à casa, em solos de aluvião bem abastecidos por água corrente nas levadas (algumas desativadas).

Parte destes solos férteis exteriores à cerca, por não integrarem a RAN foram perdidos para edificações e estruturas totalmente desenquadradas do contexto, não respeitando minimamente o perímetro de salvaguarda do património inscrito no PDM. O estrago só poderá ser minimizado se não se edificar os restantes lotes, e se projetar algo que tenha em conta “objectivos de qualidade paisagística e de vida das populações, mas também de qualidade espacial e formal, na qual a história natural e cultural do lugar assume grande relevância³²⁰”.

❖ Bosquete

A pequena mata com pouco mais de 2ha localiza-se a norte, no ponto mais alto da encosta contida por um antigo muro de alvenaria de granito que se vem esboroando ao longo da rua do Paço. É povoado por um denso pinhal (*Pinus pinaster*) bem desenvolvido, com medronheiros (*Arbutus unedo*) e novos brotos de carvalho (*Quercus pyrenaica*) espontâneo anunciando a sucessão ecológica. A maioria desta área é propriedade da casa de Urros com o qual havia laços familiares, e talvez por esse facto há uma clara

³²⁰ (Batista & Matos, 2014, p. 41)



Ortofotomapa. 2 – QUINTA DA CASA DAS QURTAS
Fotografia aérea do voo (CENSO) 1980
Fonte: CIGeoE



integração de todo o sistema de percursos da casa das Quartas, do qual se destaca o extenso caminho longitudinal que atravessa linearmente toda a quinta e o pinhal, sem que exista um muro (apenas esparsas pedras alinhadas) de separação. Por essa clara complementaridade foi representada na cartografia como uma unidade reconhecível no terreno.

❖ Vinha

Como referido, a vinha ocupava a maior parte da meia encosta da quinta e era frequentemente abrangida com título de prática de benefício, atribuída pela Casa do Douro.

Do caminho que a cruza, a ala poente foi loteada e edificada, e a ala direita cedeu lugar a um cerejal.

Ambas as culturas requerem alta mão de obra, e o valor venal bruto é igualmente alto. No entanto a obtenção de rendimentos externos à terra tem-se mostrado uma opção mais vantajosa para muito proprietários de quintas, independente de questões de escala.

○ Sistema Hidráulico

A quinta é abastecida de água corrente de uma mina que provavelmente parte da mata de Urrus à cota de 530 metros no lugar de Navalhos a poucas centenas de metros. Serve por um canal o grande tanque/lavadouro quadrangular, e espaço de fresco com densa vegetação, e onde originalmente se localizava o tanque de espaldar trasladado para o horto de recreio, portanto formaria aqui um conjunto hidráulico de maior aparato, envolvido por loureiros (*Laurus nobilis*), bambus (*Bambus spp.*) e folhados (*Viburnum tinus*).

Deste tanque a água corre para as levadas que se repartem sucessivamente ao longo do reticulado de hortas em quintais, uma das quais passa ao largo da capela de Santo Isidro e atravessa ao meio a Quinta da Levandeira até afluir na ribeira homónima; tal como a levada já mencionada que atravessa o horto de recreio, e contribui assim para sua atmosfera sensitiva e amena.

4. QUINTA DO PAÇO

São poucas as referências disponíveis quanto à origem da quinta³²¹, sabe-se que a partir da segunda metade de XIX, em período de paz e de romantismo após o período conturbado pelas guerras napoleónicas e liberais, ter sido comprada por um elemento da corte que se mudara para a cidade, onde casou e construiu a sua segunda morada ou casa de férias³²².

Localizada a nascente da quinta de São João com a qual confronta, a quinta do Paço ocupa uma secção do vale da Gregosa em Arroios, e tal como a maioria das quintas analisadas foi igualmente cortada pela construção da estrada no século XIX³²³, alterando os seus acessos principais.

Do seu núcleo construído em U, ancorado numa plataforma a meia encosta voltada a SO, partia um caminho linear descendente que estruturava toda a quinta até às cotas baixas da galeria ripícola e da mata, na encosta oposta voltada a norte. Esse eixo aglutinador atravessava uma sequência de terraços arborizados e com boas vistas fronteiras à casa, seguindo-se da vinha e depois o pomar em terrenos mais baixos e suaves, que é claramente visível na cartografia histórica do acervo da FCM, e principalmente numa fotografia aérea de 1980 do IGEOE (ver ortofotomapa 3, p.127).

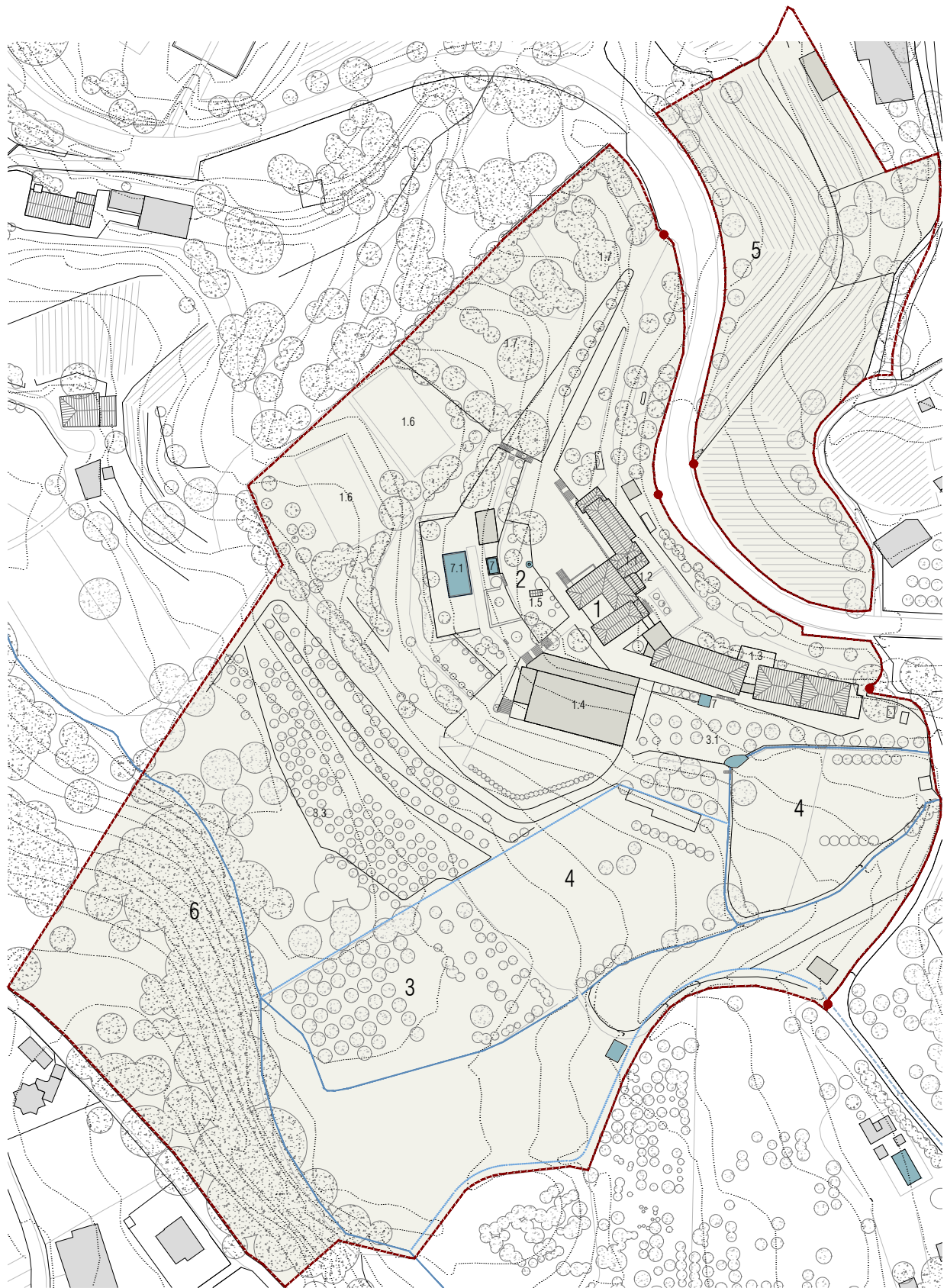
A clarividência deste desenho racionalista, contrasta com a organicidade do traçado dos vários terraços plantados com árvores de fruto, e reflete a capacidade dos construtores portugueses para interpretar e adaptar certos modelos programáticos à realidade tradicionalista nortenha, consciente dos seus gostos e limitações.

Infelizmente, as sucessivas reformulações que a quinta vem sofrendo ao longo deste século, desmantelaram essa matriz arquitetónica, e têm desmantelado toda a composição.

³²¹ os proprietários da quinta/hotel não concederam nenhuma entrevista.

³²² < <https://www.evasoes.pt/ficar/em-vila-real-o-hotel-quinta-do-paco-soma-dois-seculos-em-casa-senhorial/1035406/> > [Acedido em 19/08/2023].

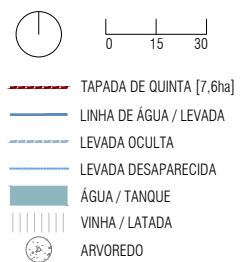
³²³ Os vinhedos pontuados por oliveiras a norte da estrada (EN322)



Cartograma 12 - QUINTA DO PAÇO

- 1. NÚCLEO EDIFICADO
- 1.1 SOLAR
- 1.2 CAPELA
- 1.3 CORPO DE ESTALGEM
- 1.4 SALÃO
- 1.5 ESPIGUEIRO
- 1.6 CAMPOS DE TÊNIS
- 1.7 PARQUE AUTOMÓVEL
- 2. ESPAÇOS AJARDINADOS

- 3. POMAR
- 3.1. POMAR DE RECREIO
- 3.2 OLIVAL
- 3.3 VALE DE NOGUEIRAS
- 4. HORTAS
- 5. VINHA
- 6. BOSQUETE
- 7. TANQUE
- 7.1 PISCINA





Ortofotomapa. 3 – QUINTA DO PAÇO
Fotografia aérea do voo (CENSO) 1980
Fonte: CIGeoE



❖ Núcleo Edificado

O núcleo edificado da quinta tem origem numa casa senhorial do séc. XVIII³²⁴, da qual a pequena capela privativa é talvez o elemento arquitetónico mais antigo, dado que por ordenação do bispo, a capela foi construída previamente às restantes edificações³²⁵. A posição aparentemente errónea da capela, voltada a nascente, na traseira do atual corpo do solar, denuncia a possibilidade de o acesso original da quinta ter sido alterado.

A planta em U, introduzida em Portugal a partir do séc. XVII³²⁶, aparece aqui com características construtivas do séc. XIX (ver fig.IV.24, p.130), não sendo seguro fazer a cronologia da sua evolução sem uma investigação mais aprofundada acerca de todo o conjunto edificado. É certo que os restantes corpos foram acrescentados em diferentes momentos ao longo do século XX, do qual se destaca a ala poente com uma arcada térrea, formando em L, um amplo espaço exterior “de aparato”, por onde se chega por uma alameda, e para onde desembocam as escadarias exteriores em granito que dão acesso às galerias que antecedem a entrada nos edifícios, rebocados e caiados (ver fig.IV.25, p.130).

O facto de o programa da quinta estar ligado a uma estalagem desde o século XIX, promoveu as sucessivas ampliações somatórias cada vez mais avolumadas, das quais as mais recentes são evidentemente desenquadradas e dissonantes, portanto, comprometedoras da qualidade da paisagem da quinta e do conjunto arquitetónico.

❖ Horto de Recreio

Os atuais espaços ajardinados da quinta do Paço desconstruíram uma soberba apropriação topográfica, composta por um amplo terreiro superior arborizado envolvendo a casa no alto da vertente da colina, sucedido pela sequência de terraços-jardim arborizados, serpenteantes pelo ajuste à morfologia do terreno. Estas características padronizam boa parte das quintas de recreio nortenhas, em que o usufruto das vistas era uma qualidade indispensável, e a adaptação ao declive acentuado se constituía uma necessidade³²⁷.

A simplicidade e clareza dos espaços segundo estes princípios, aporta a capacidade de absorver vários tipos de modificações profundas, mesmo programáticas, sem que se comprometa o seu carácter, porém ficam seriamente corrompidos a partir do momento em que a sua matriz é destruída ou amputada, sem que seja rematada ou substituída por uma outra igualmente forte. A construção de uma piscina e um pavilhão

³²⁴ (A. Ribeiro, 2007, p. 148)

³²⁵ <<https://www.tsf.pt/programa/tsf-a-mesa/um-paco-solido-em-vila-real-14764234.html>> [Acedido em 19/08/2023].

A capela foi restaurada em 1998, aquando da adaptação da quinta a hotel, e desde então é frequentemente usada para a realização de festas de casamento e batizados.

³²⁶ (C. de Azevedo, 1988, p. 56)

³²⁷ (Carita et al., 1998, p. 260)

totalmente desqualificado e desmesurado, quebrou completamente a harmonia e justeza correta do jardim ao lugar, resistindo ainda algumas escadaria deste eixo estruturante da quinta, parcialmente pérgolada (ver cart.12, p.126 e fig.IV.26, p.131).

A mancha arbórea tem atualmente uma grande representatividade, sobretudo ao longo da bordadura dos caminhos e da cerca, formando cortinas arbóreas e sebes vivas (ver fig.IV.27, p.131) dominadas por espécies coníferas (*Cupressus lusitânica*; *Cupressus* × *leylandii*; *Cupressus macrocarpa*), para proteção visual ao parque de estacionamento e à estrada, entre outras espécies como o bordo (*Acer pseudoplatanus*), o cedro (*Cedrus deodora*), choupo (*Populus alba*), tília (*Tilia tomentosa*), palmeiras (*Washingtonia filífera*), o azevinho (*Ilex aquifolium*), entre as mais comuns, e alinhamentos de ciprestes (*Cupressus sempervirens*) ao longo das calçadas, marginadas por canteiros arrelvados, num dos quais há um antigo espigueiro cumpre agora uma função ornamental.

Não obstante, mantêm-se as vistas de uma paisagem bucólica, de prados pastados por rebanhos e hortas em primeiro plano, o perfil da cidade ao fundo com a serra no horizonte, olhada conjuntamente com o desejo que o espírito do lugar permaneça pela sua virtude.

❖ Pomar

As volumetrias em alinhamento ou em mancha das árvores de fruto, são o elemento vegetal que compartimenta todos os espaços produtivos da quinta e lhe dá uma interessante tonalidade cromática, especialmente a partir da vista superior dos terraços ajardinados (ver fig.IV.28, p.131).

Os pomares tradicionais da quinta estão instalados em situações topograficamente distintas, e têm tipologias e compassos de plantação diferentes de acordo com os requisitos de cada espécie, apesar de forma geral, não apresentarem uma estrutura coesa nem vigorosa, nem estarem verdadeiramente integrados no circuito recreativo da quinta/hotel.

O pomar misto a nascente do núcleo edificado, é o único que ainda mantém alguns elementos estruturais que o incluíam diretamente num subespaço do antigo horto de recreio³²⁸, desde logo os muros que conformam o terraço, com uma escadaria de dois lances simétricos dando acesso a um tanque sombreado por uma latada de esteios em granito, tal como o muro inferior, igualmente com uma latada ao longo de uma levada e outro tanque de distribuição, embora de forma mais arcaica (ver fig.IV.29, p.133). Das árvores esparsas subsistem algumas de citrinos (*Citrus sp*), cerejeiras (*Prunus avium*), macieiras (*Malus doméstica*), e oliveiras (*Olea europaea*).

Do modo idêntico, da série de terraços que se espraiavam desde a plataforma edificada até ao fundo do vale, subsistem os terraços das cotas baixas, onde o ritmo do olival ganha proeminência entre o misto de

³²⁸ embora este espaço esteja descaracterizado pelas novas edificações adjacentes.



Figura IV. 24– Núcleo edificado da quinta do Paço
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 25– Núcleo edificado da quinta do Paço
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 26– Terraços ajardinados da Quinta do Paço
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 27– Sebe arbórea da Quinta do Paço
Fonte: Ricardo Correia, 2023

culturas no solo. A sequência termina nos terrenos baixos e húmidos com um vergel de noqueiras (*Juglans regia*), dispostas segundo uma grelha geométrica.

❖ Horta

Os espaços da quinta destinados à horticultura são relativamente extensos e localizam-se não só nos terrenos mais baixos do fundo do vale (ver fig.IV.28, p.133), mas também nos vários patamares marginais, por vezes partilhando espaço com pomares, árvores de fruto e vinha.

As hortaliças e legumes aqui produzidos fornecem diretamente as cozinhas do hotel da Quinta do Paço, que se distinguem pela qualidade na confeção de pratos regionais.

Esta complementaridade entre o programa turístico e atividade produtiva agrária da quinta, é de facto, um modelo virtuoso e exemplar que responde positivamente a muitos dos desafios contemporâneos. Desde logo subvenciona o cultivo; é uma garantia de qualidade não só alimentar, mas da própria paisagem; promove a gastronomia e produtos regionais; impulsiona a economia circular ao empregar mais mão de obra local; são mais frescos ao dispensarem o transporte, evitam o gasto de combustível e poluição inerente, além de certa independência quanto à flutuações de preços; permite fundir rendimentos da terra a rendimentos que lhe são externos numa unidade (quinta); sendo todos estes desígnios matéria útil para marketing da própria quinta/hotel.

❖ Bosquete

Conhecendo o padrão de implantação das subunidades produtivas das quintas de recreio, que tendem sabiamente a tirar partido do máximo valor ecológico necessário para cada cultura, sempre devidamente relacionado com o todo da quinta, poderá dizer-se que haveria dois locais prováveis onde o bosque se poderia localizar: ou na parte alta da encosta, onde se localiza a vinha, para evitar a erosão, promover a infiltração e fixação de nutrientes, etc., ou a encosta voltada a norte, não aconselhável à implantação da vinha pela insuficiente exposição solar. É aqui que o bosquete se desenvolve pragmaticamente e de forma quase espontânea, mas fora de qualquer sistema de percursos internos da quinta, não integrando qualquer função recreativa. As espécies mais abundantes são o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) e o Carvalho-roble (*Quercus pyrenaica*).

❖ Vinha

A maior parte dos vinhedos estão localizados na fração destacada a norte da estrada nacional, ladeada por dois pequenos portões que denunciam o antigo eixo cortado que a ligava diretamente ao núcleo edificado da quinta. Infelizmente esta vinha encontra-se abandonada e à venda.

As outras parcelas de vinha que existiram na quinta foram suprimidas para construção do parque automóvel, campos de ténis, e novos acessos.



Figura IV. 28 – Pomares, quinta do Paço
Sequencia hortas com bordadura de vinha, olival, nogueiral, e o bosquete em último plano, para lá da linha de água.
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 29– Tanque de distribuição, quinta do Paço
Fonte: Ricardo Correia, 2023

A cultura da vinha foi assim reduzida a uma escala residual, em alinhamentos ao longo dos muros dos socalcos, partilhando espaço com olival e horta, ou em antigas latadas sempre associadas às estruturas hidráulicas, como tanques e levadas.

- **Sistema Hidráulico**

Além de uma fonte metálica e outros pequenos lagos e fontes contemporâneos que surgem ao longo dos jardins do hotel, a quinta tem várias estruturas hidráulicas já mencionadas cujo levantamento foi feito.

A partir da leitura do local, facilmente se percebe que boa parte das levadas que abasteciam os tanques³²⁹ das cotas superiores, foram destruídas juntamente com boa parte dos antigos terraços e patamares. Esses tanques próximos ao núcleo edificado, serviam simultaneamente fins recreativos e funcionais, regando por gravidade todos os terraços inferiores dos pomares.

Existem outros tanques afetos exclusivamente à atividade produtiva da quinta, conectados por levadas ou incorporados nelas para distribuição, que encaminham as águas dos arroios que cruzam a quinta ao longo do reticulado dos terraços e patamares, até desaguar na linha de água corrente do fundo de vale da Gregosa. A rega dos campos ainda se faz por gravidade, por meio de sulcos feitos na terra ou por inundação, mas também com o auxílio a mangueiras, consoante a localização e o tipo de cultura.

A interessante associação tradicional do sistema hidráulico com as latadas, proporciona, de facto, situações de belo efeito no contexto da quinta, lamentavelmente decadente e degradada.

³²⁹ Praticamente todos os tanques das quintas da área de estudo eram abastecidos por levadas, que eram excepcionalmente cobertas junto aos núcleos edificados ou hortos mais eruditos.

5. QUINTA DE NOSSA SENHORA DO SOBREIRO

A quinta de N. S^a. do Sobreiro pertenceu aos Queiróz de Mesquita³³⁰ e perpetua-se na linhagem da mesma família por sucessivas gerações.

O seu curioso nome provém de uma representação icónica na sua capela privativa de N. Senhora envolvida por um sobreiro.

A quinta está situada no lugar de Torneiros, num ponto preciso de atravessamento de um antigo caminho (muito provavelmente anterior ao período medieval³³¹) com a ribeira de Tourinhas, e tem diante da sua fachada uma robusta ponte de pedra de um arco de volta perfeita e tabuleiro em cavalete³³², datada de 1758, que veio substituir uma anterior em madeira.

A sua fundação, muito provavelmente é anterior às restantes quintas descritas, e a implantação do seu núcleo edificado no leito de cheia da ribeira, foge claramente ao padrão tipológico estabelecido. Há, pelo menos, três aspetos que podem estar na origem da sua implantação, o primeiro tem a ver com o aproveitamento das águas da ribeira como foça motriz para um engenho que se sabe que existia no seu piso térreo, o segundo está relacionado com a passagem estratégica do antigo caminho³³³, e o terceiro com a gestão dos antigos sistemas de distribuição de águas para rega da veiga de Vilalva³³⁴ que se forma a jusante deste ponto.

Foi encontrada uma referência datada de 1583, da instituição de uma capela na Misericórdia de Vila Real, por um tal de Dinis Tavares, “afectando-lhe a renda de sete alqueires de centeio, «do foro que lhe pagavam pela cortinha sita na Ponte dos Torneiros»³³⁵”, do qual se torna difícil associar outra cortinha noutra localização próxima, corroborada também pelas características arquitetónicas desta casa, perfeitamente enquadradas nas tipologias dessa época e a qual pertenciam vastas propriedades nas imediações.

Pela integridade do seu conjunto edificado de características arcaicas, como pelo facto de recentemente ter sido convertida em quinta de recreio, valorizada pela criação de um interessante jardim contemporâneo, sem dúvida que tornam este um exemplar diferenciado no conjunto tipológico das quintas de Mateus.

³³⁰ (A. Ribeiro, 2007, p. 147)

³³¹ A calçada medieval, no lugar de Torneiros, fazia a ligação entre o interior das Terras de Panoias e Constantim, à antiga via que atravessava a Serra do Marão, e é referida em vários documentos de diferentes épocas. (Nogueira, 2022)

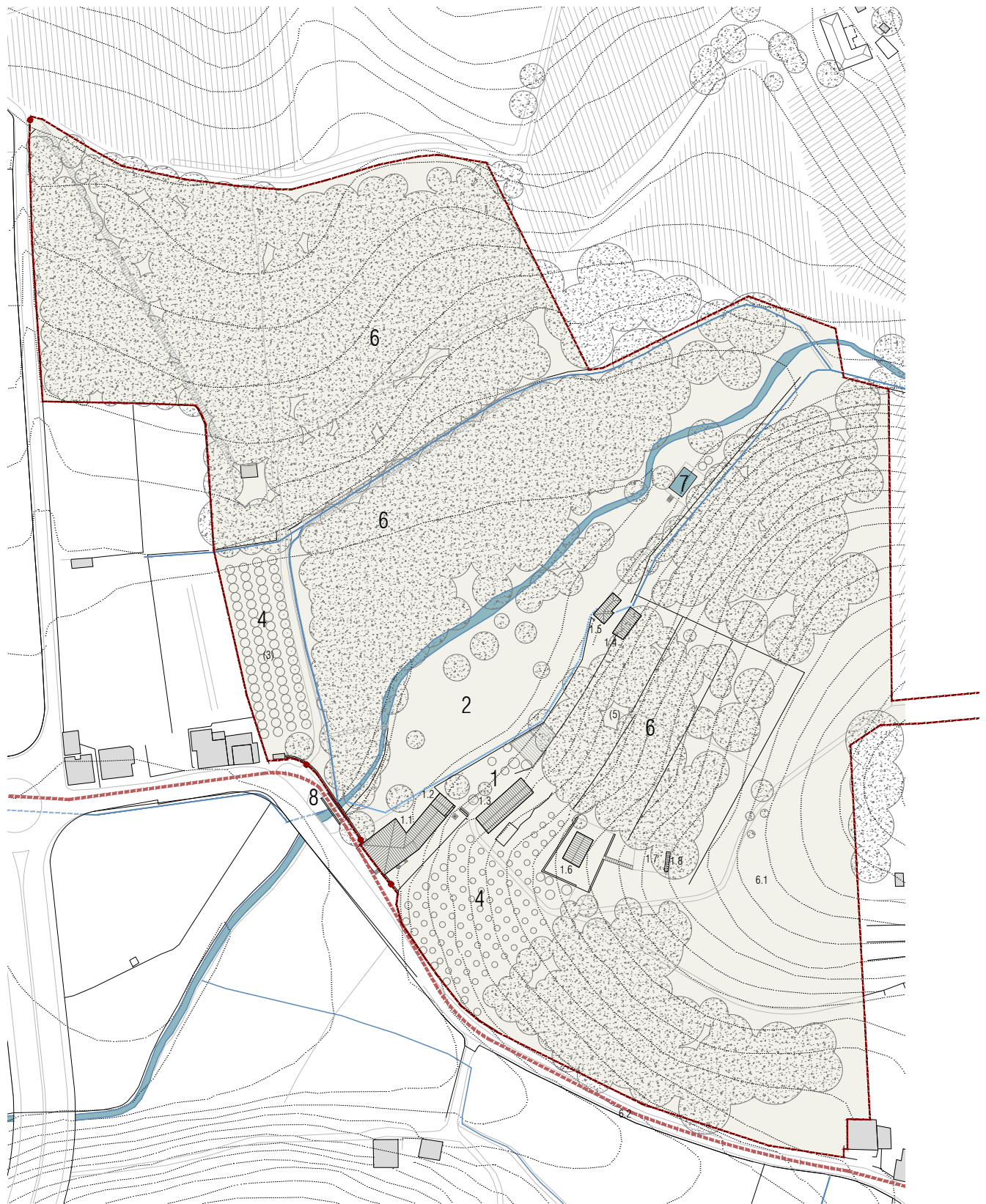
³³² A ponte de Torneiros encontra-se desativada e a passagem faz-se por pontão moderno a escassos 3 m de distância! Infelizmente, este tipo de abordagens mais que salvaguardarem o património coletivo, desvirtuam-no pela falta de sensibilidade e inexistência de qualquer grau de proteção legal, não sendo este um caso isolado na cidade de Vila Real.

³³³ Apesar de mais reduzidas, as propriedades afetas à quinta estendem-se de ambos os lados do antigo caminho.

³³⁴ A veiga de Vilalva segue em continuidade com a área de estudo e tem ótimas hortas e lameiros para pasto de bovinos e ovinos (atividade recentemente extinta).

Apesar de integrar a REN está a sofrer grande pressão e perturbação urbanística que a tem desqualificado.

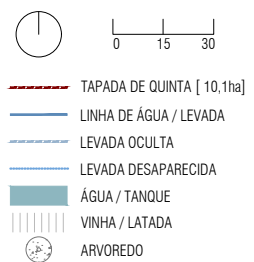
³³⁵ (Dinis et al., 2021, p. 107) esta referência encontra-se na pag.62 do livro, *A Santa Casa da Misericórdia de Vila Real: História e património*, editado em 2011, e foi bem notada por Vítor Nogueira acerca do tema *A Travessia do Rio Corgo na Idade Média*.



Cartograma 13 - QUINTA DE N.ª S.ª DO SOBREIRO

- 1. NÚCLEO EDIFICADO
- 1.1 SOLAR
- 1.2 CAPELA
- 1.3 ARMAZÉM / ADEGA / CAVE
- 1.4 ALAMBUQUE
- 1.5 MOINHO
- 1.6 ESTÁBULO
- 1.7 EIRA
- 1.8 ESPIGUEIRO

- 2. JARDIM
- (3). HORTA (anterior localização)
- 4. POMAR/OLIVAL
- (5). VINHA (anterior localização)
- 6. BOSQUETE
- 6.1 MATOS
- 6.2 MATA
- 7. TANQUE
- 8. PONTE SÉC.VII



❖ Núcleo Edificado

O núcleo da quinta aparenta ter origem em duas “torres” de características medievais³³⁶, geminadas e ampliadas por sucessivas gerações, no sentido longitudinal em L, no qual se inclui a sua capela adossada no séc. XVIII, sobranceira a um dos topos da casa (ver fig.IV.30, p.138). Com exceção da capela, um campanário e o pelourinho, o solar parece quase não ter sido sujeito ao impulso reformista setecentista que transformou completamente a maioria das quintas da área de estudo, mantendo assim o seu carácter mais íntegro, do aspeto pétreo da alvenaria sem rebocos, de pequenos vãos com janelas de guilhotina, rematado por beirados simples de telhas em canudo, como uma exaltação da materialidade bem característicos da arquitetura regional.

O conjunto edificado da quinta formaliza um comprido e inclinado “pátio” retangular em U (ver fig.IV.31, p.138), entre a cota intermédia da casa e um muro de suporte, que se estende longitudinalmente e estrutura toda a quinta rematando num tanque³³⁷, fazendo a transição entre um morro do lado nascente e os terrenos baixos de aluvião (ver cart.13, p.136).

Agregados a esse eixo surge uma levada e outras edificações ligadas à produção, como a adega/cave de vinho e armazém que também integram o principal núcleo edificado, e mais afastados o alambique, encastrado no terreno, e um antigo moinho reconvertido. Num ponto alto da quinta, curiosamente, localiza-se o antigo estábulo sobre um pódio, próximo a uma eira em lajes de granito para limpar, secar e debulhar os cereais que se cultivava na veiga, e um espigueiro para o seu armazenamento.

Neste aspeto é de salientar um excelente estado de conservação de todo este belo conjunto edificado da quinta, e da harmonia do xisto e do granito que se dilui nos matizes do entorno.

❖ Jardim

O jardim de recreio contemporâneo assume-se por uma grande clareira esguia, marginada pela ribeira de Tourinhas e os socalcos do sopé do morro nascente. A partir da parte posterior da casa (onde antes se localizavam hortas), o edificado e as formas do denso copado arbóreo foram postas em realce pelo longo plano arrelvado, pontuado por espécies que se dispõem de forma livre, recortando a profundidade do plano visual. A abordagem naturalista do jardim abarca também as espécies espontâneas hidrófitas ao longo da galeria ripícola, numa bela composição paisagística ao “estilo inglês”.

O remanescente do antigo jardim, está no patamar que sucede à capela e é composto por árvores de fruto que se misturam com espécies ornamentais, entre as quais as típicas camélias (*Camelia japonica*), ou o exuberante bordo (*Acer negundo*), presente na maioria dos jardins. Esteios de xisto e granito sustentam

³³⁶ A avaliar pelas suas características arquitetónicas e pedra de armas da família na fachada.

A constante subida da cota da rua com o decorrer dos séculos, afundou a fachada da casa em mais de um metro.

³³⁷ O antigo tanque cedeu lugar a uma piscina.



Figura IV. 30— Quinta da N. Sª. do Sobreiro
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 31— Núcleo edificado da quinta de N. Sª. do Sobreiro
Fonte: Ricardo Correia, 2023

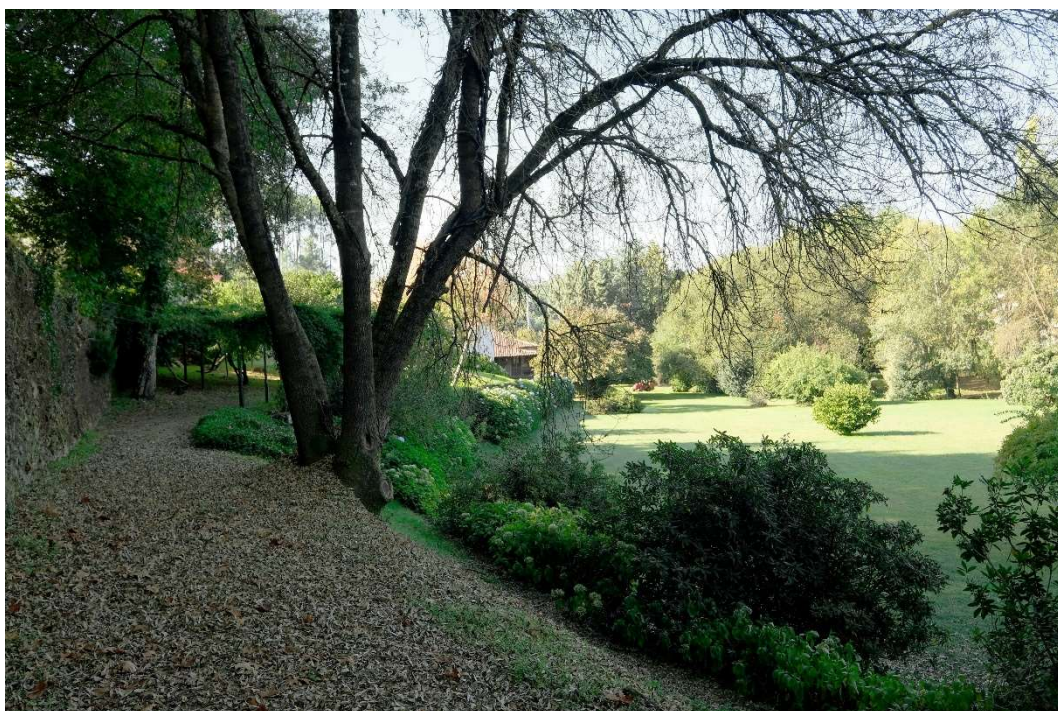


Figura IV. 32 – Jardim da quinta de N. S.^a. do Sobreiro
Fonte: Ricardo Correia, 2023

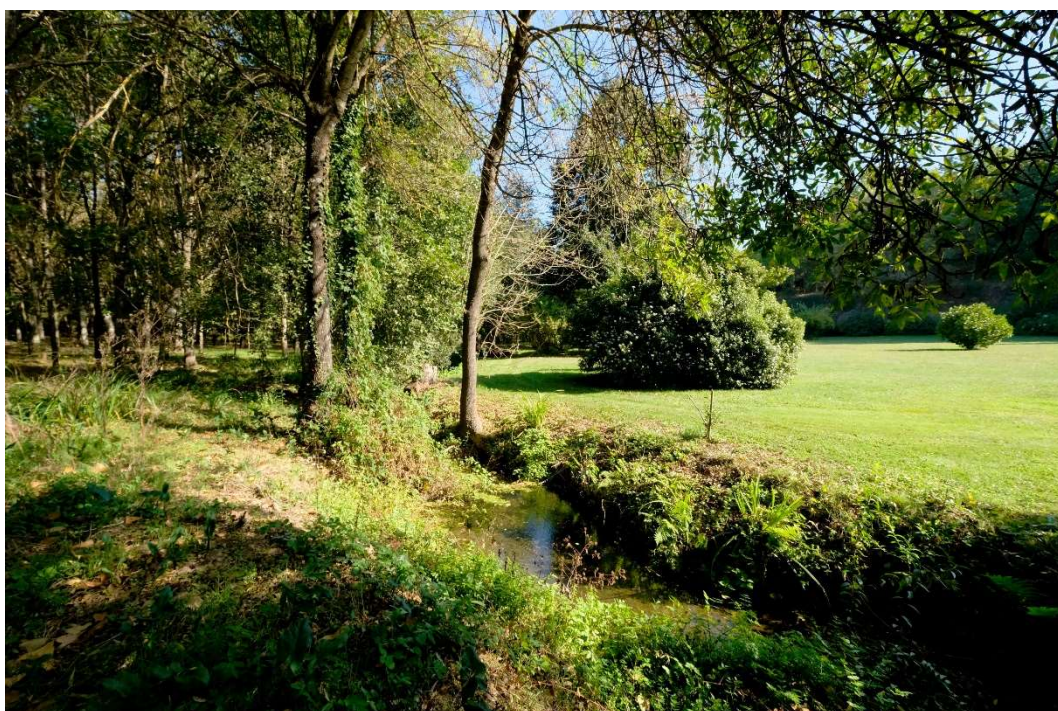


Figura IV. 33 – Jardim da quinta de N. S.^a. do Sobreiro
Bosquete, ribeira de Tourinhas e clareira
Fonte: Ricardo Correia, 2023

ramadas de kiwi (*Actinidia deliciosa*) que transbordam das latadas com glicínias (*Wisteria sinensis*) e clematite (*Clematis montana*) junto, formando um agradável espaço de sombra e de fresco.

A informalidade espacial desemboca num eixo estruturante (ver fig.IV.32, p.139) no qual surgem aglomerados de plantas como o girassol de pétala amarela (*Helianthus × laetiflorus*), o beijinho branco (*Vinca difformis*) que cobre solos pendendo do terraço, e as volumosas bordaduras floridas de hortênsias (*Hydrangea macrophylla*) acompanhando muros. Ao longo do relvado se somam pequenos maciços heterogêneos de espécies como folhado (*Viburnum tinus*), Aderno-Bastardo (*Rhamnus alaternus*), crino branco (*Yucca gloriosa*), Marmelinho janonês (*Chaenomeles speciosa*), Ligustrina (*Ligustrum sinense*), etc. Além das bordaduras, o espaço fluido do relvado é informalmente pontuado por tufos de vegetação que filtram a profundidade e multiplicam as perspectivas de forma habilidosa, materializado por aveleiras (*Corylus avellana*), loendros (*Nerium oleander*), azaleias (*Rhododendron sp*), andromeda japonesa (*Pieris japonica*), (*Daphne alpina*), entre outras espécies.

Aos amieiros (*Alnus glutinosa*), salgueiros (*Salix atrocinerea*), entre outras muitas outras espécies espontâneas que povoam a galeria ripícola, juntam-se as tílias (*Tilia tomentosa*), os azevinhos (*Ilex aquifolium*), cerejeiras e noqueiras (ver fig.IV.33, p.139.).

Próximo da antiga ponte, a privacidade é materializada por uma cortina de ciprestes (*Cupressus sempervirens*, *Cupressus lusitânica* e *Cupressus arizonica*).

Discreto para quem passa no exterior, a atmosfera intimista do jardim naturalista da quinta do Sobreiro é sem dúvida portadora de beleza e qualidade distinta, e enriquece todo o léxico e património da paisagem cultural de Mateus, que o torna um dos seus ex-libris secretos.

❖ Pomar

Analisando a sequência de fotografias aéreas ao longo do século XX, não se reconhecem evidências da existência de um pomar como componente da quinta. Atualmente existem dois olivais, o primeiro está implantado na encosta xistosa exposta a Sul, obtendo assim uma boa exposição solar, em terrenos onde outrora existiu uma vinha com oliveiras (*Olea europaea*) nas bordaduras. Desta maneira distinguem-se facilmente as oliveiras centenárias, em alinhamentos ao longo dos caminhos junto à cerca voltada à rua, das mais recentes. O segundo olival, geométrico e jovem, está instalado na margem direita da ribeira, provido de bons solos.

Outras árvores de fruto estão presentes no jardim e próximas ao núcleo edificado, tais como o a cerejeira (*Prunus avium*), o marmeleiro (*Cydonia oblonga*), o pessegueiro (*Prunus persica*), o caqui (*Diospyros Kaki*), entre outras.

❖ Bosquete

Nesta quinta a área florestada tem uma expressão tão significativa, que pode ser sinteticamente definida como um denso bosque atravessado por um ribeiro, onde se abre uma alongada clareira arrelvada, rematada por um núcleo edificado no topo. O denso coberto vegetal das múltiplas vertentes orográficas da quinta, facilita o reconhecimento dos limites das propriedades pelo exterior de ambos lados da estrada, no entanto, existe uma relativa heterogeneidade entre povoamentos, que é interessante analisar:

O bosque de proteção, anterior à restante área florestada no virar do século, está localizado nos cabeços do pequeno outeiro onde os solos são mais pobres, e estende-se para norte até à galeria ripícola. É dominado por pinheiros (*Pinus pinaster*), portanto, de folha persistente, que vai evoluindo de forma espontânea a partir de matos sempre presentes, resultado de cortes sectoriais que vão acontecendo periodicamente a médio prazo.

Na vertente adjacente, no lugar das antigas parcelas de vinha foi plantada uma mata constituída por de carvalhos americanos (*Quercus rubra*), castanheiros (*Castanea sativa*) e cerejeiras (*Prunus avium*) que se distingue facilmente pela morfologia e cromatismo do copado.

Além da cerca, o bosque de proteção sobe a colina até à quinta do Alto, num povoamento misto e denso de castanheiros (*Castanea sativa*), carvalhos (*Quercus rubra* e *Quercus pyrenaica*), freixos (*Fraxinus angustifolia*), pinheiro (*Pinus pinaster*) e algumas noqueiras (*Juglans regia*), entre as espécies principais.

Na margem direita da ribeira, em leito de cheia onde dantes se plantava milho, o mesmo processo de florestação geometricamente disposto, intercalou espécies folhosas de amieiros (*Alnus glutinosa*), freixos (*Fraxinus angustifolia*), Nogueira-preta (*Juglans nigra*), dilatando o coberto arbóreo da bem conservada galeria ripícola, e proporcionando uma interessante vista ritmada de fustes a partir do jardim (ver fig.IV.33, p.139).

Num patamar confinante ligeiramente superior, onde também existia vinha, foi mantida a mesma métrica de plantação com outras espécies de folha caduca, a saber, carvalhos americanos (*Quercus rubra*), cerejeiras e castanheiros (*Castanea sativa*). As estruturas das latadas que acompanhavam os percursos da anterior vinha, mantêm-se no sob coberto arbóreo como memória à dinâmica da paisagem humanizada sempre aberta a novas possibilidades.

Os cinco pequenos setores florestais referidos de um total que ronda os 11 hectares, são uma parte importante de um recortado corredor arbóreo nas franjas da cidade mais urbanizada, e que em muito contribui para a riqueza e qualidade do mosaico paisagístico em estudo.

❖ Vinha

A vinha abarcava quase metade da área tapada da quinta até ao virar do último século, praticamente em todas as vertentes (exceto as voltadas a norte), e também uma grande parcela aplanada adjacente à quinta do Cavanelho (Sogrape) (ver ortofotomapa 4, pag.143).

Santos Delgado notava em 1930 que “o nosso agricultor – quando na sua luta pela cultura cerealífera, não pode tirar a melhor, – ou abandona a terra ao pousio, ou cultiva-a de vinha ³³⁸”, no entanto, também por falta de rendimento da vinha, não abrangida pelo título a *benefício*³³⁹, acabou por ser objeto de um projeto de florestação que alterou profundamente a fisionomia da quinta. Curiosamente, a desanexada encosta voltada a norte, cedeu lugar a uma vinha (2015) segundo novas técnicas, parte alinhada ao alto, outra parte em patamares.

Desta forma, a quinta passou a constituir-se como uma massa arbórea, em continuidade florestal com a galeria ripícola, serpenteando por uma topografia ondulada dominada por vinha e hortas.

○ Sistema Hidráulico

A possibilidade da sua manipulação da água corrente para benefício humano, muito provavelmente, foi o fator determinante para a implantação da quinta neste local, contrariando o padrão relativamente à área de estudo, mas o reconhecimento dessas antigas infraestruturas hidráulicas há muito arruinadas e perdidas não é tarefa fácil. Em atividades ordinárias da quinta, por vezes são desenterradas algumas peças pétreas que nos ajudam nessa interpretação.

Podem distinguir-se duas vertentes: a primeira diz respeito ao uso da água como força motriz para mover engenhos, como a azenha, (que se sabe existia no piso térreo no núcleo edificado original), e o moinho (reconvertido para outro fim- ver fig.IV.34, p.144); o segundo é referente aos sistemas de regadio dos campos, que ainda existem e funcionam segundo o sistema de água partilhada.

Relativo à primeira, a mecânica dos moinhos de rodízio é relativamente simples e vagamente difundida, não obstante de existirem várias tipologias. O moinho da quinta é do tipo *arubah*, que se caracteriza por ter um sistema elevado de admissão de água em um “cubo estanque vertical”³⁴⁰, que cheio proporciona maior velocidade na boca de saída. Na prática, este elemento de referência, constitui-se por uma “torre” de

³³⁸ (Delgado, 1930, p. 7)

³³⁹ O *benefício* diz respeito a um método de pontuação das parcelas de vinha da Região Demarcada do Douro, com base critérios ponderados em coeficientes relacionados (altitude, localização, natureza do terreno, castas, exposição, produtividade, inclinação, armação, pedregosidade, idade da vinha, compasso e abrigo), resultando em classificações por letras (de A a I), que determinam a autorização para a produção de mosto generoso.

No entanto, *cartão de benefício* são negociados entre produtores de diversos terrenos, produtores exportadores, cooperativas e até intermediários, subvertendo e corrompendo completamente o propósito de base. (Lição Douro, 2018)

³⁴⁰ (Lucas et al., 2000, p. 51)



Ortofotomapa. 4 – QUINTA DE NOSSA SENHORA DO SOBREIRO
Fotografia aérea do voo (USAF) 1967
Fonte: CIGeoE



anilhas monolíticas de granito, que neste caso se encontram desmontadas num espaço do jardim. Quanto ao açude e a levada ainda existem.

“No caso das azenhas o problema é um pouco diferente uma vez que há necessidade da utilização de um par de engrenagens para fazer a transmissão da potência entre o veio horizontal da roda hidráulica e o veio vertical do mecanismo de moagem³⁴¹” mas todo esse sistema está atualmente desaparecido.

Referente ao sistema de regadio, um nó (com uma comporta) encaminha a água em três direções possíveis, uma das quais, se trata de pequeno aqueduto ainda em funcionamento que cruza a ribeira e segue em direção às hortas vizinhas. Contudo é a jusante da quinta, ao longo da veiga de Vilalva que o sistema se torna mais intrincado, estando já fora da área de estudo.

No aspeto do uso da água para fins domésticos, mais propriamente a lavagem da roupa, chegou a ser feita diretamente no ribeiro, existindo para isso, pelo menos um monólito para esfrega na margem junto à casa.



Figura IV. 34 – Antigo moinho, quinta de N. S^a. do Sobreiro
Fonte: Ricardo Correia, 2023

³⁴¹ (Lucas et al., 2000, p. 58)

6. QUINTA DE SÃO JOÃO

A quinta de São João ocupa as encostas voltadas a Sul e a Poente do monte de Sta. Sofia, as cotas baixas de aluvião à capela ermida dedicada a Sta. Eufémia, numa posição topográfica de charneira entre as localidades de Mateus e Arroios, na intersecção do vale da ribeira de Tourinhas com o vale da Gregosa.

Apesar do principal núcleo edificado se encontrar arruinado, e da diluição da estrutura interna da quinta, a atividade produtiva da vinha mantém-se ativa pela Casa de Mateus a qual pertence, pela junção dos morgadios por casamento entre as duas famílias no séc. XVII³⁴².

Tal como a maioria das quintas da área de estudo, a integridade da antiga tapada foi severamente comprometida pela construção da nova estrada oitocentista (EN322) que a dividiu, à qual se soma a rua do bairro de São João transversal ao vale (ver cart.14, p.146).

O núcleo da quinta faz parte de um conjunto edificado mais vasto, genericamente já descrito, que integra a igreja paroquial de Arroios com o seu adro em terraço; o largo terraplanado para feiras a meia encosta; e o cemitério no alto. Embora todos estes elementos não se encontrem arquitetonicamente agregados, a sequência de toda a apropriação topográfica, e inserção das edificações históricas define em grande medida o caráter do lugar (ver fig.IV.35, p147.).

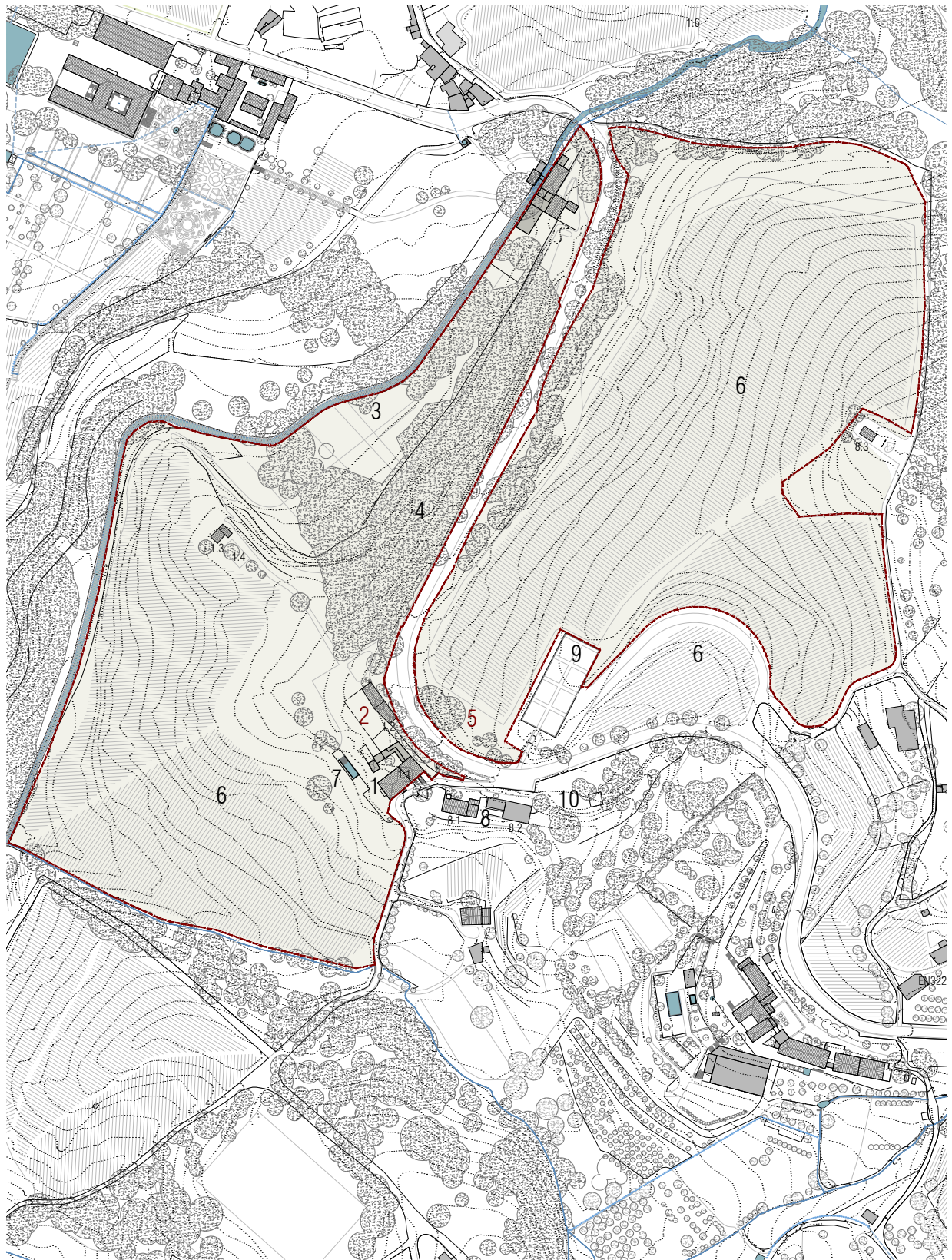
A parte principal da quinta é constituída pelo núcleo de edificado, a casa do caseiro, e o antigo lagar de azeite e destilaria (hoje residências artísticas), bem como uma eira com um edifício de apoio anexo, local onde, muito provavelmente, foi elaborado um dos notáveis desenhos das paisagens de Mateus, da autoria Anselmo Braancamp em 1854, que integra o álbum “Recordações de Mateus” da 2ª Condessa de Vila Real.

❖ Núcleo Edificado

O principal núcleo edificado da quinta está assente num terraço topográfico que se abre para a paisagem a sul, e é constituído por duas sóbrias casas nobres, com a típica cantaria de granito, e superfícies rebocadas e caiadas, tendo a fachada principal acesso direto para a rua do bairro de São João, e de outros edifícios anexos do lado poente.

Do solar mais antigo com capela interior, projeta-se uma escadaria de tiro em granito perpendicular à fachada, e uma volumetria vazada com uma frontaria com pilastras que se rematam por pináculos, e um frontão com volutas coroado por uma cruz com uma inscrição de 1751 em relevo, que se assemelha a uma capela privativa, mas que na verdade se trata de um portal barroco de entrada da quinta (entre a casa e um muro de contenção) (ver fig.IV.36, p.147).

³⁴² O Morgadio de Arroios, juntou-se ao morgadio de Mateus através do casamento de Matias Álvares Mourão, morgado da Prata, com D. Maria Coelho de Barros e Faria (Menezes, 2018).



Cartograma 14 - QUINTA DE SÃO JOÃO

- 1. NÚCLEO EDIFICADO
- 1.1 SOLÁRES
- 1.2 EDIFICADO ANEXO
- 1.3 NÚCLEO AGRÍCOLA
- 1.4 EIRA
- 1.6 LAGAR
- 2. HORTO
- 3. POMAR
- 4. HORTA

- 5. BOSQUETE
- 6. VINHA
- 7. TANQUE/PISCINA
- 8. NÚCLEO RELIGIOSO
- 8.1 IGREJA MATRIZ DE ARROIOS
- 8.2
- 8.3. CAPELA DE SANTA EUFÉMIA
- 9. CEMITÉRIO DE ARROIOS
- 10. LARGO/TERREIRO

- 10.1 PALCO
- 11. ERMIDA/CAPELA DE STA.EUFÉMIA

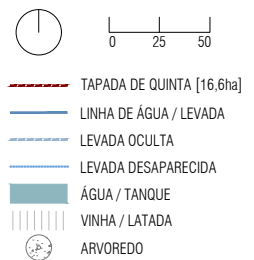




Figura IV. 35— Quinta de São João e Igreja matriz de Arroios
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 36— Núcleo edificado da quinta de São João
Fonte: Ricardo Correia, 2023

O segundo solar, provavelmente do séc. XIX, está adossado ao primeiro, mas com escada exterior ao longo da fachada. Para sul, o salão principal projeta um balcão exterior com uma esplêndida vista desafogada dos vinhedos, bosquetes e serras.

A localização provável do antigo horto denuncia dois longos terraços; um na cota superior, ancorado a norte por uma edificação em banda, e na cota inferior, entre o solar mais recente e outros dois edifícios anexos; mas, toda a leitura espacial do núcleo ficou desvirtuada por uma obra inacabada do séc. XX, que esventrou e ligou os solares com estas duas construções anexas, formalizando um volume construído em U, com um pátio encaixado. A evolução só foi rastreada com recurso a fotografias aéreas de diferentes datas cronológicas, e pela consulta de cartografia antiga³⁴³.

Mais abaixo, situa-se um pequeno núcleo agrícola constituído por dois edifícios e uma eira em lajes de granito remonta à outrora vital atividade de produção serial. Os edifícios arruinados são de alvenaria mista de xisto e cantaria de granito nos cunhais e guarnições, numa bonita posição proeminente envolta em carvalhos.

A azenha e destilaria está localizada a norte na margem da ribeira de Tourinhas, da qual, por meio de uma levada em velocidade da água de forma a fazer girar uma roda hidráulica de madeira como força motriz para o engenho do qual ainda se podem ver algumas peças.

Este núcleo de vários edifícios acoplados tem acesso direto a partir dos jardins da quinta da casa de Mateus, e foram convertidos em residências de artistas pela FCM nos finais do séc. XX.

❖ Horto de Recreio

Como referido anteriormente, os padrões geométricos presentes nas fotografias aéreas³⁴⁴ antigas denunciam o horto da quinta de São João, como um terraço retangular ao nível do primeiro piso dos solares, como apanágio de muitos solares nortenhos, embora esta relação interior-exterior esteja limitada pela construção inacabada que cavou um pátio, e ao nível do terraço da cota térrea, noutra patamar possivelmente ajardinado, deixou um tanque/piscina em betão armado, junto a um tufo de árvores de maior porte.

Todo o núcleo construído, é separado da estrada por uma cortina de vegetação arbustiva e arbórea, a norte, constituída por várias espécies de carvalhos, cedros e ciprestes.

Edifícios, muros de suporte e sistema de vegetação definem dinâmicas espaciais exteriores ilimitados, não sendo necessário muito esforço para imaginar uma belíssima atmosfera ajardinada neste local, tendo em conta todos os elementos construídos existentes e a beleza destes terraços- miradouros, mas não há

³⁴³ Cartografia consultada nos arquivos da Fundação da Casa de Mateus.

³⁴⁴ fotografias aéreas do IGEOE, relativo a voos realizados em 1968 e 1980.

explicitamente nenhuma vertente de recreio na quinta, nem declarada na sua estrutura, nem nas suas construções.

❖ Pomar

Dos vários pomares que existiram na quinta a maioria foi arrancada para a plantação de vinha, e outros foram engolidos pela vegetação espontânea que vai crescendo. No entanto, podemos enunciar as suas localizações em três posições: na encosta sul, numa faixa imediatamente abaixo do principal núcleo edificado para onde se abrem os terraços, confirmando a relação histórica de proximidade e complemento entre estes dois espaços nas quintas portuguesas; e ao longo dos terrenos mais baixos desta mesma encosta, em padrões variáveis (a partir da interpretação das fotografias aérea) indicando a presença de várias espécies. Intermediavam também os talhões de cultivo das hortas mais a norte, ao longo da margem da ribeira de Tourinhas, onde possivelmente resistem algumas árvores por entre a massa de vegetação.

❖ Horta

A presença da eira indica a importância que o cultivo de cereal teve nesta quinta, mas que foi há muito abandonado não só na região. A área de policultura mais intensiva estava, sobretudo, nos solos aluvionares das margens frescas da ribeira, em talhões de cultivo intercalados por árvores de fruto frequentemente arrendadas a diferentes pessoas³⁴⁵.

Do núcleo edificado do lagar partem dois longos carreiros retos, que dava acesso à sequência de parcelas geométricas retangulares e perpendiculares à linha de água, outrora granjeadas para produção de hortaliças e dos mais diversos primores, das quais uma parte servia como pagamento da renda, em géneros.

❖ Bosquete

O bosquete/mata estava localizado na parte superior da quinta e do monte de Sta. Sofia, destacada pela abertura da estrada novecentista. O antigo caminho público que o atravessava e ligava a Arroios (passada a ponte de Mateus e subia em direção à capela de Santa Eufémia) foi absorvido juntamente com o bosquete pela plantação de um pinhal, já nas últimas décadas do século XX, segundo um plano de plantação uniforme e geométrico, disposto em patamares. Já no séc. XXI, esse mesmo pinhal em patamares foi substituído pela instalação de uma vinha.

Neste processo dinâmico de uso do solo ficam apontamentos na paisagem, e do antigo bosquete composto de carvalhos, pinheiros e cedros, destacam-se dois enormes pinheiros centenários (*Pinus pinea*) bem como alguns cedros associados a outra vegetação arbórea e arbustiva marginal, formando uma sebe que

³⁴⁵ segundo depoimentos de moradores mais velhos, esse regime de arrendamento dava origem a vários conflitos, acabando os agricultores por procurar outras alternativas noutras localizações.

compartimenta e protege a nova vinha (também do tráfego viário), e dão beleza e expressividade a este monte que ocupa uma posição bastante cenográfica na paisagem cultural de Mateus.

❖ Vinha

A produtividade atual da quinta é exclusiva à vinha que ocupa as encostas a Sul e Poente.

A localização da nova vinha difere das antigas que ocupavam uma área reduzida de socalcos inferiores da vertente poente, e diverge também nas técnicas que regularizam as pendentes e instalam a vinha ao alto, perpendicular às curvas de nível no sentido de maior declive.

○ Sistema Hidráulico

No caso de Mateus, o aproveitamento e potenciação dos recursos locais, nomeadamente como fontes de energia não tem a mesma inevitabilidade de zonas remotas, é mais uma estratégia de autonomia e rentabilidade dos meios de produção.

O engenho hidráulico particularmente mais complexo talvez seja o desta antiga azenha, para o qual foi necessário construir uma apertada levada para encaminhar e acelerar a água em direção a uma nora hidráulica vertical de madeira e eixo horizontal, que pela desmultiplicação de engrenagens em ferro fazia girar duas enormes *galgas* (rodas de granito) de eixos assimétricos encima de uma base elevada do lagar com *prensas de parafuso*.

A atividade destes engenhos concentrava-se no período das chuvas, laborando quase ininterruptamente para aprovisionar para todo o ano.

Boa parte desse sistema foi desmontado e colocado no exterior do edifício após todo o núcleo edificado ser transformado em residência artística, como já referido.

Não foram identificadas estruturas relativas ao armazenamento da água e rega, além do tanque de betão já referido.

7. QUINTA DO PINHEIRO

Como nota prévia deve ser referido que a escolha de uma quinta totalmente abandonada como a quinta do Pinheiro, teve a intenção de fazer o seu registo/levantamento antes que sucumba totalmente; alertar para a degradação do seu património; e mostrar a possibilidade de fazer uma interpretação da sua paisagem e estrutura mesmo quando a maioria dos elementos arquitetónicos e paisagísticos se encontram muito degradados ou desapareceram, tendo por suporte o conhecimento profundo dos padrões da paisagem verificado até aqui.

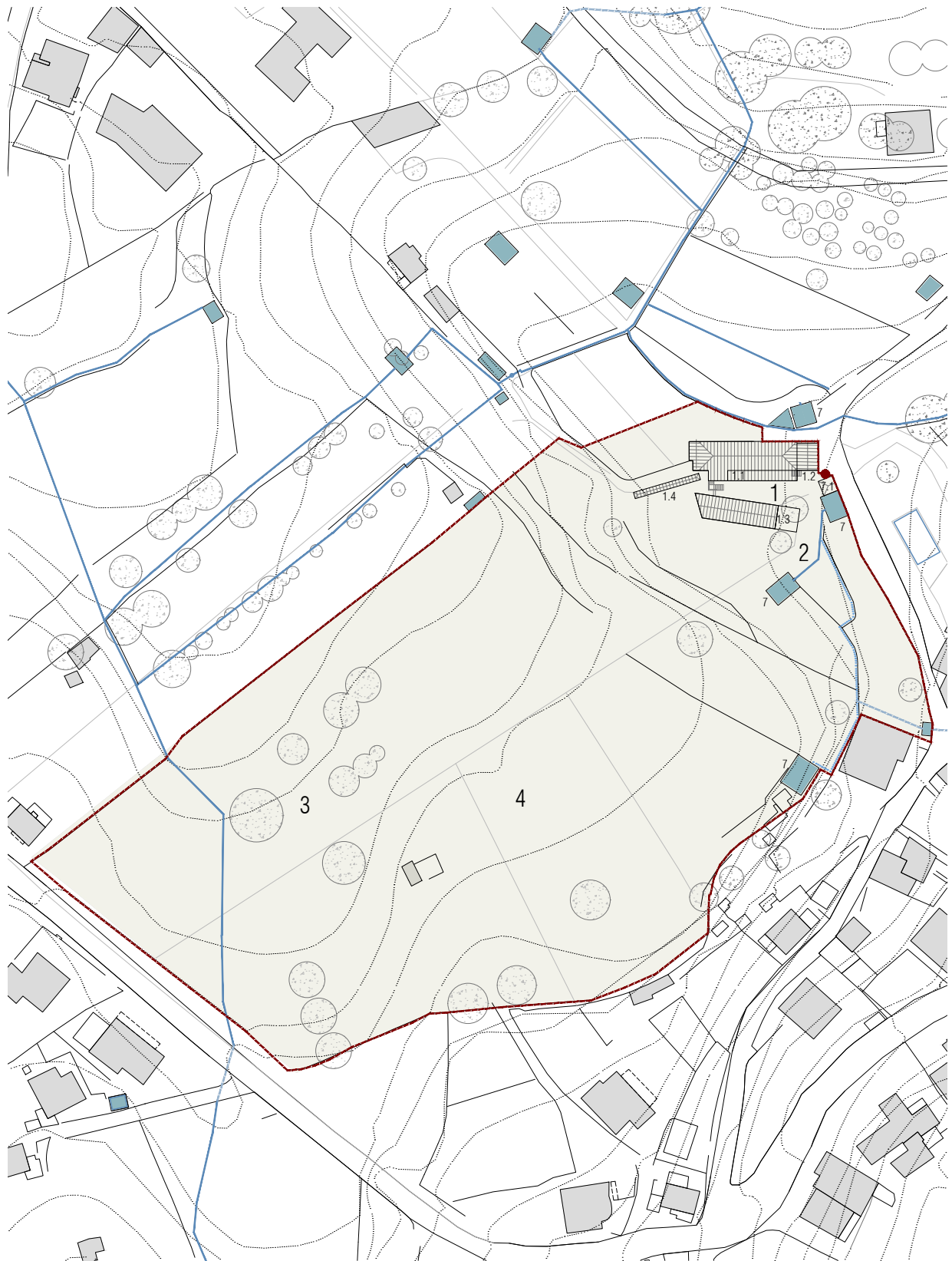
O núcleo edificado da quinta do Pinheiro, está implantado sobre uma subtil linha de festo no sentido nascente-poente, perpendicular à rua da fonte, que lhe confere uma posição proeminente e nevrálgica no que se refere à distribuição do fluxo contínuo da água para rega, quer da quinta, quer dos terrenos adjacentes, dominados sobretudo por hortas e pomares (ver cart.15, p.151).

A sucessão cronológica de fotografias aéreas permite rastrear a redução do perímetro da quinta pelo destacamento de várias parcelas, principalmente ao longo do presente século, e o prolongamento dos alinhamentos de muros além dos caminhos públicos que a circundam, dá a entender que os limites originais da quinta podem ter sido bem mais vastos do que está cartografado neste estudo.

As férteis hortas ocuparam quase a totalidade do miolo da quinta, relegando para as áreas marginais ligeiramente mais inclinadas os pomares e a vinha, no entanto, não é perceptível uma clara diferenciação das suas componentes, antes um mosaico diverso de policultura. Esse facto pode relacionar-se com a clara aptidão hortícola destes terrenos, abastecidos por um intrincado sistema de rega com água corrente, em detrimento de maiores áreas de vinha e pomar.

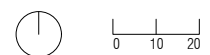
Outro motivo também poderá ter que ver com o regime de exploração da quinta, se nunca centralizado e baseado no arrendamento parcelar, é normal que se verifique uma compartimentação mais heterogénea e menos clara do espaço.

De ambos os lados do solar ainda se podem reconhecer dois longos eixos, retilíneos e perpendiculares (que não se cruzam) que estruturavam a quinta, embora o carreiro a norte faça hoje parte de parcelas particulares e muradas.



Cartograma 15 - QUINTA DO PINHEIRO (Conjetural)

- | | |
|----------------------------------|--------------------------------|
| 1. NÚCLEO EDIFICADO | 6. BOSQUETE (Não Identificado) |
| 1.1 SOLAR | 7. TANQUE |
| 1.2 CAPELA | 7.1 LAVADOURO PÚBLICO |
| 1.3 EDIFÍCIOS ANEXOS | |
| 1.4 ESPIGUEIRO | |
| 2. HORTO DE RECREIO (Conjetural) | |
| 3. POMAR | |
| 4. HORTA | |
| 5. VINHA (Não Identificado) | |



- | | |
|--|----------------------------|
| | TAPADA DE QUINTA [≈2,1 ha] |
| | LINHA DE ÁGUA / LEVADA |
| | LEVADA OCULTA |
| | LEVADA DESAPARECIDA |
| | ÁGUA / TANQUE |
| | VINHA / LATADA |
| | ARVOREDO |



Figura IV. 37– Solar da quinta do Pinheiro
Fonte: Ricardo Correia, 2023



Figura IV. 38– Levadas de Arroios
Alvenaria seca de pedra mista
Fonte: Ricardo Correia, 2023

❖ Núcleo Edificado

O solar de volumetria longitudinal de dois pisos, ritmado por uma sequência de janelas em cantaria no andar nobre, rematado por uma capela num dos topos, com frontão saliente acima do beirado, é uma das tipologias mais comuns do século XVII e XVIII no norte de Portugal (ver fig.37, p.153). “O desenvolvimento das fachadas obtêm-se pela repartição de janelas a espaços mais ou menos regulares, processo não isento de monotonia. Fachadas de grande simplicidade, estas revelam-se, mesmo assim, cheias de carácter (...)”³⁴⁶.

Por entre os frágeis acrescentos contemporâneos do lado posterior do solar, voltado a sul, é evidenciado um alpendre/varanda para onde se subia por uma escadaria exterior de pedra, seguindo o padrão tipológico da arquitetura tradicional regional.

A entrada da quinta é feita por um portal posterior à capela que se abre em L para dois subespaços: à esquerda um patamar com um tanque e vegetação; em frente uma espécie de pátio, formado pelo solar, e edifício térreo, de apoio, num V que conflui para um curioso vão de entrada para a área produtiva, que pode ser fechado com uma simples porta!

Faz parte deste conjunto edificado as ruínas de um espigueiro tradicional, com de mais de 15m de comprimento e existem apontamentos de outros elementos construídos que só serão possíveis de compreender após uma limpeza ou escavação do local, mas é notório que apenas o solar reflete uma concepção mais erudita.

Carlos de Azevedo no livro Solares de Portugal quando notou que, “por vezes, trata-se de casas relativamente pequenas, cuja arquitetura um tanto rude denuncia uma construção de tipo popular embora para servir famílias nobres. É fácil, mesmo nessas pequenas residências, encontrar a nota erudita na aplicação de uma galeria, no emprego de um pequeno frontão, porta ou escadaria, e, a falta de outros elementos, num emprego da pedra de armas, por vezes de consideráveis dimensões e com inegável qualidade decorativa”³⁴⁷, estava certamente a referir-se a solares como este.

Capela

A capela está integrada no conjunto do desenho do solar, tem uma cobertura independente de duas águas, é sem dúvida o elemento mais requintado de toda a composição bastante depurada, com um frontão encimado por um cruzeiro de granito e brasão de armas da família no tímpano. Além dos frisos e pilastras, alguns elementos refletem a permanência de características maneiristas, como os pináculos e as gárgulas

³⁴⁶ (C. de Azevedo, 1988, p. 63)

³⁴⁷ (C. de Azevedo, 1988, p. 79)

de canhão, facto muito comum pelo conservadorismo secular português no que respeita a renovação estilística e formal, principalmente em terras transmontanas.

Todo o recheio da capela está desaparecido sendo hoje utilizada como a arrecadação, e a proporção original da sua fachada também está deturpada pelo afundar do edifício pela subida da cota da rua com o passar dos séculos.

❖ Horto de recreio

Não há vestígios da existência de um horto de recreio nesta quinta, no entanto há a conjugação de alguns elementos construídos, como tanques, canaletes, muros e os esteios de uma latada junto à entrada, que podem denunciar um espaço informalmente ajardinado em terraço, colonizando as estruturas funcionais, que poderia facilmente atingir aspetos de certa exuberância ingénua, tal como apanágio de muitos jardins portugueses, potenciado pelas belas e profundas vistas sobre os campos cultivados e as serras.

❖ Pomar

Pelo menos durante o século XX, praticamente todos pomares da quinta apresentaram uma métrica claramente informal, intercalando áreas de hortas e vinhas. Alguns desses pomares mantêm-se produtivos nas áreas desafetadas da quinta.

Dentro do seu atual perímetro abandonado, apenas restam escassos exemplares, de cerejeiras (*Prunus avium*) e figueiras (*Ficus carica*) que vão resistindo à pressão da vegetação espontânea.

Ainda assim, uma árvore de fruto em idade produtiva é sempre um património vivo, passível de ser gerido a qualquer momento.

❖ Horta

O celeiro demonstra a importância que o cultivo do cereal teve na região, e faz prever a existência de uma eira como na maioria das quintas, talvez enterrada.

O espaço da quinta é dominado por hortas, que ainda no início deste século incluíam a sua cerca, e mesmo no seu interior mais reduzido ainda se granjeiam algumas poucas courelas por alguns vizinhos, que vão utilizando também as construções anexas para acomodar animais domésticos e alfaias agrícolas, e têm também o importante papel de manter ativo o vasto sistema hidráulico de tanques e levadas para rega.

❖ Bosquete

Não foram encontrados indícios da existência de um bosquete dentro dos perímetros considerados. Por outro lado, como já referido, admite-se que o perímetro original da quinta possa ter sido bem mais vasto. Este ponto só poderá ser clarificado quando estiver disponível para consulta pública um cadastro predial geométrico desta área.

❖ Vinha

Tal como os pomares, das parcelas de vinha que ocupavam uma pequena faixa de terrenos ligeiramente inclinados e voltados a sul, apenas restam os que já não pertencem à quinta.

Ainda assim permanecem alguns alinhamentos de bordadura que separam as courelas de horta ainda cultivadas, técnica muito frequente para otimização do espaço produtivo.

○ Sistema Hidráulico

É notória a abundância de água logo na aproximação ao solar flanqueado por três tanques de granito, abastecidos pela abundante água que jorra de uma gárgula de granito num muro de suporte (ver fig.38, p.153). Desses tanques (dois quadrangulares, e um triangular) a água deriva para o sistema interno da quinta, e também para uma levada partilhada que por sua vez se subdivide e abastece um sistema de tanques para rega de hortas mais abaixo no vale.

No interior da atual cerca, outros dois grandes tanques ligados por um canaleta, já referidos aquando da interpretação de um possível espaço ajardinado, distribuem a água por gravidade pelos sucessivos tanques dos patamares cultivados abaixo.

Embora a extensa rede de levadas e canaletes não apresente as características originais pelas sucessivas manutenções ao longo dos séculos, que introduziram materiais modernos como o cimento, permanecem alguns elementos excepcionais como os tanques, gárgulas e peças maciças de granito, como uma taça de quase 1m de diâmetro, que recolhe a água que se precipita do terraço superior, redistribuindo os fluxos.

As descrições do sistema hidráulico tiveram como base várias campanhas de levantamento no terreno, e estão cartografados nos elementos gráficos que se apresentam.

Deve ser ainda referido neste capítulo que foi construído um pequeno lavadouro público no séc. XX, colado à entrada da quinta, que, de certa a forma desvirtua o conjunto arquitetónico.

V. PAISAGEM CULTURAL DE MATEUS (Ensaio conclusivo)

O contexto medieval específico da génese de Vila Real, *pobra* fundada em sítio geograficamente estratégico, fértil e defensável, sobre uma matriz fundiária de courelas de vinha e horta desde logo determinada pela coroa, fomentou um tipo de paisagem de policultura voltada para abastecimento próximo de bens de consumo urbano. À medida que crescia a importância vinícola pela exportação integrada na expressão mercantil da região Duriense, esta estrutura foi sendo padronizada de forma celular em tapadas de quintas e casais periurbanos, propriedade de múltiplos fidalgos que há muito se vinham instalando em órbita da Casa dos Marqueses de Vila Real, em tal concentração que levou a cidade a ser apelidada no séc. XVII como *Corte de Trás-os-Montes*.

A instituição de morgadios e longa manutenção da propriedade por herança familiar³⁴⁸, análoga à realidade transmontana³⁴⁹, sem dúvida foi determinante para a escala das unidades de exploração agrária de matriz senhorial, bem como para coerência da ordenação topológica do lugar de Mateus, feita de um harmonioso mosaico paisagístico sobre a topografia movimentada segundo princípios - de aptidão, ecológicos, de sustentabilidade e estéticos - fruto de uma arte sábia de ordenar paisagem, somando-lhe valor à maneira de cada época ou geração, que é um dos principais atributos deste secular processo de humanização perceptível mesmo a quilómetros de distância.

Da complexidade paisagística, podem distinguir-se dois níveis:

I. o nível estruturante ou transversal, do continuum naturale³⁵⁰ que se estende das cabeceiras florestadas aos cursos ribeirinhos, de onde derivam sistemas de regadio partilhados que estruturam as veigas de Tourinhas e Levandeira (que se desmultiplica em levadas); e a continuidade funcional das antigas ruas, azinhagas e caminhos (a cotas intermédias), locais de fluxo humano de onde a paisagem é percorrida e apreendida; portanto, a integridade formal e construtiva destas estruturas coletivas de fluxos (hidráulicas e viárias), tal como a boa condição destes ecossistemas, são fundamentais para a coesão, resiliência e fruição plena da paisagem como património coletivo.

II. o segundo nível, estrutural ou compartimentado, é constituído pelas tapadas de quinta (com as suas componentes³⁵¹) que são a unidade básica que constrói a substância da paisagem cultural; e das quais se distingue um padrão intrínseco composto por cabeços arborizados, núcleos edificados em pontos ligeiramente sobranceiros e aplanados, articulados com o horto de recreio (quando existente) em terraços,

³⁴⁸ Por exemplo a Casa de Mateus, Casa de Urrus, Casa das Quartas, Quinta N.S.Sobreiro, etc.

³⁴⁹ na região do Douro "há uma tendência para a flutuação da propriedades e direitos senhoriais (Mattoso et al., 2011, p. 214)".

³⁵⁰ Cabral, F.C. (1980) - O Continuum Naturale e a conservação da natureza. Lisboa: Serviços de Estudos do Ambiente, 1980, p. 35-54 (F. C. Cabral, 1980)

³⁵¹ (núcleos edificados, horto de recreio, pomar, horta, vinha, bosque)te)

vinhas nas vertentes e/ou solos bem drenados, pomares em socacos nas franjas dos terrenos baixos onde estão as hortas, frequentemente com árvores de fruto nas bordaduras dos caminhos.

Do conjunto de relações externas (entre quintas/padrões), e internas (entre componentes/espacos), resulta um incontável espectro de variabilidades (morfológicas³⁵², perspéticas, sistémicas³⁵³, arquitetónicas³⁵⁴ e sensoriais) encadeadas e interdependentes³⁵⁵, que perfaz a maior parte da riqueza e atmosferas constituintes da *essência do jardim português*³⁵⁶, e do espírito do próprio lugar, ou seja, a paisagem como um grande jardim produtivo, e por estas qualidades se reconhece a sua unidade.

Não obstante do seu contínuo dinamismo, quase tudo de Mateus remete à matriz latifundiária de regime senhorial, e seu modelo económico-social consolidado no período áureo do séc. XVII e XVIII. Essa concretização do espaço existencial do homem³⁵⁷, revela-se praticamente em todo património vernacular e erudito identificado, desde as modestas habitações dos trabalhadores à jornada e certas estruturas comunitárias, passando pelos solares e quintas de fidalgos, culminando, por exemplo, na enorme tapada de caça da elite da nobreza representada pela Casa de Mateus.

Em geral, são evidentes os princípios barrocos inscritos na paisagem pelo dramatismo das implantações edificadas; pelo cânone das construções coletivas (civis-pontes; religiosas-igrejas, capelas, etc) ou privadas (edificado-solares, moradias, etc; arquiteturas de prazer-tanques, hortos, latadas, etc); contexto do qual o palácio de Mateus é o seu *ex-libris* a todos os níveis, exercendo uma influência que extrapola largamente o seu perímetro, submetendo a paisagem às suas regras arquitetónicas virtuosas e padrões produtivos (eixos visuais, sistemas de sebes; vinha; espaços de produção e transformação de alimento).

Se diversos autores (nacionais e estrangeiros) consideram o barroco do norte de Portugal como uma das contribuições mais originais para o barroco europeu, tendo o palácio de Mateus como o principal representante (mesmo desconhecendo parte do seu património), este estudo vem claramente demonstrar que o acervo ali existente é imensamente mais vasto, diverso e autêntico.

A Paisagem Cultural de Mateus, salvaguarda assim uma inequívoca **importância histórica** não apenas física, como paradigma da arte³⁵⁸ de ordenar/habitar a paisagem, mas também ontológica, como símbolo dos valores identitários da cultura portuguesa da unidade entre espírito-corpo-natureza, face à dialética do homem contemporâneo que passou a encarar a natureza como objeto externo ao ser, dessacralizada e utilitária. Através da experiência individual e emotiva do espaço, é possível entender o que foi e produziu

³⁵² (do terreno; volume de vegetação; edificado)

³⁵³ (vegetal; cultivo; percursos; hidráulico)

³⁵⁴ (minerais e vegetais; vernaculares e eruditas; funcionais e recreativas)

³⁵⁵ encerramento versus continuidade

³⁵⁶ (Carapinha, 1995)

³⁵⁷ (Norberg-Schulz, 1975, p. 12)

³⁵⁸ Arte de ordenar paisagens para o homem que envolve fundamentos científicos, técnicos e artísticos (Araújo, 2022, p. 331)

uma sociedade num determinado momento, aproveitando e potenciando sempre os recursos locais, e entender mais a narrativa dessa íntima relação do homem com o meio.

Deste aspeto, é necessário ter em conta que na ausência de uma forma física identificável, só por meio da imaginação, é que novas gerações poderão construir a sua base de referência intelectual, vital para reequacionar o futuro em perpétua e avassaladora mudança. Ademais, na intrínseca beleza das paisagens periurbanas de quintas estão implícitas respostas a desafios contemporâneos, sobretudo como tipologias e modelos multiprodutores de sanidade – ecológica, alimentar, recreativa, lazer e vizinhança- essencial à condição de vida urbana com qualidade, por contraste à amorfa e anónima (anticultural) cidade contemporânea consumidora de energia e territórios, que persiste desde a assunção dos princípios modernistas, antagónica à sedimentação de valor inerente ao saber tradicional.

No que se refere às circunstâncias atuais das dezenas de tapadas identificadas em Mateus, o diagnóstico quanto ao estado de conservação denuncia o progressivo abandono da atividade produtiva e do património edificado, como bem demonstra a síntese gráfica do levantamento e catalogação realizados, discriminada na tabela da página seguinte. Todavia, o facto de muitas se manterem produtivas com monocultura de vinha (dos domínios da casa de Mateus), ou dedicadas ao recreio (por vezes afeta à atividade turística), faz com que a paisagem se mantenha aparentemente dinâmica, embora tendendo para a simplificação, descaracterização, e sobretudo para desintegração para novos loteamentos urbanos, a maior de todas ameaças pela irreversibilidade do fenómeno. Se na frente urbana se regista o avanço da edificação dispersa, na frente rural regista-se o avanço dos matos sobre terrenos outrora produtivos.

Os fluxos pedestres estão ignorados, não existe fruição sequer recreativa da paisagem mesmo pela atividade turística (enoturismo), integrada na modalidade regional durienses por excursões estritas a certas quintas (Casa de Mateus), versus a experiência deambulante local, multiespacial e sensorial que sem dúvida diferencia a área de estudo. Estadias mais prolongadas assimiladoras do carácter e sabores da paisagem poderiam constituir-se como força motriz sustentável, face ao atrofamento económico que atinge todo o interior do país, para benefício da comunidade local.

É imperativo aspirar e exigir que os valores da paisagem consigam ser entregues como qualidade de vida à população. Para cumprir essa exigência é necessário conhecer para agir de forma parcimoniosa, sobretudo nos aspetos a evitar e mitigar.

Embora inscrita na área classificada como Património Mundial da Humanidade, a Paisagem Cultural de Mateus tem atributos diferenciados dos padrões físicos sobre o qual incide o maior grau de proteção do Douro Vinhateiro (vastos vinhedos em socacos), estando mais vulnerável e num contexto periurbano mais

Tabela 1: Levantamentos das Tapadas de quinta de Mateus

Quintas de Mateus													
Tapadas de Quinta				Componentes integradas									
		Hectares ³⁵⁹	Ep. Edificado	Casa	Capela	Jardim	Pomar	Horta	Vinha	Bosquete	Estr. Hidráulicas	Estado ³⁶⁰	Atividade ³⁶¹
1	Quinta da Casa de Mateus	14	XVIII	x	x	x	x	x	x	x	x	H	P T
2	Quinta da Casa de Urros	18.9	XVIII	x	x	x	x	x	x	x	x	D	P
3	Quinta da Casa das Quartas	5.6	XVII*	x	x	x	x	x		x	x	H	P L
4	Quinta do Paço	7.6	XVIII	x	x	x	x	x				H	T
5	Quinta do N.Sra do Sobreiro	10.1	XVI*	x	x	x				x	x	H	L
6 (1)	Quinta de São João	16.6	XVIII	x	x				x			R	P
7	Quinta do Pinheiro	2.1	XVIII	x	x		x	x			x	R	A
8 (1)	Quinta do Arcediago	1.4	XVIII	x					x		x	R	P
9	Quinta da Casa do Paço	0.44	XVIII	x		x	x	x				H	L
10	Quinta de S. Martinho	0.83	XVIII	x			x	x				H	T
11 (1)	Quinta de Casal de Matos	10.97	XVIII	x				x	x			D	P
12	Quinta dos Ciprestes	0.95	XX	x								H	L
13	Quinta dos Figueiredo	3.01		x				x	x		x	H	T
14	Quinta do Cavanelho	6.38	XX	x					x		x	H	P
15 (1)	Quinta da Granja	5.88		x					x			R	P
16	Quinta do Fuso de Arroios	4.02		x					x		x	H	P
17	Quinta da Porta	1.84		x		x	x					H	L
18 (1)	Quinta da Ribeira	7.7		x					x		x	R	P
19	Quinta de Arroios	3.62		x		x	x			x	x	H	T
20	Quinta do Pontizel	3.22		x							x	H	L
21	Quinta de Santo António	2.9		x								H	T
22	Quinta do Carreira	5.76	XX	x			x		x			H	P
23	Quinta da Lameira	1.53										H	L
24	Quinta da Tojeira	1.18										H	L
25	Quinta do Alonso	3.99		x					x	x		H	P
26	Quinta da Mata	12.78	XXI					x		x		H	L
28 (2)	Quinta de Navalhos	3		x				x	x			R	P
28	Quinta da Ovelha	5.71										R	A
29	Quinta do Ledo	6		x								R	A
30 (1)	Quinta de Valinhas	9.15		x					x			R	P
31	Quinta da Veiga	0.85											
32	Quinta do Alto	0.83											A
33	Quinta da Fonte Velha	9.31		x				x			x		
34	Quinta do Russo			x									
35	Quinta da Regueira	3.44		x					x	x	x	H	P
36	Quinta do Amaral	1.56		x					x			H	P
37	Quinta do Lito	3,71	XVIII	x	x		x	x			x	H	P

³⁵⁹ Valores obtidos a partir do Cartograma 6, pag.64³⁶⁰ H – Habitada; D – Devoluta; R – Ruína³⁶¹ P – Produtiva; L – Lúdica / Recreativa; T – Turismo; A – Abandonada

(1) integram o património da casa/quinta enumerada.

* Conjetural

agressivo. Não existe qualquer instrumento ou plano municipal que reconheça o potencial ou salvasgue a paisagem identificada, e seguindo o padrão, o PDM desconsidera os espaços não urbanos.

A elaboração deste estudo cumpre assim o objetivo primordial de iniciar uma interpretação holística da Paisagem Cultural de Mateus, concretizando os exaustivos trabalhos prévios de identificar, levantar, cartografar, catalogar e descrever, fundamentais para avaliação do carácter e integridade da paisagem, ensaio de qualquer narrativa explicativa, que, idealmente, possa orientar o desenvolvimento de qualquer proposta de planeamento e gestão física baseada no potencial dos seus recursos endógenos.

Os levantamentos arquitetónicos e vegetais efetuados, sintetizados na cartografia apresentada de apoio à interpretação, aumentam significativamente o banco de dados acerca do património da cidade de Vila Real, e o acervo disponível para a investigação histórica, que em grande medida se faz pelo confronto de registos de carácter documental, que, embora formatados e datados no seu tempo, o seu valor e significado nunca se finda porque evolui com a sociedade.

Bibliografia

- Agência Portuguesa do Ambiente. (2016). Plano de Gestão de Região Hidrográfica 2016/2021 – Douro (RH3).
- Aguiar de Pinho, M. (2012) Casas de Quinta No Douro – Proposta para um Manual de Intervenção, [Dissertação de Mestrado], FEUP, Porto
- Andrade, A. (1878). Diccionario Chorographico do Reino de Portugal (1.a ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Araújo, I. de. (1974). Quintas de Recreio (Breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII). Bracara Augusta, XXVII, 1–115.
- Araújo, I. (2022). Arquitectura Paisagista ou «A Organização do Espaço» Nas Paisagens - Vol. I Problemas de Economia, Arquitectura e Gestão das Paisagens Humanizadas: Vol. I. Edições Afrontamento.
- Azevedo, C. de. (1988). Solares Portugueses (2.a ed., Vol. 1). Livros Horizonte.
- Azevedo, F., (2014) Levadas no contexto das paisagens Culturais, [Dissertação de Mestrado], UTAD, Vila Real
- Azevedo, J. (1899). Origens de Villa Real (Imp. da Universidade).
- Azevedo, M. (2005). Toponímia Moçárabe no antigo Condado Conimbricense [Tese de Doutoramento]. Universidade de Coimbra.
- Balsa, C., & Teixeira, J. (2018). Recursos geológicos de Trás-os-Montes – Passado, presente e perspectivas futuras (C. Balsa & J. Teixeira, Eds.; Vol. 1). Instituto Politécnico de Bragança.
- Baptista, L. (2006). As escavações arqueológicas na área urbana da Vila Velha de Vila Real. Da Idade Média à Contemporaneidade: Ambientes e musealização, 60–74.
- Baptista, L., Teixeira, R., Silva, J., & Lima, B. (2008). Vila Velha - Novas Memórias. Em CMVR. Vila Real
- Barroca, M. J. (1998). D. Dinis e a arquitectura militar portuguesa. Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto, Vol. 15 N.o 1: História.
- Batista, D. (2012). Uma Paisagem para o Futuro: Identidade e Metamorfose.
- Batista, D., & Matos, R. (2014). A dimensão patrimonial e identitária da paisagem: a história do lugar como fundamento e intervenção urbana e territorial contemporânea. Lugares: Património, Memória e Paisagens, 15–46.
- Batista, D. & Matos, R., (2015) The Douro Valley: Landscape heritage corridor of Humanity - From the past, towards the future, Gardens & Landscapes of Portugal, CIUHCT/CHAIA/CHAM/Mediterranean Garden Society, nr. 3 (May 2015), pp. 60-70.

- Benevolo, L. (1982). El arte y la ciudad medieval. Em *Diseño de la ciudad* (3.a ed., Vol. 3). GG.
- Boerefing, W. (2000). Designing the medieval new town. Em *Urban morphology* (pp. 49–62).
Obtido em www.urbanmorphology.org. (Acedido em 15/08/2023).
- Carmo Borges, Inês, (2018) *A Arquitetura Senhorial: Matriz da Sociabilidade, do Poder e da Cultura em Lamego nos Séculos XVII E XVIII* [Tese de Doutoramento], Universidade de Coimbra
- Cabral, C., & Ribeiro Telles, G. (1960). *A Árvore em Portugal* (1999.a ed., Vol. 1). Assírio e Alvim.
- Cabral, F. C. (1980). O Continuum Naturale e a conservação da natureza. *Serviços de Estudos do Ambiente*, 35–54.
- Cancela de Abreu, A., Pinto Correia T., & Oliveira R. (2004). Contributos para a Identificação e Caracterização Da Paisagem em Portugal. Vol_II (DGOTDU, Vol. 2).
- Capela, J. (2006). As freguesias do Distrito de Vila Real nas Memórias Paroquiais de 1758. *Memórias, História e Património*. José Viriato Capela.
- Carapinha, A. (1995). *Da Essência do Jardim Português* (Vol. 1). Universidade de Évora.
- Carapinha, A. (2011, novembro). País enquanto Paisagem. *Revista da Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas*, no6, 21–25.
- Carapinha, A. (2015). Do Topus e do Locus. *Fazer Paisagem*, 13–15.
- Carapinha, A. (2021). *Paisagens de Aquém e Além-mar. Ensaios sobre a paisagem: Portugal e Brasil*.
- Cardoso, N. (12/04/2022) Em Vila Real, o Hotel Quinta do Paço soma dois séculos em casa senhorial. *JN-Evasões*;
Obtido em www.evasoes.pt/ficar/em-vila-real-o-hotel-quinta-do-paco-soma-dois-seculos-em-casa-senhorial/1035406/ (Acedido em 19/08/2023).
- Carita, H., Cardoso, M., & Cardoso, A. H. (1998). *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal* (3.a ed., Vol. 1). Círculo de Leitores.
- Carvalho da Costa, A. (1706). *Corografia Portuguesa, e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal, com as notícias das fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contem; Varões illustres, Genealogias, das Familias nobres, fundações de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens*. (C. Carvalho de Miranda, Ed.; Vol. 1).
- Castelo Branco, M. (1997). *Livro das Fortalezas* (M. Castelo Branco, Ed.; Vol. 1). ANTT e Edições Inapa.
- Castro, E. J., Cunha, L., & Santos, N. P. (2008). Análise Integrada Da Paisagem Da Raia Central Portuguesa. *Minerva*, 139–147. Disponível em

www.academia.edu/51758785/An%C3%A1lise_Integrada_Da_Paisagem_Da_Raia_Central_Portuguesa

CITCEM. (2014). Atas da 2a conferências do Museu de Lamego / CITCEM - 2014. Quintas do Douro. História, Património e Desenvolvimento. www.museudelamego.pt

Clima e condições meteorológicas médias em Vila Real no ano todo. (sem data).
pt.weatherspark.com. (acedido em 11 de março de 2023)

Conde, A. (2023) A freguesia de Mateus (Vila Real) na época romana. Obtido em www.academia.edu/100460400/A_freguesia_de_Mateus_Vila_Real_na_%C3%A9pocaromana (acedido em 11 de agosto de 2023)

Conde, A. (2017). A Casa de Urros, dos Figueiredos do Amaral - uma casa nobre da freguesia de Mateus. *Tellus* n.66, 5–33. Obtido em www.academia.edu/41064273/A_Casa_de_Urros_dos_Figueiredos_do_Amaral_uma_casa_nobre_da_freguesia_de_Mateus (acedido em 18 de setembro de 2021)

Conde, A. (2020). As alminhas da Senhora da Livração, no lugar de Fundo de Vila e outras alminhas da freguesia de Mateus (Vila Real) (pp. 1–19) Obtido em www.academia.edu/50474887/As_alminhas_da_Senhora_da_Livra%C3%A7%C3%A3o_lugar_de_Fundo_de_Vila_e_outras_alminhas_da_freguesia_de_Mateus_Vila_Real (acedido em 11 de agosto de 2023)

Conde, A. (2020). Cristãos-novos e Inquisição em Mateus. o processo de réu Mateus Álvares. *Tellus* n.73, 10–30. Obtido em www.academia.edu/44984584/Crist%C3%A3os_novos_e_Inquisi%C3%A7%C3%A3o_em_Mateus_Vila_Real_O_processo_do_r%C3%A9u_Mateus_%C3%81lvares (acedido em 27 de setembro de 2023)

Conde, A. (2021). A Casa das Quartas - uma casa senhorial em Abambres (Vila Real). *Tellus* n.75, 12–47. Obtido em www.academia.edu/66276340/A_Casa_das_Quartas_uma_casa_senhorial_em_Abambres_Vila_Real (acedido em 11 de agosto de 2023)

Conde, A. (2021). Freguesia de S. Martinho de Mateus - 920 anos de História (1101-2021) (pp. 1–7). Obtido em www.academia.edu/49611552/Freguesia_de_S_Martinho_de_Mateus_920_anos_de_Hist%C3%B3ria_1101_2021 (acedido em 11 de agosto de 2023)

Conde, A. (2022). A festa do Mártir São Sebastião na freguesia de Mateus (Vila Real) (pp. 125). Disponível em [/www.academia.edu/83792033/A_festa_do_M%C3%A1rtir_S%C3%A3o_Sebasti%C3%A3o_na_freguesia_de_Mateus_Vila_Real](http://www.academia.edu/83792033/A_festa_do_M%C3%A1rtir_S%C3%A3o_Sebasti%C3%A3o_na_freguesia_de_Mateus_Vila_Real) (acedido em 11 de agosto de 2023)

Conde, A. (2023). «A água é o sangue da terra» - hidrografia em Mateus: História e memória (pp. 1–36). Disponível em <https://mateusvilareal.blogspot.com/> (acedido em 11 de agosto de 2023)

Correia, Luísa (2015) Hidráulica nos Jardins Barrocos - Análise do uso da água nos jardins barrocos e discussão da influência de André Le Nôtre em Portugal [Dissertação de Mestrado], ISA, Lisboa

Delgado, S. (1930). A Cultura da Vinha. Livraria Ferin.

Dinis, A., Balsa, C., Ribeiro, D., Gomes, E., Dias, L., Soutinho, P., & Nogueira, V. (2021).

Povoamento e Vias de Comunicação ao longo da História: Vol. I (C. Balsa & V. Nogueira, Eds.). Biblioteca Municipal de Vila Real.

Escobar, R. F. (1988). Planificación y Diseño de plantaciones frutales. Ediciones MundiPrensa.

FCG. (1995). Guia de Portugal. Em FCG (Ed.), Trás-os-Montes e Alto Douro: 1-Vila Real, Chaves e Barroso: Vol. V (3a, pp. 1–514). Fundação Colouste Gulbenkian.

FCM. (sem data). A Casa de Mateus. Em Fundação da Casa de Mateus. Fundação da Casa de Mateus.

Fernandes, M. (2005). Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal - Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Guimarães, Vila Real, Chaves e Bragança entre 1852 e 1926. FAUP publicações.

Frutuoso, V. (2018). O valor das Quintas no Alto Douro vinhateiro. Proposta de roteiro das quintas de recreio. UTAD.

G. J. P, C., & F.A.L, P. (2010). Análise da Vulnerabilidade à Contaminação das Águas Subterrâneas na Bacia Hidrográfica do rio Sordo (Vila Real) pelo método Fuzzy-Drastic. Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos, 31.

Galvão de Sousa, J., Garcia, C., & Teixeira de Carvalho, J. (1998). Dicionário de Política. T.A. Queiróz.

Gil Pires, A. (2017). A Villa Renascentista: Arquitetura, jardins e paisagem. Caleidoscópio.

Gloria, Ana. (2020) A Casa Nobre na Região Demarcada do Douro no século XVIII, Tese de Doutoramento em História da Arte da Idade Moderna, Universidade Nova, Lisboa

Gloria, Ana. (2014) A Private Library in the Mateus Palace (Vila Real). The D. Luís António de Sousa Botelho Mourão (1722-1798) Books Collection, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa

Grau, L. A. (1976). Horticultura General (3.a ed.). Editorial Sintes SA.

GTMDOURO. (2014). Plano de Monitorização do Alto Douro Vinhateiro - Paisagem cultural evolutiva e viva.

Kluckert, E. (2000). Grandes Jardines de Europa - Desde la Antigüedad hasta nuestros días (R. Toman, Ed.). Konemann.

Lição Douro. (2018, abril 14). Como o “benefício” ilude a Lavoura. Disponível em <https://licaodouro.wordpress.com/2018/04/14/como-o-beneficio-ilude-a-lavoura/> (acedido em 10 de março de 2023)

Liga para a Protecção da Natureza. (2007). *Arvores e Florestas de Portugal*. Em J. Sande Silva (Ed.), *Pinhais e Eucaliptal* (1.a ed., Vol. 4). Publico, Comunicação, SA e Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento.

Lima, P. de. (2016, setembro 4). *Tapada Real*. Disponível em www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2768 (acedido em 10 de setembro de 2022)

Lucas, Ó., Miranda, J., & Viegas, J. (2000). *Moinhos de água do Concelho de Boticas*. Câmara Municipal de Boticas.

Macaulay, D. (1982). *A cidade - Planificação e Construção de Uma Cidade Romana* (2.a ed., Vol. 1). Dom Quixote.

Matos, F. (2012). A paisagem Duriense a partir de uma obra de John Gibbons. *Revista da Faculdade de Letras - Geografia - Universidade do Porto*, III série, vol. I, 59–73.

Mattoso, J., Daveau, S., & Belo, D. (2011). *O sabor da terra* (1.a ed.). Temas e Debates.

Mendes, J. (1980). *Trás-os-Montes nos finais do séc. XVIII (alguns aspectos económico sociais)*. Serie: Estudos, 1, 1–43.

Menezes, L. (2018). O morgadio e vínculo da Capela de S.to António de Arroios em Vila Real. *Tellus* n.19.

Mota Veiga, A., & Aguiar, J. (2013). De residência permanente a casa de campo. *Transformações da Casa Nobre na segunda metade do século XIX: a Casa de Mateus e a Casa da Ínsua*.

Neves, E. (2003). *Avenida Carvalho Araújo - Memória de um terreiro medieval*. Em *Projecto POLIS Avenida* (anteprojecto). Dom Texto.

Neves, E., & Pires Cabral, A. M. (2023). *Vila Real - História ao Café*. Grémio Literário Vila Realense; CMVR.

Noé, P. (2008). *Igreja Paroquial de Mateus / Igreja de São Martinho de Tours*. Disponível em www.monumentos.gov.pt. (acedido em 10 de setembro de 2022)

Nogueira, V. (2001). *Águas Públicas de Vila Real: do Século XIII ao Século XX (SMASVR)*. Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Vila Real.

Nogueira, V. (2022). *História de Vila Real - idade média*. Batuta Fidalga, DGCN.

Norberg-Schulz, C. (1975). *Existencia, Espacio y Arquitectura*. Blume.

Moura, C. (2016) *A Casa Senhorial dos condes e marqueses de Vila Real (séculos XV-XVI)*, [Tese de Doutoramento], Universidade Nova, Lisboa

Oliveira, A. S., Almeida, S. M. S., Reis, A. R., Alencão, A. M. P., Sousa, L. M. O., & Lourenço, J. M. M. (2023). *Águas minerais de Trás-os-Montes e Alto Douro (NE de Portugal): sistematização e aproveitamentos*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage (2017).

Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention (2012).

Pinho Leal, M. (1873). Portugal Antigo e Moderno. Em dicionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande número de aldeias (1.a ed., Vol. 12). Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão.

Portela, J. (1996). Regadio Tradicionais de Trás-Os-Montes (J. P. Brito, Ed.; O Voo do Arado, pp. 1–395). Museu Nacional de Etnologia.

Ribeiro, A. (2007). História das freguesias do concelho de Vila Real (Vol. 1). Maronesa, Comunicação Social, Lda.

Ribeiro, O. (1961). Geografia e civilização. IAC.

Ribeiro, O. (1972). Localização e destino dos centros urbanos de Trás-os-Montes. Finisterra, 7(13), 46–70.

Ribeiro, O. (1987). Introdução ao estudo da Geografia Regional (1.a ed., Vol. 1). Edições João Sá da Costa.

Ribeiro, O. (1994). Opúsculos Geográficos (2.a ed., Vol. 5). Fundação Calouste Gulbenkian.

Ribeiro, O. (1998). Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico (7.a ed., Vol. 1). Livraria Sá da Costa.

Rosa de Figueiredo, T. (2013). Uma panorâmica sobre os recursos pedológicos do Nordeste Transmontano. Em Série Estudos (Vol. 84). Instituto Politécnico de Bragança.

Saramago, J. (1998). Viagem a Portugal (14o). Caminho.

Sereno, I. (1994, fevereiro 27). Casa das Quartas. Disponível em www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3659. (acedido em 7 de novembro de 2022)

Sereno, I., & Noé, P. (2006). O palácio de Mateus. Disponível em www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5990%20 (acedido em 1 de abril de 2023)

Sereno, I., Teixeira, R., Ferreira, D., & Rodrigues, M. (2011, julho 27). Monumentos - SIPA.

Capela de Arroios / Capela de Nossa Senhora das Dores. Disponível em www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5941 (acedido em 31 de março de 2023)

Simões, P., Noé, P., & Estadão, L. (2007). Jardins do Solar de Mateus. SIPA.

SNA. (1961). Arquitectura Popular em Portugal (AAP, Ed.; SNA, Vol. 1).

Sousa, F. de. (1987). Memórias de Vila Real (1.a ed., Vol. 2). CMVR.

Sousa, F. de. (1989). Vila Real. A memória de uma cidade. Revista da Faculdade de Letras.

Tipos de Habitat Naturais e Semi-Naturais (1997).

Trindade, L. (2009). Urbanismo na composição de Portugal. Universidade de Coimbra.

Urbano, P. (2020). Tapadas e caçadas reais no final da monarquia constitucional portuguesa. Em Como a Fénix Renascida (pp. 131–162). Colibri.

Valério, N. (1986). Economias Locais e Economias-Mundo e o caso de Trás-os-Montes nos finais do século 18 (História Económica Portuguesa).

Wateau, F. (2000). Conflitos e água de rega - Ensaio sobre a organização social no Vale de Melgaço (Portugal de Perto). Publicações Dom Quixote.

Anexos:

Tabela 2: Cronologia dos Jardins da quinta da Casa de Mateus

Jardins da quinta da Casa de Mateus			
Ano	Espaço	Autor/Projetista	Iniciativa
XVIII	Latada	Diogo Álvares Botelho Mourão	António José Botelho Mourão
XVIII	Tanque de D.Leonor	Diogo Álvares Botelho Mourão	António José Botelho Mourão
XVIII	Pomar de Recreio (original)	Diogo Álvares Botelho Mourão	D. Luís António Mourão
XIX?	Bosquete (e lago)		
1933	Jardim Nascente (renov.).	Gomes de Amorim	Condessa de Mangualde
40/50	Jardim dos Arcos *	Gomes de Amorim?	D. Francisco -3º Conde de Mangualde
40s	Jardim das flores	Paolo Bensliman	D. Francisco -3º Conde de Mangualde
1941	Jardim da água	António Lino	D. Francisco -3º Conde de Mangualde
1948	Túnel de cedros	Joaquim Taveira	D. Francisco -3º Conde de Mangualde
1961	Jardim das coroas	Paolo Bensliman	D. Francisco -3º Conde de Mangualde
1960/61	Parque da entrada	Gonçalo Ribeiro Telles	D. José Luís -3º Conde de Vila Real
1960/61	Portão principal		D. José Luís -3º Conde de Vila Real

* (também designado pomar de recreio)

A tabela acima apresenta a cronologia da construção dos elementos mais importantes do horto de recreio da Casa de Mateus

Tabela 3: Objetivo estratégico

Objetivo Estratégico: Preservação e Valorização da Autenticidade da Paisagem				
Dim.	Objetivos específicos	Indicadores	Unidade	Freguesia
PAISAGEM	1.1 Preservação e valorização da paisagem	Componente das unidades de quinta (Horto, Pomar, Hortas, Vinha, Bosquete)	hectares	Mateus Arroios Mouçós
		Áreas florestais e matas nos cabeços	hectares	
	1.2 Preservação e valorização do património cultural (vernacular, erudito, arqueológico e imaterial)	Manutenção de muros	metros	
		Reconstrução e construção de muros tradicionais	metros	
		Preservação e recuperação dos sistemas hidráulicos	metros	
	1.3 Preservação e valorização do património natural (fauna e flora)	Preservação de matos, matas, povoamentos florestais e galeria ripícolas	hectares	
	1.4 Integração na paisagem de construções para habitação e fins económicos	Preservação, reabilitação e valorização do edificado: Construções	Uni/metros quadrados	

Na tabela acima³⁶² são discriminados possíveis indicadores para manutenção dos atributos e qualidades da paisagem de referência.

³⁶² A estrutura desta tabela teve como referência o Plano de Monotorização do Alto Douro Vinhateiro Património Mundial

Embora objetivo deste estudo nunca tenha sido o enquadramento da PCM em qualquer conceito ou estatuto, este documento enuncia os requisitos basilares para que se proceda à sua comunicação teórica e valorização física pela sociedade.

São também enunciados na tabela 3, os possíveis objetivos estratégicos para preservação e valorização da autenticidade da paisagem.

Consultando a quinta e última versão do *regime jurídico da conservação da natureza e da biodiversidade* (DL n.º 11/2023, de 10/02), parece que o estatuto que mais se enquadra seria o do Artigo 19.º -

Paisagem protegida:

“1 - Entende-se por «paisagem protegida» uma área que contenha paisagens resultantes da interação harmoniosa do ser humano e da natureza, e que evidenciem grande valor estético, ecológico ou cultural.

2 - A classificação de uma paisagem protegida visa a proteção dos valores naturais e culturais existentes, realçando a identidade local, e a adoção de medidas compatíveis com os objetivos da sua classificação, designadamente:

- a) A conservação dos elementos da biodiversidade num contexto da valorização da paisagem;
- b) A manutenção ou recuperação dos padrões da paisagem e dos processos ecológicos que lhe estão subjacentes, promovendo as práticas tradicionais de uso do solo, os métodos de construção e as manifestações sociais e culturais;
- c) O fomento das iniciativas que beneficiem a geração de benefícios para as comunidades locais, a partir de produtos ou da prestação de serviços.³⁶³”

Cartograma: Área de Estudo

³⁶³ (DL n.º 11/2023, de 10/02)